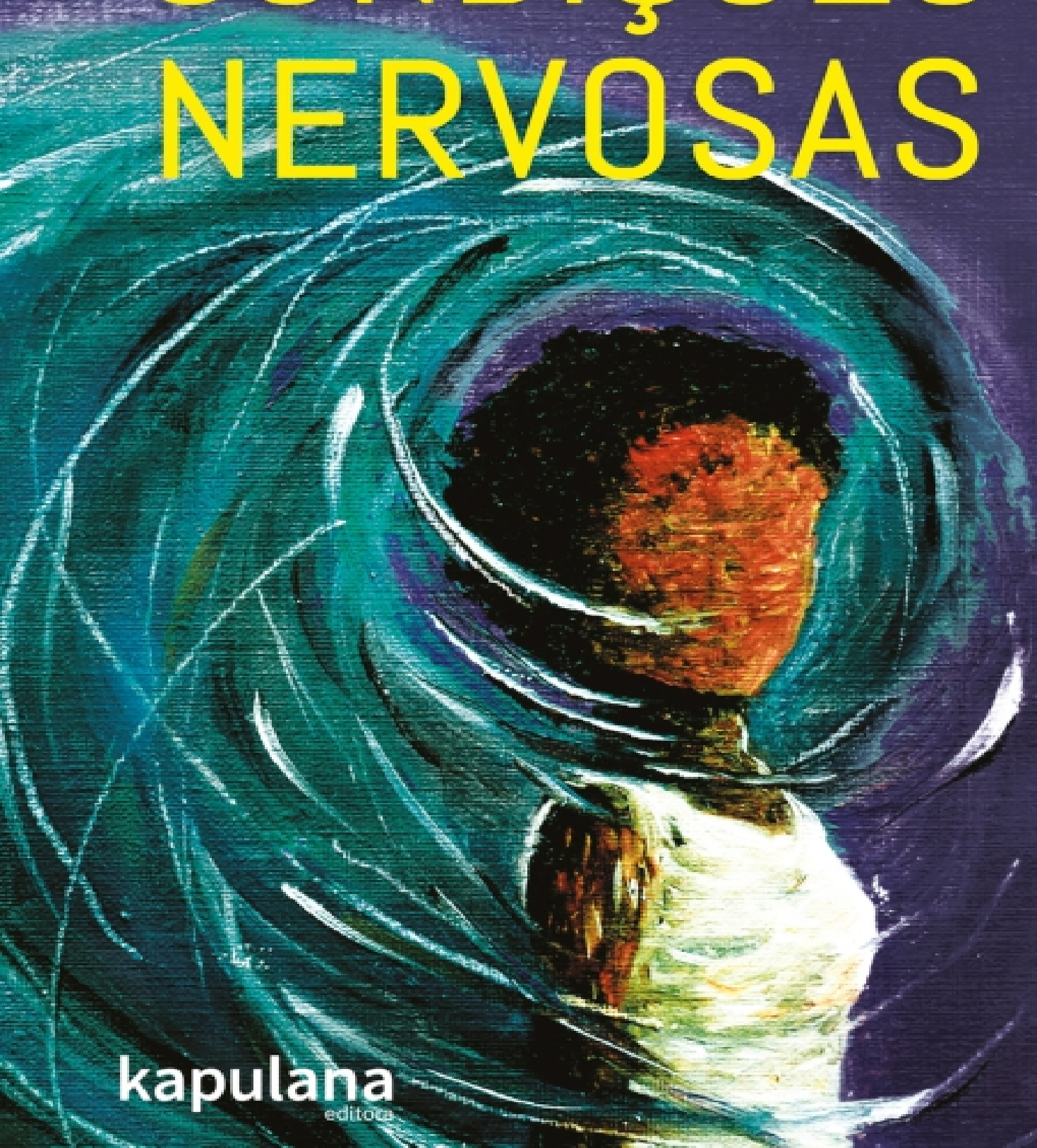


Tsitsi Dangarembga

CONDIÇÕES NERVOSAS



kapulana
editora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CONDIÇÕES NERVOSAS

Tsitsi Dangarembga

CONDIÇÕES NERVOSAS

Tradução
Carolina Kuhn Facchin

kapulana

São Paulo
2019

Título original: Nervous conditions
Copyright © 1988 Tsitsi Dangarembga
Copyright © 2019 Editora Kapulana Ltda. – Brasil

1988 - 1ª edição publicada por:
The Women's Press Ltd, a member of the Namara Group, London, UK.

2004 - Edição de base para a tradução brasileira, publicada em Inglês por:
Ayebia Clarke Publishing Ltd,
7 Syringa Walk
Banbury OX16 1FR
Oxfordshire - UK
www.ayebia.co.uk

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil a partir de 2009.

ISBN livro impresso: 978-85-68846-80-3

Direção editorial: Rosana M. Weg
Tradução: Carolina Kuhn Facchin
Projeto gráfico: Daniela Miwa Taira
Capa: Mariana Fujisawa
Adaptação para e-book: Carolina Menezes

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dangarembga, Tsitsi, 1959-
Condições nervosas [livro eletrônico]/ Tsitsi
Dangarembga; tradução Carolina Kuhn Facchin. --
São Paulo: Kapulana, 2020.
3 Mb ; ePub

Título original: Nervous conditions
ISBN 978-65-990121-6-7

1. Ficção zimbabuana 2. Literatura africana
I. Título.

20-35026

CDD-Zi823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura zimbabuana Zi823

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

2020

Reprodução proibida (Lei 9.610/98).
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Kapulana Ltda.
editora@kapulana.com.br – www.kapulana.com.br

[Nota da tradutora](#)

[Introdução, de Kwame Anthony Appiah](#)

CONDIÇÕES NERVOSAS

[Entrevista com Tsitsi Dangarembga](#)

[A Autora](#)

Nota da tradutora

Querido leitor

O que você tem em mãos é um clássico importante, premiado e aclamado, e que apenas pelas injustiças de nossa cultura demorou 31 anos para chegar ao Brasil. Injustiças essas – o colonialismo, o racismo, o machismo – sobre as quais Tsitsi Dangarembga fala de forma muito mais completa e forte do que eu poderia.

Ressalto apenas duas questões que dizem respeito às minhas escolhas tradutórias e às escolhas editoriais da Kapulana.

A primeira é sobre o título. O título original, “Nervous conditions”, advém do prefácio escrito por Sartre para o livro *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon (1961). Em inglês: “The status of ‘native’ is a nervous condition [...]”; na tradução para o português, de 2006, por Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães: “O indigenato é uma neurose [...]”. Por considerarmos que o título soaria melhor com uma tradução mais direta, além de ser de compreensão mais ampla do que “neurose” que, sem o contexto do texto de Sartre, poderia resultar em interpretações errôneas, optamos pelo título *Condições nervosas* – seguindo, também, na esteira da tradução para o espanhol (de Nair Anaya, 2019), *Condiciones nerviosas*.

A segunda questão refere-se aos nomes dados aos anos escolares no sistema de ensino da Rodésia (hoje Zimbábue) nos anos 60. Os primeiros anos escolares eram o “Sub A” e o “Sub B”, que seriam como a “pré-escola”, na qual as crianças negras entravam aos 7 anos; estes anos foram traduzidos como “Iniciais”. Os anos seguintes chamavam-se “Standards” e iam do 1 ao 7; eles foram traduzidos como “Fundamentais”.

A seguir vinham os “Form”, traduzidos como “Avançados”; eles iam do 1 ao 6. Este sistema não está mais em vigência, tendo passado por uma reforma em 1980. Ele era confuso e racista, separando as crianças negras e as brancas e restringindo o número de vagas ofertadas para os negros nos anos Avançados – que levavam a melhores empregos e à possibilidade de entrada na Universidade.

Feitas essas observações que, espero, ajudarão na compreensão do livro, desejo uma boa leitura e imersão em Tsitsi Dangarembga e na história de Tambu, ambas mulheres do Zimbábue.

Curitiba, setembro de 2019.

Introdução*

“Não lamentei quando meu irmão morreu.”

Que frase de abertura instigante! Como leitores (quer ou não venhamos, como o livro, do Zimbábue), reagimos a estas palavras considerando o fato de que a narradora, como a autora da obra, é uma mulher. E não há algo especialmente chocante – algo desumano, desnaturado – na frieza de uma irmã frente à morte de um irmão? Reações como essa são obviamente esperadas, pois o livro continua:

E também não estou me desculando por minha indiferença, como você poderia descrever, minha falta de sentimento. Porque não é nada disso. Sinto muitas coisas hoje em dia, muito mais do que podia sentir nos dias em que era jovem e meu irmão morreu, e há razões para isso que vão além da consequência da idade. Então não vou me desculpar, mas começarei por relembrar os fatos, de acordo com minha lembrança, que levaram à morte do meu irmão, os eventos que me colocaram na posição de poder escrever este relato.

Esta é uma narrativa em primeira pessoa, direcionada a alguém na segunda pessoa. E já que, é claro, a narradora não tem informações sobre mim ou sobre você, os leitores reais do livro, é natural que se pergunte: Quem é que “poderia descrever” nossa protagonista como indiferente? Com quem, em outras palavras, nossa protagonista se recusa a se desculpar?

Bem, para responder a essa pergunta eu preciso falar um pouco mais sobre nossa protagonista e sua história. Ela é Tambudzai – abreviando, Tambu – e logo aprendemos que seu tio é o diretor da escola da Missão em Umtali, para a qual seu irmão foi levado para estudar. Lá, o irmão aprende a desprezar a aldeia, assim como, na aldeia, havia aprendido a desprezar as irmãs.

Por entender que a educação do irmão é caminho de saída e ascensão, e sabendo que a esposa do tio, Maiguru, completou os

estudos em outro país, Tambu começa a perguntar ao pai por que ela, também, não pode estudar. Ele responde: “Você pode cozinhar livros e dar para seu marido comer?” E Tambu vai reclamar com a mãe:

– Baba diz que não preciso estudar – contei-lhe, desgostosa. – Ele disse que devo aprender a ser uma boa esposa. É só olhar para a Maiguru – continuei, sem perceber a crueldade. – Ela é melhor esposa do que você.

Minha mãe era velha demais para se incomodar com minhas bobagens infantis. Ela tentou abrandar um pouco a situação me dizendo muitas coisas, explicando que meu pai estava certo porque mesmo Maiguru sabia cozinhar e limpar e plantar vegetais.

– Isso de ser mulher é uma carga pesada – ela disse. – E como não seria? Não somos nós que parimos os filhos? Quando é assim você não pode sair decidindo hoje eu quero isso, amanhã quero fazer aquilo, no dia seguinte quero estudar! Quando há sacrifícios a serem feitos, é você que deve fazê-los. E essas coisas não são fáceis; você tem que começar a aprender cedo, desde bem novinha. Quanto mais cedo melhor, para ser mais fácil depois. Fácil! Como se algum dia fosse fácil. E hoje em dia é pior, com a pobreza de ser negra de um lado e o peso de ser mulher do outro. Aiwa! O que vai ajudar, minha filha, é aprender a carregar esses fardos com resiliência.

Mas Tambu não é persuadida, e prefere pedir sementes para plantar milho e vendê-los no mercado, para ela pagar as taxas que o pai não pagaria.

Essa luta pela aprendizagem se transforma quando o irmão é levado por uma doença. Por não ter outros irmãos, a educação que a levaria para a modernidade Ocidental está, de repente, disponível para Tambu, a menina mais velha. A situação se apresenta de forma clara: a morte do irmão é condição para a emancipação da irmã. A partir de agora assistimos a Tambu, grata por sua educação ocidentalizada e pela transformação de menina aldeã em uma menina “sofisticada”, educada, lutar para integrar as regras morais de sua criação na aldeia à constante e crescente percepção da injustiça de sua posição como mulher. O desenvolvimento desta consciência é impulsionado não só por suas experiências, mas também pelas vidas das mulheres a seu redor: a mãe, fatalista e generosa; a mulher do tio,

uma mulher culta, frustrada pela incapacidade do marido de respeitar suas opiniões; a irmã da mãe, uma mulher adulta que segue o próprio caminho, alternando entre o pai de Tambu e outro amante.

E por este processo de descoberta Tambu é guiada pela prima, Nyasha, cujas experiências na Inglaterra (onde os pais conquistaram seus títulos de pós-graduação) alienaram permanentemente seu olhar: Nyasha rejeita o absolutismo das reivindicações de autoridade do pai e acredita que a mãe, que recebeu uma educação, está desperdiçado a si mesma como ajudante do pai dominador. Mas a resistência de Nyasha tem um preço: na busca pelo corpo perfeito (imaginado de maneira muito distante da tradição Shona, como um ideal de magreza) ela desenvolve, primeiro, bulimia, e, depois, anorexia, acabando nas mãos de um psiquiatra branco em Salisbury.

A mãe de Tambu tem um diagnóstico:

– São as Manias Inglesas – ela disse. – Vão matá-los, se eles não tomarem cuidado...

A preocupação de que a mãe pudesse estar certa incomoda Tambu por alguns dias. É verdade, ela triunfou novamente, conquistando uma das duas vagas no altamente competitivo (e majoritariamente branco) internato católico Sacred Heart, onde ela é ensinada por freiras. E ela gosta dos desafios, mal pode esperar para retornar. Mas tem suas noites de pesadelos, sobre o irmão morto, e sobre Nyasha e o irmão de Nyasha, que “sucumbiram” às Manias Inglesas. Ao final, no entanto, ela “expulsa” a suspeita de que as Manias Inglesas que está adquirindo no convento a relegarão, também, a uma condição nervosa.

É uma opinião comum entre os críticos que o romance africano moderno é implicitamente endereçado a um leitor ocidental. Aqui, seguindo aquela resposta familiar, está o que poderíamos chamar de um “momento safari”: um Zimbábue construído para o turista moral

e literário. A história que esbocei parece oferecer uma entrada muito fácil; não deveria ser mais difícil compreender a vida de uma menina Shona que mora em uma aldeia? E o fato de ser acessível não enfraquece a afirmação de que ela usa autenticamente uma voz do Zimbábue?

Para uma tentativa de resposta, começemos com o fato de que o livro de Tsitsi Dangarembga não possui as marcas indicadoras do autor que fala com um Outro de Um Outro Lugar. O vocabulário shona, incluindo os títulos assumidos por vários membros da família, a comida, os cumprimentos: nada disso vem com um glossário explicativo. De fato, a autora faz esforços consideráveis para deixar óbvio que Tambu, longe de conversar com um Outro Ocidental, nem mesmo se sente muito à vontade com este outro. “Outra coisa diferente na missão é que lá havia muitas pessoas brancas.” Assim começa o capítulo Seis. E depois na mesma página:

Hoje há menos brancos na missão. Eles são chamados de expatriados, não missionários, e são vistos vivendo em casas de tijolos não pintados. Mas eles são endeusados da mesma maneira que os missionários, porque são brancos, então a vinda deles ainda é uma honra. Me explicaram que você ser chamado de expatriado ou de missionário depende de como e por quem você foi recrutado. Mesmo que a diferença me tenha sido explicada por uma fonte confiável, não consigo retê-la na mente porque não a observei em primeira mão no meu contato com essas pessoas.

Essas não são as palavras de uma personagem falando com um Outro; de fato, mesmo que a ironia de Dangarembga pressuponha um leitor que saiba, diferentemente de Tambu, como usar as palavras “expatriado” e “missionário” – e por isso chame atenção para a possibilidade de ela ser lida por um leitor estrangeiro – esta é uma passagem que não é exatamente simpática a este leitor.

Tão importante quanto estes sinais na linguagem de Tambu de sua distância de um leitor “de fora”, é o fato de a questão moral central do livro – a questão de como a mulher pós-colonial educada

no Ocidente e suas irmãs, filhas, mães e tias, camponesas ou empregadas, trabalhadoras ou esposas, encontrarão juntas maneiras de criar vidas significativas, escapando do peso de sua opressão como mulheres, mas também como negras, como camponesas, como trabalhadoras – não diz respeito diretamente a leitores euro-americanos, sejam eles mulheres ou homens, porque essa questão é absolutamente encharcada de um contexto que aqueles leitores não conhecem. O livro de Dangarembga presume que essas preocupações, que surgem daquela situação específica, serão compartilhadas de maneira imediata e concreta pela protagonista e seu leitor silencioso e invisível, o “você” com quem Tambu conversa.

Ainda assim, mesmo que não especificamente destinado a leitores ocidentais, os problemas de equidade de gênero e raciais trazidos pelo texto não são, de forma alguma, desconhecidos para nós. Nossa narradora nunca sugere que seus leitores, seja quem forem, devam julgar a vida dela a partir de padrões diferentes dos seus: apesar do distanciamento no primeiro parágrafo – “E também não estou me desculpando por minha indiferença, como você poderia descrever, minha falta de sentimento.” –, ela não pressupõe viver em uma esfera moral diferente. Ela nos desafia a ouvir a história que leva à morte do irmão porque acredita que depois de a ouvirmos, nós – seja lá quem formos – não pensaremos que ela é indiferente ou sem sentimentos.

Tsitsi Dangarembga escreve com a confiança de que a história que está contando fará sentido para leitores de muitos lugares, com muitas preocupações, e que ela pode contá-la sem trair a autenticidade da voz de Tambu. Tambu não foi criada para ser acessível a qualquer público específico, seja dentro ou fora do Zimbábue. Ela é completamente imaginada: uma personagem que revela suas preocupações conforme conta a história, com todos os detalhes específicos de seu tempo e localização. Porque aquele mundo se torna real na linguagem do livro, não importa que você

não saiba nada sobre a cultura, a política e a história do Zimbábue. Tudo que você precisa está esperando por você na narrativa de Tambu.

Cada livro é uma mensagem na garrafa jogada no grande oceano da literatura de algum outro lugar (mesmo que tenha sido escrito e publicado na semana passada em sua cidade natal); e o que torna o livro acessível aos leitores não são valores ou crenças ou experiências compartilhadas, mas a capacidade humana de conjurar novos mundos com a imaginação. Um livro completo dá aos leitores tudo que eles precisam para que suas imaginações comecem a trabalhar. É porque o mundo criado por Tsitsi Dangarembga neste livro é tão completo, tão cativante, que Tambu pôde encontrar tantos amigos em tantos lugares ao redor do mundo.

* APPIAH, Kwame Anthony. “Introduction”. In: Dangarembga, Tsitsi. *Nervous conditions*. UK: Ayebia Clarke Publishing, 2004. [Tradução de Carolina Kuhn Facchin]

Kwame Anthony Appiah
Universidade de Princeton
Junho, 2004

A condição de nativo é uma condição nervosa.
da introdução de *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon.

Um

Não lamentei quando meu irmão morreu. Também não estou me desculpando por minha indiferença, como você poderia descrever, minha falta de sentimento. Porque não é nada disso. Sinto muitas coisas hoje em dia, muito mais do que podia sentir nos dias em que era jovem e meu irmão morreu, e há razões para isso que vão além da consequência da idade. Então não vou me desculpar, mas começarei por relembrar os fatos, de acordo com minha memória, que levaram à morte do meu irmão, os eventos que me colocaram na posição de poder escrever este relato. Pois embora o falecimento do meu irmão e os eventos da minha história não possam ser separados, minha história não é, no fim, sobre morte, mas sobre minha fuga, e a de Lucia; sobre o aprisionamento de minha mãe e Maiguru; e sobre a revolta de Nyasha – Nyasha, de mente aberta e tão isolada, filha do meu tio, cuja revolta, no fim, pode não ter sido bem sucedida.

Eu tinha treze anos quando meu irmão morreu. Aconteceu em 1968. Era o fim do trimestre e nós o esperávamos no ônibus vespertino que passava pela aldeia às três da tarde. Meu irmão estudava na missão onde meu tio era diretor, que ficava a mais ou menos trinta quilômetros da aldeia, a oeste, na direção da cidade de Umtali. Às vezes, quando meu tio não estava muito ocupado com relatórios e questões administrativas no fim do trimestre escolar, ele conseguia sair do escritório às três da tarde, sacrificando as horas restantes do dia para trazer Nhamo até em casa. Era isso que Nhamo preferia. Ele não gostava de viajar de ônibus porque, ele dizia, era muito lento. Além disso, as mulheres cheiravam a odores reprodutivos insalubres, as crianças costumavam aliviar os intestinos irritados no chão, e os homens soltavam fortes aromas de trabalho braçal. Ele não gostava de dividir o veículo com vários tipos de frutas e vegetais em fases suspeitas de frescor, com galinhas assustadas,

com o ocasional bode de cheiro pungente. “Devíamos ter um ônibus especial”, ele reclamava, “como os que eles têm para os alunos que moram em Fort Victoria e em Salisbury”, esquecendo completamente que essas eram cidades, centros urbanos autônomos, enquanto nossa casa ficava na área comum que circundava Umtali, e que como se considerava que a missão de meu tio ficava em Umtali, não havia necessidade de contratar um ônibus para o transporte dele e de outros estudantes que viviam em nossa área até em casa.

Ainda assim, contratar um ônibus não teria feito o fim do trimestre confortável o bastante para meu irmão. O terminal de ônibus – que também é a feira, com mercearias desbotadas e sujas, sombrias e encardidas por dentro, que chamamos de magrosa, e mulheres debaixo de árvores msasa vendendo ovos cozidos, vegetais, frutas da estação, galinha cozida, às vezes temperada, às vezes, não, e tudo mais que os aldeões e viajantes possam querer comprar – fica a no mínimo três quilômetros de distância da nossa propriedade. Contratando um ônibus ou não, meu irmão ainda teria que andar três quilômetros até em casa. Esta caminhada era outro aspecto da jornada pelo qual meu irmão desejava não ter que passar.

Eu, que não precisava fazer a jornada regularmente a cada fim de trimestre e início de um novo, não conseguia entender por que meu irmão tinha tanta aversão pela caminhada, ainda mais depois de ter ficado amontoado dentro de um ônibus abafado por tanto tempo: a viagem de ônibus até a missão levava quase uma hora. Além do alívio de poder esticar as pernas depois de uma viagem tão longa, o caminho até em casa do terminal de ônibus não era tão demorado se você não estava com pressa. A estrada se estendia por campos nos quais havia sempre algumas pessoas com quem passar uns dez minutos do dia – perguntando sobre a saúde delas e de seus familiares, admirando as folhas largas abundantes nas plantações de milho quando estão boas, prevendo quantos sacos o campo vai produzir ou se perguntando se as plantas haviam florido cedo ou

tarde demais. E apesar de o trecho da estrada entre os campos e o terminal ser exposto ao sol e ser, de setembro a abril, exceto quando chovia, duro e abrasador, fazendo o brilho da areia arranhar os olhos, sempre havia sombra perto dos campos, onde árvores eram deixadas de pé de propósito para nos abrigar enquanto comíamos ou descansávamos entre o cultivo de um e outro pedaço da terra.

A partir dos campos, a estrada ficava mais sombreada, com arbustos e árvores. Acácia, lantana, msasa e mopani amontoadas em um dos lados. Se você tivesse tempo, podia sair da estrada para áreas mais arborizadas para procurar matamba e matunduru. Azedos. Deliciosos. A partir desta área mais arborizada a estrada se desenrolava em uma ravina rasa, um vale fluvial com o fundo cuidadosamente adornado com pedregulhos lisos e planos que eram usados como ferramentas empolgantes para todo tipo de brincadeira. Por entre e ao redor dos pedregulhos mais baixos, o rio fluía esparsos na estação mais seca, mas profundo o bastante em algumas partes quando as chuvas eram fortes para tapar a cabeça de uma criança e para me cobrir até os mamilos. Aprendemos a evitar essas partes quando a correnteza do rio estava forte, mas na maioria das estações ele corria placidamente e permitia que nos banhássemos por quase toda sua extensão. Por sermos crianças, não tínhamos restrições. Podíamos brincar onde quiséssemos. Mas as mulheres tinham um local próprio para tomar banho, e os homens tinham o deles. Onde as mulheres se lavavam o rio era raso, quase nunca chegando acima dos meus joelhos, e as pedras eram mais baixas e mais planas lá do que em outras partes, cobrindo a maior parte do leito. As mulheres gostavam do seu local porque ele era perfeitamente arquitetado para lavar roupas. Mas nós tínhamos medo de crescer tanto que teríamos que nos lavar lá com as mulheres, não mais podendo nadar nas piscinas mais fundas, frescas e interessantes.

O rio, as árvores, as frutas e os campos. Assim era no começo. São essas as minhas memórias mais antigas, mas não foi assim que

ficaram as coisas. Quando eu ainda era bem nova, para facilitar a administração da nossa área, o Governo construiu os prédios do Conselho Distrital a menos de dois quilômetros dos lugares onde nos banhávamos. Assim, tornou-se necessário que todos os habitantes das mais ou menos doze propriedades que constituíam nossa aldeia cruzassem o Nyamarira, o nosso rio, sempre que tivessem algum negócio a tratar nos prédios do Conselho. Não demorou até que aqueles mais empreendedores entre nós, percebendo que havia sempre mais gente agrupada nos prédios do Conselho do que em qualquer outro lugar da aldeia (exceto a igreja nos domingos, e em outros dias os lugares onde se estava bebendo cerveja), montassem suas pequenas mercearias, que vendiam todos os produtos de que precisávamos – pão, chá, açúcar, geleia, sal, óleo de cozinha, fósforos, velas, parafina e sabão –, lá ao lados dos prédios do Conselho. Não me lembro da exata sequência destes acontecimentos, se o lugar virou um terminal de ônibus antes ou depois da construção das mercearias, mas logo os ônibus começaram a parar lá também. Ociosos, os jovens menos trabalhadores da aldeia começaram a matar o tempo ao redor das mercearias, comprando uns para os outros, quando tinham dinheiro, o que não era frequente, Fanta e Coca-Cola e perfume com cheiro de essência de baunilha, barato por um *tickey* a garrafa. O dono de uma das mercearias, muito empreendedor, aproveitando a situação, colocou um gramofone em sua loja para que os jovens pudessem se entreter ouvindo música e dançando. Eles tocavam a nova rumba que, como é comum na música popular, apontava dedos assistemáticos para as realidades da época: *“I’ll beat you up if you keep asking for your money”*, *“Father, I am jobless, give me money for roora”*, *“My love, why have you taken a second wife?”*. E quadris se remexiam, pés batiam ao ritmo desses fatos sociais. Havia solidariedade. As autoridades ficaram alarmadas. Vendo quão empreendedora havia sido nossa comunidade, eles nos recompensaram por nossos esforços construindo uma cervejaria,

pintada de azul escuro como os prédios do Conselho, onde “cerveja nativa” e “cerveja clara” eram vendidas a preços baixos todos os dias da semana. E assim o lugar onde nos banhávamos se tornou a estrada principal para pessoas a caminho de magrosa por qualquer razão. No interesse da decência, os banhos foram relegados a uma parte à frente no rio. Ainda assim, quando eu estava me sentindo corajosa, o que acontecia antes de meus seios crescerem demais, eu ficava escutando no topo da ravina e, quando tinha certeza que ninguém estava vindo, corria até o rio, tirava meu vestido, que era, normalmente, só o que eu estava usando, e nadava com prazer por tanto tempo quanto ousava nas partes mais profundas.

Era essa a caminhada que meu irmão detestava! Honestamente, eu poderia ficar eternamente descrevendo as possibilidades que existiam naquela caminhada, então não conseguia entender por que ele a odiava tanto. Contudo, ele a odiava, e na maioria das vezes conseguia evitá-la ficando na missão ao final do trimestre por um pretexto ou outro até meu tio, que é irmão do meu pai e o filho mais velho da família, decidir nos fazer uma visita. Meu tio nos visitava frequentemente.

Tinha sido ideia do meu tio que Nhamo fosse estudar na missão. Nhamo, se tivesse uma chance, meu tio disse, poderia se destacar academicamente, ao menos o bastante para ter uma profissão decente. Com o dinheiro ganho desta maneira, meu tio dizia, Nhamo tiraria nossa parte da família da miséria em que estávamos vivendo. Assim, o gesto do meu tio era oceânico, e meu pai, que gostava de hipérboles, não precisou de muita persuasão para ver sentido no plano. Depois de uma curta hesitação educada, durante a qual ele lembrou meu tio que a partida de Nhamo significaria mais trabalho na propriedade para o resto de nós, ele concordou que meu irmão poderia ir. Isso aconteceu quando meu irmão estava no Fundamental Três, em 1965, o ano em que meu tio voltou da Inglaterra. Naquela época, fim de 1965, meu irmão já havia

começado a se destacar, sendo o primeiro da classe nos dois primeiros anos iniciais, e ficando entre os cinco melhores depois disso. Era essa tendência que meu tio, que ficou bastante animado, queria desenvolver.

– Se eu tivesse o seu cérebro – meu pai dizia para Nhamo como forma de encorajamento durante os primeiros anos de escola, os anos formativos –, eu seria professor agora. Ou talvez até médico. Ha! Talvez até médico. Você acha que estaríamos vivendo do jeito que estamos! Não! Em uma casa de tijolos com água corrente, quente e fria, e luzes, que nem Mukoma. Teria sido bom, se eu tivesse esse cérebro.

Nhamo, que acreditava em obediência filial, concordava com meu pai que, sim, teria sido bom, e tranquilizava meu pai que a inteligência com a qual tinha sido abençoado não seria desperdiçada. Eu era diferente. Eu queria descobrir a verdade. Meu pai queria dizer que Babamukuru era esperto para as lições? Perguntei um dia, entreouvindo uma dessas conversas.

– Não exatamente – meu pai respondeu. – Eu não diria que Mukoma era esperto. Não. Não exatamente esperto. Mas ele lia. Ha! Mukoma lia. Qualquer coisa que ele encostasse, ele se esforçava, ele era assim. Iih! Mukoma lia – ele concluiu, abrindo a boca em um sorriso largo, enrugando a testa em um tributo cheio de admiração pela perseverança do meu tio. E depois, percebendo a armadilha que havia montado para si e na qual havia caído, ele precisou se resgatar. – Mas Mukoma teve sorte. Ele teve a chance. Ele foi para a missão quando era bem novo. Os missionários cuidaram dele tão bem, sabe, que os livros, aaah, os livros vieram naturalmente.

Independente de Babamukuru ser esperto ou esforçado ou meramente sortudo, Nhamo normalmente conseguia persuadi-lo a levá-lo até em casa. Como Nhamo conseguia fazer isso é um mistério para mim, porque Babamukuru nunca foi uma pessoa facilmente persuadida. Ainda assim, Nhamo normalmente conseguia. Mas dessa

vez, neste fim de trimestre específico a que me refiro, em novembro de 1968, quando Nhamo havia recém completado o Fundamental Seis e, por isso, terminado mais cedo, Babamukuru tinha uma reunião na cidade. Nhamo foi obrigado a pegar o ônibus. Na verdade, acho que Babamukuru tinha decidido que seria bom para Nhamo pegar o ônibus para variar. Acho que meu tio tinha começado a se preocupar com o jeito como Nhamo estava agindo. É certo que todos em casa que tinham idade para se preocupar, quer dizer, todos exceto meu pai, tinham começado a se preocupar com o jeito como Nhamo vinha agindo.

Logo depois de ir para a missão, meu irmão parou de voltar para casa para ficar durante as férias mais curtas. Apesar de ele visitar às vezes com meu tio, ele voltava para ficar somente uma vez por ano, quando terminava o período escolar e iniciava o do milho. Durante as férias de abril e agosto, Nhamo se recusava a voltar para casa, dizendo que precisava ler seus livros sem parar para passar nos exames de fim de ano. Era um bom argumento. Permitia que ele evitasse as tarefas desconfortáveis de colher e empilhar o milho e tirar as folhas das espigas. Nós nos coçávamos violentamente ao fim de cada dia durante a colheita do milho, e corríamos dos campos direto para o rio para lavar a coceira até ela parar. Não era nenhuma surpresa que Nhamo não gostasse da colheita. Nenhum de nós achava a tarefa agradável. Mas era uma daquelas coisas que precisavam ser feitas. Setembro e outubro eram diferentes. A essa altura a terra estava preparada para a nova safra. No começo as pessoas carpiam a terra com enxadas, e o trabalho era duro, mas não difícil e, por isso, não era desagradável. Logo antes de Babamukuru ir para a Inglaterra em 1960, ele comprou um arado de tração animal para meu pai, de modo que, quando eu cresci o bastante para ajudar nos campos, o trabalho tinha se reduzido a plantar o milho nos anos em que meu pai, ou qualquer parente homem que estivesse visitando e fosse forte o bastante, encontrava tempo para usar o arado. Nos

anos em que eles não encontravam tempo, carpíamos e plantávamos. Depois do plantio, depois de a safra germinar, durante toda a estação chuvosa e até as plantas ficarem altas e fortes, nós capinávamos, usando as mãos ou enxadas. Às vezes não era só milho, mas também mhunga e rukweza. O começo do período da safra era agitado. Meu tio insistia que Nhamo estivesse em casa para isso, argumentando que não havia mais exames para justificar que ele ficasse na missão. Então Nhamo era forçado, uma vez por ano, a retornar para sua casa esquálida, onde ele se lavava com água fria em uma bacia esmaltada ou em um rio, não em uma banheira com torneiras que jorravam água quente e fria; onde ele comia sadza regularmente, com as mãos, e carne raramente, nunca com garfo e faca; onde não havia luz além do amarelo tremeluzente das velas e lampiões caseiros que lhe permitisse escapar para dentro de seus livros quando o resto de nós ia dormir.

Toda essa pobreza começou a ofendê-lo, ou no mínimo a envergonhá-lo, depois que ele foi para a missão, de um jeito que não acontecia antes. Antes de ele ir para a missão, conseguíamos concordar que embora nossa miséria fosse brutal, ela era indiscutivelmente nossa; e que a responsabilidade de a exterminar era, portanto, também nossa. Mas algo que ele viu na missão o fez pensar que nossa propriedade já não era mais responsabilidade dele, então quando ele voltava para casa nas férias, era como se nem tivesse voltado: ele não era muito sociável. Ajudar nos campos ou com os animais ou a lenha, qualquer uma das tarefas que ele costumava fazer de boa vontade antes de ir para a missão, tornaram-se uma piada sem graça. Quando as chuvas vieram mais cedo no fim do primeiro ano dele na missão, ele observou que a maior parte do trabalho já havia sido feito e que tínhamos dado conta; quando as chuvas vieram com atraso, como foi o caso no final de seu segundo ano lá, ele nos lembrou que tínhamos nos virado bem sem ele no ano anterior. Ele só investia energia mesmo para ajudar na propriedade

quando Babamukuru mandava avisar que ia visitar. Nesses dias Nhamo acordava de madrugada como todos nós, e trabalhava com tanto afinco que a terra se embrenhava na pele de suas mãos e o suor lhe descia pelas costas, fazendo com que ele cheirasse e parecesse, para o resto do mundo, um arquetípico trabalhador. A estratégia dele era perfeita. Ele nunca voltava para casa, não importando quão tediosas e pesadas fossem as tarefas disponíveis, até que Babamukuru, depois de ter chegado na casa e a encontrado deserta, descesse até os campos.

Às vezes Babamukuru estava vestindo bermudas quando vinha visitar. Se estávamos todos nos campos nessas ocasiões, ele pegava uma enxada e se juntava a nós por um tempo antes de voltar de carro para a casa com meu pai e Nhamo para ouvir o relatório de progresso do meu pai sobre onde estávamos com o plantio, o cultivo ou a colheita; sobre como o gado dos vizinhos estava saqueando nossas plantações; sobre como Babamukuru deveria providenciar uma cerca de arame farpado para manter os macacos e o gado para fora. Quando Babamukuru não estava usando bermudas, eles voltavam para a casa imediatamente. Minha mãe, os lábios franzidos, amarrava a pequena Rambanai mais firmemente às costas e continuava o trabalho silenciosamente. O balanço feroz de seus braços ao agarrar as hastes e colher as espigas de milho reprimia a mim e a Netsai de emitir qualquer murmúrio de rebelião. Imaginávamos aqueles movimentos ferozes dos braços de nossa mãe descendo uma vara em nossas pernas e este pensamento nos tornava diligentes. Netsai acionava o que eu considerava ser uma quantidade excessiva de eficiência quando nossa mãe ficava silenciosamente feroz. Ela ganharia de mim por um número indecente de jardas, um número vergonhosamente alto de espigas, se eu não sentisse vergonha da humilhação de deixar minha irmãzinha trabalhar mais do que eu. Nós seguíamos o mesmo caminho que o carro do meu tio quando o sol começava a se pôr, arrebanhando o gado de volta para o kraal

enquanto caminhávamos, já que não havia nenhum outro jovem rapaz na família além de Nhamo para realizar esta tarefa. Íamos o mais rápido que podíamos para não nos atrasarmos no preparo da refeição noturna. Pessoalmente, eu não gostava de ver Babamukuru de bermudas, porque em suas roupas da missão ele era uma figura digna e era assim que eu gostava de imaginá-lo.

Nos dias em que Babamukuru vinha visitar, nós matávamos um galo. Ou melhor, matávamos um galo se havia um sobrando, se não, matávamos só uma galinha. Também matávamos uma ave quando Nhamo vinha para casa, independente de ele vir com Babamukuru ou sozinho. Eu e Netsai encurralávamos o pássaro e o pegávamos, eventualmente, depois de agarrar, frustradas, muito ar e penas, encorajadas na perseguição pelos gritinhos de alegria da pequena Rambanai, que várias vezes acabava chorando quando o pássaro escapava de nós e voava na cara dela.

Nesta tarde de novembro específica, quando estávamos esperando Nhamo em casa, minha mãe decidiu regar os vegetais – colza, couve, tomates, quiabo e cebolas – que ela plantava em um terreno que tinha sido da minha avó, bem perto de casa, mas ainda a uns quinze minutos de caminhada. Andamos juntas desde os campos, eu e minha mãe, com o gado, até chegarmos na horta, onde nos dividimos, ela para fazer a rega, eu de volta para casa, o chicote do gado na mão, mas inutilizado, porque os animais estavam tão ansiosos para chegar em casa quanto eu. Nossas sombras já haviam se alongado até ficarem fininhas para o leste conforme o sol mergulhava por detrás das colinas. Já havia passado bastante das seis. Já que era tão tarde, eu tinha certeza que encontraria Nhamo em casa quando chegasse, mas, quando cheguei do kraal do gado, vi somente Rambanai e Netsai brincando no quintal de areia ao redor da cozinha. Elas estavam jogando nhodo, quer dizer, Netsai estava jogando e Rambanai, quando era vez dela, estava simplesmente atirando a pedra para cima e protestando aos gritos quando Netsai

iniciava sua rodada. Rambanai era nova demais para jogar a pedra para cima e recolher várias outras pedras e então pegar a primeira pedra antes de ela cair. Netsai sabia muito bem disso, mas gostava de ganhar de Rambanai no nhodo mesmo assim.

Assim que Rambanai me viu, veio correndo, reclamando veementemente de como Netsai era injusta, em sua linguagem incompreensível, fazendo com que fosse só a expressão em seu rosto a me explicar o que ela estava dizendo.

– Calma, calma – eu a confortei, pegando-a no colo e encaixando-a em meu quadril. – Vou jogar nhodo com você. Vai ser uma ótima partida. Nhamo mandou você buscar a bagagem? – perguntei para Netsai.

– Não, Sisi Tambu – ela respondeu. – Mukoma Nhamo não veio para casa.

– Ele ainda não chegou? – não me preocupei, porque o ônibus das três era frequentemente o ônibus das quatro ou até das cinco. Além disso, fiquei aliviada. Não precisaria matar o galo. – Talvez amanhã, então, quando Babamukuru puder dar uma carona.

Conhecendo Nhamo como conhecia, eu sabia que ele não chegaria em casa tão tarde a pé, porque para isso ele precisaria carregar a própria bagagem. Não que houvesse muita, já que ele deixava a mala na casa de Babamukuru. Ele normalmente não carregava mais do que uma mochila pequena contendo seus livros e um ou dois shorts de sarja, que eram as únicas roupas que ele não tinha medo de estragar usando em casa. Às vezes ele trazia uma sacola plástica também, contendo itens variados como chá e açúcar, e sabonete, escova de dentes e pasta de dentes. Normalmente, o chá e o açúcar eram presentes da minha tia para minha mãe, mesmo que Nhamo ficasse com eles para si. Ele bebia chá preto adoçado enquanto lia seus livros e nós terminávamos nossos afazeres. Isso divertia minha mãe. Quando o pegava fazendo isso, ela o repreendia e mandava que fosse arrebanhar o gado, mas quando recontava o

incidente, sempre ria. “Aquele menino e os livros! Ele vai ser um ótimo professor qualquer dia desses, lendo tanto assim!”

De qualquer forma, a bagagem de Nhamo nunca era pesada demais para que ele a carregasse. Mesmo assim, ele não a carregava sozinho. Em vez disso, ele deixava alguma coisa, alguns livros, uma sacola plástica, qualquer coisa, contanto que houvesse alguma coisa, nas lojas do terminal, já que tinha relações de amizade com todos, para poder mandar Netsai buscar assim que chegasse em casa. Quando estava se sentindo benevolente, oferecia-se para cuidar de Rambanai, que ainda não sabia andar direito, enquanto Netsai executava a tarefa. Quando estava sendo ele mesmo, ele desdenhava que cuidar de crianças não era trabalho de homem, e Netsai, que era novinha, mesmo que grande para a idade, prendia o bebê nas costas para ir pegar a bagagem. Uma ou duas vezes, porque eram coisas demais para ela carregar sozinha, eu fui com ela. Por saber que ele não precisava de ajuda, que ele só queria demonstrar para nós e para si mesmo que tinha o poder, a autoridade de nos obrigar a fazer coisas por ele, eu odiava buscar a bagagem do meu irmão. Porque eu tinha quase o tamanho dele e, quando estava brava, podia empurrar uma lenha da fogueira na cara dele, ele não me incomodava muito, mas Netsai pagava pelas coisas das quais eu me livrava. Nhamo gostava de usar a vara nela por qualquer motivo. Para manter a paz, eu acompanhava Netsai quando ela precisava de ajuda, reclamando enfurecida sobre a preguiça do nosso irmão durante todo o caminho até as lojas. Você pode estar se perguntando por que eu não defendia minha irmã, dizia para meu irmão carregar a própria bagagem. Foi o que eu fiz na primeira vez que ele fez Netsai cumprir esta tarefa. Ele concordou que ele mesmo iria, e, quando eu voltei para a cozinha, levou Netsai para longe e açoitou as pernas dela com um galho fino de pessegueiro. Pobre Netsai! Ela me disse que foi correndo até as lojas. E daí me perguntou por que eu não a deixara ir antes! No início, pensei que era culpa do açoitamento ela me fazer uma

pergunta tão boba, mas depois percebi que ela realmente não se importava de carregar a bagagem de Nhamo se não houvesse muita coisa. Ela era uma criança doce, do tipo que se tornaria uma esposa doce e triste. Quanto a Nhamo, ele era bem capaz de convencer a si mesmo que Netsai se negaria a carregar a bagagem se fossem coisas demais. Então eu não me importava de ajudá-la quando necessário.

Este não era o único traço desagradável do nosso irmão. Nosso Nhamo tinha centenas de ideias sem sentido. Mesmo depois de todos esses anos, ainda sinto que nossa casa era mais feliz quando ele estava longe. Era certamente o que eu sentia na época. Lembro de me sentir bastante aliviada naquela tarde de novembro. Já que não havia mais a necessidade de matar e preparar o galo, só o sadza e os vegetais precisavam de atenção. Isso não dava trabalho nenhum, o que me deu a opção de voltar à horta e ajudar minha mãe. A ideia de minha mãe trabalhando tão duro, tão sozinha, sempre me perturbava, mas no fim decidi preparar o jantar para que ela pudesse descansar quando retornasse. Porque eu sabia que se ainda houvesse trabalho a ser feito quando ela terminasse a rega, ela se cansaria mais e o faria.

– O que há de errado, Sisi Tambur? – perguntou Netsai, arrancando-me de meus pensamentos. Ao passar Rambanai para meu quadril esquerdo, percebi que meu joelho direito estava travado.

– Errado, Si’Tam’? – questionou Rambanai.

Era típico de Netsai fazer uma pergunta que eu não podia responder. Eu não podia friamente informar minhas irmãs que eu estivera pensando sobre o quanto não gostava do nosso irmão. Eu me sentia culpada. Como ele era nosso irmão, deveria ser gostado, o que fazia não gostar dele ser ainda mais difícil. O fato de ainda assim eu conseguir deve significar que eu realmente não gostava dele!

– Vai ser bom – observei, na tentativa de me convencer – quando Mukoma Nhamo vier para casa.

– Por quê? – Netsai estava confusa. – O que ele vai fazer?

– Que fazer? – ecoou Rambanai, permitindo que eu risse dela e evitasse responder. Depois de colocá-la no chão, fui até o dara para encher a bacia esmaltada com água e pegar as panelas e pratos que eu precisaria para cozinhar. O dara estava horrível. Cupins tinham comido e atravessado a perna esquerda, então ele ficava inclinado em um ângulo insolente, constantemente fazendo com que as coisas caíssem dele. E como se isso não fosse o bastante, várias das tiras de casca de árvore que juntavam as tábuas tinham apodrecido. As tábuas tinham se movimentado, deixando grandes espaços entre uma e outra, então quando as coisas não caíam do dara, elas caíam pelo dara.

Tem que ser consertado; devo consertá-lo, pensei, como já havia pensado várias vezes antes, prometendo a mim mesma que arranjaria um tempo. Abaixei-me para puxar o barril de 45 litros que usávamos para armazenar água debaixo do dara, com muita esperança que houvesse água o bastante para a noite.

Netsai estava me observando.

– Está cheio – ela sorriu. – Nós usamos as latas. Só tivemos que ir três vezes ao rio.

– Ir rio – concordou Rambanai.

– Você é uma ótima trabalhadora – falei para minha irmã, tocada por ela ter se preocupado. Seu rostinho lindo se iluminou. Sorrimos uma para a outra e Rambanai riu.

A couve estava firme e as folhas grandes, não precisou de muita limpeza. As panelas estavam todas limpas, mais evidência da natureza atenciosa de Netsai. Eu gostava de cozinhar quando as partes mais trabalhosas já tinham sido feitas. Cantarolei enquanto rasgava a couve e a colocava na panela, fiquei contente quando as galinhas apareceram para bicar os pedaços que caíam, limpando o local sem correr perigo de elas mesmas serem capturadas e preparadas! Como eu odiava todo o processo de pedir a ajuda de Netsai para evitar a fuga da ave, me irritar quando mirava nas asas e

acabava pegando só ar, e finalmente agarrá-la, protestando e cacarejando com a voz estridente até que, sentindo o inevitável, ela ficava quieta. Também não aguentava o cheiro quase sufocante de sangue quando água fervente era jogada sobre a ave sem cabeça para soltar as penas. Da próxima vez, pensei ingenuamente, Nhamo vai pegar a ave. Se ele quer comer galinha, ele que a pegue e mate. Eu vou depenar e cozinhar. Parecia uma divisão justa do trabalho.

Pensei ingenuamente. O açoitamento de Netsai por causa da bagagem deveria ter deixado claro para mim que Nhamo não tinha interesse em ser justo. Talvez com outras pessoas, mas certamente não com as irmãs, as irmãs mais novas, aliás. Talvez eu esteja sendo injusta com ele, colocando toda a culpa nele postumamente, quando ele não pode se defender e quando eu já vi o bastante para saber que a culpa nem sempre vem em pacotes bem embrulhados. Talvez eu esteja fazendo parecer que Nhamo tinha simplesmente decidido ser detestável e descoberto que era bom nisso, quando, na realidade, não era esse o caso; quando na realidade ele não estava fazendo nada além de se comportar, talvez de forma extrema, da maneira esperada. As necessidades e os sentimentos das mulheres da minha família não eram considerados prioridade, ou mesmo legitimados. Era por isso que eu estava no Fundamental Três no ano em que Nhamo morreu, e não no Fundamental Cinco, como deveria estar na minha idade. Naquela época eu sentia a injustiça da minha situação toda vez que pensava sobre ela, o que eu não conseguia evitar fazer com frequência, já que crianças estão sempre pensando na própria idade. Pensando na situação, sentindo como era injusta, foi assim que passei a não gostar do meu irmão, e não só do meu irmão, do meu pai, da minha mãe – na verdade, de todos.

Dois

Nhamo começou a ir para a escola quando fez sete anos. O Governo havia declarado que era nesta idade que crianças africanas estariam suficientemente desenvolvidas cognitivamente para poder entender as abstrações dos números e das letras: $1 + 1 = 2$; k-i-t-s-i = kitsi. Nhamo era um dos alunos mais novos da turma. Talvez os outros pais, acreditando que realmente éramos todos retardados, tenham pensado que seria melhor deixar as habilidades dos filhos amadurecerem um pouco antes de os expor às exigências da educação formal. E, é claro, havia a questão das taxas. Seja qual fosse a razão, muitos de nós não começavam a ir para a escola até os oito ou até nove anos de idade, mas em nossa família o precedente para entrada mais cedo tinha sido estabelecido por Babamukuru, que tinha conquistado um diploma de Bacharelado na África do Sul e, conseqüentemente, sabia muito sobre educação. “Eles devem começar cedo”, Babamukuru disse a meu pai, “enquanto as mentes ainda são maleáveis”. Inevitavelmente, portanto, Nhamo começou a escola no ano em que fez sete anos e eu no ano seguinte, já que era um ano mais nova que ele.

Por alguma razão que eu nem mesmo lembro de compreender, já que tivemos boas chuvas naquele ano, nossa safra foi ruim no ano em que comecei a escola. Apesar de termos colhido milho o bastante para impedir que morrêssemos de fome, não sobrou nada para ser vendido. Isso queria dizer que não havia dinheiro em casa. Sem dinheiro, sem taxas escolares. Sem taxas escolares, sem escola. E não havia chance de conseguir o dinheiro, porque Babamukuru tinha deixado a missão para ir para a Inglaterra estudar mais sobre educação.

Eu tinha só cinco anos quando Babamukuru foi para a Inglaterra. Conseqüentemente, tudo que lembro das circunstâncias

de sua partida é que todos estavam muito animados e muito impressionados com o acontecimento. Desde então, para descobrir o que realmente tinha acontecido na época e entender tudo que veio depois, pedi a muitas pessoas – Maiguru e Babamukuru, meu pai, minha mãe, Nyasha e Chido – que me contassem as suas lembranças. Descobri, e não é surpresa, que havia discussões e conflitos e tensões ligadas à viagem sobre as quais eu, ainda criança, não havia ficado sabendo.

Babamukuru não queria deixar a missão. Ele não queria ir para longe de casa novamente, porque já havia deixado a mãe uma vez, para ir para a África do Sul, e não estava de volta há tempo o bastante para assegurar que ela estaria segura e confortável durante a velhice. Além disso, ele agora tinha a própria família. Ainda que os mesmos missionários que haviam lhe oferecido uma bolsa para estudar na Inglaterra também tivessem oferecido uma para Maiguru (estavam muito ansiosos para que estes jovens inteligentes e disciplinados estudassem e fossem úteis para o povo deles), havia o problema dos filhos. As discussões e tensões ligadas à partida de Babamukuru tinham menos a ver com a questão de ele ir embora, e mais com o que fazer com os filhos. Babamukuru era grato pela oportunidade que lhe tinha sido ofertada; além disso, recusá-la seria um tipo de suicídio. Os missionários ficariam ofendidos pela ingratidão dele. Ele perderia o prestígio de que gozava, e eles selecionariam outro jovem africano promissor para ser seu protegido. Como era impossível obter as qualificações necessárias na Rodésia, ele não tinha alternativa além de deixar tudo para trás por um período de cinco anos para garantir a posição que lhe permitiria, eventualmente, remover a ele e suas duas famílias da mercê da natureza e de missionários caridosos. Minha avó pensava que as crianças ficariam melhor em casa, onde elas conheciam os costumes e ficariam à vontade no ambiente familiar. Mas Babamukuru, lembrando de como era difícil a vida na propriedade, não queria que seus filhos

passassem pelas necessidades e dificuldades que ele tinha vivido quando criança. Além disso, ele preferia ter os filhos com ele para poder supervisionar questões essenciais, como sua educação e desenvolvimento. Assim, Chido e Nyasha foram levados para a Inglaterra. Meu pai, é claro, pensando que cinco anos sem o irmão para sustentá-lo era um tempo longo em que teria que sustentar a si mesmo, consolou-se com a ideia de que quando Babamukuru voltasse, altamente qualificado, ele poderia fornecer um sustento ainda mais abundante do que antes. Minha mãe ficou esperançosa. Ela pensou que meu pai se tornaria, ao menos, responsável.

Lembro de discutir o fenômeno da educação de Babamukuru com Nhamo. Nhamo ficava muito impressionado com as opções de educação disponíveis. Ele me disse que o tipo de educação que Babamukuru tinha ido obter devia ser muito importante para fazê-lo ir para tão longe. “A Inglaterra”, ele me disse, com muita autoridade, “fica muito longe. Muito mais longe que a África do Sul”. Como ele sabia?

Nhamo sabia muitas coisas naquela época. Ele sabia mais então do que quando morreu. Por exemplo, ele sabia que quando crescesse ele ia estudar para ter muitos diplomas como Babamukuru e se tornaria um diretor como Babamukuru. Ele sabia que seria responsabilidade dele assegurar que as irmãs mais novas estudassem, ou cuidar de nós se não estudássemos, assim como Babamukuru tinha feito e estava fazendo para seus irmãos e sua irmã. Ele sabia que tinha que ajudar no campo e com o gado e que tinha que ser agradável com as pessoas. Acima de tudo, ele sabia que tinha que estudar com afinco na escola e continuar entre os primeiros da classe. Essa última ele cumpriu diligentemente no Inicial A e no Inicial B. Ele ficou especialmente satisfeito no Inicial B, porque ganhou do segundo lugar por apenas dois pontos. Então, depois de ir tão bem, ele soube que não poderia mais ir para a escola porque não havia dinheiro para as taxas. Ele chorou.

Felizmente, minha mãe estava determinada naquele ano. Ela começou a cozinhar ovos, que levava para o terminal de ônibus e vendia para os passageiros que estavam ali (isso queria dizer que nós não podíamos comê-los). Ela também levava vegetais – colza, cebolas e tomates –, aumentando sua horta para que houvesse mais a ser vendido. O negócio ia bem, muito bem durante os feriados nacionais, quando visitantes vindos de Salisbury, Fort Victoria, Mount Darwin e Wankie ficavam tentados a comprar um pouco mais para levar para casa. Desse jeito ela juntou dinheiro o bastante para que meu irmão continuasse na escola. Entendi que vender vegetais não era um negócio lucrativo. Entendi que não havia dinheiro o bastante para minha taxas. Sim, entendi por que não podia voltar para a escola, mas eu amava estudar e era muito boa aluna. Por isso, as circunstâncias me afetaram profundamente.

Meu pai achava que eu não deveria me importar.

– Isso lá é coisa para deixar você preocupada? Aaah, é nada – ele me reconfortou, com a tendência característica de correr para o lado mais fácil. – Você pode cozinhar livros e dar para seu marido comer? Fique em casa com sua mãe. Aprenda a cozinhar e a limpar. Plante vegetais.

A intenção dele era me tranquilizar com palavras sensatas e reconfortantes, mas eu não via sentido nelas. Era frequentemente assim quando meu pai falava, mas nunca houvera antes causa tão concreta para questionar suas teorias. Desta vez, porém, eu tinha evidências. Maiguru tinha estudado, e ela servia livros para Babamukuru no jantar? Para meu infeliz alívio, descobri que meu pai não entendia.

Reclamei para minha mãe.

– Baba diz que não preciso estudar – contei-lhe, desgostosa. – Ele disse que devo aprender a ser uma boa esposa. É só olhar para a Maiguru – continuei, sem perceber a crueldade. – Ela é melhor esposa do que você.

Minha mãe era velha demais para se incomodar com minhas bobagens infantis. Ela tentou abrandar um pouco a situação me dizendo muitas coisas, explicando que meu pai estava certo porque mesmo Maiguru sabia cozinhar e limpar e plantar vegetais.

– Isso de ser mulher é uma carga pesada – ela disse. – E como não seria? Não somos nós que parimos os filhos? Quando é assim você não pode sair decidindo hoje eu quero isso, amanhã quero fazer aquilo, no dia seguinte quero estudar! Quando há sacrifícios a serem feitos, é você que deve fazê-los. E essas coisas não são fáceis; você tem que começar a aprender cedo, desde bem novinha. Quanto mais cedo melhor, para ser mais fácil depois. Fácil! Como se algum dia fosse fácil. E hoje em dia é pior, com a pobreza de ser negra de um lado e o peso de ser mulher do outro. Aiwa! O que vai ajudar, minha filha, é aprender a carregar esses fardos com resiliência.

Pensei nisso por vários dias, durante os quais comecei a temer que não era tão inteligente quando meu desempenho no primeiro ano de escola tinha me feito crer, porque, assim como com meu pai, eu não conseguia achar sentido nas palavras de minha mãe. Minha mãe dissera que ser negra era um fardo porque fazia você ser pobre, mas Babamukuru não era pobre. Minha mãe dissera que ser mulher era um fardo porque você tinha que parir filhos e cuidar deles e do seu marido. Mas eu não acreditava que isso era verdade. Maiguru era muito bem cuidada por Babamukuru, em uma casa grande na missão, que eu nunca tinha visto, mas sobre a qual eu já ouvira rumores relativos a seu tamanho e sua elegância. Maiguru era conduzida em um carro, tinha a aparência bem-cuidada e descansada, sempre limpa. Ela era um tipo de mulher completamente diferente da minha mãe. Decidi que era melhor ser como Maiguru, que não era pobre e não tinha sido esmagada pelo peso de ser mulher.

– Vou voltar para a escola – anunciei aos meus pais.

Meu pai foi brusco comigo, pensando que eu esperava que ele obtivesse o dinheiro de algum jeito, talvez trabalhando.

– Suas bobagens, lá vai você começar! Já vi. Você sabe que ainda vai demorar um tempo para seu Babamukuru voltar!

– Eu vou conseguir o dinheiro – assegurei, explicando para ele meu plano como eu havia imaginado em minha cabeça. – Se você me der umas sementes, vou limpar um terreno e plantar meu próprio milho. Não muito. Só o bastante para as taxas.

Meu pai achou muita graça nisso. Ele me irritou imensamente rindo sem parar de um jeito desagradavelmente adulto.

– Só o bastante para as taxas! Você viu essa? – ele riu para minha mãe. – Uma plantinha tão pequena, mas já fazendo planos maduros! Você pode informar sua filha, Ma’Shingayi, que não temos dinheiro. Não temos dinheiro. E é isso.

Minha mãe, é claro, me conhecia melhor.

– E ela pediu dinheiro? – ela perguntou. – Escute sua filha. Ela está pedindo por sementes. Isso nós podemos dar. Deixe que ela tente. Deixe que ela aprenda sozinha que algumas coisas não podem ser feitas.

Meu pai concordou. Algumas sementes não era um preço alto a pagar para que eu ficasse quieta. Comecei meu projeto no dia seguinte, num dia em dezembro de 1962. Em janeiro meu irmão começou o Fundamental Um. Eu fiquei trabalhando na casa, nos nossos campos e em meu próprio terreno. E quantas preces de adoração e reverência eu sussurrei para minha avó naqueles primeiros dias de cultivo para o mercado. Minha avó, que havia incessantemente cultivado terras, plantado sementes e colhido safras abundantes até, literalmente, seu último momento de vida. Quando eu era pequena demais para ser qualquer coisa além de um obstáculo nos campos, eu passava muitas horas produtivas trabalhando com minha avó no terreno que ela chamava de horta. Carpiamos lado a lado faixas de terra definidas pelos pés de milho em cada uma, eu obstinadamente insistindo que conseguiria acompanhá-la, ela capinando três faixas enquanto eu fazia uma, para que eu tivesse

razão. Elogiando minha predisposição ao trabalho, ela o consolidou em mim como um hábito desejável.

Ela também me dava aulas de história. História que não estava presente nos livros didáticos; um tempo no terreno e um descanso, o começo da história, uma pausa. “O que aconteceu depois, Mbuya, o quê?”, “Mais trabalho, minha filha, antes de mais história”. Lentamente, metodicamente, a plantação era cultivada durante o dia, os episódios da história privada da minha avó reunidos do início ao fim.

– Sua família nem sempre viveu aqui, não se mudou para esse lugar até depois da época em que me casei com seu avô. Nós morávamos lá em Chipinge, onde o solo é fértil e seu bisavô era um homem rico na moeda daqueles tempos, com muitas cabeças de gado gordas, grandes pedaços de terra e quatro esposas que trabalhavam duro para produzir safras abundantes. Tudo isso ele podia trocar por panos e miçangas e machados e uma arma, até uma arma, com os negociantes. Eles não vinham para ficar naqueles dias; eles passavam por lá e iam embora. Seu bisavô tinha tantos filhos que conseguiria encher um kraal, homens grandes, fortes e trabalhadores. E eu, que era linda naquela época – os olhos cintilavam, me deixando com vergonha por examiná-la tão de perto para encontrar essa mulher que ela descrevia. Por que ela estava me contando isso? Ela não era mais linda, mas eu a amava, então ficava constrangida que ela me visse procurar por essa beleza perdida. – Eu nem sempre fui tão velha, com rugas e cabelos brancos, sem dentes. Houve um tempo em que eu era pequena e linda e rechonchuda como você, e quando virei mulher eu era uma mulher bonita, com cabelos tão longos que era possível trançá-los em uma fileira única no meio da minha cabeça. Eu tinha quadris largos e fortes – era aqui que ela normalmente parava o primeiro episódio. Eu ficava roendo as unhas. A princesa e o príncipe. E depois? E depois?

Bruxos versados em traição e magia negra vieram do Sul e

forçaram o povo para longe daquela terra. Em burros, a pé, a cavalo, em carroças, as pessoas procuraram por um lugar para viver. Mas os bruxos eram avaros e gananciosos; havia menos e menos terra para o povo. Por fim as pessoas chegaram no solo cinza e arenoso da nossa propriedade, tão pedregoso e infértil que os bruxos não o utilizariam. Lá a família construiu uma casa. Mas o terceiro filho, meu avô, atraído pelos boatos dos bruxos, que prometiam riquezas e luxos, e motivado pela dureza da nova propriedade, foi com sua família para a fazenda de um dos bruxos. Yuwi! E lá descobriu que eles haviam sido enganados e escravizados. Mas um dia meu avô conseguiu escapar para as minas de ouro cintilante do Sul, onde dizia-se que homens bons ficavam ricos bem rápido. O bruxo branco não precisava de mulheres nem de crianças. Ele expulsou minha avó e os filhos da fazenda. Miseráveis, eles viajaram de volta para a propriedade, onde meu bisavô, ainda que não tivesse reconquistado seu nível de sustento prévio, conseguira manter a família unida. E então meu bisavô morreu e a família se dividiu, e parece que no fim meu avô não era um homem bom, porque ele foi morto nas minas, e minha avó acabou com seis filhos para sustentar. E ela ouviu falar que seres parecidos com os bruxos, mas não iguais a eles, porque esses eram sagrados, tinham construído uma missão não muito longe da propriedade. Ela andou, com meu tio, com Babamukuru, que tinha nove anos e vestia uma tanga de pano, até a missão, onde os bruxos sagrados o acolheram. Eles o colocaram para trabalhar na fazenda deles durante o dia. À noite, ele aprendia suas feitiçarias. Pois minha avó, que era sagaz e enxergava muito à frente, tinha implorado que ele fosse preparado para a vida no mundo deles.

Era uma história muito romântica para mim, um conto de fadas sobre recompensas e punições, causas e efeitos. Tinha uma moral também, uma moral provocativa que aumentava minhas ambições, mas sem ultrapassar um nível controlável.

Meu tio não tinha medo de trabalhar duro, acostumado a isso

desde cedo na fazenda e na propriedade. Ele surpreendeu os missionários, indo excepcionalmente bem na escola, mesmo depois de trabalhar o dia todo na fazenda. Ele era responsável, trabalhador e respeitoso. Eles o consideravam um bom menino, cultivável, como a terra, podendo produzir safras que sustentariam os agricultores. Quando ele terminou os anos fundamentais na missão, eles proporcionaram que ele continuasse os estudos. Isso só se tornou possível depois de uma escola de anos avançados para pessoas como meu tio ter sido construída, então ele teve que esperar alguns anos. Durante este tempo e durante os anos de estudos avançados, eles lhe ofereciam bicos na missão para que ele pudesse pagar as taxas e ajudar a família. Depois, o Governo assumiu a responsabilidade, com uma bolsa para a África do Sul. Meu tio se tornou um homem próspero e respeitado, com um salário bom o bastante para reduzir um pouco a miséria da família. Isso indicava que a vida podia ser vivida com alguma dignidade em quaisquer circunstâncias se você trabalhasse duro e obedecesse às regras. Sim, era uma história romântica, do jeito que minha avó contava. O sofrimento não era minimizado, mas a mensagem era clara: aguente e obedeça, pois não há outro jeito. Ela tinha tanto orgulho do filho mais velho, que tinha feito exatamente isso.

Quando ela morreu, pacificamente, enquanto descansava do trabalho em um dia em que eu não estava com ela, minha mãe passou a cuidar do terreno e o transformou em sua horta. Era um terreno grande. Minha mãe não precisava dele inteiro, então mais ou menos metade de um acre estava em desuso. Foi essa terra que eu escolhi.

Naquele ano eu fiquei mais velha, mais forte e mais resistente do que qualquer criança de oito anos precisa ser. Era frequente despertar antes do nascer do sol, a primeira luminosidade aparecendo enquanto eu varria o quintal. Antes de a claridade ser completa, eu já estava a caminho do rio e retornando pela trilha

entre as árvores e passando pelas propriedades, onde as mulheres estavam começando a acordar, equilibrando meu barril de água na cabeça sobre a almofada que eu fazia com folhas e galhos, o barril quase cheio, porque quando estava cheio era pesado demais para eu levantá-lo e colocá-lo na cabeça sem ajuda. Enquanto os galos cantavam e as galinhas sacudiam o sono das penas, eu acendia o fogo, varria a cozinha e fervia a água do banho e do chá. Quando o sol ficava alto eu já estava em meu lote, nos primeiros dias carpindo e limpando; depois fazendo os buracos a setenta e cinco centímetros um do outro, com um único golpe da enxada, como tínhamos aprendido nas aulas de jardinagem na escola; depois colocando as sementes neles, duas ou três em cada, e cobrindo-as com uma ou duas varridas com o pé; e esperando as sementes germinarem e as cultivando e esperando que as ervas daninhas nascessem e as arrancando. Mais ou menos às dez horas, que eu adivinhava pela altura e calor do sol, eu ia para os campos da família trabalhar com minha mãe, às vezes com meu pai e, de tarde, depois da escola, com meu irmão.

Acho que minha mãe admirava minha persistência, e também sentia pena de mim por isso. Ela começou a me preparar para o desapontamento muito antes de eu precisar encará-lo. Para me preparar, ela começou a me desencorajar. “E você acha que é tão diferente, tão melhor que nós? Aceite a sua sina e aproveite o que puder. Não há nada mais que possa ser feito.” Eu queria apoio, estímulo; advertências, se necessário, mas que fossem construtivas. Num dia em que ela me desencorajou vezes demais, decidi que ela estava dando muita atenção ao meu pai. Parei de dar ouvidos a ela e, em vez disso, procurei a solidariedade de Nhamo, mas ele não podia ajudar, pois estava indo para a escola.

– Por que você se dá o trabalho? – ele perguntou, os olhos maliciosos. – Você não sabe que sou eu que tenho que estudar?

– Você disse que cuidaria de mim. Me ajude no meu terreno.

– Como você pode me pedir isso, não vê como estou ocupado?

Era verdade. Com o gado no kraal até ele voltar para casa de tarde e ele tendo que os levar para pastar e tomar água antes de se juntar a nós nos campos; com a ordenha antes e depois da escola, quando a vaca tinha leite; com seus livros; com meu pai nas épocas mais agitadas, insistindo que ele nos ajudasse o dia todo, fazendo com que ele perdesse até uma semana de aula; com todas essas tarefas e pequenos trabalhos aqui e ali, ele estava muito ocupado. Abri a boca para dizer que me responsabilizaria pela ordenha e por levar o gado pastar, mas a autopreservação foi mais forte que a compaixão. Fechei a boca sem proferir as palavras. Ainda assim, eu tinha que fazer algo sobre a situação do meu irmão.

– Ele consegue se concentrar, estando tão ocupado? – perguntei ao meu pai.

– Por que não, se ele quiser?

Minha mãe estava certa. Algumas coisas não podiam ser feitas.

Nhamo riu quando lhe contei a história.

– E daí! Não ligo para o que ele diz – ele deu de ombros, me chocando com essa linguagem desrespeitosa que eu nunca tinha ouvido. – Estou na escola, não estou? Não estou nem aí para o que ele diz de mim. E qual é o seu problema? Isso nem afeta você.

– Mas você não consegue estudar.

– Quem disse? Eu é que sei. Eu vou para a escola. Você não vai a lugar nenhum.

– Mas eu quero estudar.

– Querer não ajuda em nada.

– Por que não?

Ele hesitou e encolheu os ombros.

– É assim em todo lugar. Porque você é menina – aí estava. – Foi isso que Baba disse, lembra? – eu não estava mais escutando. Minha preocupação por meu irmão tinha morrido sem alarde.

Quando chegou fevereiro meus pés de milho estavam verde-

escuros, mais altos que eu e ainda crescendo. Eu andava em meio às plantas enquanto as inspecionava como se fosse dona de uma fazenda de cem hectares. E não estava mais exausta nesses dias, porque os campos já não precisavam de muita atenção. Era uma sensação maravilhosa. Uma linda safra. Agora eu só precisava esperar pela colheita – capinar uma ou duas vezes, mas de fato, só esperar pela colheita para colher minha linda safra pequenina. Linda safra pequenina. Eu tinha que ser cuidadosa ao pensar na colheita, para não ficar desanimada. Eu tinha que tentar esquecer do fato de que não ganharia muito com minha safra.

Umas semanas depois, quando as espigas estavam no ponto perfeito para serem comidas, elas começaram a desaparecer.

– O que você esperava? – Nhamo disse. – Você realmente achou que pagaria as próprias taxas?

No domingo depois que minhas espigas começaram a ser roubadas, decidi ir à igreja. O domingo quase nunca era um dia de descanso para nós, e era ainda mais raramente um dia de adoração. Frequentemente minha mãe, sem coragem de cometer um pecado tão grotesco quanto ir trabalhar nos campos, ia cuidar de sua horta aos domingos. Ou, se havia pouco trabalho a ser feito, ela se permitia ficar em casa com a consciência limpa, cansada demais para se arrumar e andar quatro quilômetros até a igreja. Durante o ano em que fui à escola, acabei indo à igreja com mais e mais frequência, porque as crianças que não fossem à escola dominical eram castigadas com a vara na segunda-feira, ou tinham que trabalhar nos jardins dos professores. Sem o medo da vara para me incentivar, eu quase não tinha ido à igreja depois de parar de ir à escola. Mas neste domingo específico, o domingo depois de minhas espigas começarem a desaparecer, eu desejei participar das brincadeiras que fazíamos na escola dominical. Eu precisava desesperadamente das risadas, da despreocupação e das amizades. Fui até o rio, me lavei

bem e coloquei meu vestido bom, que só tinha buracos nas axilas, e só porque eu já estava grande demais para ele. Passei bastante vaselina nas pernas, nos braços, no rosto e nos cabelos. Depois me arrependi do desperdício, porque isso só faria eu ficar empoeirada ainda mais rápido. Quando cheguei na Escola Rutivi, minha antiga escola, onde aconteciam as cerimônias, as brincadeiras já tinham começado. As meninas estavam jogando pada na estrada, usando um galho para desenhar os quadrados na terra, e os meninos estavam chutando uma bola de futebol feita de plástico e folhas de jornal no campinho quase sem grama. As meninas ficaram felizes de me ver, de ter minha companhia novamente. Era como nos velhos tempos. Logo chegou minha vez.

– Nós sempre lembramos de você – disse Nyari, que tinha sido minha melhor amiga, quando eu joguei a pada. – Especialmente quando Nhamo nos traz as espigas – ela completou, suspirando. – É muito legal assá-las depois da aula. Mas seria melhor se você estivesse aqui.

O sangue ferveu debaixo da minha pele. Pulei desajeitadamente para o quadrado de número oito.

– Você perdeu – disse Chitsva. – Você não chutou a pada.

– Nhamo trouxe espigas? – perguntei sobre uma só perna no quadro oito.

– Várias vezes – Nyari confirmou.

Me contaram que eu corri do jogo de pada como um cachorro atrás de um antílope. Lembro de estar jogando pada em um momento, e no outro eu e Nhamo engalfinhados no campinho de futebol, um grupo de colegas animados nos encorajando. Disseram que eu fui diretamente até meu irmão e o derrubei com um só golpe. O elemento surpresa estava a meu favor. Eu me sentei em cima dele, bati a cabeça dele no chão, gritei e cuspi e xinguei. Nhamo se ergueu. Eu caí de cima dele. Ele me prendeu no chão, sem bater, só me segurando, aquela malícia de volta nos olhos.

– Qual é o seu problema? – ele provocou. – Você ficou louca? – o público riu.

– Por que falar? – um espectador gritou. – É só bater. É assim que elas entendem.

Eu rosnei e cuspi e gritei e xinguei ainda mais, e esperneeiei e me libertei, afastando-me para o meio da multidão, que se separou para me deixar passar. Avancei novamente, dessa vez com a intenção de matá-lo, e em vez disso acabei chutando o ar, segurada por um braço adulto.

O Sr. Matimba estava muito irritado com todos.

– Estou desapontado com vocês – ele falou, mais alto que meus gritos –, com todos vocês. Nhamo, se você brigar com sua irmã, quem vai cuidar dela? E você, Tambudzai, também deve se comportar melhor. E o resto, o resto fica aí batendo palmas como se estivessem em um jogo de futebol. Qual o problema de vocês?

– Ela começou – Nhamo disse devagar, com cautela.

– Sim – todos confirmaram. – Ela atacou. Nós vimos. Ela atacou sem nenhum motivo.

Eu gritei meus motivos com toda força que tinha.

– O que ela está dizendo? – perguntou Nyari, muito séria. – Ela quer as espigas de milho?

– Se eu vir qualquer coisa assim novamente – disse o Sr. Matimba –, vou castigar todos vocês. Uma vara vai quebrar nas pernas de cada um. Agora vão, todos vocês. Acabou a escola dominical – todos desapareceram rápido; sabia-se que o Sr. Matimba não falava em vão. – E você, menina – ele disse, sério –, o que está pensando, causando uma cena dessas?

Um líquido quente desceu pelas minhas pernas. Podia ser que eu tivesse urinado, mas era vermelho e grudento e por fora da perna, não sem cor e aguado pela parte de dentro. Eu não sentia o corte. Lágrimas de raiva ameaçavam me arruinar. Pisquei para mandá-las embora e contei ao Sr. Matimba que Nhamo tinha roubado minhas

espigas.

– Que espigas são essas? – perguntou o Sr. Matimba, paciente, mesmo que confuso. contei-lhe toda a história, como eu ia voltar a estudar no ano seguinte, como eu ia conseguir o dinheiro vendendo minha safra. O Sr. Matimba ouviu com atenção. Em algum momento durante meu discurso, que foi longo porque eu não estava sendo muito coerente e o Sr. Matimba precisava ficar me fazendo perguntas, começamos a contornar o campinho de futebol. O Sr. Matimba estava ouvindo mesmo, inclinando todo o corpo na minha direção; conversei com ele como se ele fosse só uma outra pessoa, não um adulto e professor. Senti que estava me regenerando.

– Seria melhor vendê-las enquanto estão verdes – o Sr. Matimba sugeriu quando eu terminei. – Você ganharia mais dinheiro.

– Mas todo mundo tem milho verde para comer – respondi. – Aaah! Você está dizendo que eu deveria vendê-las no terminal de ônibus?

– É uma possibilidade – respondeu Sr. Matimba –, mas eu estava pensando que você deveria vender para os Brancos. Quando as espigas estão grandes e pesadas, pagam até seis centavos por cada uma delas.

Não acreditei nele. Ninguém tinha tanto dinheiro assim, nem mesmo Babamukuru.

– Se você levasse suas espigas verdes para a cidade – continuou o Sr. Matimba –, conseguiria dinheiro para uns dois trimestres. Depois disso, teríamos que pensar em alternativas.

– Mas eu não posso ir até a cidade – argumentei. Dei de ombros. – Vou levar minhas espigas para magrosa.

– Talvez você não tenha que fazer isso – o Sr. Matimba disse, com um sorriso conspiratório. – Nas terças-feiras eu vou até a cidade na caminhonete da escola, para negócios relativos à escola. Se você vier até minha casa na terça-feira às onze horas, posso levar você e veremos o que fazer. Mas peça permissão ao seu pai.

Meu pai disse que o Sr. Matimba estava agindo irresponsavelmente e se metendo em coisas que não lhe diziam respeito.

– Ele pensa que é seu pai? – ele perguntou. – Ele pensa que só porque já mastigou mais letras do que eu, pode tomar conta dos meus filhos. E você, você acha que ele é melhor que eu. Ele quer alguém para cuidar da horta dele, é isso que ele quer. Proíbo que você vá.

– Mas eu tenho que vender meu milho – insisti.

– E esse tempo todo você estava planejando vendê-lo na cidade, ahn? É isso? – meu pai perguntou, sarcástico e cruel. – Ma’Shingayi – ele falou para minha mãe –, diga para sua filha que ela não pode ir até a cidade com aquele homem.

– E por que eu diria algo do tipo? – minha mãe perguntou. – A menina precisa ter a chance de fazer algo sozinha, falhar sozinha. Você acha que eu nunca disse a ela que esses esforços são vãos? Você sabe a filha que tem. Ela é obstinada e teimosa. Ela não vai me escutar. Estou cansada de falar coisas para as quais ela não dá atenção – reclamou. – Ela deve aprender essas coisas sozinha. Se você proibir que ela vá, ela vai crer para sempre que você a impediu de tentar – ela continuou, recuperando o fio da meada. – Ela nunca vai esquecer, e nunca vai perdoar você.

Palavras como “sempre” e “nunca” tinham muito peso para meu pai, que pensava de forma absoluta e cuja mente, conseqüentemente, chegava a conclusões que apontavam para direções antagônicas, quando concluía qualquer coisa.

– Então deixe que ela vá – ele disse.

E foi assim que cumpri meu compromisso com o Sr. Matimba na terça-feira. Sentei-me ao lado dele na caminhonete da escola. Com minha cesta de espigas no colo, coberta cuidadosamente com papel pardo. As outras crianças, que já tinham saído da aula, me olhavam, com inveja tão clara no rosto que me senti vitoriosa mesmo sem ter

vendido nenhuma espiga.

– Tchau tchau – acenei enquanto nos afastávamos. – Ano que vem não vou poder ir até a cidade porque estarei com vocês na sala de aula! – o Sr. Matimba riu de mim com mais gentileza do que adultos normalmente conseguem. Eu ri também, porque o riso dele era contagiante e porque eu estava animada com a viagem e com ele e satisfeita comigo.

Eu nunca tinha estado em um automóvel antes. Fui inundada por novas sensações: o assento de plástico macio que me fazia suar, grudando meu vestido nas minhas nádegas; os buracos na estrada que eram piores do que quando a carroça do pai de Nyari passava por cima deles. Perguntei ao Sr. Matimba sobre isso:

– Por que as estradas para carros são tão esburacadas? As estradas para carroças não são tão ruins.

– As estradas são igualmente esburacadas – ele explicou. – Mas o carro se move mais rápido do que uma carroça, então sentimos mais os buracos quando estamos em um carro.

Então os buracos eram os mesmos! Será?

Fiquei preocupada quando chegamos ao rio.

– Como o carro vai nadar?

– As rodas vão se mover no fundo do rio – o Sr. Matimba explicou, simpático. – É exatamente como quando você anda por uma parte não muito funda do rio – fiquei intrigada com todas essas novas informações.

A estrada de asfalto com faixas brancas no meio foi outra coisa espantosa que precisou ser explicada.

– Por que você fica só de um lado se tem uma estrada inteira? – perguntei ao Sr. Matimba. Um caminhão de leite veio na nossa direção e passou por nós do outro lado. – Entendi, entendi – sem esperar a resposta. – Carros que estão indo para a cidade usam esse lado. Carros que estão vindo da cidade usam o outro lado. É para eles não baterem uns nos outros! – o Sr. Matimba me elogiou. Disse que

eu era esperta. Eu também achava que era, mas não disse nada.

– Umtali fica do outro lado dessas montanhas – o Sr. Matimba explicou quando nos aproximamos do cruzamento da Rodovia Inyanga com a Estrada Umtali. – Essas montanhas são algumas das mais altas em todo o território da Rodésia. Todas as montanhas altas estão aqui no leste do país. São essas coisas que você vai aprender quando for para a escola.

A estrada começou a subir pela lateral da montanha. A caminhonete vacilou e mudou de voz e se moveu mais lentamente.

– Os brancos devem ser muito fortes para construir uma estrada tão larga e tão alta – observei.

O Sr. Matimba não concordava.

– Fomos nós que construímos – ele me disse. – Foi um trabalho horrível. Fizemos muitos trabalhos horríveis. Agora estamos chegando no topo do Christmas Pass – ele informou, mudando de assunto. – Olhe para baixo quando chegarmos do outro lado e você vai ver algo que vale a pena ser visto.

Olhei e vi, organizada debaixo de nós, uma cidade muito pequena com fileiras de casinhas que ficavam cada vez menores conforme se estendiam para o noroeste.

– Essa é Umtali – o Sr. Matimba disse –, a terceira maior cidade da Rodésia. Só Salisbury, que é a capital, e Bulawayo, são maiores que Umtali. Essas são outras coisas que você vai aprender. Um dia posso trazer você aqui à noite. É muito bonito, porque as luzes da cidade parecem centenas de estrelas abaixo de nós, em vez de acima.

Estrelas abaixo em vez de acima! Queria ver isso agora mesmo. Orei por um milagre, para o sol se pôr.

Passamos pelo Christmas Pass. Havia muitos outros carros agora, de formatos, tamanhos e cores diferentes, alguns na nossa frente, alguns atrás, e alguns ao lado. Alguns estavam indo na direção da cidade como nós, outros estavam fazendo o caminho de volta. De repente, a estrada se dividiu, indo em todas as direções, e os carros

iam e vinham de todas as direções também. Fiquei com muito medo que um deles se movesse na direção errada e batesse em nosso carro, mas o Sr. Matimba estava bem calmo. Como ele era inteligente, fazendo o carro ir para onde ele queria, quando havia tantos outros caminhos confusos que ele poderia fazer.

– Nós vamos até um lugar onde há várias lojas grandes e para um lugar onde os brancos estacionam seus carros – ele me disse enquanto nos movíamos lentamente pela estrada. – Vou ficar com você por um tempo para mostrar o que fazer, depois sair um pouco para cumprir meus afazeres – eu teria ficado com medo de ser deixada sozinha, se tivesse pensado no assunto.

Dirigimos pela rua larga, curiosamente guardada por luzes em cima de um poste. Quando a primeira luz estava acesa, todos os carros paravam. Quando a luz de baixo acendia, todos se moviam de novo! Perguntei como as luzes sabiam quando acender e apagar.

– Elas são controladas por uma máquina – o Sr. Matimba respondeu, menos específico do que tinha sido ao responder minhas perguntas até agora. – Você vai aprender sobre isso no Fundamental Um, quando ler sobre Ben e Betty em Cidade e Campo.

Ficou claro para mim que eu não tinha escolha além de vender minhas espigas de milho e voltar para a escola.

O Sr. Matimba parou a caminhonete na esquina, depois das luzes. Saímos e andamos até o lado de uma loja grande, quase toda feita de vidro.

– Fique bem encostada na parede, para não atrapalhar o caminho de ninguém – o Sr. Matimba instruiu. – Agora – ele disse –, tente fazer suas espigas parecerem apetitosas. Tire o papel pardo.

Fiz o que ele disse e tive a ideia de pegar meia dúzia de espigas e arrumá-las ao redor da cesta, colocando-as de pé, encostadas na borda.

– Com licença, Madame – o Sr. Matimba disse em inglês, na voz mais doce e insegura que eu já tinha o visto usar, falando com

uma senhora velha e branca que estava passando de braços dados com o marido. – Com licença, Madame, estamos vendendo espigas verdes, muito macias, muito frescas e muito doces.

Com um grande sorriso, segurei duas espigas, sentindo meu estômago se enrolar em uma bola apertada e nervosa. Eu não gostava da aparência deles, da pele caindo como papel pendurado nos ossos, das manchas que aparentavam doença nas mãos, e do odor bolorento, poeirento, adocicado que pairava ao redor da mulher, como uma névoa. Esforçando-me para não fazer cara feia, porque essas eram as pessoas que tinham o dinheiro que eu precisava para voltar a estudar, sorri ainda mais, mostrando todos os meus dentes, e disse:

– Milho bonito, milho bom. Bonito, bom – repeti, porque não sabia outros adjetivos em inglês para descrever meus produtos.

A mulher velha me olhou, balançando a cabeça.

– Tsc, tsc, tsc – ela fez com a boca.

– Venha, Doris – o homem disse, puxando-a pelo cotovelo. – Nós não precisamos de milho.

– Absurdo, simplesmente absurdo – protestou Doris. – Eu estaria sendo absurda se passasse e não dissesse nada, George! Ei, rapaz, sim, você! – ela disse, falando mais alto para chamar a atenção do Sr. Matimba. – Ela é sua filha? – sem esperar a resposta, ela disse o que achava. – Trabalho infantil. Escravidão! É isso que você está fazendo. E tenho certeza que você não precisa fazer a pequena trabalhar. Você até que está elegante, mas olhe a pequena, só trapos e lágrimas.

O marido de Doris fez uma expressão triste na direção do Sr. Matimba, apologeticamente, envergonhado, irritado.

– Venha, Doris, isso não lhe diz respeito.

Essa parecia ser a opinião dos outros Brancos que estavam na rua. Eles atravessavam a rua antes de chegar até nós. Alguns passavam perto, mas acho que eles não falavam inglês; na verdade,

ninguém disse nada, exceto um jovem musculoso.

– Qual o problema, senhora? O preto está sendo insolente?

Um grupo de negros se juntou por ali.

– Qual é o problema dos velhos? – perguntou um rapaz de óculos escuros e com um chapéu de tweed cobrindo um dos olhos. Ele perfurou o jovem musculoso com um olhar vigilante. Precisei dizer para ele que não sabia, porque não falava inglês. Mas assegurei que aprenderia a falar inglês quando voltasse a estudar.

Doris não ficava quieta.

– A menina devia estar na escola, aprendendo a tabuada e sem criar problemas – ela protestou. – E não me diga que não há escolas, rapaz, porque eu sei que o Governo está fazendo muito pelos nativos no que diz respeito à educação.

– Eles são kaffirs – intrometeu-se o jovem. – Eles não querem aprender nada. Parece demais com trabalho pesado.

– Explique-se agora, vamos – Doris intimou o Sr. Matimba.

O Sr. Matimba deu mesmo seu lado da história. Falou com uma voz muito triste e suplicante. Doris mudou de cor como um camaleão. Dinheiro, dinheiro em papel, passou das mãos de Doris para as do Sr. Matimba. O jovem musculoso ficou horrorizado.

– Isso dá para mais de dois engradados de shumba. Desperdiçados com um kaffir! – Doris permitiu que o marido a levasse embora. Eu ofereci minha cesta, repetindo meu *slogan*, para que ela escolhesse as maiores espigas. Ela deu tapinhas na minha cabeça e me chamou de piccanin destemida.

Parte do público assistindo comemorou, dizendo que ela era mais humana do que os de sua espécie. Outros murmuraram que brancos podiam ser, na verdade deviam ser, generosos.

– O que é bom não se dá – advertiu o homem de chapéu. – O que ela vai fazer quando o dinheiro acabar. Procurar outra velha Branca? – ele cuspiu no asfalto. Eu não entendi por que ele estava tão bravo, mas o Sr. Matimba estava sorrindo como se conspirassem,

então eu sabia que tudo estava bem.

– Não há razão para ficar – ele disse. – Pegue o milho e vamos embora.

Fiz o que ele disse, mas estava preocupada, pois não tinha vendido nenhuma espiga. Na caminhonete o Sr. Matimba explicou o que acontecera, como Doris o tinha acusado de me fazer trabalhar em vez de me mandar para a escola, e como ele tinha dito que eu era órfã, que tinha sido acolhida pelo irmão do meu pai, mas, como era a décima terceira criança da casa, não tinha sido mandada para a escola porque não tinha dinheiro para as taxas. Ele tinha dito que eu era muito esperta, muito trabalhadora, e estava vendendo as espigas para pagar as taxas da escola, com ajuda dele. Ele me disse que Doris o elogiara por tentar me ajudar, e que ela tinha doado dez libras para ajudar nas taxas. Ele me mostrou o dinheiro, a nota novinha. Dez libras. Nós nem falávamos nessa quantidade de dinheiro em casa. E agora eu a tinha nas mãos! O dinheiro, o dinheiro, sem nem pensar no método.

– É muito dinheiro – o Sr. Matimba concordou. – O que você vai fazer com ele?

– Vou levá-lo para casa e guardá-lo, e depois vou usá-lo para pagar as taxas da escola, no próximo ano e depois e depois e depois.

O Sr. Matimba ficou duvidoso.

– É difícil guardar dinheiro, principalmente quando não se tem muito. É melhor pensarmos em algo. Acho que você deveria dar o dinheiro para o diretor. Ele vai dar um recibo, que eu posso guardar para você, e daí a partir do início do próximo trimestre ele vai deduzir as taxas dessa quantia, até ela acabar.

Foi isso que aconteceu. Meus pais não acreditaram quando ficaram sabendo da quantidade de dinheiro que eu havia deixado com o diretor. Nem meu irmão. Ele achava que eu estava inventando. “Mentiras não vão mandar você para a escola”, ele provocou.

Meu pai foi mais ativo em sua desaprovação, mesmo que, é

claro, eu não entendesse o que ele desaprovava. Ele foi ver o diretor, que confirmou minha história.

– Então você roubou meu dinheiro – meu pai disse ao diretor.
– O dinheiro pertence a mim. Tambudzai é minha filha, não é? Então o dinheiro não é meu? – era um problema difícil para o diretor, que era um homem honesto. Eventualmente, ele mostrou o recibo para meu pai.

– Não roubei seu dinheiro – ele disse. – Veja, o nome da sua filha está no recibo. O dinheiro é dela, não meu. A escola só está guardando para ela.

A discussão ficou tão acalorada que o Sr. Matimba foi chamado, para dar provas e também para ser acusado.

– Ele é o verdadeiro ladrão – disse meu pai. – Foi ele que influenciou minha filha a dar o dinheiro para você.

– Você está esquecendo – o Sr. Matimba lembrou – que aquela mulher branca deu o dinheiro para mim, e que o dinheiro me foi dado para pagar as taxas escolares da sua filha. Se você não compreende isso, é uma questão para o Sabhuku resolver.

Meu pai ficou intimidado, mas não se acalmou.

– Estamos brigando por apenas dez libras – o Sr. Matimba continuou. – Que bem vão lhe fazer além de molhar sua garganta com alguns copos de maseke? Mas um dia, quando Tambudzai tiver tido sucesso em seus estudos, ela vai ganhar mais de dez libras por mês.

– Você já ouviu falar de alguma mulher que fica na casa do pai?
– meu pai rugiu. – Ela vai conhecer algum cara e eu vou ter perdido tudo.

Mas o recibo permaneceu com o diretor. E naquele ano tivemos muitas espigas para ferver e assar e comer quando quiséssemos.

Voltei a estudar no ano seguinte, mas tive que refazer o Inicial A. Fui a primeira da turma naquele ano e todos disseram que foi porque eu estava repetindo, o que talvez fosse verdade. Fui a

primeira da classe no ano seguinte também, no Inicial B. Dessa vez, todos disseram que foi porque eu era mais velha. Meu irmão fez muita questão de apontar este fato, porque naquele ano, quando ele estava no Fundamental Três, ele conseguiu ficar apenas em quarto lugar. Apesar de ele fingir indiferença, eu sabia que ele estava chateado, então fiz questão de lembrá-lo de que o quarto lugar era uma posição muito boa também.

Babamukuru e sua família voltaram da Inglaterra quando eu estava no Inicial B, o ano em que meu irmão ficou em quarto lugar no Fundamental Três. Meu pai era sempre muito bajulador quando Babamukuru estava presente. Ainda assim, o espetáculo que ele montou no retorno do meu tio foi magnífico, qualquer um concordaria. Ele conseguiu dinheiro, imagino que como pedinte, já que meu pai tinha desenvolvido uma aptidão para isso, pois era algo que precisava fazer com frequência. Ele já estava muito bom quando meu tio voltou.

– Vakomana, vakomana – ele provavelmente disse, segurando a cabeça, possivelmente batendo na testa com as palmas das mãos. – Você já viu algo parecido com isso que está acontecendo em casa? Eu nunca teria acreditado que seria possível. Que Mukoma fosse realmente fazer as malas e ir embora da missão para o exterior, ficar lá por cinco anos e voltar com um diploma, com um diploma, e encontrar nada, nem mesmo um bode, em seu retorno! Tsss! Nunca pensei que algo assim pudesse acontecer! Me envergonha de verdade, me envergonha. Olhe, veja como é a casa. Nós impressionamos as pessoas daqui. Quem construiu a primeira casa de tijolos vermelhos nessa área? Quem tem um telhado de zinco tão brilhante que pode ser visto reluzindo desde a estrada principal? Mukoma! Vou falar, foi Mukoma, Mukoma fez isso por nós. Nós impressionamos as pessoas por causa do Mukoma. E não podemos nem matar um bode para ele. Veja, hama dzangu, como a pobreza é

degradante. Nos impede até mesmo de receber nosso próprio sangue. Ooof! – ele deve ter suspirado. – Não temos como celebrar e Mukoma vai chegar e encontrar um aeroporto vazio, não tenho dinheiro nem para a passagem de ônibus para Salisbury – haveria uma pausa então. – Hama dzangu, você não pode me ajudar? Eu posso esquecer do bode, mas cinco bob, só *cinco* bob para o ônibus? Mukoma pode devolver o dinheiro quando voltar.

Meu pai é o tipo de pessoa para quem se decide não emprestar dinheiro depois de já ter emprestado. Consigo imaginar a procura dentro de velhos colchões, a abertura furtiva de pequenos buracos e paredes de lama à luz do luar, o desenterrar de latas de café ao amanhecer que seu discurso havia causado. Independentemente de como aconteceu, no final, o dinheiro estava lá. Babamukuru seria recebido no aeroporto.

Meu irmão acompanharia meu pai na viagem e exagerou a ansiedade causada pelo evento para me provocar, fazendo perguntas retóricas muito bobas quando eu estava presente. O barulho do avião era tão alto que seria ensurdecedor? Era como o rugir de um leão, ou parecia mais com o voo de uma abelha gigante? Como um avião batia as asas quando estava perto do chão? Obviamente, eu não respondia.

Eles pegariam o trem noturno de Umtali até Salisbury, viajando, desconfortáveis, na quinta classe. Apesar de ser o mais prático, pois eles não tinham onde ficar em Salisbury, este itinerário adicionava um dia inteiro à viagem. O problema era chegar à estação a tempo para a partida do trem, que saía entre as oito e nove da noite. Isso devia ser fácil, mas os ônibus para a cidade passavam pela aldeia em horários irregulares e seguiam itinerários que não eram confiáveis. Por isso, as viagens tinham que ser planejadas de acordo com o dia, não com o horário. Por essas razões, meu pai e Nhamo decidiram ir até Umtali no primeiro ônibus da manhã, que deveria chegar, mas quase nunca chegava, no nosso terminal de ônibus às seis e meia todas as manhãs. Nas vezes em que ele passava por ali,

chegava aleatoriamente uma hora antes ou depois do horário certo, e provavelmente já completamente lotado: dava para ver porque o interior parecia preto mesmo a uma distância de, digamos, vinte metros. Assim, a logística da viagem precisava ser planejada com cuidado. Houve um debate longo e inconclusivo sobre se eles deveriam passar a noite em casa, o que significaria acordar muito cedo de manhã, ou dormir na propriedade da minha tia, já que ela morava mais perto do terminal de ônibus do que nós. Baba e Nhamo preferiam, é claro, a segunda opção, mas minha mãe argumentou irracionalmente que mesmo que minha tia os alimentasse bem enquanto estivessem na propriedade, eles não podiam esperar que ela proporcionasse suprimentos para a viagem como minha mãe faria. Eles não poderiam culpá-la, minha mãe disse, se dormissem na propriedade da minha tia e acabassem morrendo de fome no trem. Eles entenderam o recado. Meu pai e Nhamo decidiram que passariam a noite na minha tia antes de viajarem, e que eu levaria os suprimentos preparados pela minha mãe de manhã. Eles concordaram que eu levaria os suprimentos até o terminal de ônibus, não até minha tia, para caso eu fosse muito lenta indo até lá e chegasse na minha tia depois de eles já terem saído.

Minha mãe tinha calculado mal. Ela tinha esperado que ao desencorajá-los de passar uma noite a mais fora de casa, ela estaria assegurando que eles fariam exatamente isso, e assim se livraria dos dois por um tempo a mais. Isso ela tinha conseguido, mas também acabara com a tarefa trabalhosa e impraticável de encontrar os suprimentos. Eles queriam pão de milho, porque o pão branco das lojas não ficava tempo suficiente no estômago, e o sadza adormecido ficava tempo demais, e batata doce e frango. Minha mãe ficou ofendida.

– Mas esses homens não pensam – ela reclamou. – Eles sabem muito bem que não plantamos milho, então de onde eu vou tirar o fubá? E batatas doces, que eu terminei de semear ontem mesmo,

porque as plantei sozinha! E quanto ao frango, se é isso que eles querem, o que vão cozinhar para Babamukuru quando ele chegar?

A crise se resolveu como sempre se resolvia. Eu peguei fubá com minha tia, tendo pedido antes aos vizinhos, que não tinham, mas me deram amendoins quando expliquei a eles para que precisávamos do fubá. As batatas doces não amadureceram a tempo, mas um dia antes da viagem recebemos uma mensagem por telefone através dos prédios do Conselho, dizendo que Babamukuru tinha enviado dinheiro para um bode. Assim, Baba e Nhamo puderam levar e comer o frango que desejavam.

Era uma jornada muito complicada, essa que meu pai e Nhamo iriam empreender. Complicada, por isso empolgante. Eu queria fazer parte dela. Eu também queria tentar conciliar os itinerários. Também queria comer pão de milho fresco, amendoins torrados e frango cozido com sal no trem a meia-noite. Acima de tudo, queria ficar ensurdecida pelo rugido e pelo zumbido (era um rugido ou um zumbido?) dos aviões. Meu desejo de acompanhá-los deve ter ficado aparente, provavelmente na minha cara, enquanto os escutava fazendo planos e os desfazendo e os refazendo, porque meu pai me chamou de lado e implorou que eu controlasse minhas inclinações anormais: era natural que eu ficasse em casa e preparasse a festa para o regresso.

As ideias do meu pai sobre o que era natural tinham começado a me irritar há muito tempo, na época em que tive que parar de ir à escola. Eu tentava evitar que ele as explicasse, permanecendo em um silêncio rabugento, o que, de acordo com meu pai, também era anormal: “Agora que a boca se fechou, o coração está arrogante”. Ele ameaçava me bater, mas, preferindo a preguiça, nunca tentava me pegar quando eu saía correndo.

Eu tinha sorte de meu pai ser tão obviamente impossível, ou talvez eu tivesse ficado confusa. Naquelas circunstâncias, a situação era clara: não havia como agradar meu pai, e não havia razão para

desejar fazê-lo. Aliviada, eu decidi agradar a mim mesma, o que o afetava ainda mais. Ele não gostava de me ver absorta demais em atividades intelectuais. Ficou muito incomodado depois de me encontrar algumas vezes lendo a folha de jornal na qual o pão vinha de magrosa enquanto esperava que o sadza engrossasse. Ele pensava que eu estava imitando meu irmão, que as coisas que eu lia encheriam minha mente com ideias impraticáveis, tornando-me inútil para as incumbências reais de viver como mulher. Foi uma época difícil para ele, porque o Sr. Matimba tinha lhe mostrado que, considerando o dinheiro, usá-lo para minha educação era um investimento; mas, considerando o gado, meu conformismo também era. Frustrado, ele recorria a absolutos. Ignorando o retorno iminente de Babamukuru, ele ameaçou me tirar da escola novamente. Foi uma ameaça impensada: como ele faria isso? Sem o poder para tanto, ele me deixou quieta. Nós coexistíamos em uma indiferença pacífica.

Três

Babamukuru voltou para casa em uma cavalgada de automóveis, avistada da estrada principal, a seis quilômetros de distância, por três pares de olhos contentes. Eu, Netsai e a pequena Shupikai, filha de uma das parentes que estava ali para celebrar o retorno de Babamukuru, assistimos ao progresso da cavalgada, angustiantemente lento, desaparecendo atrás de algumas árvores e reaparecendo horas depois, era o que parecia, tendo avançado não mais que alguns metros. A vigília durou vinte minutos. Assistimos de uma pedra na colina atrás da nossa propriedade até os carros desaparecerem pela última vez, entrando na estrada de casa. Nesse momento, enlouquecemos. Deslizamos da pedra, raspando as pernas e os cotovelos, corremos em meio a arbustos, alheias aos arranhões em nossas pernas, para o meio da estrada e seguimos. “Ba-ba-mu-ku-ru! Ba-ba-mu-ku-ru!”, cantávamos, correndo e pulando e acenando nossos braços magros todos ao mesmo tempo, as saias rodando, nossos traseiros aparecendo quando saltávamos. Shupikai, que ficara uns metros para trás, começou a chorar, ainda andando desajeitadamente e cantando em meio aos soluços, porque a deixamos para trás e porque ela estava animada. Essa crise era inconveniente. Considerei ignorá-la, mas não era algo que eu pudesse fazer. Correndo de volta, agarrei-a e continuei a recepção descontrolada com ela encaixada em meu quadril.

Minha tia Gladys, a irmã de útero de meu pai, mais velha que ele, mas mais nova que Babamukuru, chegou primeiro, o marido atrás do volante de um antigo Austin, elegante, apesar de instável. Eles buzinaaram alta e longamente. Nós acenamos e gritamos e dançamos. Então, chegou Babamukuru, seu carro grande e impressionante, todo metal brilhante e verde escuro polido. Era demais para mim. Eu queria ter subido no capô, mas, com Shupi em

meus braços, tive que me contentar com uma música: “Mauya, mauya. Mauya, mauya. Mauya, Babamukuru!”. Netsai continuou a melodia. Com nossas cordas vocais vibrando em um arco amplo, fizemos uma algazarra inacreditável. Cantando e dançando, acompanhamos Babamukuru até a propriedade, quase nem dando atenção a Babamunini Thomas, que vinha atrás, e nem percebendo Mainini Patience, que estava com ele.

Lentamente, a cavalcada progrediu até entrar no quintal, que a essa altura já estava cheio de parentes muito alegres. Meu pai saiu do carro de Babamukuru e, brandindo um bastão como se fosse a lança da vitória, jogou-se por sobre a estrada esburacada, saltando no ar e aterrissando em um joelho, levantando-se e saltando de novo e posando como um guerreiro infligindo o golpe mortal.

– Hezvo! – ele gritou. – Vocês estão vendo? Nosso príncipe regressado. Vocês o veem? Observem-no. Ele voltou. Nosso pai e benfeitor retornou mais calmo, tendo devorado as letras inglesas com um apetite voraz! Vocês achavam que diplomas não podiam ser digeridos? Se era isso que pensavam, olhem para meu irmão. Ele os digeriu! Se vocês quiserem ver um homem educado, olhem para meu irmão, um irmão mais velho para todos nós! – a lança para cima e para baixo, empunhada para a direita, para a esquerda. Tudo estava conquistado.

Os carros pararam ao lado da mangueira. Tete Gladys desembarcou com dificuldade, com tentativas frustradas e respiração pesada; ela era tão grande que era difícil entender como ela tinha conseguido entrar no carro, para início de conversa. Mas o tamanho dela não era vão. Tinha uma presença poderosa que tornava qualquer situação, até suas tentativas de sair de um carro, importante e séria. Nós não rimos, nem pensamos nisso. Finalmente de pé, Tete endireitou-se, firmou-se, os pés bem afastados, na terra. Os punhos fechados junto aos quadris, os cotovelos protuberantes, ela desafiou qualquer um a contradizer o discurso feito por meu pai.

– Vocês estão ouvindo – perguntou, – o que Jeremiah está dizendo? Se não ouvirem, ouçam bem. É a verdade o que ele está dizendo! De fato, nosso príncipe hoje retornou! Cheio de conhecimento. Conhecimento que nos beneficiará a todos! Purururu! – ela ululou, movendo-se em pequenos e elegantes pulinhos para abraçar minha mãe. “Purururu!”, elas ulularam. “Ele voltou! Nosso príncipe voltou!”.

Babamukuru saiu do carro, parou atrás da porta aberta, tirou o chapéu e sorriu educadamente, alegremente, na nossa direção. Era verdade, meu Babamukuru estava de volta. Eu o vi por um momento. No minuto seguinte, ele foi afogado em um mar de corpos que pertenciam a tios, tias e sobrinhos; avós, avôs e sobrinhas; irmãos e irmãs de útero e não de útero. O clã estava reunido para dar boas-vindas a seu herói retornado. As mãos dele foram apertadas, a cabeça massageada, as pernas abraçadas. Eu também estava lá, querendo encostar em Babamukuru, conversar, dizer a ele que estava feliz por seu retorno. Babamukuru expandiu seu tamanho médio o máximo possível, alargando os braços e abaixando-se para que todos pudessem ser abraçados, pudessem abraçá-lo. Ele estava feliz. Estava sorrindo. “Sim, sim”, ele dizia. “É bom, é bom”. Nós nos movemos, dançando e ululando e levantando uma tempestade de poeira com nossos passos pesados, até em casa.

Babamukuru entrou, seguido de um séquito de avôs, tios e irmãos. Várias tias do lado paterno, que podiam estar junto devido a seu status patriarcal e que não eram tímidas demais para fazê-lo, juntaram-se aos homens. Atrás deles dançavam as mulheres de status mais baixo. Maiguru entrou por último e sozinha, exceto pelos dois filhos, sorrindo, silenciosa e discreta. Usando sapatilhas marrons e um vestido de poliéster plissado muito parecido com o que Babamukuru tinha dado para minha mãe no Natal antes de ir embora, não parecia que ela tinha ido para a Inglaterra. Minha prima Nyasha, linda e inteligente Nyasha, por outro lado, obviamente tinha.

Não havia outra explicação para o vestido minúsculo que ela estava usando, quase sem tecido suficiente para cobrir as coxas. Mas ela estava constrangida, constantemente com as mãos para trás, puxando o vestido para que não mostrasse suas nádegas, e observando a todos por trás de olhos vigilantes e oblíquos, tentando adivinhar o que estavam pensando. Quando me percebeu a examinando, ela deu um sorrisinho e encolheu os ombros. “Eu não deveria ter usado isso”, os olhos pareciam dizer. Infelizmente, era o que ela estava usando. Eu não podia desculpar sua falta de decoro. Não lhe daria minha aprovação. Afastei-me.

Lembro de enxergar problemas no meu primo Chido e em Nyasha naquele dia, mas não consigo pensar em que problemas vi em Chido, que estava vestido discretamente, ainda que elegantemente, com bermudas e sapatos e meias. Acho que não tinha nada a ver com ele como pessoa, mas com o fato de ele ser irmão da Nyasha. Quanto ao meu irmão, fiquei completamente enojada com ele. Nhamo puxava ao meu pai e conseguia ser efusivo com qualquer coisa que precisasse, até com várias coisas ao mesmo tempo, se fosse necessário. Assim, não me surpreendeu quando ele, de repente, parou de saltitar pelo domínio de Babamukuru, para reivindicar sua presença entre nossos primos limpos e bem-cuidados. Ele tinha muitas coisas a lhes dizer, mas eu tinha certeza que o inglês dele tinha problemas. Foi provavelmente por isso que ele não teve muito sucesso nas tentativas de puxar conversa com eles. A menina, ainda que não o ignorasse completamente, não respondia suas perguntas, lançando olhares curiosos para a reunião de tempos em tempos, e vigiando meu irmão também. Chido tentava sorrir, mas o sorriso não era o bastante para afastar a apreensão de seus olhos. Ele era incapaz de qualquer comunicação mais expressiva do que um ocasional aceno da cabeça. Toda vez que Chido sorria para ele, Nhamo sorria para mim, conseguindo, como era a intenção, me irritar profundamente.

Sim, eu estava muito irritada naquela ocasião, a ocasião do retorno do meu tio, que deveria ter sido para mim, como foi para todos, uma ocasião sublime. Mas foi arruinada para mim porque eu não conseguia deixar de pensar que se eu tivesse sido permitida, se tivesse tido a oportunidade de receber Babamukuru no aeroporto, eu estaria lá também, com Nhamo e meus primos, alegre, reestabelecendo a relação que tinha sido cortada quando eles foram embora. Não poder ir ao aeroporto, não poder me reconectar com meus primos, esses eventos fundiram-se disformes em minha mente, transformando-se na compreensão incipiente daqueles fardos que minha mãe havia mencionado. Antes eu havia acreditado, com confiança infantil, que os fardos só eram fardos se você escolhesse os carregar; agora eu começava a ver que os eventos decepcionantes ocorridos com o retorno de Babamukuru eram consequências reais das mesmas leis que tinham quase causado o fim abrupto e previsível da minha carreira escolar. Era assustador. Eu não queria que minha vida fosse ditada por relativismos tão indecentes. Decidi que faria de tudo para não deixar que isso acontecesse. Franzindo os lábios para Nhamo e meus primos, dei as costas, caminhando confiante, incisiva, para fora de casa, até a cozinha; lá, joguei lenha na fogueira com tanta força que a panela de três pernas que normalmente continha sadza, mas hoje estava cheia de carne, derramou metade do líquido, que caiu nas brasas.

Um pedaço de carne caiu também. Eu o puxei para fora das brasas e o comi, e me senti enjoada porque estava pensando em Nhamo e meus primos, e estava brava com Nhamo por me excluir de seu círculo, mesmo que eu não gostasse de nenhum deles. Considerei a situação. Eu gostava dos meus primos antes de eles irem para a Inglaterra? Com certeza, sim; eu os amava. Quando eles visitavam a propriedade, nós fazíamos jogos longos e empolgantes. Por que eu não gostava mais deles? Eu não tinha certeza. Eu gostava de alguém? E de Babamukuru? Essa mudança tinha a ver comigo, ou com eles?

Esses pensamentos que eu estava provocando eram perigosos e complexos, não do tipo que você pode remoer com segurança, mas do tipo que se torna maligno e autônomo se você permitir. Se eu continuasse por esse caminho, eu logo estaria querendo bater em Nhamo porque os sorrisinhos dele tinham feito a situação chegar a esse ponto. Mas não seria possível eu satisfazer minha frustração dessa maneira. Nhamo e eu tínhamos parado de nos bater há muito tempo, na época em que eu voltei para a escola, mais por nós termos nos desenvolvido de formas tão opostas que não tínhamos mais interesses comuns pelos quais brigar, do que por respeito e afeto mútuo. Além disso, eu conseguia aceitar, relutantemente, que bater em Nhamo não ajudaria; minha infelicidade tinha a ver com mais do que o jeito irritante do meu irmão. Sentindo que não era aconselhável pensar muito nessas coisas, pois acabaria correndo o perigo de colocar a mim mesma contra a parede, e ser, então, obrigada a lidar com questões desconfortáveis, me ocupei com as lidas domésticas.

O trabalho era agradável quando não precisava ser feito. Hoje, por causa do retorno de Babamukuru, havia tantas jovens tias e primas e sobrinhas presentes que eu podia cozinhar ou não, a escolha era minha. Consequentemente, esforcei-me muito fazendo o cozido, deixando a carne fritar na própria gordura até ficar deliciosamente marrom, adicionando bastante tomate e cebola, para fazer um molho encorpado. O cheiro estava ótimo. Fiquei contente com meu trabalho, mas tinha demorado só meia hora. Para matar mais tempo, fiz linguças com as tripas e os intestinos do bode do Babamukuru. Quando terminei, preparei os vegetais.

As mulheres ficaram satisfeitas comigo quando vieram preparar o jantar. “Você é muito trabalhadora”, elas disseram. “Só falta preparar o sadza.” Os elogios fizeram eu me sentir melhor. Me sentir bem. Minha confiança voltou; Nyasha não teria, com certeza, conseguido preparar um cozido tão gostoso, e certamente não em

uma fogueira. Esse pensamento fez eu me sentir tão superior, tão saudável e natural, como pão de milho feito em casa em vez dos pães insípidos vendidos nas lojas, que ajudei a fazer o sadza também. Fizemos isso lá fora, em grandes panelas, usando varas tão grossas quanto meus braços para mexer. Conversando com as tias e primas enquanto esperávamos o sadza engrossar, colocando mais farinha quando necessário, parei de me sentir excluída e, já que não precisava mais disso, parei também de me sentir superior. A exclusão representava horrores tenebrosos para mim naquela época, porque sugeria que eu era supérflua. A exclusão sussurrava que minha existência não era necessária, fazendo de mim não mais do que o resultado infeliz de algum processo natural inevitável. Ou talvez ela insinuasse que o processo tinha dado errado e produzido a mim em vez de outro Nhamo, outro Chido, outro futuro Babamukuru. Eu vivia me sentindo supérflua naqueles dias, mas lá, no companheirismo da cozinha, era confortável ocupar o canto que o mesmo processo natural tinha reservado para mim. Era confortável me ver sólida, útil.

Cozinhamos duas panelas de vinte litros de sadza gostoso e macio, com mutwiwa triturada bem fina e coada, mas não havia arroz, e isso era um problema sério. Nesse tipo de ocasião, deveria haver arroz. Mas como Babamukuru não tinha estado lá para arranjá-lo, não havia. Maiguru tinha pensado e trouxe alguns pacotes consigo, mas alguns pacotes não eram o bastante para alimentar toda aquela gente, então minha mãe estava fazendo o arroz de Maiguru no fogão à lenha de Maiguru atrás de casa, para assegurar que ele seria reservado para as pessoas certas. Quando ele estava pronto, ela veio nos ajudar a servir – montanhas de sadza fervente em alguns pratos, grandes nacos de carne encharcados de molho em outros, vegetais em um terceiro. Estes nós carregamos até a casa, onde minha mãe já tinha servido o arroz.

Eu tinha uma tarefa especial: carregar a bacia com água para as

peessoas lavarem as mãos. Eu não gostava de fazer isso porque você tinha que ter muita certeza do status de cada um dos presentes, ou poderia facilmente cometer erros, especialmente quando havia tanta gente. Hoje era ainda mais difícil, porque embora Babamukuru fosse o convidado de honra, havia parentes homens de status mais alto do que ele ali. Tomando uma decisão pensada e um pouco enviesada, ajoelhei-me primeiro em frente a Babamukuru, o que foi um erro, porque ele queria que eu deixasse o tio Isaiah, nosso avô mais velho ainda vivo, se lavar antes. Eu me ajoelhei e me levantei e me ajoelhei e me levantei em frente aos meus parentes homens em ordem descendente de idade, e por fim em frente às minhas avós e tias, oferecendo-lhes a bacia e a toalha. A situação piorou depois de meu avô e Babamukuru terem se lavado, porque depois deles a hierarquia não era clara. Este tio era tezvara daquele tio porque tinha casado com a irmã dele, mas também é irmão dele porque as mães eram irmãs, mesmo que não de útero. Quando isso acontecia, cada uma das partes insistia que a outra era superior e, por isso, devia se lavar antes. Era muito complicado e confuso. Eu cometi mais erros, o que fez as pessoas rirem e perguntarem por que eu não sabia nossos níveis de parentesco. Em certo momento, depois de ficar ajoelhada por muitos minutos em frente a um tio que recusava sua vez, fiquei cansada e deixei um pouco de água cair da bacia em seus pés (me desculpando veementemente) para encorajá-lo a se lavar sem mais discussão. Nyasha indicou solidariedade com um quase sorriso e um brilho nos olhos, que eu achei ofensivo, então ignorei. Eventualmente, a última tia mais nova lavou as mãos e eu me levantei para sair, ao que meu pai perguntou por que eu tinha deixado de oferecer água a Chido, então me ajoelhei na frente dele. Naturalmente, Nhamo se aproveitou da situação para lavar as mãos também. E tive que deixar Nyasha se lavar também. Sentindo-me irritada e desrespeitada, porque achava que os três deveriam comer conosco na cozinha, ofereci a água a Nyasha. Babamukuru fez uma

prece. A refeição começou com muito bater de palmas, agradecendo aos deuses pelo que ofereciam e a nós pelo nosso trabalho duro.

Na cozinha, servimos o que havia sobrado nas panelas para nós e para as crianças. Minha tia Mavis, mãe de Shupikai, tão animada que estava pelo retorno de Babamukuru, não tinha se controlado ao servir a carne para a casa, então não havia o suficiente na panela para a refeição de quem estava comendo na cozinha. Como resultado, nós, os mais novos, tínhamos só molho e vegetais para comer com o sadza. Mas o molho estava gostoso e abundante. Nós, que quase nunca comíamos carne, não vimos motivos para reclamar.

Quando terminamos de comer e fomos até a casa para recolher os pratos, os mais velhos estavam completamente delirantes de tanta felicidade. Era realmente incrível vê-los tão transtornados sem nenhum copo de maseke passando entre eles para encorajá-los a saírem de si. Meu pai gostava muito de maseke, assim como a maioria dos homens ali, e minhas avós e tias mais velhas também, mas Babamukuru era estritamente abstinente, tão inabalavelmente moderado que conseguia detectar álcool no hálito de alguém a cinco metros de distância se o vento estivesse forte. Cerveja era, portanto, tabu neste encontro, e o grupo estava tendo que se contentar com o mahewu, que ficava descansando pelo máximo de tempo possível antes de a polpa começar a fermentar. Naturalmente, havia murmúrios de descontentamento, especialmente vindos dos tios mais jovens, que não eram tão próximos de Babamukuru e, por isso, não entendiam bem a sua autoridade. Apesar da ausência de qualquer coisa mais forte do que mahewu, não faltou alegria na reunião. Tete Gladys, os braços balançando, o vestido rodando, estava de pé, girando para a esquerda e para a direita ao ritmo de “Amazing Grace”, fazendo reverências exuberantes ao fim de cada compasso: “Da-a-i (reverência) ndi-i-ne (reverência) ma-pa-aa-piro (reverência), Nda-a-i (reverência) bhu-u-ru (reverência) ru-ka (reverência)”. Enquanto isso, tias e tios e primos explicavam

ruidosamente o que fariam para o retorno de Babamukuru, se tivessem os meios.

No quintal, tios, tias, primos e primas solteiros começaram com os tambores e hosho em um círculo, dançando e cantando enquanto alguns improvisavam passos no centro da roda. Era quase como um casamento, com música e movimento pulsando noite adentro, fazendo a pele se arrepiar e arder, as axilas coçarem, o corpo ficar impaciente para se juntar à batida. Minha primeira infância tinha sido um tempo cheio de dança. Na época, eu divertia a todos abandonando minha seriedade intelectual e girando e virando e batendo palmas quase no ritmo da música. Quando cresci e a música passou a fazer mais sentido para mim, meus movimentos se tornaram mais fortes, mais ritmados e exuberantes; mas as pessoas já não achavam graça, e no fim compreendi que havia implicações ruins para o jeito como eu me entregava ao ritmo. Minha dança se condensou em movimentos duros e incertos. Eu não parei totalmente, mas os encontros passaram a ser muito menos divertidos, e faziam eu me sentir terrivelmente constrangida.

– Nós vamos dançar – convidei Nyasha, que demorou muito para entender.

– Eles não entendem mais o shona muito bem – a mãe dela explicou. – Eles estão falando só inglês há tanto tempo que já esqueceram quase completamente do shona.

O que Maiguru estava dizendo era desconcertante, desconcertante e ofensivo. Eu não esperava que meus primos tivessem mudado, e muito menos tão radicalmente, só por terem passado um tempo longe. Além disso, o shona era nossa língua. O que ela queria dizer com “esqueceram”? Lá, parada, tentando digerir essas ideias, lembrei que conversava livre e fluentemente com meus primos antes de eles irem embora, que comia frutas direto do pé com eles, que fazíamos potes de argila e nadávamos no Nyamarira. Agora eles tinham se transformado em estranhos. Parei de me sentir

ofendida e, em vez disso, fiquei triste.

– Convide-os, Maiguru – eu encorajei. – Mesmo que eles não entendam, eles não se negariam, não é mesmo? Esse tipo de coisa – continuei, distraída, mas sincera – faria com que eles lembrassem da língua mais rápido.

Os cantores estavam cada vez mais inspirados, os tambores mais e mais animados. Percebi que Nyasha estava ouvindo, tamborilando os dedos nos joelhos cruzados ao ritmo da música. Ela falava com a mãe de forma ansiosa, com um inglês de sotaque tão estranho que eu não conseguia entender uma palavra, trazendo Chido para a discussão e falando em um tom muito decidido. Eu tinha certeza que meus primos queriam se juntar à festa, mas Maiguru não parecia encorajá-los. Eu percebi por sua voz, que estava monótona e passiva, e por algumas palavras perdidas que eu conseguia entender, como “sujo” e “dormir”. Era estranho Maiguru preferir que os filhos não dançassem. Se eles não podiam se divertir conosco, não havia razão para terem voltado para casa. Acho que Nyasha estava dizendo esse tipo de coisa para Maiguru, porque no fim ela estava tão obviamente irritada que minhas tias pausaram suas conversas animadas para descobrir o que estava acontecendo.

– E qual é o problema, Maiguru? – perguntou Tete Gladys. – Você não está proibindo seus filhos de dançar, está?

– E por que eu faria isso, Tete? – Maiguru respondeu, seca. – Só estou dizendo que eles deveriam descansar. Sabe, voar é muito cansativo. Mas se vocês dizem que eles devem dançar, é o que vão fazer. Tete disse para vocês irem dançar – ela informou aos filhos, em sua voz monótona.

Chido recusou educadamente (“Não, mãe, estou mesmo meio cansado.”), e Nyasha estalou a língua com desdém e se fechou. Foi muito abrupto. Num minuto ela estava observando tudo que estava acontecendo, no outro ela não teria ouvido ninguém, mesmo que falassem diretamente com ela. Saí da casa, esforçando-me para não

deixar o episódio estragar o resto da noite. Mas foi difícil. Eu tinha estado ansiosa pelo retorno dos meus primos, para que as coisas voltassem a ser divertidas e amistosas e ternas como eram antes, mas não era o que estava acontecendo. Fiquei tão desapontada que nem me alegrei quando Nhamo, seduzido por nossas vozes animadas e pelas batidas do tambor, saiu para se juntar a nós. Achei que ele era volúvel, que queria comer a galinha e os ovos também.

Babamukuru ficou com a gente só por uma noite daquela vez, na ocasião de seu retorno, porque ele ia retomar suas antigas obrigações como diretor da escola, e novas obrigações como Diretor Acadêmico da Região de Manicalândia para a Igreja, imediatamente. Não havia muito tempo para discutir todas as coisas que precisavam ser discutidas, mas que tinham sido postas de lado enquanto ele estava longe, então Babamukuru e seus irmãos e irmãs conversaram noite adentro, até as primeiras horas da manhã. Babamukuru estava preocupado com o modo como a família estava se desenvolvendo, assinalando que, individualmente, ele tinha feito tudo que podia pelo status da família, obtendo o título de Mestre; que ele esperava que seus filhos fizessem o mesmo, ou até mais; que ele ficava contente por estar na posição de proporcionar aos seus filhos um bom começo nessa direção. O ramo dele da família podia ficar de queixo erguido não importava com quem estivessem, mas, ele indicou corretamente, o mesmo não podia ser dito sobre todos os outros ramos. Ele tinha chegado à conclusão, com base nas notícias que havia recebido de Jeremiah e dos outros enquanto estava na Inglaterra, de que o futuro não parecia confortável para a família como um todo. Agora que ele estava de volta, disse, era o momento de todos os membros se juntarem e pensarem juntos em meios de assegurar a prosperidade de cada ramo da família.

Quando Babamukuru discursava, o que, como chefe da família, ele fazia frequentemente, ele tinha um jeito de fazê-lo que era tão calmo e brando e sensato que, ao escutá-lo, era impossível não ser

tomado pelo bom senso presente nas palavras e resolver fazer exatamente o que ele sugeria, fosse o que fosse. Babamukuru era inspirador. Ele inspirava confiança e obediência. Ele carregava consigo uma aura que emanava sabedoria e prudência. Houve suspiros de reconhecimento sobre as dificuldades da família, e murmúrios de concordância quanto à análise de Babamukuru.

– Er... O que vejo – disse Babamukuru, limpando a garganta e removendo pedaços de carne que estavam presos entre os dentes com a lâmina mais fina do canivete –, é que o que precisa ser feito é o seguinte – ele se inclinou para trás na cadeira, em seu lugar na cabeceira da mesa. – Precisamos assegurar que ao menos um membro de cada família estude, pelo menos, até o Avançado Quatro, porque depois disso ele poderá fazer algum curso. Mas isso não quer dizer, é claro, que, caso seja possível, não fosse bom que este membro da família estudasse até o Avançado Seis, e até que fosse para a universidade depois disso.

– Seria bom – concordou Tete Gladys. – Um membro formado em cada família! Ficaríamos orgulhosos.

– Não só um! – meu pai exclamou. – Por que todos não podem se formar? Por que não?

– Jeremiah – repreendeu Babamukuru –, essa não é uma contribuição útil. Devemos buscar soluções possíveis. Não podemos ficar sonhando.

– É verdade, Mukoma, é verdade – meu pai concordou, com afeto. – E quem é que pode sonhar hoje em dia? Aiwa! Não se pode sonhar! Não se pode sonhar!

– Examinando a família de acordo com o estado atual – continuou Babamukuru –, vejo que o maior problema é Jeremiah. Tete está bem, o marido pode cuidar dela e dos filhos. Thomas também não traz problemas, ele não tem um diploma, mas seu treinamento como professor é uma qualificação sólida. A família não passa fome. Eles vivem em uma casa confortável. Eles têm roupas

decentes. Quando as crianças chegarem à idade escolar, poderão estudar. As crianças que podem ir para a escola hoje são as que prosperarão no futuro. Então os ramos de Tete e Thomas estão bem. O que causa preocupação é seu ramo, Jeremiah – Tete franziu os lábios e assentiu, pesarosa. Babamunini Thomas, baixando a cabeça em sinal de modéstia, não disse nada em defesa do desafortunado irmão mais velho.

– Eu me lembro – Babamukuru continuou – que um ano depois de eu chegar com minha família em Londres, você nos mandou uma carta, Jeremiah... não, deve ter sido dois anos depois da nossa chegada. Sim, dois anos depois de termos ido, porque fomos para lá em 1960 e você nos escreveu essa carta específica, essa a que me refiro, em 1962. A data era 16 de novembro de 1962. Eu me lembro muito bem, porque quando eu me sentia cansado e desmotivado e triste, eu lia aquela carta. Eu li aquela carta diversas vezes. Aquela carta me fez ver que muito mais do que eu, toda minha família precisava da qualificação. Foi assim que consegui continuar, mesmo quando as coisas estavam muito ruins. Aquela carta me fez dizer “Não importa o que aconteça, eu vou conseguir.” Sim, Jeremiah, eu me lembro que recebemos notícias suas dizendo que não havia dinheiro para as taxas escolares. Nós mandamos o que podíamos. Sabíamos que não era muito, mas ficamos muitos felizes quando soubemos que você tinha conseguido mandar os dois de volta para a escola por causa do dinheiro que enviamos.

– As coisas estavam difíceis, Mukoma, as coisas estavam muito difíceis – meu pai reconheceu, franzindo muito o rosto para mostrar quão difíceis. – Teríamos sobrevivido se não fosse por você? Aiwa, não teríamos. Nunca!

– É verdade, Mukoma – confirmou Tete. – Nosso Jeremiah podia ter morrido. Ele e toda a família. As coisas estavam nesse nível. De verdade, muera bonga, você foi de grande ajuda.

– Grande ajuda, muito grande ajuda – murmurou Babamunini

Thomas.

– Minha esposa e eu ficamos surpresos – disse Babamukuru – ao saber que a colheita não tinha ido bem, porque outras pessoas estavam nos dizendo que tinham tido boas safras. Mas enfim, isso é outra questão. Quando ficamos sabendo que os dois, Nhamo e ahn – er, a menina – er, Tambudzai, tinham voltado a estudar, ficamos muito felizes por você ter usado o dinheiro com bom senso, Jeremiah – Babamukuru guardou o canivete e sentou-se reto na cadeira. A presença dele tornou-se severa e pesada. Como que esmagados debaixo de seu peso, meu pai, Babamunini Thomas e Tete se inclinaram na direção do irmão.

– O que estive pensando – Babamukuru recomeçou depois de uma longa pausa, que deixava claro que ele tinha mesmo pensado muito e eficientemente sobre a questão em pauta –, o que estive pensando é o seguinte: dar dinheiro para as taxas escolares é bom, mas não é tudo que deve ser feito para assegurar que uma criança tenha sucesso na escola. A criança também deve conviver no ambiente correto, que vai encorajar o desenvolvimento de sua mente mesmo quando ela não estiver na sala de aula.

– É verdade, Mukoma, você está dizendo a verdade – meu pai suspirou, depois de ter medido e aprovado a direção do discurso de Babamukuru. – Veja o Nhamo. Nunca vi uma criança que ama tanto os livros como nosso Nhamo. Mas como ele vai estudar sem eletricidade? Como ele vai ler, se não temos livros? E mesmo ir para a escola, como ele vai fazer isso todo dia, se há sempre tanto trabalho a ser feito na propriedade? Me sinto mal pelo menino, mas ele... Ele reclama? Não. Ele só fica quieto e trabalha com afinco, aqui e na escola. Fui abençoado quando recebi aquele filho. De verdade, fui abençoado – e balançou a cabeça, pesaroso e simpático aos sofrimentos do filho.

– Você está certo, Jeremiah. Já vi que Nhamo é um intelectual promissor – concordou Babamukuru. – O que vamos fazer é deixar

que Nhamo fique conosco na missão, para que ele estude lá. Ele deve ir imediatamente, porque quanto mais cedo ele receber o melhor, mais cedo ele devolverá o mesmo nível. Ele está no fim do Fundamental Três, então não haverá problema em transferi-lo. Venho buscá-lo alguns dias antes do início do novo ano escolar. Nesse meio tempo, vou registrá-lo como aluno do Fundamental Quatro na missão.

Minha tia já estava de pé antes de Babamukuru terminar de falar.

– Purururu! – ela ululou quando as palavras dele caíram, benevolentes, sobre o cômodo. – Obrigada, muera bonga. Muera bonga, nós agradecemos. Conseguiríamos, poderíamos sobreviver sem você! Certamente, não! Jeremiah – ela ordenou, virando-se para meu pai –, me diga com sinceridade, você. Você sobreviveria sem seu irmão? Por um dia, só um dia, você conseguiria? Ajoelhe-se! Ajoelhe-se como deve. Agradeça a Deus por ter lhe dado um santo como irmão. Agradeça os seus ancestrais, Jeremiah, agradeça-os muito por terem lhe mandado um irmão que cuida de você – ela se deixou cair no chão em frente a Babamukuru, batendo palmas. Bo-bo-bo-bo! – É um grande feito, muera bonga – Bo-bo-bo! – De verdade, é um grande feito – meu pai e tio Thomas estenderam os elogios de Tete com seus próprios tributos, meu pai ajoelhando para prestar sua homenagem. Babamukuru interrompeu, magnanimamente.

– Não me agradeçam, não me agradeçam! – ele advertiu, modesto. – Não há nenhuma surpresa aqui. Onde há uma obrigação, ela deve ser cumprida, é só isso.

Meu pai informou Nhamo das novidades no dia seguinte, depois de Babamukuru ir embora. Eles ficaram trancados no quarto dos meus pais dentro da casa por uma hora, e isso só foi possível porque a maioria dos convidados, que moravam perto, então podiam

visitar sempre que quisessem, já tinha ido embora. Tete Gladys e Babamunini Thomas ficaram conosco por uma semana porque eles moravam longe, em Mtoko e Selukwe, e quase nunca visitavam.

Nhamo ficou extasiado, tão consumido pela própria importância que se sentiu estufado e precisou aliviar-se o quanto antes. Incapaz de esperar até eu voltar para casa para começar a se gabar, ele foi até a horta, onde se sentou em um tronco e parabenizou a si mesmo enquanto eu desviava um dos menores tributários de Nyamarira para as fileiras de cebolas e colzas. Era uma história espetacular, pelo jeito que ele contou, com muito mais promessa do que havia sido de fato indicado por Babamukuru.

– Sabe – continuou meu irmão, passando um raminho pelo espaço entre os dentes da frente –, Babamukuru quer uma pessoa inteligente, alguém que mereça essa chance. Por isso ele me escolheu. Ele sabe que tenho ido muito bem na escola. Quem mais ele poderia escolher?

Nhamo, Nhamo, sempre furtivo! Ele não ousava dizer nada mais direto do que isso, porque teria sido descaradamente maldoso. Nhamo quase nunca era abertamente ofensivo, para caso você o confrontasse e o repreendesse. Ele pecava, normalmente, por omissão. Mas nas ocasiões em que fazia algo realmente maldoso, era diabolicamente bom em se insinuar furtivamente pelos seus pontos mais sensíveis, então, se você não o conhecesse bem, podia acabar pensando que estava sendo injusta com ele quando ele tirava você do sério.

– Babamukuru disse que sou tão inteligente que devo ser levado para uma boa escola, para ter uma boa chance na vida. Então eu vou viver com Babamukuru na missão. Não serei mais filho do Jeremiah – gritou, usando um tom tão depreciativo para dizer o nome de meu pai que, pela primeira vez, eu fiquei do lado dele. – Vou usar sapatos e meias, e bermudas sem buracos, tudo novo, tudo comprado para mim por Babamukuru. Ele tem dinheiro. Eu vou ter

até roupas de baixo, e um colete, e calças. Vou ter um suéter para o inverno, e provavelmente um blazer também. Vou parar de usar as mãos para comer. Vou usar garfo e faca.

Acho que um pouco de inveja era permitido, talvez até saudável, considerando as circunstâncias. Infelizmente, eu tinha parado de reagir a Nhamo há muito tempo, então todas as coisas irritantes que ele fazia tinham se acumulado por muito tempo, e já que dessa vez a irritação era persistente demais para ser ignorada, fiquei mais do que um pouco invejosa, de modo pouco saudável. Isso foi pouco estratégico da minha parte, porque Nhamo continuou do jeito dele, descrevendo-se com superlativos inadequados e sugerindo que sua boa sorte era inquestionavelmente merecida, uma consequência natural do fato de ele ser Nhamo, só para me provocar. E, eventualmente, a postura que eu vinha mantendo nos últimos anos, desde aquela vez em que brigamos no campinho de futebol durante a escola dominical, se desintegrou em incontáveis partículas. Acabei permitindo que ele me provocasse.

– Ah! Você é muito idiota – zombei. – Se você vai para a missão para usar garfo e faca, vai se decepcionar. Você não viu Babamukuru comendo com as mãos? Todos eles, Maiguru e aquelas crianças arrogantes. Todos comeram com as mãos.

– Você queria que eles nos constrangessem? – ele retorquiu. – Se eles quisessem garfos e facas, onde os conseguiriam? Mas em casa eles usam. Cada um tem seu próprio prato, com sua própria porção de comida, e seu garfo e sua faca. Eu vi. Foi assim quando fomos até Salisbury jantar na casa do irmão da Maiguru, aquele que é médico. Eu perguntei ao Chido se eles comem daquele jeito em casa, e ele disse que sim.

Eu não podia discordar de evidências tão concretas, então o ataquei de outro ângulo.

– Você ainda vai ser filho do nosso pai. Você ainda vai ser meu irmão. E da Netsai. Mesmo que você não queira. Então é melhor você

parar de ser tão arrogante por coisa nenhuma, e ficar grato pela ajuda de Babamukuru.

– E é melhor você parar de ser invejosa. Por que você está com inveja, afinal? – ele retaliou, livre para usar toda sua munição agora, porque eu tinha começado a discussão. – Você já ouviu falar de uma menina ser mandada para a escola? Você tem sorte que conseguiu voltar para Rutivi. Comigo é diferente. É meu destino estudar.

– Estou feliz porque você vai – disse. – Sua voz é barulhenta. Machuca meus ouvidos.

– E os seus olhos são como os de um camaleão! Posso ver que você está se irritando. Você está escurecendo como um. Cuidado, ou vai acabar ficando desse jeito e as pessoas vão fugir por medo que você morda. Cuidado, cuidado! Ela vai morder!

Peguei uma pedra e joguei nele. Nhamo continuou sentado, despreocupado, seguindo a trajetória do míssil com um movimento exagerado da cabeça. Ela aterrissou na grama, inofensivamente. Ele riu. Lancei-me contra ele, mas ele já estava de pé e correndo rápido na direção do kraal do gado, rindo e cantando “Du-du-muduri, kache! Rwavi muduri kache! Tambu muduri, kache!” Trabalhe bastante enquanto eu estiver comendo batatas na missão!

Considereei a ideia de correr para bater nele como ele merecia, mas julgando seus metros de vantagem, percebi que nunca o alcançaria. Além disso, estávamos em níveis tão parecidos que ele podia ter ganhado, ou eu podia, mas fazia muito tempo que eu não lutava e estava sem prática. Hoje era melhor não lutar do que não vencer. Deixei-o ir, ainda muito irritada com ele por ter dito coisas tão bobas.

Naquela época, eu tinha certeza de que Nhamo sabia tão bem quanto eu que as coisas que ele estava dizendo não faziam sentido, mas nos anos que se passaram desde então eu conheci tantos homens que se consideram adultos responsáveis e, por isso, deveriam ter mais bom senso, mas que ainda assim acreditavam nos princípios

fundamentais daquele elitismo que germinava em meu irmão, que, para ser justa com ele, devo concluir que ele foi sincero em seu preconceito. Mas naquela época eu tinha uma visão otimista da natureza masculina. Depois de uma situação como aquela, me vinha à mente uma imagem grotesca e triste de Nhamo e meu pai em relação a Babamukuru e meu primo. Eu queria que meu pai e Nhamo andassem com a postura ereta como Babamukuru, mas eles sempre pareciam estar se curvando. Aquela imagem era assustadora. Eu pensava que eles também a enxergavam, e que ficavam tão perturbados que precisavam maltratar quem estava por perto para poder permanecer minimamente relevantes. Pois, tendo ouvido as lições de história da minha avó, eu sabia que meu pai e meu irmão sofriam dolorosamente as consequências do feitiço do bruxo malvado.

Babamukuru, eu entendia, era diferente. Ele não tinha se curvado debaixo do peso da própria pobreza. Ousado, Babamukuru o desafiara. Com trabalho duro e determinação, ele quebrara o feitiço do bruxo. Agora, Babamukuru era uma pessoa que tinha importância própria. Ele não precisava mais maltratar ninguém. Especialmente Maiguru, que era tão pequena e frágil que parecia que uma rajada de vento podia levá-la embora. Também não conseguia vê-lo maltratando Nyasha. Minha prima era linda e ousada e inteligente. Eu não pensava em Babamukuru como bonito ou feio, mas ele era totalmente digno. Ele não precisava mais ser ousado, porque já tinha conquistado o poder. Muito poder. Muito dinheiro. Muita educação. Muito de tudo.

Quando você tem muito de tudo, dar um pouco para os outros faz você se sentir bem. Eu sabia disso porque quando Babamukuru me dava um tickey, eu conseguia comprar fet koeks no recreio. E eu me sentia uma santa quando dava dois para minha amiga Nyari. Era por isso que Babamukuru era sempre tão bom e generoso. Era por isso que ele comprava roupas bonitas para a mulher e para a filha e

sempre fazia questão que houvesse dinheiro para a educação de Nyasha. Era por isso que ele fazia tudo que podia por todos, e a situação atual selecionava Nhamo para um cuidado especial, como ele havia sido selecionado pelos bruxos bons da missão. Eu entendia que Nhamo era mais velho que eu e muito mais avançado em termos acadêmicos. Eu entendia que isso fazia dele a escolha lógica para o projeto de Babamukuru. Se ele não tivesse dito que eu tinha características que me desqualificavam antes de qualquer coisa, talvez eu tivesse ficado feliz por ele. Mas ele havia dito, e eu estava brava de verdade.

Me custou muita energia enterrar aquele incidente com Nhamo fundo o bastante para que não interferisse em meu dia a dia. No fim das contas, não fui totalmente bem-sucedida, porque não conseguia mais falar com meu irmão. Não que eu tivesse conscientemente decidido ignorá-lo. Só aconteceu. Por mais que eu tentasse, não conseguia abrir a boca para falar com ele. Minha mãe, que estava passando pela primeira parte da gravidez que resultou em Rambanai, ficou muito estressada com tudo isso.

– E agora, que maus espíritos se colocaram entre vocês dois? – ela nos repreendeu. – Se você foi enfeitiçada, nos diga agora para que possamos resolver. Mas se é loucura da sua cabeça, pare já!

Ela estava ansiosa, minha pobre mãe, porque quatro bebês, três deles meninos, tinham morrido ainda na infância entre meu nascimento e essa gravidez. Dizia-se que alguém tinha feito uma amarração contra ela e ela temia que as coisas ficassem tão ruins a ponto de ela começar a sofrer abortos, ou não conseguir conceber. Os boatos eram cruéis. Uma ou duas pessoas particularmente ruins e que sabiam muito pouco sobre a família da minha mãe previram que sua irmã mais nova, Lucia, era a culpada, porque Lucia estava passando da idade, mas ainda não tinha se casado, e seria útil para ela ser chamada para ser uma segunda parideira para meu pai. Quando vi como estava sendo difícil para minha mãe aguentar nossa briga, eu

quase pedi uma trégua para Nhamo, mas quando ele me disse que seria melhor para mim pensar menos e respeitar mais, fiquei feliz por não ter voltado atrás. Depois de um tempo minha raiva desapareceu, e eu teria falado com ele, se isso não fosse uma humilhação. Então quando Babamukuru veio buscar Nhamo, fiquei muito aliviada, primeiro porque ele foi embora, e em segundo lugar porque agora eu estava livre para falar com quem quisesse.

Outra vantagem da ausência do meu irmão é que ele não estava mais lá para interferir nas minhas tentativas de ficar amiga de Nyasha. Babamukuru nos visitava com frequência, pelo menos de quinze em quinze dias, e às vezes dois finais de semana seguidos e durante a semana também. Normalmente, Maiguru vinha com ele. Às vezes Nyasha vinha junto. Só muito raramente todos vinham, incluindo Nhamo e Chido. Eu me esforçava ao máximo para falar com Nyasha quando ela vinha. Eu vasculhava meu cérebro, tentando encontrar palavras em inglês que eu pudesse incluir em minhas frases para ajudá-la a entender o que eu estava dizendo, mas não fazia diferença. Ela não dizia nada além de um cumprimento rápido e meio gago. Ela também já não sorria mais. Na maior parte do tempo, para o incômodo de Babamukuru, ela ficava perto de Maiguru, recusando meus convites para jogar pada ou triturar milho ou ir até o Nyamarira. Quando ela finalmente se afastava da mãe, nossas brincadeiras eram difíceis e silenciosas. No fim das contas eu me sentia burra e humilhada por me esforçar tanto com minha prima, mas era difícil deixá-la quieta. Eu sentia falta da companheira ousada e vivaz do passado, que tinha ido para a Inglaterra, mas não tinha voltado de lá. Mas cada vez que ela visitava eu percebia que ela estava um pouco mais entediada e enfraquecida, a expressão nos olhos dela um pouco mais complexa, como se ela estivesse direcionando mais e mais energia para dentro, para conversar consigo mesma sobre problemas que só ela conhecia.

Um dia ela se comportou muito, muito mal. Eles chegaram às

onze da manhã, numa época em que havia pouquíssimos vegetais na horta. No entanto, havia uma vaca dando leite, então minha mãe ficou aliviada quando Nyasha, ao ser perguntada se queria vegetais ou leite, disse que queria leite. Infelizmente, quando chegou a hora do almoço, Nyasha se serviu dos vegetais como todo mundo. Quando minha mãe lhe ofereceu o leite fermentado que ela tinha pedido, ela ficou muito aborrecida. Recusou-se a comer qualquer coisa, mesmo que a essa altura todos já estivessem muito preocupados e compreensivos e dizendo que ela podia comer o que quisesse. Meus pais pensavam que ela era uma criança muito triste. Eles não esconderam essa suposição quando Babamukuru e Maiguru voltaram para a missão. Sempre que meus parentes vinham da missão, eu ficava perto de Nyasha e a observava. Foi assim que a vi nos observando. Ela falava pouco, mas às vezes seus lábios se moviam para ensaiar as palavras quando alguém usava uma linguagem complicada. Ela era silenciosa e vigilante, nos observando com aquela expressão complexa – o que dizíamos, o que fazíamos, como dizíamos, como fazíamos –, com uma intensidade que me deixava desconfortável.

Quando Nhamo voltou para casa ao final do seu primeiro ano com Babamukuru, já dava para ver que ele não era mais a mesma pessoa. A mudança em sua aparência era gritante. Ele tinha adicionado vários centímetros à altura e muitos à largura, então ele não era mais pequeno e magrelo, mas, sim, forte e musculoso. Vitaminas tinham nutrido sua pele até uma maciez lustrosa, alguns tons mais clara do que era antes. Seu cabelo não era mais feito em fileiras de tufo empoeirados e selvagens, era preto, reluzindo de óleo e bem penteado. Tudo isso era bom, mas havia uma mudança terrível. Ele não entendia mais o shona. Algumas palavras escapavam hesitantes, agramaticais e com um sotaque estranho quando ele falava com minha mãe, mas ele já não falava muito com ela. Ele

falava mais fluentemente com meu pai. Eles tinham longas conversas em inglês, que Nhamo quebrava em sílabas curtas e irregulares, e que meu pai repicava até viraram fonemas ainda mais curtos e brutos. Meu pai ficou contente com o domínio de Nhamo do inglês. Ele disse que era o primeiro passo para a emancipação da família, já que todos podíamos melhorar nosso entendimento praticando com Nhamo. Mas ele era o único impressionado com esse estado inexplicável a que meu irmão tinha chegado. O resto de nós falava com Nhamo em shona, e se ele respondia, respondia em inglês, fazendo questão de falar devagar e deliberadamente, enunciando cada sílaba com clareza para que pudéssemos entender. Isso restringia nossa comunicação a questões rotineiras.

Mas a situação não era completamente irremediável. Quando acontecia um problema sério e era necessário discutir a questão a fundo, o shona de Nhamo – a gramática, o vocabulário, o sotaque e tudo – retornava milagrosamente pelo tempo em que durava a discussão, e desaparecia milagrosamente assim que a questão se resolvia. Quanto mais tempo Nhamo passava com Babamukuru, mais afásico ele ficava e mais meu pai se convenciu de que ele estava recebendo uma educação. Minha mãe ficou preocupada. Ela sabia que a missão era um lugar cristão. Mesmo assim, ela acreditava que as pessoas de lá eram apenas pessoas normais. Ela pensava que alguém na missão estava enfeitiçando seu filho e defendia firmemente a ideia de levá-lo ao médium. Meu pai tentou tranquilizá-la:

– Como o menino vai lembrar do inglês se não o usar? Ele não fala com a gente quando quer? Ele é um aluno dedicado. Como Mukoma. Dedicado. Só isso.

Minha mãe não falou mais nada sobre a fala de Nhamo depois disso, mas continuava descontente. Queria, sim, que ele estudasse, ela me confidenciou, mas, mais do que isso, queria conversar com ele.

Este Nhamo que descrevi é o Nhamo que estávamos esperando naquela tarde de novembro em 1968. Essas coisas que contei são as razões por que não fiquei desapontada quando ele não chegou. Minha mãe, como sempre, ficou chateada. “Esse meu filho!”, ela suspirou. “Se ele pudesse, nunca mais voltaria para casa”. Eu concordei, maliciosa.

Tínhamos terminado de comer e estávamos conversando sobre como era tarde demais para Babamukuru trazer Nhamo para casa quando um carro roncou no quintal, os faróis iluminando nossa cozinha esfumaçada através da porta, que estava aberta para deixar entrar o ar fresco. Netsai, que é muito carinhosa, ficou extasiada. “Mukoma Nhamo chegou, Mukoma Nhamo chegou”, ela cantou, pulando até o quintal. Meu pai, sorrindo, um pouco cheio de si, foi atrás. Estávamos todos no quintal quando Babamukuru saiu do carro. A aparência dele era emaciada e cansada e velha. Maiguru, tão aflita quanto ele, apareceu do outro lado. Por um momento, nenhuma palavra foi dita, Babamukuru nem percebeu Netsai, que o abraçou e perguntou, “Mukoma Nhamo, Babamukuru, onde está Mukoma Nhamo?”

Sem aviso, minha mãe soltou um lamento estridente no silêncio escuro.

– Vá embora! Por que você vem até aqui para me dizer o que eu já sei! – ela desmoronou no capô do carro, escorregou até o chão, levantou-se e caiu de novo. Maiguru foi até ela para abraçá-la, mas minha mãe a empurrou com violência. – Você quer me abraçar – ela rosnou. – Agora, quando já é tarde demais, é que você se preocupa. Você finge. Você é uma fingidora, você. Primeiro você levou a língua dele, para ele não poder mais falar comigo, e agora você levou tudo, levou tudo para sempre. Por que vocês continuam em silêncio! Por que não estão falando? Porque é a verdade. Você o enfeitiçou e agora ele está morto. Ptsh! – ela cuspiu nos pés de Maiguru. – E você

também, Babamukuru! Ptsh! Eu cuspo em você! Você e sua educação mataram meu filho – dessa vez ela caiu no chão e não se levantou, ficou lá, rolando, arrancando os cabelos e as roupas e triturando areia com os dentes. Netsai começou a chorar.

– É melhor segurá-la, Jeremiah – disse Babamukuru em uma voz pesada e vazia. – É verdade. Não temos boas notícias.

Maiguru, chorando discretamente, ajudou meu pai a levar minha mãe, agora quieta e mole e desnorteada, até a cozinha.

Lamentos. Lembro-me de lamentos que pareceram durar a noite toda: agulhas de som penetrante, nítido, reluzente, perfurando bem fundo para deixar a angústia entrar, não sair.

Na cozinha, Babamukuru falou.

– Não há nada a ser feito além de explicar o que aconteceu. O menino reclamou de uma dor no pescoço, uma dor fraca, há alguns dias.

– Ele me disse que não estava bem na terça-feira – disse Maiguru.

– Sim, foi na terça-feira – continuou Babamukuru. – Na quarta ele não estava se sentindo melhor, então o levamos à clínica que temos na missão. O médico pensou que o menino podia estar com caxumba. Nós não sabíamos se as pessoas que tinham ido embora estavam com caxumba ou não, então não pudemos ajudar o médico quanto a isso. Enfim, o médico não tinha certeza, mas disse que se fosse caxumba, podia piorar, então decidiu que ele ficaria lá em observação. Isso foi na quarta-feira à noite. Na quinta de manhã, nós fomos vê-lo. Ele não parecia mal. Na verdade, parecia mais bem-disposto. Ele até disse que não queria ficar no hospital, mas o médico não estava satisfeito com o progresso. Queria que ele ficasse lá por pelo menos mais um dia. Eu deixei uma mensagem por telefone nos prédios do Conselho para você, Jeremiah, dizendo que Nhamo tinha sido internado na clínica e que eu viria buscá-lo hoje à noite para vê-lo. Você não foi até as lojas hoje? Não recebeu a mensagem?

Os ombros do meu pai estavam tremendo. Ele não conseguia falar.

– Enfim – Babamukuru recomeçou –, ele não parecia mal naquele dia. Fui para uma reunião na cidade. Enquanto estava lá, minha mulher recebeu um telefonema da clínica dizendo que o menino tinha piorado e que seria transferido para o hospital na cidade, o Hospital Geral. Minha mulher foi correndo até a clínica. Ela queria acompanhá-lo na ambulância, mas quando chegou lá, ele já estava definhando. Ele faleceu antes que pudessem colocá-lo na ambulância. Foi essa a notícia que recebi quando cheguei em casa um pouco depois das oito. Vim o mais rápido que pude – Babamukuru pegou as mãos do meu pai. – Meu coração chora com o seu, mas não temos como compreender os planos dos céus – ele disse, passando para as mãos da minha mãe –, mas Ele sabe. Ele vai zelar por vocês e confortá-los mesmo quando o mal os atingir.

– Ooof – meu pai grunhiu. – Você fala a verdade, Mukoma, mas hoje estamos sobrecarregados de espíritos invejosos. O menino era inteligente, estava indo bem. Por que ele iria sem que algo tenha sido enviado para buscá-lo? Ah! Eu nunca pensei que esse tipo de coisa acontecia – ele colocou o rosto nas mãos. – O que mais posso dizer, Mukoma? É difícil saber o que dizer nessas horas. Mas eu sei que você cuidou do menino como se ele fosse seu. Os céus sabem por que ele foi levado. Só nos resta aceitar que aconteceu – ele se levantou. – Vou andar até a propriedade de Samhungu. Eles vão levar a notícia para os outros – lágrimas molhavam seu rosto. Ele não as secou.

Ao ver meu pai chorar, minha mãe gemer e se balançar no colo de Maiguru, Netsai chorar de medo e de tristeza, e Rambanai acordar, choramingar e reclamar, minha armadura rachou. Fiquei triste por eles em vez de por qualquer angústia minha, pois meu irmão já havia se tornado um estranho para mim. Não lamentei a sua morte, mas senti pena dele porque, de acordo com seus critérios, ele

vivia uma vida que valia a pena ser vivida.

– Não há nada a ser feito – minha tia estava dizendo para minha mãe –, exceto aguentar a dor até que ela passe. Você deve aguentar a dor de ele ir embora assim como aguentou a dor de sua chegada.

– Eu não consigo aguentar – minha mãe gemeu. – Maiguru, me abrace. Eu também vou morrer.

O corpo foi trazido da missão no dia seguinte e enterrado no cemitério da família, ao lado de minha avó e de outros ancestrais. Depois de passado um tempo justo, Babamukuru trouxe, novamente, a questão da emancipação da família do meu pai.

– É uma pena – ele disse – que não haja nenhum menino para assumir este dever, assumir a tarefa de tirar a família da fome e da miséria, Jeremiah.

– É como você diz – meu pai concordou. – A inteligência de Tambudzai com os livros não serve para nada porque no fim vai beneficiar estranhos.

– Você está certo, Jeremiah – meu tio observou –, mas não vou sentir que cumpri meu dever se negligenciar minha família por esta razão. Er, essa menina, ahn, Tambudzai, deve ter a oportunidade de fazer o que puder pela família antes de ir para a casa de seu marido.

– Exatamente! – meu pai concordou. – Ela deve ter a oportunidade.

Minha mãe ficou abalada quando meu pai lhe contou o que ele e Babamukuru tinham decidido.

– Você, Jeremiah – disse, e ela não o chamava de Jeremiah com frequência. – Você, Jeremiah, está louco? Você comeu alguma planta selvagem que subiu à cabeça? Acho que sim, do contrário como você pode vir e me dizer para mandar minha filha para um lugar de morte, o lugar onde meu primogênito morreu! Hoje você está delirante! Ela não vai. A não ser que você queira que eu morra também. A ansiedade vai me matar. Não vou deixá-la ir.

– Mas o que ela vai fazer? – meu pai tentou persuadi-la. – Ela terminou o Fundamental Três. Me diga, tem uma turma de Fundamental Quatro na Rutivi? Kuedza é longe demais para ir a pé. Onde ela vai fazer o Fundamental Quatro?

– Não tente me enganar – minha mãe respondeu. – Você acha que eu não sei que eles vão abrir uma turma de Fundamental Quatro naquela escola? Pode fazer a matrícula na Rutivi, Jeremiah, porque estou falando sério, ela não vai.

Meu pai não insistiu, mas eu fui para a missão mesmo assim. A ansiedade da minha mãe era real. Na semana antes de eu ir embora ela quase não comeu, não por falta de tentativa, e quando finalmente conseguia engolir qualquer coisa, pesava em seu estômago. Quando chegou a hora de eu ir, ela estava tão cansada e abatida que quase não conseguia andar até os campos, muito menos trabalhar neles.

– Mamãe está doente? – sussurrou Netsai, apavorada. – Ela vai morrer também?

Netsai estava apavorada. Eu estava triunfante. Babamukuru tinha assinado embaixo do meu caminho. Fui vingada!

Quatro

Como posso descrever as sensações que me inundaram quando Babamukuru deu partida no carro, comigo no banco da frente ao seu lado, no dia em que saí de casa? Era alívio, mas mais do que isso. Era mais do que animação e antecipação. O que vivenciei naquele dia foi um atalho, um redirecionamento de como eu me definia, para vias expressas que me levariam rapidamente até meu destino. Meus horizontes estavam saturados desse eu, eu indo embora, eu a caminho. Não havia espaço para o que tinha ficado para trás. Meu pai, afável e superficialmente agradável como sempre, era insignificante. Minha mãe, minha mãe ansiosa, não era mais do que outra peça de cenário excedente, que seria mantida, é claro que seria mantida, mas era, mesmo assim, supérflua, um obstáculo no caminho da minha partida. Quanto às minhas irmãs, bem, elas estavam lá. Elas me assistiram entrar no carro de Babamukuru para ser transportada até horizontes ilimitados. Era responsabilidade delas aprenderem a importante lição de que nenhuma circunstância é imutável, nenhum fardo tão limitador que não possa ser largado. A honra de ensiná-las esta lição emancipadora era minha. Eu a reivindicava, pois aqui estava, prova viva. Não tinha dúvidas de que era este o caso.

Quando entrei no carro de Babamukuru, eu era uma caipira. Dava para notar com uma simples olhada para o meu vestido apertado e desbotado, que delineava meus seios em desenvolvimento de forma pouco modesta, pés com dedos espalhados, a pele grossa pelo contato com o chão em todo tipo de clima. Dava para ver pelo jeito que a queratina tinha reagido, engrossando, e, depois de ter engrossado, endurecendo e rachando, fazendo com que a terra se entranhasse, mas não saísse com água. Era evidente pelos calos pretos e enrugados em meus joelhos, as escamas da minha pele pela falta de hidratação, os tufo curtos e sem vida de cabelo malcuidado.

Era essa pessoa que eu estava deixando para trás. Na casa de Babamukuru, eu esperava encontrar outro eu, um eu limpo, bem-cuidado e refinado que não poderia ter se criado, nunca teria sobrevivido, à vida na propriedade. Na casa de Babamukuru, eu teria o privilégio de ser encorajada a considerar questões que tinham a ver com a sobrevivência do espírito, a criação da consciência, e não com a sustentação do corpo. Este novo eu não teria que se incomodar com cozinhas esfumaçadas que deixavam os olhos ardendo e o peito com bronquite permanente. Este novo eu não precisaria se frustrar com fogueiras com chamas tão altas a ponto de queimar o sadza, ou tão baixas que ele se tornava mbodza. Nem faria viagens ao Nyamarira, o Nyamarira onde eu amava me banhar e que eu adorava assistir cascadear pela saída fininha da cachoeira onde pegávamos água. Deixar o Nyamarira, meu quintal fluido, corrente e musical, era difícil. Mas eu não conseguia fingir que lamentava deixar para trás os barris de água cujo peso comprimia o pescoço contra a coluna, que pesavam na cabeça mesmo depois de você ter se acostumado a eles, e que sempre precisavam ser reabastecidos. Não lamentava abandonar a tarefa tediosa de redirecionar o pequeno tributário de Nyamarira para dentro e para fora dos canteiros de vegetais. É claro, minha emancipação desses aspectos da minha existência era, pelo que se podia prever, temporária e não contínua, mas não era esse o ponto. O ponto era o seguinte: eu me desenvolveria da maneira que Babamukuru considerava apropriada, o que na linguagem que eu compreendia na época, significava bem. Tendo me desenvolvido bem, eu não conseguia ver motivos para regressão quando retornasse a nossa propriedade.

Se tudo isso não estivesse acontecendo dentro de mim, eu teria aproveitado aquela viagem, pensando na única outra vez em que tinha passado pelo Nyamarira de carro, atravessado a Rodovia Inyanga e visto o Christmas Pass pairar à distância: quando o Sr. Matimba me levou para vender minhas espigas. Ah, aquelas espigas!

A esperança de vendê-las tinha tomado minha atenção naquela primeira viagem, mas hoje eu pensava em coisas mais concretas.

Havia muitas questões práticas sobre minha transplantação em que eu tinha que pensar, todas misturadas umas às outras e precisando ser divididas em porções discretas e manejáveis. Era prazeroso me perguntar onde eu dormiria, já que certamente não seria em uma cozinha esfumaçada onde todos relaxam à noite, obrigando você a esperar todos irem para a cama para poder dormir com conforto. Mas se não seria na cozinha, seria onde? Se Nhamo tinha sido honesto, o que era tão provável quanto improvável, ele tinha um quarto só para ele na casa de Babamukuru. Um quarto inteiro para mim era pedir demais, esperar demais, e além disso, eu não sabia se ia gostar de dormir sozinha, sem alguém com quem trocar risadas antes de adormecer ou cuja presença seria um conforto quando os sonhos fossem perturbadores. Porém seria difícil, e perturbador também, ter que dividir um quarto com Nyasha, que era entediante e taciturna, que fazia eu me sentir desconfortável porque algo tinha apagado o brilho de seus olhos. Além disso, eu ainda a julgava. Eu pensava que ela não tinha direito de ser tão infeliz sendo filha de Babamukuru – só isso já era uma bênção. E ela usava roupas bonitas. Ela não tinha sido obrigada a suspender seus estudos, então agora, mesmo tendo a mesma idade que eu, ela já estava no Avançado Dois. Mesmo sem nenhuma outra razão, os olhos dela deveriam brilhar constantemente de gratidão por essas bênçãos, mas ela não era sensível o bastante para reconhecê-las. Ela seguia ingrata, estranha e mal-educada. A ideia de dormir com Anna, que era a doméstica de Maiguru e tinha ido até a propriedade no funeral de Nhamo para ajudar com o que precisava ser feito, era muito mais tranquila, mas também tinha seus problemas. Anna falava e falava e falava sobre tudo e nada. Isso era útil quando você não queria focar em coisas deprimentes como a morte e o luto, mas o que aconteceria quando eu precisasse pensar

em alguma questão séria e de real importância, como matemática ou história? Mas essas eram inquietações insignificantes. Não importava onde eu dormisse, eu com certeza teria mais de um cobertor para me cobrir. E já que os pertences de Babamukuru eram condicionados a se manter como novos, estes cobertores seriam grossos e felpudos o bastante para impedir a entrada do frio mesmo nas piores noites de junho. Eu não teria que acordar para varrer o quintal e pegar água antes de ir para a escola, mesmo que na missão nem seria um grande problema se eu tivesse que fazer essas coisas, já que a escola ficava perto e chegar lá não exigia andar apressadamente por quarenta minutos todas as manhãs. E também não precisaria, pensei, sorrindo abertamente pelo prazer que me dava, não precisaria mais me preocupar com meus livros ficarem manchados de sujeira e gordura em seu cantinho no chikuwa, onde eu os deixava em casa. Na casa de Babamukuru eu teria uma prateleira de livros. Meus livros morariam em uma prateleira. Eles ficariam limpos. Minhas roupas também ficariam limpas, sem terra e fumaça e fuligem para sujá-las. E para mantê-las limpas não seria necessário descer até o rio, a vinte minutos de distância, lavá-las nas pedras, estendê-las nos rochedos e esperar até que elas secassem antes de poder voltar para casa. Eu conseguiria me manter limpa também, sem muito esforço. De acordo com Nhamo, eles tinham torneiras dentro de casa. Não só fora da cozinha, como na residência do diretor na Escola Rutivi, mas dentro de casa mesmo, onde elas despejavam água quente e fria dentro de uma bacia grande o bastante para você sentar com as pernas esticadas para frente! E para esvaziar essa bacia você só precisava puxar um tampão e a água ia embora para dentro da terra, por uma rede de canos debaixo do chão. Veja, mesmo que Nhamo fosse conhecido por usar sua imaginação para causar impacto, ele preferia fatos quando os havia. E esses detalhes pareciam factuais. Eu mal podia esperar para aproveitar estes confortos que Nhamo tinha descrito para mim com todos os detalhes. Eu mal podia esperar para

aproveitar as consequências de ter estudado, no caso de Babamukuru, ou de estar estudando, no meu caso.

Nhamo tinha um refrão com o qual pontuava o entusiasmo e a admiração de suas descrições dos luxos e confortos da casa de Babamukuru. “Nem os Brancos”, ele cantava em um soprano impressionante, “nem mesmo os Brancos poderiam pagar por aquilo!”. Então eu deveria ter estado preparada para o esplendor daquela casa na missão, mas não estava. Como eu não tinha a experiência para incrementar minha imaginação, nem as descrições diligentes do meu irmão tinham sido capazes de recriar uma imagem verdadeira da casa do meu tio.

O quintal era grande, tão grande quanto o terreno da nossa casa. Nele ficava um único edifício, a casa de Babamukuru, se você não considerasse as construções mais afastadas, um galpão, uma garagem e os quartos dos empregados. Na propriedade, nosso quintal tinha muitas edificações, todas com um propósito específico para nossa rotina diária: a cozinha coberta com dagga, que tinha mais ou menos o mesmo tamanho do galpão do meu tio, mas era redonda; a tsapi, que era pequena, talvez metade do galpão de Babamukuru; o hozi, onde Nhamo dormia nos feriados em que ia para casa; e a Casa, que era feita de tijolos vermelhos, tinha janelas de vidro e telhado de zinco. Nós pensávamos que nossa casa era muito boa, não só por causa dos tijolos vermelhos, das janelas de vidro e do zinco, que já declaravam enfaticamente a nossa posição, mas também porque ela tinha uma sala grande o bastante para comportar uma mesa de jantar, quatro cadeiras iguais, além de um sofá e duas poltronas. Era uma casa muito boa, porque tinha dois quartos que saíam da sala e eram bem mobiliados com estrados para camas de solteiro e colchões de koya, e guarda-roupas com espelhos que já tinham sido confiáveis, mas que tinham ficado tão embaçados com o tempo que agora ameaçavam mostrar imagens de espíritos ardilosos e antigos quando você olhava neles, em vez do seu rosto. Meus pais dormiam em um

dos quartos, o que ficava à esquerda ao entrar na sala. A cama e o colchão pertenciam ao meu pai. Minha mãe devia dormir no tapete de bambu que ficava no chão, junto com as crianças, antes de elas terem idade para se juntar a mim na cozinha, mas ela quase nunca fazia isso. Normalmente ela pegava no sono na cozinha e não fazia questão de acordar e andar até a casa. Todas as mulheres da família – Mamãe, Netsai e eu – preferiam as coisas assim, e mesmo que meu pai não gostasse, não havia muito que ele pudesse fazer sem causar uma discussão. E não era sempre que ele tinha energia para isso.

O outro quarto da casa era para os hóspedes. Era lá que Babamukuru e a família dormiam quando nos visitavam antes de irem para a Inglaterra. Mas agora que as crianças tinham crescido, Baba e Maiguru dormiam lá sozinhos. Nos círculos que eu frequentava antes de ir para a missão, nossa casa na propriedade era obviamente, definitivamente, uma casa boa, elegante. Com aquela casa como padrão, não era fácil compreender que aquela mansão na minha frente, marcada como “14, RESIDÊNCIA DO DIRETOR”, era mesmo do meu tio. Felizmente a placa estava lá, então antes de ele ter estacionado o carro eu já estava ansiosa pela vida em uma casa tão exuberante. Mesmo assim, se eu tivesse escrito tudo isso na época em que aconteceu, haveria muitas referências a “palácio” e “castelo” e “mansão” nesta parte. Sua ausência não quer dizer que eu esqueci como foi. Aquela primeira impressão de grandeza foi exótica demais para algum dia desaparecer, mas eu aprendi, nos anos que se passaram desde então, a restringir excessos e ilusões. Já disse o que precisava: agora posso me referir à casa de meu tio como nada mais do que era – uma casa.

Ela era pintada de branco. Era um dos aspectos menos bonitos daquela casa, um dos que menos fazia sentido também. Não me parecia haver nenhuma boa razão para gastar tempo e esforço, além de tinta, para pintar os tijolos vermelhos alegres que eu tinha visto por toda a missão no caminho até a casa de Babamukuru daquele

branco clínico e asséptico. Naturalmente, é claro, havia uma razão. Fiquei sabendo pela Nyasha, que sabia de muita coisa, ou juntava os fatos sozinha quando lhe faltava conhecimento, que essa casa em particular, a residência do diretor, tinha sido construída logo que a missão fora fundada. Ela disse que tinha sido na virada do século dezenove, em uma época em que os missionários acreditavam que só casas brancas seriam frescas o bastante para serem habitadas confortavelmente. Diligentemente, essa crença tinha se transformado em ação. Casas brancas brotaram por toda a missão. Todas essas casas brancas deviam oferecer pouca inspiração para pessoas cuja função era inspirar. Além disso, dizia-se que os nativos gostavam de cores, então depois de um tempo os missionários passaram a crer que as casas não superaqueceriam, mesmo se não fossem pintadas de branco, contanto que tons pastéis fossem utilizados. Eles começaram a pintar as casas de bege, de rosa fraco, azul fraco, verde fraco. Nyasha gostava de exagerar nessa parte.

– Pensa só – ela dizia – como devia ser lindo. Aqueles tons de rosa e azul aparecendo no meio do branco. Devia ser agradável, muito convidativo.

Depois, muito tempo depois, na época em que eu fui para a missão, tinha muita coisa sendo construída. Casas tinham que ser erguidas para acomodar a nova plantação de africanos educados que tinham sido semeados em diversas turmas noturnas de Inicial A e Inicial B e que agora estavam sendo colhidos em abundância quando rapazes mais velhos retornavam à missão para contribuírem tornando-se professores também. Talvez porque não houvesse tempo para refinamento, talvez porque o objetivo era abrigar o maior número de pessoas, o mais rápido possível, essas casas que acomodavam os novos professores permaneciam escuras e avermelhadas.

Nyasha me contou essa história com um brilho malicioso no olhar. Eu era como um aspirador na época, engolindo tudo,

armazenando no estado original para inspeção futura. Hoje em dia fico feliz que esse pequeno parágrafo da História de acordo com Nyasha seja uma boa história, tão provável, ou talvez mais, do que os capítulos que aqueles mesmos missionários estavam nos servindo naquelas escolas de missão.

Quando cheguei na missão, os missionários viviam nas casas brancas e nas pintadas de cores pálidas, mas não nas de tijolo vermelho. Meu tio era o único africano que vivia em uma casa branca. Todos tínhamos muito orgulho desse fato. Não, isso não é bem verdade. Todos tínhamos muito orgulho, exceto Nyasha, que tinha uma natureza igualitária e levava muito a sério as lições sobre opressão e discriminação que tinha aprendido na pele na Inglaterra.

Quando o carro virou para entrar na rampa da garagem, o ritmo da minha vida acelerou. Acomodei muita vida naqueles poucos minutos que levamos para subir pela rampa e chegar na garagem. Primeiro foi o júbilo por perceber que aquela casa elegante que eu estava vendo era mesmo do meu tio. Depois, decepção. Havia uma construção tão longa quanto a casa, e talvez alta igual, e que poderia muito bem ser uma casinha, e pensei que tinha me enganado. Pensei que no fim das contas eu não ia viver em uma mansão, e minha animação murchou. Mas, mesmo assim, havia várias coisas pelas quais ficar contente. A rampa lisa e sem pedregulhos ficava entre coníferas baixas e robustas de um lado, e uma explosão de cana-da-índia, queimando escarlate e âmbar, do outro. Essas plantas pertenciam à cidade. Pertenciam às páginas do meu livro didático, aos quintais dos tios de Ben e Betty, que moravam na cidade. Agora, depois de vê-las devido à bondade de meu Babamukuru, eu também podia pensar em plantar coisas por razões mais felizes do que a necessidade de manter o corpo respirando. Eu anotei em minha mente: pediria alguns bulbos a Maiguru e plantaria uma canteiro desses lírios vistosos em nossa propriedade. Na frente da casa. Nossa casa responderia bem à animação trazida por essas flores tão vivazes.

Coloridas e agradáveis, elas tinham sido plantadas por puro deleite. Como isso era estranho. Era uma libertação, a primeira de muitas que se seguiram na minha transição para a missão.

E descobri que Nhamo não tinha mentido. Babamukuru era mesmo um homem importante, não importava como você o avaliava. A velha construção que tinha me desapontado era uma garagem. Servia para abrigar carros, não pessoas! E essa garagem abrigava dois carros. Não um, mas dois carros. O refrão de Nhamo soava em minha cabeça e agora começava a parecer ameaçador. As frases me diziam algo que eu não queria saber, que meu Babamukuru não era a pessoa que eu pensava que ele era. Ele era mais rico do que eu imaginava ser possível. O conhecimento dele ia além dos livros. E ele tinha conquistado tudo isso sozinho. Ele tinha saído de baixo do peso do homem branco sem nenhum parente forte para ajudá-lo. Como ele tinha feito isso? E depois de ter feito, no que tinha se tornado? Uma rachadura revelou um vale profundo. Não havia ponte; no fundo, rochedos pontiagudos afiados como lanças. Senti-me eternamente separada de meu tio.

Tudo ficou muito triste e confuso. Primeiro, fiquei desapontada por acreditar que a garagem era a casa de Babamukuru. Agora, estava preocupada porque não era. Pela primeira vez, consegui enxergar desfechos para meu voo saído da propriedade que não eram só felizes. Repreendi a mim mesma duramente por simplesmente ter ousado pensar daquele jeito. Eu não sabia, me perguntei, que Babamukuru era um homem generoso? Isso não me tornava especial. Ou merecedora. Eu não tinha nada a ver com a generosidade de meu tio. Ele teria acolhido qualquer parente pobre e necessitado, e a prova disso é que eu só estava ali porque meu irmão tinha morrido.

Eu tinha mesmo pensado, continuei, dura, que esses meus parentes de outro mundo conseguiriam viver com alguém ignorante e suja como eu? Eu, que era tão ignorante que não conseguia ler o que estava escrito em suas roupas que não ousavam estragar ou ficar

apertadas apesar de seus corpos bem carnudos, ou em seu sotaque quando falavam, que era elegante e tranquilo e caía de suas línguas como pedras preciosas estrangeiras. Todos esses sinais provavam de forma muito clara que nós não éramos da mesma espécie. Eu merecia sofrer, ameacei, por ter sido tão orgulhosa a ponto de não ver que Babamukuru só estava sendo tão caridoso com nossa parte da família porque estávamos lá embaixo. Ele era generoso por causa da diferença.

Suspirando, entrei em um pântano de autocomiseração. Meu sistema de sobrevivência, muito bem programado, soou um alarme na hora, me avisando para evitar aquela armadilha, mas eu estava perdida. Eu não via nenhum caminho além do que levava de volta para a propriedade. Mas isso, eu sabia, não me serviria, porque eu estava queimando de vontade de sair de lá. Mas eu me esforcei para mudar meu estado de espírito. Repreendi-me severamente por não apreciar a preocupação de Babamukuru comigo e com minha família. Tentei despertar minha coragem imaginando as boas notas que tiraria, e era isso que importava, era o motivo para ter vindo para a missão. Eu devia estar muito mais assustada pela estranheza e grandeza de minha nova posição do que eu pensava, porque nenhuma dessas táticas funcionou. Eu saí do carro muito menos esperançosa do que tinha entrado nele, e segui Babamukuru, muito preocupada, no caminho até a casa.

Um cão de guarda enorme e peludo apareceu na minha frente. Pulou do nada e quase me matou de susto. Os lábios pretos se enrugavam e mostravam incisivos pontiagudos saindo de gengivas que eram ainda mais pretas do que os lábios. As orelhas tão achatadas contra a cabeça que os olhos eram puxados para cima em um estrabismo demoníaco. Sua aparição repentina o fazia parecer ainda mais sinistro. Eu não pude evitar. Soltei um ganido, o que aborreceu a fera e o fez latir para invocar seu companheiro de olhos cor-de-rosa. Aquele cachorro albino era ainda mais perturbador.

Tudo nele era ou branco, ou rosa. Tão rosa eram suas gengivas que foi muito fácil para a minha mente infeliz conjurar sangue e fazê-lo se infiltrar pela pele do animal e manchar seus dentes pálidos de vermelho. Eu estava mesmo apavorada, ou teria notado as correntes que os prendiam e a cerca que envolvia o canil. A meu ver eles estavam soltos, os guardiões ferozes dos portões deste reino, este reino que eu não deveria estar adentrando. O desejo que sentiam por meu sangue era justificado: eles sabiam que ali não era meu lugar.

Anna veio me salvar.

– Se eles estivessem soltos – ela gritou animada, vindo dos fundos da casa para me cumprimentar –, eles já teriam feito você em pedacinhos. Bem-vinda, Tambu, bem-vinda. Que bom ver você de novo. É por isso que eles estão presos, os cachorros. Eles não são cachorros para brincar, esses daí.

Presos... Presos... Ah, sim, eles estavam presos! A perspectiva se reconfigurou. Vi as correntes e a cerca. Meus joelhos se firmaram, minha capacidade de falar voltou. Eu ri nervosa e tentei explicar para Anna como tinha sido boba por não perceber que estava segura, mas você não precisava falar muito quando Anna estava por perto.

– E as suas malas? Onde estão? – ela seguiu falando. – Mas às vezes eles não ficam presos, imagina!, porque eles se afastam e não conseguimos encontrá-los. Quando isso acontece, vish, você não me pega do lado de fora, nem para pendurar a roupa. Mas que bom que você veio. Tenho pensado em você. Entre, entre – ela convidou hospitaleira, segurando a porta para mim.

Eu não tinha nem entrado direito e Nyasha já tinha pulado em mim e me dado um abraço forte, que eu entendi, e um beijo em cada bochecha, que eu não entendi. Ela estava feliz de me ver, estava contente, ela disse. Fiquei surpresa em vê-la tão bem-humorada, surpresa e feliz, já que não era essa a prima que eu estava me preparando para encontrar. Acreditando em minhas palavras, abracei-a de volta e disse que também tinha estado ansiosa por sua

companhia.

Nyasha tinha muito a dizer, e enquanto isso Anna desapareceu para dizer a Maiguru que eu tinha chegado. Nyasha estava fazendo um bolo, ela disse, para o irmão, que voltaria para o internato no dia seguinte. O bolo estava pronto para ser colocado no forno, o dia estava quente: o bolo cresceria na tigela e murcharia na forma se não fosse colocado para assar imediatamente. Anna me mostraria para onde ir. Nyasha desapareceu na cozinha novamente, levando consigo parte da segurança que tinha se instalado em mim com sua acolhida afetuosa. Julguei, novamente, a falta de educação da minha prima, e esperei que ela não continuasse assim, porque nos poucos minutos de nossa conversa eu tinha visto que aqui na missão pelo menos eu poderia ter minha velha amiga de volta.

Ela estava muito ocupada, habilmente untando uma forma de bolo com óleo e farinha e derramando a massa. Sem querer incomodar, me ocupei inspecionando a cozinha. Parecia muito sofisticada para mim na época. Mas pensando agora, lembro-me que o fogão só tinha três bocas; que a chaleira não era elétrica; que a geladeira era um negócio enorme e movido a parafina. O piso de linóleo era velho, a estampa azul e branca se desbotando até ficar vermelha em uns pedaços onde a tinta tinha saído, e partes pretas onde pés tinham levantado o piso velho bem na junção e água tinha pingado de mãos e vegetais e louças e criado uma sujeira escura e persistente. A janela da cozinha não tinha cortinas; um dos vidros não estava ali. Esse vidro que faltava causava muitos problemas porque uma corrente de ar entrava por aquele buraco, baixando as temperaturas do forno e fazendo com que pães e bolos nunca ficassem fofinhos, a não ser que se fechasse a porta da cozinha e impedisse que qualquer um a abrisse, bloqueando o caminho da corrente. Essa janela quebrada, a corrente de ar e suas consequências irritavam muito a Maiguru.

– Fico surpresa – ela murmurava enquanto batalhava com a

temperatura do forno. – Seria de se imaginar que as pessoas encontrariam tempo para consertar a janela da própria casa. Mas não. Pff! Fico surpresa.

Depois, quando a experiência já tinha aguçado minha percepção, também vi que as cores não combinavam. As paredes verdes e rosas – estava na moda ter uma parede pintada de cor diferente das outras – contrastavam muito umas com as outras e com o piso. Mas fiquei feliz de ver que a cozinha era limpa. A sujeira que podia ser removida do piso era removida regularmente quando ele era esfregado meticulosamente com um desinfetante de amônia, que era eficiente, mas ressecava a pele muito mais do que cinzas dissolvidas em água do Nyamarira. O esmaltado do fogão e o plástico da geladeira, ainda que não brilhassem, eram brancos, e a pia da cozinha reluzia cinzenta. Esta falta de brilho se devia, descobri anos depois, quando a televisão chegou à missão, ao uso de esponjas de aço que, apesar de esterilizarem 99 por cento da casa, eram ásperas e arranhavam as superfícies. Quando descobri este fato, percebi que Maiguru, que tinha assistido televisão na Inglaterra, provavelmente sabia que essas esponjas deixavam as coisas opacas e que as alternativas mais suaves poderiam deixar as superfícies brilhando. Àquela altura eu já tinha alguma noção sobre orçamentos também, principalmente sobre sua inelasticidade. Compreendi que a pia opaca de Maiguru não era consequência de desleixo, como as propagandas diziam, mas, sim, uma necessidade.

Anna retornou e disse que Maiguru estava descansando. Ela viria falar comigo assim que saísse da cama e se vestisse. Anna me levou até a sala de estar, onde esperei pela minha tia.

Desejando que não fosse uma doença que colocara minha tia na cama àquela hora do dia, segui Anna até a sala de estar, onde me sentei em um sofá. Era impossível deixar de notar que este sofá era duas vezes mais longo e profundo e macio do que o de casa. Avaliei o meu entorno, observando o tipo, a textura e a forma dos móveis, suas

cores e como estavam dispostos. Minha educação já tinha se iniciado, e foi com olhos pragmáticos que examinei a sala de estar de Maiguru; eu teria uma casa assim um dia; eu precisaria saber como mobiliá-la.

Como eu tinha entrado na casa do meu tio pela porta dos fundos, e avancei gradativamente no glamour passando da cozinha para a sala de jantar até a sala de estar, não recebi o impacto total da elegância daquela sala, o carpete bem ajustado, com felpa bem verde e bonitas manchas marrons e douradas, escolhido para combinar com as paredes verde-claras (uma ligeiramente mais clara que as outras três, seguindo a moda). As pesadas cortinas douradas escorrendo voluptuosamente até o chão, as quatro poltronas estofadas em veludo marrom, os abajures e suas cúpulas com borlas, as estantes elegantes, repletas de volumes de erudição encadernados em capa dura, perderam um pouco, mas muito pouco, do seu efeito.

Se eu tivesse entrado pela garagem, atravessado a varanda e a porta da frente, por onde os visitantes a quem era necessário impressionar entravam, o bom gosto e a elegância contida daquela sala me tirariam o fôlego. Do jeito que aconteceu, tendo visto a cozinha e a sala de jantar, que era muito mais elegante do que a cozinha, com piso de linóleo novinho e brilhante cobrindo cada centímetro quadrado de chão e tão habilmente instalado que as junções entre as lâminas eram praticamente invisíveis, eu estava um pouco melhor preparada para o que veio a seguir. Isso não foi totalmente ruim, porque a força total daquela sala de estar tão opulenta teria sido demais para mim. Lembro-me de me sentir um pouco intimidada pela sala de jantar, com a grande mesa oval, espaçosa o suficiente para acomodar oito pessoas, ocupando o centro do cômodo. Essa mesa, sua forma e tamanho, tinha muito a dizer sobre a quantidade, o conteúdo calórico, o complemento de vitaminas e minerais, as proporções relativas de gordura, carboidrato e proteína dos alimentos consumidos nela. Ninguém que comia naquela mesa poderia deixar de crescer e ser saudável. Encostada em

uma janela, e havia várias janelas ladeadas por painéis solares simples e práticos e sóbrias cortinas de algodão azul, estava uma cristaleira. Lustrosa e escura como a mesa, ela exibia em prateleiras de vidro esverdeado a porcelana mais graciosa e delicada que eu já vira – xícaras e pires, bules, jarras e tigelas finas e translúcidas, todas cobertas de rosas. Rosa e branco, ouro e branco, vermelho e branco. Rosas. Do tipo Old English, Tea, Old Country. Rosas. Esses conjuntos de chá pareciam tão delicados que era óbvio que eles se desintegrariam no momento em que você despejasse o chá em uma xícara ou colocasse o peso de um pãozinho em um prato. Não era de se admirar que tivessem sido trancadas. Eu desejei ardentemente que não esperassem que eu comesse ou bebesse deles. Fiquei aliviada ao descobrir, no devido tempo, que todos tinham um pouco de medo daqueles conjuntos charmosos e delicados, então eles eram só admirados e exibidos aos convidados.

Se as delicadas xícaras de porcelana de Maiguru me amedrontaram, a sala de estar, como eu disse, teria acabado comigo se eu não tivesse sido inoculada pelo caminho gradativo de que falei, embora talvez chamá-lo de um caminho de glamour gradativo não seja o jeito certo de descrevê-lo. Esse aumento no conforto da cozinha para a sala de estar era uma característica comum de todas as casas dos professores na missão. Tinha mais a ver com recursos e prioridades do que com bom gosto. O bom gosto de Babamukuru era impecável, de modo que, onde ele podia se dar ao luxo de satisfazê-lo, os resultados eram impressionantes. A opulência de sua sala de estar era muito forte, esmagadora para alguém que primeiro engatinhara e depois cambaleara e finalmente andara sobre um chão coberto de estrume. Era confortável, sim, mas esmagadora, ainda assim. Eu precisava encontrar uma estratégia para evitar que todo esse esplendor me distraísse como havia distraído meu irmão. Normalmente, em situações de aperto, eu usava minha estratégia de pensamento. Eu tinha muito orgulho da minha estratégia de

pensamento. Ela era feita para me colocar acima dos níveis irracionais da minha personalidade e permitir que eu procedesse de acordo com premissas puras e racionais. Hoje, porém, não funcionou.

Cada canto da casa de Babamukuru – cada superfície reluzente, cada contorno e dobra suave – sussurrava mensagens insistentes de conforto e alívio e descanso de forma tão provocante, tão sedutora, que prestar atenção nelas, simplesmente pensar nelas, seria meu fim. O único jeito era ignorá-las. Eu me mantive o mais distante e indiferente o possível.

Não foi fácil, porque minha tia demorou bastante para sair do quarto. Eu aproveitei bem este intervalo de tempo para fortalecer minhas defesas. Eu só precisava pensar na minha mãe, com Netsai e Rambanai sobrepostas ao fundo, para lembrar de como e por que eu tinha vindo parar na missão. E depois de ver como era fácil de acontecer, julguei meu irmão de forma menos dura. Em vez disso, fiquei mais consciente da importância de me manter resoluta. Então, para assegurar que não estava sendo fraca e sentimental ao repensar minha opinião sobre Nhamo, tive que analisar meu entorno novamente para ver se ele era mesmo tão potente para ter aquele efeito devastador, me expondo de novo a todas as possíveis consequências. Saí triunfante. Não fui seduzida.

Você pode pensar que não havia nenhum perigo real. Você pode pensar que, afinal, eram só cômodos decorados com os tipos de acessórios descritos como padrão pelas interpretações locais de revistas de decoração de interior britânicas, e não havia nada ameaçador nisso. Mas, na realidade, a situação era complicada. Embora eu estivesse confusa na época e não conseguisse descrever minhas circunstâncias com tanta desenvoltura, a real situação era a seguinte: Babamukuru era Deus, então eu tinha chegado ao Paraíso. Eu perigava me tornar um anjo, ou no mínimo uma santa, e esquecer que humanos normais existiam – de minuto a minuto e de pão a pão.

A ausência de sujeira era prova da natureza de outro mundo da minha nova casa. Eu sabia, soube minha vida toda, que viver era sujo, e este fato me desapontava. Eu tinha muitas vezes ajudado minha mãe a cobrir o chão da cozinha de estrume. Eu sabia, por exemplo, que os cômodos onde pessoas dormiam exalavam um odor peculiar de humanidade, assim como o cercado dos bodes cheirava a bode e o kraal tinha um cheiro bovino. Era de conhecimento geral das meninas mais novas na escola que as meninas mais velhas menstruavam em panos velhos que elas lavavam e reutilizavam e lavavam de novo. Eu sabia, também, que a realidade da menstruação era um segredo vergonhoso e impuro, e que não se podia contaminar os ouvidos imaculados dos homens com referências indiscretas a esse tipo de sujeira na presença deles. No entanto, à primeira vista era difícil ver sujeira na casa de Maiguru. Depois de um tempo, quando a novidade foi passando, começava a ficar aparente que a esterilidade antisséptica que minha tia e meu tio almejavam não podia ser atingida além do nível ilusório, porque os ônibus que passavam pela missão, seguindo horários quase regulares, levantavam uma tempestade de poeira fina e vermelha que se acomodava perversamente em cantos e superfícies de quartos e poltronas e estantes de livros. Quando a poeira era óbvia, ela era removida, mas uma certa quantidade sempre permanecia invisível e subia pelo nariz e causava rinite alérgica, restaurando assim uma noção de proporção, lembrando-lhe que este lugar não era o paraíso. Espirrando e limpando meu nariz nas costas da mão, fiquei confiante de que não iria terminar da mesma maneira que meu irmão.

Um gemido agudo e estremecido me arrancou abruptamente dos meus pensamentos, fez minhas axilas arrepiarem e minha boca ficar amarga. Gemeu e estremeceu por dez longos segundos, durante os quais imagens de bruxas em cima de hienas, ambas rindo infernalmente, passaram pela minha mente. Não era hora de ficar com medo, quando eu precisava de todo o meu juízo para aproveitar

todas as oportunidades que a missão tinha para me oferecer. Então fiquei irritada em vez de assustada, comigo mesma por ser surpreendida pelos sons diários da missão, e com a missão de ter tais sons. Deliberadamente, com indiferença, cerrando as palmas das mãos úmidas e apesar do fato de não haver ninguém além de mim para ficar impressionado com essa intrépida demonstração de coragem, levantei-me para ver através da janela os resultados daquele lamento estremecido. Através dos jacarandás no quintal do meu tio e dos eucaliptos à distância, os prédios escolares verde-claros brilhavam ao sol da tarde e os alunos do internato saltavam ou caminhavam ou corriam para o maior desses prédios, que aprendi mais tarde ser o Beit Hall. Os meninos usavam camisas e bermudas cáqui, como de costume, e as meninas usavam túnicas azul-escuras com cinto, sobre blusas azul-claro.

– É a chamada para a assembleia antes da aula – Anna deu uma risada na sala de jantar. – Tivemos um descanso durante as férias, mas agora voltou. Dá medo, né? Quando ouvi pela primeira vez, meu corpo todo secou. Ficou seco e duro. Tipo uma casca de árvore. Essa sirene! Mas você se acostuma.

– Você está mesmo ansiosa para começar as aulas, né? – brincou Maiguru, parada na porta do outro lado da sala. – Eeeh! Sisi Tambu – ela sorriu e se aproximou para me cumprimentar, o braço direito dobrado para cima a partir do cotovelo, com a palma na minha direção e abaixando a mão, fazendo com que eu batesse minha palma na dela como forma de cumprimento, do jeito que você faz quando encontra pessoas da sua idade ou amigos. – Você chegou, Sisi Tambu. Que bom. Sempre acho que tem algo de errado com minha casa quando os parentes de Babawa-Chido não vêm visitar.

Maiguru era muito modesta. Fiz o que pude para tranquilizá-la.

– Nem pense uma coisa assim, Maiguru. Todos amam vir aqui. Todos dizem que você os trata tão bem. Se pudessem, estariam aqui todo dia.

Maiguru sorriu com tristeza e depois recuperou o bom humor.

– Então tudo está bem – ela disse. – Mas nunca se sabe com algumas pessoas. Você os vê indo embora tranquilos e pensa que estão satisfeitos, mas o que eles dizem depois, essa é outra história.

– Ah, não, Maiguru – apressei-me. – Eu nunca vi ninguém dizer algo ruim. Eles têm orgulho de você. Dizem que você trabalha duro por eles – e finalmente a cumprimentei. Era necessário sentar-me no chão para fazê-lo. Sentei-me, cruzando as pernas debaixo do meu traseiro. Juntei minhas mãos. – Nyamashewe, Maiguru. Como vai você?

– Estamos todos saudáveis e contentes – Maiguru respondeu. – Mas levante-se, criança, e sente-se com conforto – Maiguru chamou Anna e pediu que ela preparasse o chá. Enquanto esperávamos ela perguntou por minha mãe, o tom da voz demonstrando muito mais a preocupação que sentia do que as palavras. Respondi do jeito mais breve que não deixasse a educação de lado, porque não era algo de que eu gostava de falar. Preferia manter guardados meus pensamentos sobre a condição de minha mãe.

Anna voltou trazendo uma bandeja com o chá. Havia bules e jarras e xícaras e pires, todos floridos e combinantes, com uma colher para o açúcar e mais duas para mim e para Maiguru mexermos o chá. Era tudo muito novo e refinado. Em casa nós fervíamos o leite junto com a água, quando tínhamos leite, e depois juntávamos as folhas de chá. Depois de pegar na bandeja um objeto redondo parecido com uma colher, Maiguru serviu meu chá.

– O que é tão engraçado, Sisi Tambu? – ela perguntou, vendo o sorriso em meu rosto.

– Aquela peneirinha, Maiguru. É mesmo só para peneirar o chá?

– O coador de chá? – minha tia respondeu. – Você nunca tinha visto um? Não daria para beber o chá sem isso. Ficaria cheio de folhas.

Então esse coador de chá era outra necessidade sem a qual eu havia vivido até agora. Maiguru parecia acreditar que ele era absolutamente fundamental. Eu não teria colocado desse jeito. Interessante, sim, mas fundamental? E imagina gastar dinheiro em uma peneira tão pequena que só pode ser usada para peneirar chá! Quando eu fosse para casa eu confirmaria se era mesmo desagradável beber chá sem o coador.

Também tinha comida, muita comida. Muitos biscoitos e bolos e sanduíches com geleia. Maiguru me ofereceu a comida, mas era difícil escolher o que experimentar, porque tudo parecia muito apetitoso. Não era comum termos bolo em casa. Na verdade, eu lembrava de termos bolo só no Natal e na Páscoa. Nessas ocasiões, Babamukuru trazia um pedaço de bolo Zambezi e cortava bem na frente dos nossos olhos gulosos, todas as crianças esperando que ele o distribuisse. Ele dava um pedaço por dia para cada um, então por vários dias, quando a guloseima já nem estava mais fresca, nós continuávamos extasiados. Passávamos muitos momentos prazerosos cutucando e beliscando, primeiro o coco branquinho e depois a cobertura cor-de-rosa e por último o bolo amarelo, mordiscando tão devagar e em pedaços tão pequeninhos que quase nem sentíamos o gosto, mas podíamos nos gabar, quando todos já tinham terminado, que nós ainda tínhamos um pouco. Biscoitos eram tão raros quanto bolos, especialmente biscoitos delicados e bem docinhos, com creme no meio ou chocolate por cima. Geleia era outra iguaria que só aparecia em ocasiões festivas.

Maiguru deve ter adivinhado o que eu estava pensando pela expressão no meu rosto e pela hesitação para me servir. Cordial, ela me convidou a comer o quanto eu quisesse do que eu quisesse, mesmo se fosse tudo. Como não queria que minha tia pensasse que eu era gulosa, tive que me segurar ainda mais depois disso, então escolhi só um biscoitinho que nem tinha creme no meio e o comi bem devagar para não ser obrigada a pegar mais nada. Isso deixou

Maiguru ansiosa. Minha querida tia, que gostava de agradar, interpretou meu acanhamento como uma falha dela.

– Você quer Mazoe, Sisi Tambu? Ou Fanta? Gengibirra, talvez? Temos tudo. É só dizer o que você quer.

Eu me apressei em tranquilizá-la tomando um gole de chá. Como estava acostumada a canecas esmaltadas, que avisavam quando o chá estava quente demais queimando os lábios antes de deixar o líquido chegar na boca, o chá fervendo escaldou minha língua. Eu estava em agonia. Meus olhos lacrimejavam e meu nariz pingava. Me engasgando e tossindo, coloquei a xícara de volta no pires.

– O que você está fazendo com ela, Mamãe? Parece que ela vai começar a chorar – Nyasha perguntou, entrando na sala aos pulos, toda enfarinhada e cheirando a bolo.

– Vá se limpar, Nyasha. Cumprimente sua prima – respondeu Maiguru.

– Olá – minha prima disse contente, do outro lado do cômodo.

– Nyasha! – Maiguru insistiu.

– Eu já a cumprimentei, antes de você aparecer – Nyasha disse, saindo da sala de estar para o interior da casa. – Enfim – ela adicionou, enfática –, vou me limpar.

Era mesmo muito triste que Maiguru, que era a personificação da cortesia e da boa educação, tivesse uma filha tão impetuosa. Era tão vergonhosa, a maneira como Nyasha achava que podia dizer o que quisesse para a mãe. Eu não sabia para onde olhar.

– Eles são anglicizados demais – explicou Maiguru, com uma risadinha que fazia ser difícil entender se ela estava censurando Nyasha por seus hábitos anglicizados, ou me censurando por não os ter. – Eles pegaram esses modos desrespeitosos na Inglaterra – ela continuou, falante –, e estão demorando para reaprender a se comportar em casa. É difícil para eles, as coisas são bem diferentes. Especialmente essa coisa com os parentes. Você, por exemplo, Sisi Tambu, o seu irmão estava aqui e agora você veio. Eles não viram

esse tipo de coisa enquanto cresciam na Inglaterra, então agora estão meio confusos. Mas não importa. Não se preocupe com as manias da Nyasha. Nós sempre tentamos ensiná-la a se comportar do jeito certo, estamos sempre falando Nyasha, faça isso; Nyasha, por que você não fez aquilo? Mas está demorando. A cabeça dela está cheia de conexões soltas que estão sempre faiscando. Nyasha! Ah, Nyasha! Aquela minha filha com opinião sobre tudo! Você terminou o chá, Sisi Tambu? – ela perguntou, vendo minha xícara vazia. – Então venha, vou mostrar onde você vai dormir.

Segui Maiguru para o corredor, que era escuro, sem janelas, mas não tão escuro que escondesse uma longa fileira de ganchos na parede, dos quais pendiam sobretudos pesados e capas de chuva leves. Essas pessoas, entendi, nunca ficavam molhadas ou com frio.

Maiguru parou em frente a uma porta fechada, bateu e entrou. Eu entrei com ela em um quarto que continha confortavelmente duas camas-viúva, um guarda-roupas que provavelmente era grande demais para as roupas de uma só pessoa e uma cômoda com um espelho de corpo inteiro tão novo que refletia apenas o presente. Nyasha descansava, recostada na cabeceira da cama, que ficava encostada na parede, as pernas dobradas e cruzadas no joelho, aparentemente profundamente absorta em um livro, embora seus olhos se desviassem de vez em quando para se observar no espelho. Maiguru e eu ficamos paradas na porta por um tempo. Acho que estávamos nos perguntando o que aconteceria a seguir.

– O que você está lendo, Nyasha-washa, meu amorzinho? – Maiguru finalmente perguntou, adentrando o quarto. Nyasha levantou o livro para que a mãe descobrisse sozinha.

Maiguru apertou os lábios, cheia de reprovação.

– Ah, querida – ela suspirou –, nada disso. Nyasha, não quero que você leia esse tipo de livro.

– Não tem nada de errado, Mamãe – Nyasha a tranquilizou.

– Não fale assim, Nyasha – Maiguru avisou em um tom de voz

que eu aprovei, mesmo sem entender a língua muito bem. Achei que Nyasha podia ser mais respeitosa. – Eu li esses livros quando estava na pós-graduação – Maiguru continuou – e sei que não são livros apropriados para você ler.

– Mas é muito bom, Mamãe. Você sabe que D. H. Lawrence é considerado muito bom – Nyasha protestou.

– Você não deve ler esse tipo de livro. Eles não são bons para você – Maiguru insistiu.

– Mas, Mamãe, eu fico tão entediada. Já li todos os livros que temos em casa e você me deixa ler, e a biblioteca da escola não é lá essas coisas. Qual é o problema, afinal? É só um livro e eu só estou lendo.

O rosto de Maiguru se contraiu, pensei que por aborrecimento, mas talvez ela estivesse se retraindo. Ignorando Nyasha (que também começou a ignorar a mãe, desviando a atenção para o livro de modo tão severo que a concentração franzia sua testa em delicadas linhas de atividade mental), Maiguru se virou para mim.

– Bem, Sisi Tambu, é aqui que você vai dormir – ela sorriu animadamente, acrescentando desnecessariamente –, com Nyasha – e indicou a cama desocupada.

Se eu já estava apreensiva desde o minuto em que entramos no quarto de minha prima, estava completamente angustiada agora que meu destino havia sido selado. Pelo que vi da minha prima, fiquei intrigada e fascinada em uma parte da minha mente, a parte aventureira e exploradora. Mas esta era uma parte muito pequena. A maior parte de mim buscava ordem. A maior parte de mim era concreta e categórica. Essas partes julgavam Nyasha fortemente e eram cautelosas com ela. Nyasha, pensei, traria surpresas demais; ela seria uma distração quando tudo que eu mais quisesse fosse me concentrar nos estudos. Havia algo nela que era intangível demais para eu me sentir confortável, tão intangível que eu não conseguia decidir se era intangivelmente bom ou intangivelmente ruim. Havia

um certo glamour na ideia de dividir um quarto com minha prima anglicizada. A própria Nyasha era glamourosa de uma maneira irreverente que me fazia sentir, se não exatamente inadequada, pelo menos ignorante sobre algum aspecto fundamental da feminilidade adolescente. Mas apesar de todo o glamour, eu seguia acreditando que Nyasha não seria boa para mim. Tudo sobre ela gritava alternativas e possibilidades que, se fossem consideradas a fundo, causariam estragos no plano organizado que eu traçara para minha vida. A sensação de estranheza e inadequação que havia ido embora enquanto eu tomava chá sob a vigilância maternal de Maiguru se recolocou. Precisando de um bode expiatório, culpei Nyasha, que não foi cordial o suficiente para dizer uma única palavra para mim em todo o tempo em que eu estivera em seu quarto.

Maiguru estava inquieta, arrulhando e ciscando e remexendo as penas.

– Essas são suas coisas, Sisi Tambu, suas roupas e as coisas para o banho – ela gorjeou feliz, puxando de baixo da cama uma mala que seria minha, e abrindo a mala para apresentar meu novo guarda-roupa. Havia o uniforme, duas túnicas azul-escuras de pregas largas e quatro camisas azul-claras de manga curta para usar embaixo das túnicas. Havia seis pares de meias soquete brancas e um par de sapatos pretos com fivelas nas laterais que descobrimos ser um número menor do que meu pé, o que não significava que eu não podia usá-lo. Minha tia me mostrou as roupas de baixo, as anáguas de nylon lisinhas e as calcinhas bem práticas. Para meu deleite, havia dois vestidos casuais e elegantes em cores pastel – rosa e amarelo –, os dois novinhos, com mangas bufantes e saias cheias e plissadas saindo de cinturas baixas bem chiques. Meu coração transbordou de gratidão e amor por meu tio e minha tia. Toda a animação, incerteza, ansiedade e felicidade se misturaram em uma emoção tão explosiva que eu quase caí no choro. Tentei dizer alguma coisa para minha tia, algumas palavras de agradecimento bem colocadas, mas Maiguru

continuava chilreando. – Está vendo, Sisi Tambu, está vendo, não está, como seu tio cuida bem de você? Ele já ajeitou tudo. Aqui a escova de dentes, aqui a vaselina e o paninho e o pente. Veja, tudo! Mas se tivermos esquecido de algo, por favor, não tenha vergonha. Pode nos falar. Ou fale para a Nyasha. Ela vai ajudar você a se acomodar. Nyasha, docinho! – prendi a respiração.

– Sim, Mamãe? – a filha respondeu, comportada. Respirei novamente.

– Ajude a Tambudzai a se acomodar, amor.

– Sim, Mamãe – Nyasha murmurou.

Cinco

Nyasha permaneceu séria por um tempo depois de Maiguru sair. As linhas de concentração estavam ainda mais marcadas em sua testa. Não havia nada para eu fazer – minha cama estava feita, minhas roupas estavam arrumadinhas na mala. Sentei em minha cama e esperei, sem ousar falar com Nyasha, cuja indiferença, quando ela não estava desarmando você com toda a força de seu charme precoce, era muito intimidadora. Felizmente, não era de sua natureza ficar indiferente por muito tempo. Ela não conseguia evitar me espiar rapidamente quando achava que eu não estava vendo, e eu a peguei no ato porque é claro o mesmo. Nossos olhos se encontraram e Nyasha caiu na risada.

– Mais cedo ou mais tarde vamos ter que conversar – ela riu. – E sei lá, não é com você que estou brava.

Ela estava, aparentemente, bem-disposta em relação a mim. Seguiram-se os cumprimentos habituais sobre como a situação estava em casa e minhas perguntas ávidas sobre a escola na missão. A que horas as aulas começavam pela manhã? A que horas elas terminavam? Os edifícios que eu tinha visto pela janela da sala de estar eram as salas de aula? Aquela sirene era o sinal, né? E os professores, eram duros ou gentis?

– Estou contente – Nyasha disse, quando começamos a conversar mesmo – que vamos dividir este quarto. Significa que seremos amigas. Mas você fez uma cara para nós quando voltamos da Inglaterra, então eu não tinha certeza do que ia acontecer quando você chegasse. Eu disse para mim mesma, vou tentar ser legal, vou tentar ser simpática e veremos o que vai acontecer.

– Mas eu não estava desdenhando *você* – protestei, falando em shona. Nossa conversa era difícil e desajeitada porque quando Nyasha falava sério, os pensamentos vinham em inglês, e comigo, o

pouco inglês que eu tinha desaparecia quando eu derrubava as barreiras para falar de coisas importantes. – Sabe o que aconteceu? Eu fiquei muito decepcionada porque você não falava comigo, nem o Chido. Nem uma palavra! Você nem me cumprimentou. Só o Nhamo, ele era o seu favorito.

– Na verdade – Nyasha confessou, com uma reserva que não era normal, de modo que se eu não a conhecesse, acharia que ela era tímida –, na verdade estávamos apavorados naquele dia. E confusos. Sabe, é fácil esquecer das coisas quando se é tão jovem. Nós tínhamos esquecido como era estar em casa. Tipo, esquecido mesmo, como era a aparência, o cheiro, todas as coisas para fazer e dizer e não fazer e não dizer. Era tudo estranho e novidade. Diferente de tudo com que estávamos acostumados. Foi um choque, sério!

Pensando agora, vejo que foi ali que começou nossa amizade. Na verdade, foi mais do que amizade o que se criou entre mim e Nyasha. A conversa que se seguiu foi longa e comprometida, cheia de aberturas sinceras e entradas e saídas complexas. Foi o tipo de conversa que meninas têm com suas melhores amigas, que namorados têm sob a influência da novidade e singularidade do seu amor, o tipo de conversa que primas têm quando percebem que gostam uma da outra, mesmo sem querer gostar. Pode-se dizer que minha relação com Nyasha foi meu primeiro caso de amor, a primeira vez que me afeiçoei a alguém que eu não aceitava completamente.

– Não devíamos ter ido – Nyasha estava dizendo, desanimada. – Nossos pais deveriam ter nos mandado de volta para casa. Deveriam, sabe. Muita gente fez isso. Talvez tivesse sido melhor. Para eles, ao menos, porque agora eles têm que lidar com filhos híbridos. E eles não gostam disso. Não gostam nem um pouco disso. Ficam ofendidos. Eles acham que fazemos de propósito, então ficam ofendidos. E eu não sei o que fazer, Tambu, de verdade. Não posso apagar o fato de ter estado lá e de ter me tornado o eu que esteve lá.

Mas eles se ofendem, eu os ofendo. É bem difícil.

A intimidade que se instalara no quarto àquela altura era inebriante. Me deixou imprudente como quando eu era pequena e bebia os restos do cantil do meu pai. Me fez contar a Nyasha o que eu achava de verdade.

– Mesmo que você tenha ido para a Inglaterra, você ainda tem que respeitar sua mãe – eu disse. – Eu nunca falaria com minha mãe do jeito que vi você falar com Maiguru.

Nyasha bufou.

– Pff. Nem se preocupe com minha mãe – respondeu, amarga. – Ela não quer ser respeitada. Se as pessoas fizessem isso ela não teria do que se queixar, e daí o que ia fazer? Ela passa a maior parte do tempo reclamando.

Fiquei impressionada com minha ousadia em contar a Nyasha o que eu pensava, mas tinha certeza de que ela estava errada. A Maiguru que eu conhecia não era nada como Nyasha estava dizendo. Minha Maiguru se preocupava com todo mundo. Ela era gentil, meticulosa e carinhosa. Senti uma forte obrigação moral de explicar isso a Nyasha, que julgava a mãe com tanta severidade, mas levaria muito tempo para encontrar palavras adequadas para um assunto tão complexo e delicado. Por isso, fiquei aliviada quando Anna veio e se ajoelhou na porta para nos dizer que o jantar estava quase pronto.

– Pelo amor de Deus, Anna, levante! – Nyasha exigiu, irritada. – Toda vez que você vem aqui eu digo para você não se ajoelhar, mas você não para. Qual o seu problema? – e depois ficou com vergonha. – Nossa, me escuta só. Toda irritada e rabugenta! Mas sério, Anna, não precisa se ajoelhar quando vier falar comigo.

Anna continuou a mensagem, ainda ajoelhada:

– Mami disse que se Tambudzai não tomou banho não tem problema por hoje, mas que depois do jantar você deve mostrar onde fica o banheiro – ela partiu tão discretamente quanto tinha chegado.

Nyasha me examinou e declarou que eu estava limpa o bastante

para sentar à mesa. Ela queria que nós fôssemos ajudar a servir a comida porque os pais dela gostavam de vê-la sendo útil, mas eu precisava usar o banheiro, então ela me mostrou onde era e disse que estaria na cozinha. Eu nunca tinha usado um vaso sanitário, então foram necessárias algumas tentativas. Subi no assento e me agachei, primeiro virada para o tanque de água e depois, mais confortavelmente, de costas para ele.

Anna estava abrindo as cortinas douradas da sala quando passei a caminho da cozinha. Ainda não estava escuro, com um brilho alaranjado no oeste que agora tinha migrado e ocupava o sul. Não me importava. Leste, oeste, norte, sul – dava tudo na mesma para mim contanto que o sol nascesse de um lado e se pusesse do outro. Eu estava mais preocupada com o fato de ainda ser muito cedo, cedo demais para a última refeição do dia. Desse jeito eu estaria com fome na hora de ir para a cama, e eu tinha pesadelos quando ia dormir sem um montinho reconfortante de sadza esquentando meu estômago.

A comida já estava posta quando entrei na sala de jantar, muitas travessas grandes no centro da mesa, muitos pratos e copos e facas e garfos em cada lugar. Nyasha estava sentada em seu lugar lendo o livro. Ela o colocou no aparador quando Maiguru entrou para tomar seu lugar à mesa, graciosamente me convidando para sentar ao lado da minha prima.

– Vamos fazer uma oração? – Maiguru sugeriu depois que sentei. Eu quase disse que concordava, mas ao ver Nyasha baixar a cabeça, fiz o mesmo sem nenhum comentário. Maiguru recitou uma oração em inglês, a que Nyasha se juntou no final, dizendo “Amém”, e eu repeti a palavra depois delas, porque não sabia quando a oração estava chegando ao fim.

Babamukuru entrou pela porta dos fundos quando estávamos terminando a oração.

– Boa noite, Baba – Maiguru o cumprimentou em shona.

– Boa noite, Papai – Nyasha o cumprimentou em inglês.

– Boa noite, Babamukuru – eu disse, misturando as duas línguas porque não tinha certeza de qual das duas era mais adequada. Babamukuru soltou um grunhido breve à guisa de resposta, de um jeito que demonstrava de cara que havia coisas mais importantes na mente dele do que a bonança das noites, fazendo você se perguntar se deveria tê-lo incomodado com detalhes tão mundanos para começo de conversa.

– Como foi seu dia? – Maiguru perguntou em inglês.

– Você passou o dia bem? – Nyasha perguntou em shona.

– Você passou o dia bem, Babamukuru? – repeti.

Babamukuru grunhiu de novo, um pouco mais longamente dessa vez, indicando que o dia tinha sido tolerável. Ele sentou na cabeceira da mesa, no lugar onde havia uma pilha de pratos.

– Vocês já tinham começado – ele observou para Maiguru. – Você achou que eu não viria, mesmo depois de ter telefonado para dizer que o jantar estava pronto e eu dizer que estava vindo?

– Não, não, Papaizinho – Maiguru gorjeou, mexendo nas louças. – Estávamos prestes a começar. Mas agora você chegou. Sirva-se, Papaizinho querido! – com essas palavras, ela removeu a tampa da travessa mais próxima de Babamukuru e colocou-a no aparador. Depois pegou um prato da pilha em frente a Babamukuru e segurou para ele muito respeitosamente, com as duas mãos, enquanto ele servia comida no próprio prato. Quando ele estava satisfeito com a primeira travessa, Maiguru colocou o prato do marido em seu próprio lugar. Ela trocou a travessa da qual Babamukuru tinha se servido por outra e levantou o prato dele novamente para que ele se servisse de novo. Isso continuou até Babamukuru se servir da terceira travessa, quando se descobriu que Anna tinha esquecido de fazer o molho. Babamukuru disse que gostava de molho.

– Eu posso fazer – Nyasha ofereceu, saltando da cadeira. – Vou ser mais rápida que a Anna. Sério, não vai levar nem um minuto.

Maiguru achou que a comida deveria ser colocada no forno para permanecer aquecida enquanto Nyasha fazia o molho. Feito isso, Babamukuru, Maiguru e eu esperamos que ela terminasse.

– Você viu o tipo de livro que sua filha está lendo? – Maiguru perguntou ao meu tio, pegando a cópia de Nyasha de *O amante de Lady Chatterley* de cima do aparador e mostrando para ele.

Babamukuru ficou aborrecido, parecia triste, depois chateado, e, finalmente, irritado.

– Pff! – ele balançou a cabeça. – Não sei o que há de errado com nossa filha. Ela não tem nenhuma noção de decência, nenhuma mesmo – enquanto dizia isso, pegou a cópia e saiu do cômodo, voltando um minuto depois sem o volume ofensivo.

– Você acha que ela não deveria ler esse livro? – Maiguru perguntou. – Eu pensei o mesmo, mas Nyasha é inteligente, e uma boa menina, e é só um livro, então pensei...

– Se eu deixasse, Ma'Chido, você mimaria essas crianças. Filha minha não vai ler esse tipo de livro.

E Nyasha retornou com o molho, Anna vindo atrás com o resto da refeição. Maiguru disse que o prato de Babamukuru já não estava mais fresco. Ela disse que comeria aquele prato, que Babamukuru devia se servir de outra porção de comida. Babamukuru achou que a esposa estava arranjando problemas por nada, mas ela insistiu, então o ritual de empratar a comida do meu tio se repetiu. Dessa vez, Nyasha não esperou que o pai terminasse. Quando ele estava na terceira travessa, ela já estava se servindo de arroz.

– O que você está fazendo, Nyasha? – Babamukuru perguntou, sem olhar para ela, fazendo eu me perguntar como ele tinha percebido.

– Pensei que você não ia mais pegar arroz – Nyasha respondeu, colocando molho e carne em cima do arroz.

– E a sua mãe? – Babamukuru perguntou, como se estivesse conversando. – Você acha que ela não sabe o que está fazendo, me

esperando terminar?

– Não gosto de comida fria – Nyasha argumentou, tão disposta a dialogar quanto o pai.

– Você tem certeza que pegou carne o bastante, Papaizinho? – Maiguru interrompeu, afetuosa. – Vou colocar um pouco mais.

– Acho que não preciso de mais, obrigado, Ma’Chido – recusou Babamukuru. Mas Maiguru tirou a colher das mãos dele e colocou mais vários pedaços grandes de carne no prato. Apesar de parecer meio enjoado, Babamukuru devorou tudo de forma viril; depois Maiguru me serviu e, finalmente, se serviu.

A comida tinha uma aparência interessante, o que me fez ficar desconfiada, porque eu sabia que comida deveria ser nutritiva, não interessante. Além do arroz, havia algo que talvez fosse batata: eu não podia ter certeza porque estava besuntado em um molho grosso, branco e sem gosto. Apesar de eu corajosamente colocar pequenos pedaços na boca, a comida se recusava a descer por minha garganta em grandes quantidades. Na verdade, nada estava descendo pela minha garganta em grandes quantidades. Descobri que usar garfo e faca era mais difícil do que parecia; a maior parte do meu jantar estava caindo na mesa, no meu peito, no meu colo – em todo lugar, menos na minha boca. De certa maneira isso nem era ruim, porque aquelas batatas faziam todo o resto, até a carne, que estava cozida direitinho com bastante sal e cebola e tomate, ficar com um gosto estranho.

Sem pausar a conversa que estava tendo com Babamukuru – sobre se os alunos tinham voltado para a escola, se eles tinham pago as taxas escolares e se as turmas já estavam cheias –, Maiguru tocou o sininho prateado que ficava ao seu lado. O som fez Anna vir correndo e se ajoelhar.

– Você pode trazer um pouco de sadza, Sisi Anna? – Maiguru pediu. – E uma colher. Acho que você esqueceu de dar uma colher para Sisi Tambu.

Fiquei muito feliz de ver o sadza quando ele apareceu, mesmo que ninguém mais desse bola para ele. Que vergonhoso. Houve muitas situações vergonhas naquela refeição: parecia que uma criança pequena e malcriada tinha sido alimentada no meu lugar; eu estava lá segurando uma colher e agora Maiguru estava colocando sadza no meu prato, sadza que ninguém mais ia comer. Ela estava sendo muito boa.

– Quando fomos para a Inglaterra – ela estava dizendo – foi horrível. Levei meses para me acostumar à comida. Não tinha gosto, sabe, e era tão pouca. Eu tinha fome dia e noite. Às vezes era tanta que eu não conseguia dormir! Então, Sisi Tambu, coloque no estômago o que vai enchê-lo e fazer você dormir bem.

– Eu não ligo de ir dormir com fome – disse Nyasha.

– E quando foi que você foi dormir com fome? Não nessa casa! – irritou-se Maiguru.

– Eu só quis dizer – Nyasha respondeu, parecendo arrependida – que quando não consigo dormir, normalmente só preciso ler alguma coisa. Sério! Às vezes preciso ficar lendo até a uma da manhã, mas depois disso caio no sono.

– Então é isso que você devia ter dito – falou minha tia.

– Falando em livros – Nyasha continuou –, eu poderia jurar que trouxe aquele do D. H. Lawrence para cá. Você o viu, Mamãe?

– Não estou vendo em lugar nenhum.

– Mas tenho bastante certeza que o trouxe para cá – Nyasha insistiu, franzindo a testa e esquecendo de comer com o esforço de tentar lembrar onde tinha colocado o livro. – Misericórdia! Se eu não o trouxe, devo estar ficando muito desatenta mesmo – ela comeu uma garfada e empurrou a cadeira. – Isso está me incomodando. Só vou dar uma olhada no quarto.

– Sente-se, Nyasha – Maiguru falou. – Pelo amor de Deus, chega de falar naquele livro. Já falei que não quero você lendo aquele tipo de coisa.

Nyasha congelou enquanto levantava da cadeira e ficou de pé e confrontou a mãe.

– Você não sumiu com ele, né? – perguntou, e depois respondeu sozinha. – Desculpa, Mamãe, eu sei que você não faria uma coisa dessas.

– E se eu fiz? – Maiguru perguntou.

– Mas você não faria, né? Não sem me dizer, né? – Nyasha perguntou, consternada. Maiguru estava com uma cara tão triste que não dava para culpar a Nyasha por pensar que a mãe tinha sumido com o livro. – Mas, Mamãe! Como você pôde fazer isso? Sem me dizer. Isso é... Isso é... Tipo, você não deveria... Você não tem o *direito*...

– Er, Nyasha – Babamukuru disse, olhando para o próprio prato –, não quero ver você falar com sua mãe desse jeito.

– Mas, Pai – a filha persistiu, imprudente –, eu esperaria, sério, esperaria...

– *Eu* espero que você faça o que *eu* digo. Agora sente e termine de comer.

Zangada, Nyasha sentou e comeu algumas garfadas.

– Com licença – disse. Ela levantou da mesa, a comida ainda no prato.

– E aonde você vai agora? – Babamukuru exigiu.

– Para o meu quarto – Nyasha respondeu.

– O que você disse? – Babamukuru gritou, a voz falhando com descrença. – Você não me ouviu dizer que não quero ver você dando respostas atravessadas? Você não me ouviu dizer isso agora mesmo? Agora sente e coma. Tudo. Quero ver você comer tudo isso.

– Eu já comi o bastante – Nyasha explicou. – Sério! Estou cheia – ela começou a bater o pé. Em vez de sentar, virou-se e saiu da sala de jantar. Babamukuru quis ir atrás dela, obrigando Maiguru a segurá-lo.

– Não a leve tão a sério, Babawa Chido. Ela está agitada porque

Tambudzai está aqui – a esposa o tranquilizou.

– Não sei o que há de errado com ela – o pai murmurou, permitindo-se tranquilizar. – Mas tem alguma coisa errada com ela, alguma coisa muito errada. Uma criança comportada não age desse jeito. É verdade, Ma’Chido, às vezes nem consigo dormir pensando no que essa minha filha está se tornando.

– Ela queria saber sobre o livro – minha tia sorriu, dócil. – Você o levou embora mesmo, então ela estava perguntando.

Talvez Maiguru pensasse que Babamukuru tinha se acalmado o bastante para ser objetivo sobre a questão. Talvez ela estivesse cansada de levar a culpa pelas ações do meu tio. Eu não sabia, e não queria descobrir. Enfiei o último pedaço de sadza na boca, agradei minha tia pela refeição e me retirei.

– Você vem comigo? – Nyasha perguntou quando entrei no quarto.

– Para onde?

– Fumar um cigarro.

– Você fuma cigarros! – eu fiquei chocada. Babamukuru estava certo! A filha dele não tinha mais jeito.

– Sim – disse Nyasha, tentando parecer indiferente apesar de estar fervendo de raiva, e conseguindo parecer cansada. – Preciso relaxar da histeria que acontece nessa casa. Você não precisa fumar – ela assegurou –, mas eu queria companhia. Sério, queria mesmo.

Tentei mudar de assunto, desejando que os cigarros que ela tinha tirado da mochila desaparecessem, ou que ao menos ela os colocasse de volta na mochila e dissesse que os estava guardando para outra pessoa. Eu estava apavorada que Babamukuru fosse entrar e vê-la os segurando. Seria demais para ele depois do que tinha acontecido no jantar. Ou ele a mataria, ou o choque o mataria.

– Eu quero ler um livro – eu disse, até falando em inglês na tentativa de distraí-la. – Eu gosto de ler livros – continuei, pensando no que mais poderia dizer para entretê-la.

– Pode ler o que quiser – Nyasha disse, indicando a estante de livros. Depois de jogar um cigarro e uma caixa de fósforos dentro do sutiã, ela me deixou sozinha no quarto.

Não fiquei sozinha por muito tempo. Anna veio, bateu, entrou e ajoelhou.

– Você está sendo chamada, Sisi Tambu – ela disse –, na sala de estar.

Era estranho como ela tinha começado a me chamar de “Sisi”, porque ela era mais velha e não precisava me chamar assim; e ela não falava desse jeito quando foi até minha casa no funeral de Nhamo e nem quando eu tinha chegado ali, apenas algumas horas antes. Não que tivesse mesmo qualquer importância. Afinal, Maiguru me chamava de “Sisi”, com afeto e amizade, então Anna podia estar fazendo o mesmo. Mas adquiria importância quando você considerava todas os modos estranhos que ela tinha adotado, como ajoelhar-se para falar comigo e falar sem me olhar, encarando o chão um pouco à frente dos meus pés. A pior parte é que ela quase nem falava, não dizia mais do que as poucas palavras necessárias para passar a mensagem. Você conheceu Anna antes de ela começar a se comportar assim, e acho que vai concordar comigo que nada na terra teria a transformado tão rapidamente em uma pessoa quieta e reservada. Uma mudança que tinha a ver comigo. Pensar que minha mudança de endereço tinha me transformado em uma pessoa com quem Anna não podia conversar me trouxe de volta à realidade. Também era preocupante, porque eu só tinha percebido a mudança de endereço. O eu que eu esperava encontrar na missão ainda demoraria a aparecer. Além disso, não era para ser uma mudança tão radical que fizesse as pessoas não poderem conversar comigo. Era para ampliar e melhorar o que eu era de verdade. O comportamento de Anna fez eu me sentir desconfortável e estranha em mim mesma, então fui grosseira com ela.

– Por que você está ajoelhada? Só para falar comigo? – perguntei, mas ela já tinha se levantado e foi embora sem responder.

Então me esperavam na sala de estar! Eu já esperava que me chamassem. O comportamento de Anna teria me deixado mais preocupada se eu tivesse tempo de pensar nele, mas este chamado era importante demais e não dava tempo de ficar pensativa. Era importante porque Babamukuru e Maiguru agora me dariam as boas-vindas oficiais a sua casa; separariam oficialmente a mim, minha mente e meu corpo da aldeia.

– Sente-se, criança – disse Babamukuru cordialmente quando entrei na sala nas pontas dos pés. Na verdade, eu estava andando normalmente, colocando o pé todo no chão, mas parecia que eu estava nas pontas dos pés, pois meu andar era muito respeitoso. – Em um assento, criança, em um assento – ele completou quando me agachei para sentar humildemente no carpete ao lado da porta pela qual tinha entrado.

Fiquei de pé, mas hesitei, sem saber onde sentar. Era um problema complicado. Babamukuru estava sentado em sua cadeira, que ficava de frente para a lareira, e Maiguru estava sentada em uma ponta do sofá. Havia espaço no sofá entre Maiguru e a cadeira de Babamukuru, e também havia uma poltrona desocupada ao lado de Babamukuru, mas eu não podia sentar nesses lugares, pois seria desrespeitoso sentar tão perto do meu tio. Não havia alternativa além de sentar no único outro lugar vago, uma poltrona de frente para Baba e Maiguru, que colocava nós três o mais longe possível uns dos outros naquele cômodo. Depois de ter sentado na cadeira, comecei a me perguntar se teria sido mais apropriado, neste lugar tão britânico, sentar mais perto de minha tia e meu tio. Debati seriamente, angustiada, por pelo menos dois minutos, se deveria ir sentar no sofá ou não. Mas isso não ajudou, porque descobri que as vantagens e desvantagens de transferir meu assento se igualavam. Para resolver a questão, decidi que o problema não era tão importante, já que meu

tio não tinha feito nenhum comentário sobre onde eu tinha sentado. Disse a mim mesma um estardalhaço por nada, apontando com dureza que eu fizera isso a tarde toda: os cachorros, a sirene, o cigarro de Nyasha – tudo tinha me apavorado. Até a metamorfose de Anna tinha me preocupado, sendo que eu deveria ter apenas falado normalmente com ela e posto fim à situação. Assim, racionalmente, acabei com o sentimento de estranheza. Me acomodei melhor na cadeira.

Esse monte de pensamentos levou um bom tempo e exigiu bastante concentração, então eu perdi a primeira parte do discurso de meu tio. Quando minha atenção estava finalmente livre e eu podia focar nele, ele já tinha dito muitas coisas. Mas Babamukuru gostava de abordar, explicar, frisar seus pontos para as pessoas. Felizmente, pois isso significava que eu não tinha precisado dizer nada.

– ... como você mesma vai perceber – ele estava dizendo quando comecei a prestar atenção – não é sempre que tenho tempo de vir até em casa como hoje à noite. Na maior parte do tempo fico no escritório, trabalhando. Há muitas questões que precisam da minha atenção, principalmente agora, no início do ano escolar – ele me informou, enquanto Maiguru fazia barulhinhos de concordância com o fundo da garganta. – Er, mas mesmo assim – meu tio continuou – senti que era necessário, como seu pai, que eu tirasse um tempo do trabalho para falar com você como um pai fala com uma filha.

Babamukuru ficava sempre muito impressionante quando fazia esses discursos. Ele era um perfeccionista rígido e imponente, com caráter duro o bastante para funcionar da maneira puritana que ele esperava, ou melhor, insistia que o resto do mundo funcionasse. Por sorte, ou, talvez, por azar para ele, durante toda a vida Babamukuru tinha estado – como filho mais velho, como um dos primeiros africanos educados, como diretor, como marido e pai, como provedor para muitos – em posições que o permitiam organizar sua

realidade imediata da forma que ele desejasse. Mesmo quando não era esse o caso, como quando ele foi para a missão ainda menino, o resultado desses períodos de submissão era mais poder do que antes. Dessa maneira, ele tinha sido separado da necessidade de considerar alternativas, a não ser que partissem dele. Estoicamente, ele aceitava a própria divindade. Deslumbrados, nós aceitávamos também. Ficávamos fascinados por como essa divindade era benevolente. Babamukuru era bom. Todos concordávamos. Ainda mais do que isso, Babamukuru era correto. Foi por isso que meu coração inchou cheio de gratidão quando ele frisou o tamanho do sacrifício que tinha feito ao deixar o trabalho para me buscar na propriedade naquela tarde, frisando particularmente que o trabalho que ele tinha deixado para me buscar era o trabalho que pagava minhas taxas escolares e comprava a comida que eu comeria naquela casa.

– Não é comum eu sair do escritório de tarde – ele concluiu, virando-se para Maiguru, que estava quieta há algum tempo, sentada com os braços cruzados e olhando com desinteresse para distâncias invisíveis. – Não é mesmo, Mai?

– É muito verdade – minha tia respondeu. – Você deve tentar trabalhar tão duro quanto seu tio – ela me disse. – Ele trabalha; ele nunca para. É até difícil para ele encontrar tempo para me levar até a cidade para comprar comida.

– É como sua tia diz – Babamukuru concordou, modesto. – Mas não foi por isso que chamamos você aqui.

No fim, Babamukuru tinha me chamado para ter certeza de que eu estava ciente da sorte que tinha por ter recebido essa oportunidade de emancipação mental e, eventualmente, através dela, material. Ele enfatizou que essa bênção que eu recebera não era uma bênção individual, mas que se estendia a todos os membros da minha família, que poderia depender de mim no futuro como agora dependia dele. Finalmente, ele explicou, na missão eu não apenas frequentaria a escola, mas aprenderia modos e hábitos que deixariam

meus pais orgulhosos. Eu era uma menina inteligente, mas precisava me tornar uma mulher digna, ele disse, dando a mesma ênfase às duas qualidades sem enxergar nenhuma contradição.

– Isso é necessário – ele me disse –, porque nada agrada mais aos pais do que ver os filhos criando suas próprias famílias. Sei que tudo isso ainda está muito longe, mas nunca é cedo demais para começar a planejar o futuro – e começou a divagar, contando que tinha começado a planejar o próprio futuro aos nove anos de idade, a história que minha avó tinha me contado tantas vezes. Ele concluiu definindo minhas tarefas mais urgentes: – Seja obediente, escute o que nós, seus pais, dizemos, estude seus livros com afinco e não permita que sua mente se distraia com outros assuntos. Isso é tudo que tenho para dizer – virando-se para minha tia, ele perguntou se havia alguma outra coisa que ele esquecera de mencionar. Ela disse que não. Babamukuru me dispensou e se preparou para voltar para o escritório.

Quando eu estava saindo do cômodo, Chido chegou, nos cumprimentou com simpatia e explicou aos pais que tinha ficado preso na casa dos Baker, esperando pelo Sr. Baker, que se atrasou para chegar em casa, para que eles pudessem organizar a viagem do dia seguinte até a escola.

– Espero que a Nyasha tenha feito meu bolo – ele terminou. Maiguru confirmou que Nyasha tinha, sim. – Que bom – ele disse –, nunca se sabe com a Nyasha.

Entrei em nosso quarto jurando com toda a sinceridade que seria como Babamukuru: reta como uma flecha, determinada e verdadeira.

– Desligue a luz quando estiver pronta, Tambu – Nyasha me disse, sonolenta. Ela estava querendo conversar antes de dormir, e me disse que não conseguia dormir de luz acesa, mas que tinha deixado acesa para mim para que eu não acabasse batendo o dedinho no pé da cama ou em alguma outra mobília neste quarto

desconhecido. Não fiquei impressionada com essa insônia causada pela luz, que pensei ser esperada em uma pessoa tão frívola e superficial quanto minha prima anglicizada. Também não me impressionei com sua consideração por mim, por estar tão mergulhada naquela virtude maior que eu acreditava possuir; uma virtude instigada pelo comportamento dela e que tinha sido nutrida pelo discurso de Babamukuru. Tirei meu vestido e deitei na cama em silêncio.

– E a luz? – Nyasha lembrou.

E a luz? Onde ficava o interruptor, e como funcionava? Será que eu deveria admitir minha ignorância para Nyasha, de quem estava me sentindo tão superior, ou deveria simplesmente ignorá-la? Era bom estar me sentindo superior para variar, pela primeira vez desde que entrara na casa do meu tio, então ignorei minha prima. Nyasha saiu da cama, aconselhando que eu me esforçasse para parar de agir como uma caipira, o que me incomodou profundamente. Eu sabia o que a palavra significava porque ela tinha aparecido em um poema que lemos em uma aula de literatura e o professor tinha explicado que caipira era um tipo de galinha que não voava e se parecia um pouco com uma galinha d'angola. A Nyasha devia estar muito irritada, pensei, para estar sendo tão rude, e quase me desculpei e admiti minha ignorância, mas parei quando lembrei que ela era sempre rude, quando não comigo, era com os pais. Decidi que ela esperava demais das pessoas, e fiquei quieta. Queria ter me virado para a parede para deixar bem claro o meu desprezo, mas, como não podia confessar minha ignorância sobre os interruptores, precisei observar Nyasha com atenção.

Nyasha era perceptiva. Eu tinha admirado essa característica quando conversamos mais cedo, mas agora me irritava, fazia eu me sentir boba.

– É isso aqui – ela disse, apontando para uma parte preta na parede ao lado da porta. – Está para baixo agora, então está aceso.

Quando está para cima, está apagado – ela acendeu e apagou a luz para demonstrar.

– Apaga logo – eu disse, petulante –, se não você não vai dormir.

Ela apagou a luz e voltou para a cama. Como sempre acontecia, ela ficou com a última palavra:

– Você não colocou as roupas de cama. Vai ter que fazer no escuro.

Não perguntei o que eram roupas de cama, já que estávamos brigadas. Em vez disso, a determinação arrogante que o discurso de Babamukuru tinha instilado em mim evaporou. Comecei a sentir novamente que era inferior. Eu era um pouco masoquista naquela idade, remoendo essa inadequação imaginada até chegar muito perto de sentir pena de mim mesma. E me repreendia por essa autoindulgência, pensava na minha mãe, que sofria por ser mulher e pobre e analfabeta e negra de forma tão estoica que me envergonhava de minha fraqueza, de sucumbir tão frouxamente à estranheza de minha nova circunstância. Isso me proporcionou um bom chicote de culpa com o qual me açoitar. Reafirmei meus votos de tirar o máximo de vantagem desta oportunidade oferecida pelo meu tio.

Muitas das minhas reações eram assim complexas naqueles dias, exigindo muito pensar para separá-las em partes organizadas. Mas as atividades e a animação daquele dia tinham me esgotado: caí no sono antes de conseguir ordenar meus pensamentos direitinho. Acho que foi por isso que sonhei com meu irmão.

Ele estava rindo de mim, como sempre. Driblando uma bola elegantemente pelos pés de milho que tinham nascido no campo de futebol da nossa antiga escola, ele pausava de vez em quando para colher uma espiga gorda e succulenta e enfiá-la na boca. As espigas estavam cobertas de molho branco. Da minha carteira na sala de aula na missão, que por acaso ficava no topo da plantação de milho, eu o

assisti comer e me preocupei que ele fosse ficar doente por comer essas espigas estranhas. Em um salto elegante aterrissei ao lado dele e implorei que parasse, mas ele riu da minha cara e disse que ninguém me levaria a sério porque eu estava fumando um cigarro. O sonho se tornou um pesadelo quando eu percebi que minha caneta tinteiro era, na verdade, um longo cigarro aceso. Nhamo uivou com uma alegria cruel, me dizendo que eu acabaria mal, que era isso que eu merecia por ter abandonado meu marido, meus filhos, minha horta e minhas galinhas. Ele falou com tanta autoridade que senti vergonha por ter abandonado a família que nem tinha. Então quando meu marido apareceu do outro lado da plantação, eu não fiquei surpresa, mas, sim, apavorada, ao perceber que era Babamukuru e seus dois cães ferozes vindo atrás de mim para me devolver para meu marido. Daí me lembrei que estava na escola e comecei a explicar isso ao Babamukuru, mas Maiguru interrompeu dizendo que era para eu tomar banho antes. Eu já estava quase no banheiro quando percebi que tinha acordado.

A delícia que foi aquele banho! A banheira estava quase totalmente cheia de água bem quente quando eu fui forçada a fechar as torneiras para que não transbordasse quando eu entrasse. Eu me lavei e esfreguei e massageei, me ensaboei três vezes, não por achar que estava suja, mas só porque era tudo deliciosamente quentinho e molhado e limpo. Fiquei brincando e a água se derramou pelo piso azul. Maiguru bateu na porta para saber se estava tudo bem e eu lembrei que outras pessoas precisavam tomar banho. Saí da banheira e puxei o tampão, contente comigo mesma por ter lidado com meu primeiro banho de banheira sem nem pedir ajuda. Saí procurando e encontrei debaixo da pia alguns panos que usei para limpar a banheira e o chão.

Estava me sentindo limpa e quentinha e simpática, então enchi a banheira para Nyasha. Ela me agradeceu pelo favor com muita elegância, então foi possível pararmos de discutir. Mesmo assim, não

senti que podia confessar que não sabia o que eram roupas de cama, mas não importava. Observei o que Nyasha usava e encontrei algo parecido na minha mala. Essas, então, eram roupas de cama. Arrumei minha cama, dobrando as roupas de cama bem direitinho nos pés.

Depois de me vestir, me admirei no espelho. Minha aparência estava melhor naquele uniforme do que em qualquer outro momento da vida, mesmo que ele fosse azul (que eu sabia que não ia bem com minha cor de pele) e tivesse pregas de dez centímetros descendo retas pela frente. Foi um choque descobrir que eu era mesmo bonita, e também difícil de acreditar, fazendo com que fosse necessário que eu me examinasse por muito tempo, de todos os ângulos e em muitas posições diferentes, para confirmar a suspeita. Nyasha, ao retornar do banheiro, me pegou no ato e não permitiu que eu ficasse envergonhada. Generosa e com sinceridade, ela confirmou minhas impressões.

– Nada mau – ela concordou, parando ao meu lado para observar meu reflexo. – Nada mau mesmo. Você tem uma cinturinha. Qualquer dia desses você vai ter seios. Sua bunda é uma pena – ela continuou, dando um tapa nela de brincadeira enquanto se afastava. – Ela é bem grande. Mas, bom, se você consegue ficar bonita nessa túnica, fica bonita com qualquer roupa.

Fiquei lisonjeada com todas as ações dela, a avaliação, a aprovação, a provocação. Qualquer atenção vinda de Nyasha, que quase nunca prestava atenção em qualquer coisa além das excursões e incursões de sua mente inquieta, era o bastante para causar arrepios de prazer. Cheguei perto de me apaixonar por mim mesma. Relembrando minha plantação de milho, tive a certeza de que as circunstâncias propícias em que me encontrava se deviam somente a mim.

No café da manhã a comida não descia. Minha garganta se contraía mais e mais a cada garfada que eu tentava engolir, tão ansiosa eu estava para chegar na escola, onde eu tinha certeza de que

passaria por todo o programa em uma única manhã sem dificuldade. Era estressante. Enquanto assistia Nyasha ingerir delicadamente os ovos, bacon e chá, tendo recusado o mingau e as torradas porque muita comida a faria engordar, eu me vi entrando atrasada na sala de aula no meu primeiro dia. Mas a sirene não tocou e, enquanto Nyasha comia, encontrei tempo para ficar impressionada com esses meus parentes que comiam carne, e não apenas carne, mas carne e ovos no café da manhã. Quanto a torrar o pão antes de comê-lo, como se ele já não tivesse sido assado, bem, ontem eu teria ficado surpresa, mas hoje eu sabia que tudo era possível.

Maiguru ficou ao meu redor, gorjeando de preocupação pela minha falta de apetite.

– Coma, criança, coma – ela insistia. – Ou você vai ficar tão faminta que nem vai conseguir ouvir o professor. O que você gosta de comer? – perguntou. – Vamos encontrar rukweza para o seu mingau?

– Ainda bem que eu sou só sua filha – Nyasha observou. – Você conseguiria facilmente sufocar suas sobrinhas com suas boas intenções.

– Mas ela vai ter fome! – exasperou-se minha tia.

– Ela deve estar de dieta porque eu disse que o traseiro dela é gordo.

– Não diga bobagens, amorzinho! Sisi Tambu não é gorda. Não se preocupe com o jeitinho da Nyasha – ela me aconselhou sem necessidade, porque naquele momento eu não tinha a intenção de me preocupar com nada além da escola, muito menos com coisas que nem faziam sentido.

– Jeitinho – comentou Nyasha. – Jeitinho. Eu me pergunto. Quem será que tem jeitinhos?

– Você vai se atrasar, docinho, se não se apressar – Maiguru avisou, remexendo na bolsa à procura de um xelim para me dar, para que eu pudesse comprar pãezinhos no intervalo e aguentar até o

almoço. Um xelim era muito dinheiro naquela época. Dava para comprar um pão inteiro, o bastante para o café da manhã de toda uma família. Tanto dinheiro para comprar pãezinhos no intervalo me deixou envergonhada. Eu queria devolver a moeda, mas Nyasha terminou o que tinha na xícara, e demorou muito para beber porque estava escondendo um sorriso, por isso foi impossível envergonhar minha tia devolvendo o presente. Coloquei a moeda dentro da meia, agradei Maiguru e disse que ainda estava tão cheia da refeição da noite anterior que traria a quantia de volta para casa intocada na hora do almoço.

Nyasha terminou o café da manhã. Saímos para a escola, vestindo túnicas azuis, meias e sapatos idênticos, e carregando pastas idênticas. Olhando para nós, dava para achar que éramos irmãs, que é como eu teria organizado as coisas, se tivesse sido consultada. Caminhei ao lado da minha prima bem-nascida, imitando sua caminhada e o ritmo de sua cabeça para que todos pudessem ver que éramos uma unidade.

Assim começou o período da minha reencarnação. Eu gostava de pensar em minha transferência para a missão como minha reencarnação. Com a fé egoísta que se tem com quatorze curtos anos, durante os quais minha vida progredira bem de acordo com o planejado, eu esperava que essa era fosse significativamente profunda e abrangente em termos de adicionar sabedoria à minha natureza, clareza à minha visão, glamour à minha pessoa. Em suma, eu esperava que minha estadia cumprisse todas as fantasias que eu tinha aos quatorze anos e, no geral, não fiquei desapontada. Livre das restrições da necessidade e da pobreza que definiam e limitavam nossas atividades em casa, eu investi muito energia para me aproximar do meu ideal do que seria uma moça culta. Eu me limpava agora, não apenas em ocasiões especiais, mas todos os dias da semana. Eu estava conhecendo, fora de mim, muitas coisas nas quais eu já tinha pensado de forma ambígua; coisas que eu sempre soubera

que existiam em outros mundo, mesmo que o conhecimento fosse vago; coisas que faziam minha mãe se perguntar se eu estava sendo eu mesma, ou se carregava alguma presença dentro de mim.

Era bom me sentir assim, validada. Muitas dessas informações não vinham das aulas que tinha na escola, mas da biblioteca variada e ampla da Nyasha. Eu li tudo, desde Enid Blyton até as irmãs Brontë, e sempre tinha alguma reação. Mergulhando nesses livros eu sabia que estava me educando, e sentia muita gratidão por aquelas autoras por me apresentarem a lugares onde a razão e a aptidão não estavam uma contra a outra. Foi um tempo centrípeto, comigo no centro, tudo gravitando na minha direção. Foi um tempo de sublimação, comigo sendo sublimada.

Quando tentei descrever para Nyasha um pouco do que estava acontecendo em meu mundo, ela riu e disse que eu estava lendo contos de fadas demais. Ela preferia a realidade. Estava passando por uma fase histórica. Lia muitos livros sobre pessoas reais, povos reais e seus sofrimentos: as condições na África do Sul, que ela pediu que Maiguru comparasse a nossa situação e as duas acabaram discutindo quando Maiguru disse que nós estávamos melhor. Lia sobre os árabes da costa leste e os britânicos no oeste; sobre os nazistas e os japoneses e Hiroshima e Nagasaki. Ela tinha pesadelos com essas coisas, essas atrocidades; mas continuava com as leituras mesmo assim, porque, ela dizia, você tinha que saber os fatos para encontrar soluções. Ela tinha certeza que as soluções existiam. Ela queria saber muitas coisas: se a reivindicação dos judeus sobre a Palestina era válida, se a monarquia era só uma forma de governar, a natureza das vidas e relações antes da colonização, exatamente por que houvera uma Declaração Unilateral de Independência e o que isso significava.

– Então – ela me aconselhou, referindo-se aos meus contos de fadas e minha reencarnação –, aproveite enquanto puder. Essas coisas não duram.

E ela me ajudou a aproveitar minha emocionante transição,

indicando quais livros valiam a pena ser lidos (mesmo que eu nem sempre concordasse com ela, porque o gosto dela era sério demais); alisando meus cabelos e os enfeitando com laços nos finais de semana; lixando minhas unhas e às vezes as pintando de roxo bem vivo, apesar da desaprovação de Babamukuru; me ajudando a cozinhar pratos super apimentados dos livros de receita da Maiguru, dos quais eu e Babamukuru não gostávamos, mas que ela e Maiguru devoravam contentes.

Eu não estava tendo sucesso apenas na minha opinião, mas na dos outros também. Não fazia muito tempo desde que eu tinha começado as aulas quando percebi que Nyasha não tinha muitas amigas. As meninas não gostavam do jeito que ela falava. Elas ainda a imitavam pelas costas quando fui para a missão, três anos depois de Babamukuru retornar. E mesmo que eu pensasse que a Nyasha já deveria ter perdido mais do sotaque do que se permitia, eu também sabia que as colegas de classe já tinham tido tempo bastante para se acostumar com ele. A verdade é que não era do sotaque que elas não gostavam, era da Nyasha mesmo. “Ela pensa que é branca”, elas zombavam, e isso era tão ruim quanto um palavrão. “Ela é prepotente”, outras pronunciavam. “Ela é fácil”, as mais cruéis condenavam. “O jeito que ela se veste para os bailes de sábado à noite! E o jeito que ela estava agindo com o George [ou Johnson ou Mathias ou Chengetai]! É óbvio. Está na cara de todo mundo”. Depois disso elas discutiam o que Nyasha estava ou não estava fazendo na pista de dança, e a conversa terminava com alguém dando voz à opinião geral de que ela podia fazer o que quisesse porque era filha do diretor.

Eu tive sorte de não ser acusada de nenhum desses vícios. Meu inglês logo estava fluente por causa de todos os livros que eu lia e por falar com Nyasha o tempo todo, mas eu não tinha sotaque. Eu não era filha do diretor, mas, sim, uma parente pobre, de origem tão miserável quanto os outros, ou até mais. Quanto aos meninos, eu não

tinha nenhum interesse, e era óbvio. Não importa quão persuasiva Nyasha fosse em seus pleitos, não era sempre que ela conseguia me convencer a ir às reuniões dançantes do Beit Hall. Talvez eu esteja sendo injusta ao insinuar que Nyasha não queria minha companhia por si só, mas na época eu estava convencida de que seria mais um embaraço para ela do que uma ajuda, já que eu nem dançava naqueles dias, em parte por não gostar das batidas ocidentais que eles tocavam no Beit Hall e por nunca ter aprendido a seguir aqueles ritmos, e em parte porque eu tinha vindo à missão por razões mais solenes do que dançar. Mesmo assim, Nyasha estava sempre insistindo que eu fosse, e no fim foi honesta e contou que embora Babamukuru não pudesse proibi-la de ir às reuniões, porque elas eram uma atividade da escola, e não seria apropriado que ele impedisse a filha de ir, ele ainda as considerava pecaminosas. Ela queria apresentar uma frente de jovens unidas que se posicionasse para demonstrar que elas não eram. Mas eu enfiava o nariz no *O vento nos salgueiros* e dizia que não sabia dançar.

Até os professores gostavam de mim. Eles sempre me pediam para ficar de olho na turma quando tinham que sair da sala, sempre mencionando como eu era esforçada como exemplo para os outros alunos. E apesar disso meus colegas me elegeram monitora da classe no começo do terceiro trimestre. Foi surpreendente, surpreendente e estranho. Nyasha, meus professores, meus colegas – eu não estava acostumada a receber tanto afeto. A única coisa que não era estranha naqueles dias é que eu continuava a ser uma das melhores alunas da classe. Os padrões da missão eram mais altos do que na Escola Rutivi e nós tínhamos provas frequentemente, mas meus resultados estavam melhores lá do que em casa, porque Baba e Maiguru sabiam que meus estudos eram importantes e não me atrapalhavam quando eu estava concentrada. Eu não podia evitar certo orgulho de mim mesma e do jeito como as coisas estavam se desenrolando, mas era um orgulho sadio e as pessoas conseguiam responder positivamente,

então ninguém se ofendia. No geral, todos estavam orgulhosos de mim também.

Como meu corpo e mente relaxaram e Maiguru cuidava de mim com tanta atenção quanto uma mãe-passarinha, sempre pronta para largar comidinhas gostosas na minha boca, fiquei bem rechonchuda. Comecei a menstruar. Encarei a situação com muita calma a princípio. Conversas com primas mais velhas e tias mais jovens, e as perguntas de tias mais velhas e avós, tinham me preparado para a ocasião. Então quando, durante minhas primeiras férias em casa, minha mãe me entregou uns lencinhos velhos da Rambanai, que tinham sido presentes de Maiguru, e me instruiu a me manter bem limpa, e os lencinhos também, nesses dias do mês, eu os aceitei pragmaticamente e esperei até que se tornassem parte necessária da minha rotina de higiene. O início dos meus ciclos, então, deveria ter sido tranquilo, mas lavar aqueles panos no banheiro branquinho de Maiguru, a imundície no vaso sanitário antes de dar a descarga, tudo isso tornou a questão nojenta e repugnante. Fiquei melancólica e mal-humorada.

Por fim Nyasha me ofereceu uns absorventes internos, e eu morri de vergonha porque pensei que estava sendo bem discreta. Mas Nyasha estava preocupada com meu bem-estar, então me deu uma caixa de absorventes internos com as instruções para que eu lesse. Aquelas instruções, com desenhos cheios de curvas, me intrigaram porque não tínhamos estudado reprodução humana na escola. Era daquele jeito mesmo por dentro? Examinei um dos absorventes, só por fora e sem tirar do pacote porque não queria desperdiçá-lo, e considerei em voz alta as consequências de enfiar aquele objeto de formato ofensivo na minha vagina, mas Nyasha riu e mexeu comigo. Ela disse que era até melhor perder a virgindade com um absorvente, que não ficaria se gabando da conquista, do que com um homem, que me adicionaria a sua coleção de himens: “Eles os carregam na cintura, como se fossem escalpos”, ela zombou. Depois

disso, demorou um tempão para ela me convencer de que estava só tirando com a minha cara, mas quando finalmente conseguiu, e eu, nervosa, inseri o absorvente com quase nenhum desconforto, fiquei feliz por ela ter me ajudado. Mas havia um problema: absorventes eram caros. Nyasha me tranquilizou novamente. Embora Maiguru soubesse que absorventes internos eram ofensivos, que boas meninas não os utilizavam, ela ficaria tão feliz por saber que as duas não estavam grávidas que seria fácil convencê-la a comprá-los. Ela riu. “Não, sério”, ela assegurou. “A Mamãe é bastante racional por baixo daquelas penas todas”. Aquela minha prima! Polêmica e engraçada; desrespeitosa e incontrolável. Eu já não me preocupava, agora que sabia quem ela era. E também achava que ela era sábia, mas não sabia por quê. Eu admirava toda aquela revolta abundante, mas não entendia a que se dirigia: Nyasha tinha tudo, deveria ser calma e contente. Minha prima era desconcertante. Ela não era algo que se podia examinar usando a razão.

Nyasha pensava que era muito sensata.

– Você tem que ficar em movimento – ela dizia. – Se envolver nisso e naquilo, descobrir uma coisa e outra. Em movimento, sempre. Se não, você fica presa. É só olhar a coitada da Mamãe. Você consegue imaginar coisa pior? Se não fosse o Chido, ela ficaria completamente doida!

Eu conseguia imaginar coisas muito piores do que ser Maiguru, e não precisava nem imaginar, porque já tinha visto. Disse isso a Nyasha e ela concordou, mas falou que tudo era relativo e que, no fim, dava tudo na mesma, mesmo que ela não tivesse muita certeza do que era esse tudo. Ela me lançou um daqueles olhares oblíquos que dizia muito, mas não me explicava nada, e deixamos por isso mesmo. Ainda assim, eu não conseguia entender o que minha prima via que eu não conseguia enxergar.

Nyasha era assim, constantemente vendo e apontando coisas sobre as quais você preferiria não falar; estraçalhando com sua

sagacidade afiada as coisas de que ela pensava que não precisávamos, mesmo que todo mundo pensasse que elas eram importantes. Pessoas como eu pensavam que ela era estranha e bastante superior, de um jeito intangível. Adultos periféricos, como os professores, pensavam que ela era um gênio e encorajavam este aspecto de sua personalidade. Mas sua mãe e seu pai se preocupavam com o jeito como ela estava se desenvolvendo. Eu também não achava que a mania de ficar se metendo em tudo lhe fazia bem. Eu achava que não era seguro, mas quando pensava sobre o assunto séria e metodicamente, eu lembrava de algumas das inconsistências de que tinha me esquecido na primeira rajada de felicidade com a vida na missão.

Havia, por exemplo, Anna, que tinha sido alguém com quem conversar, passar o tempo e relaxar quando eu tinha chegado em janeiro, mas que agora era só entediante. Eu não tinha estranhado enquanto acontecia. Na verdade, tudo tinha seguido direitinho, passo a passo, uma progressão natural. Como resultado, eu tinha parado de pensar em Anna como uma amiga e companheira, apesar de ter preferido, naquele primeiro dia, a ideia de compartilhar uma cama com ela nos galpões desbotados que serviam de quartos para os funcionários, do que compartilhar um quarto com Nyasha. Pensando nessas coisas, eu quase me sentia mal por Anna. Mas daí eu lembrava que ela já tinha previsto isso. Maiguru, sempre sorrindo, sempre feliz, era outro mistério. Sim, ela tinha boas razões para ser contente. Ela era esposa de Babamukuru. Ela morava em uma casa confortável e era professora. Diferente da filha, ela era grata por todas essas bênçãos, mas eu achava que até os santos no paraíso deviam ficar descontentes às vezes e descontar nos anjos menores. Eu pensava que Maiguru devia ser beatificada. Ela às vezes ficava chateada, mas nunca brava. Ela às vezes ficava desapontada, mas nunca desmotivada. Eu me preocupava que ela não tivesse muitas pessoas com quem conversar, mas supunha que era consequência de ela ter

estudado tanto, já que nenhuma das outras mulheres casadas da missão com quem ela poderia ter feito amizade tinha um diploma, nem um de graduação, muito menos um Mestrado, como minha tia tinha.

Fiquei chocada no dia em que descobri o nível de escolaridade da minha tia. Foi num domingo. Fomos à igreja, como sempre íamos. Todos íamos à igreja aos domingos, mesmo Nyasha, e Anna também, quando conseguia terminar a limpeza a tempo, o que dependia de ela estar se sentido devota ou com vontade de ficar sozinha por umas hora sem ninguém para incomodá-la. Nyasha ia porque estava em uma fase devota: ela gostava de defender alguma causa e a causa cristã, que era conformista, mas podia ser transformada, clandestinamente, em uma ideologia progressista, era ideal. Além disso, ela gostava de cantar. Ela tinha sido uma parte comprometida do coral da escola, até eles não a levarem em uma excursão porque não teria sido apropriado a filha do diretor ver os mestres de coro se divertindo.

O que de fato aconteceu naquele domingo foi que às quinze para as nove Nyasha e eu saímos, vestindo nossas túnicas azuis, para nosso encontro de estudo da Bíblia. As aulas da Escola Dominical, para mim, aconteciam em uma sala de aula na Escola Fundamental Central, cada série da escola central sendo ensinada por um monitor da escola avançada. Esses monitores usavam saias pretas e blusas brancas aos domingos se fossem meninas, e calças compridas pretas e camisetas brancas se não fossem. Eles eram pessoas muito inteligentes e bonitas; sonhávamos em fazer parte do grupo. Quando algum monitor era ousado o bastante para usar uma gravata, nossa pressão arterial subia, mesmo que fôssemos jovens adolescentes saudáveis, e suponho que as monitoras audaciosas que usavam meia-calça em vez de meias soquete, talvez até aquelas com um risco preto atrás, tinham o mesmo efeito nos meninos da classe.

Na Escola Dominical aprendíamos sobre Caridade e Amor e

Pecado, que os monitores diziam que eram coisas diferentes, mas, se eram diferentes, eu me perguntava, como explicar o Filho Pródigo, ou Maria Madalena? Os hinos eram menos confusos. Eram sobre respeitar nossos pais para aumentar nossos dias e afastar as dificuldades. Essa abordagem pragmática e sem graça da vida era algo que eu entendia bem. Às quinze para as dez o sinal tocou na escola avançada, o que queria dizer que nosso período de estudo da Bíblia tinha chegado ao fim. Fizemos duas filas em frente às salas de aula, uma fila de meninos de sarja encostados na parede, e o azul das meninas ao lado. Andamos em fila, rápidos e quietos, pela grama e por corredores de monitores rígidos que levavam seu trabalho muito a sério. As classes de alunos mais velhos iam atrás das de alunos mais novos, e às dez já estávamos todos reunidos em frente à igreja. Às vezes nos inspecionavam enquanto esperávamos fora da igreja, à procura de botões faltando, colarinhos e meias sujas, unhas indecentemente longas e coloridas, e lábios também, e às vezes não nos inspecionavam; mas nós sempre entrávamos em fila na igreja às dez e quinze. A cerimônia começava às dez e meia. Do minuto que o sinal tocava às quinze para as dez até a cerimônia terminar, entre meio-dia e meia e uma da tarde, nós ficávamos em silêncio. Depois da cerimônia nós saíamos em fila novamente e os alunos de internato corriam para os dormitórios para não ficarem sem almoço.

Quando os internos já tinham ido, eu me encontrava com Nyasha. Nós ficávamos na frente da igreja cumprimentando amigas, fofocando e, durante as férias, quando não tínhamos que usar o uniforme, observando e desejando os vestidos umas das outras.

Nyasha gostava de evitar os pais e os amigos deles nessas horas porque eles sempre faziam alguma coisa ofensiva, tipo reclamar que a túnica dela estava curta demais ou comentar que em três anos ela ainda não tinha aprendido o jeito certo de cumprimentar os mais velhos. Os comentários deles a faziam se sentir constrangida, ao contrário do efeito desejado, que era que ela melhorasse. Então

Nyasha os evitava, ou, quando era impossível, resmungava algum cumprimento com óbvia falta de técnica e escapava o mais rápido possível. O comportamento dela envergonhava Babamukuru, então ele também preferia que ela mantivesse distância.

Eu, por outro lado, queria ficar em frente à igreja com meu tio e minha tia. Queria que todos soubessem que eu era igual a eles, porque sentia que a atmosfera da propriedade estava presa a mim e me fazia parecer diferente. Mas depois de algumas semanas de ficar lá com eles enquanto eles discutiam com o pastor a situação da lista de membros e a queda no número de doações, me entediei e passei a preferir ficar com Nyasha e meus amigos. O problema era nos dias em que Babamukuru, sentindo-se particularmente benevolente, levava Maiguru para a igreja no velho Rover, e, se nós nos apresentássemos na hora certa, também nos dava uma carona para casa depois. Nyasha pensava que deveríamos ser consistentes e evitá-los mesmo quando eles estavam de carro. Mas eu ainda gostava dessas viagens e argumentava pragmaticamente que devíamos evitá-los quando nos beneficiava, mas, já que a carona nos beneficiava, não deveríamos evitá-los nessas ocasiões. Nyasha aceitava a lógica, mas não a premissa, deste argumento, apontando que, particularmente, preferia andar, mas fazia minha vontade e íamos de carro.

Numa dessas ocasiões, Nyasha e eu estávamos esperando Baba e Maiguru enquanto eles falavam com meu diretor. O diretor, vendo que estávamos lá, naturalmente começou a falar de nós. Isso deixou Nyasha indignada, porque ela odiava que se referissem a ela na terceira pessoa enquanto ela estava presente: dizia que isso a fazia se sentir como um objeto. Eu não me importei, porque ele estava fazendo vários elogios.

– Imagino, Sr. Sigauke – ele sorria para Babamukuru –, que você esteja muito contente com suas filhas. Nyasha estava sempre entre as melhores alunas na Escola Fundamental Central e pelo que ouvi dizer ela manteve essa tendência nos estudos secundários. Ela

quer um diploma de Mestrado, como a mãe. E Tambudzai, aquela ali puxou ao tio. Ela é muito esforçada, sempre.

Os três ficaram agradavelmente orgulhosos do discurso e de si mesmos. O diretor ficou orgulhoso porque Babamukuru assegurou que nossas proezas eram resultado da diligência dele como diretor da escola fundamental; Baba e Maiguru ficaram orgulhosos porque nossas habilidades refletiam as deles e indicavam que eles tinham genes fortes. Os três sorriam e, rindo, recusavam e insistiam e parabenizavam uns aos outros por essas conquistas de novo e de novo.

A coisa toda estava super agradável.

– Nyasha – chamou Babamukuru –, você não vai cumprimentar seu ex-diretor, que era seu professor? Ele fez um bom trabalho, fez um bom trabalho – ele repetia, sorrindo. Nyasha se aproximou receosa; eu fui atrás. O sorriso sumiu do rosto de Babamukuru. – Qual é o seu problema, hein? Você não ouviu todos os elogios que o Sr. Satombo fez?

Não foi uma viagem tranquila até em casa naquela tarde, porque Babamukuru deixou bem claro para Nyasha, longamente e com raiva, que não era para ela esperar que ele lhe desse carona se ela não podia ser educada com seus colegas de trabalho.

– O que as pessoas vão falar de mim se minha filha se comportar desse jeito? – ele perguntou. Nyasha ficou em silêncio. Aquela sensação ruim sentou conosco durante o almoço. Nyasha já tinha esquecido a situação, ou estava a ignorando. Ela tinha ficado impressionada com o fervor do sermão, mas perguntou a Maiguru sobre uma questão técnica: tudo bem dar a César o que era de César, mas quem decidia o que era de César? César. Então tudo seria dele! Como sempre, fiquei impressionada com a agilidade da mente dela, mas Babamukuru ficou irritado.

– Er, Nyasha – ele disse –, tem algumas questões que quero discutir com sua mãe. Você não sabe que não fica bem uma criança

que fala o tempo todo? – fiquei desapontada, porque estava querendo perguntar a Maiguru se ela tinha mesmo um diploma de Mestrado, mas depois daquilo não tive coragem. Nyasha não disse outra palavra, nem comeu muito, pedindo licença logo depois. Tive medo que meu tio insistisse para ela terminar de comer, mas além de olhares incisivos para o prato cheio de comida, nem Baba nem Maiguru fizeram comentários.

– É verdade, Maiguru? – perguntei naquela tarde, quando fui ler na varanda e encontrei Maiguru lá avaliando trabalhos. – Você tem mesmo um diploma de Mestrado?

Maiguru ficou lisonjeada.

– Você não sabia? – ela sorriu para mim de cima dos óculos. Como eu saberia? Ninguém tinha me contado.

– Mas, Maiguru – respondi imediatamente, encorajada pela ideia de minha tia conquistando aquele diploma de Mestrado –, você algum dia me disse?

– Você algum dia perguntou? – ela replicou, e continuou. – Sim, nós dois estudamos, eu e seu tio, na África do Sul para nossos diplomas de graduação e na Inglaterra para nosso Mestrado.

– Achei que você tinha ido para cuidar do Babamukuru – eu disse. – É só isso que as pessoas comentam.

Maiguru bufou.

– E o que você esperava? Por que uma mulher iria para tão longe e enfrentaria tantos problemas, sem ser para cuidar do marido?

Maiguru estava mais séria do que eu jamais a vira. A seriedade a transformou de uma pombinha doce e macia, para algo mais parecido com uma vespa.

– É isso que eles gostam de pensar que eu fiz – ela continuou, amarga. A parte de baixo do rosto, mas só a parte de baixo, porque não chegava aos olhos, se endureceu em linhas profundas de descontentamento. Ela se inclinou sobre os trabalhos para escondê-las, e, para provar que não estava nem um pouco infeliz, deu uma

risadinha que, eu acho, ela pensou que soava contente, mas, na verdade, parecia de dor. – Seja o que for que pensaram – ela disse –, grande coisa! Ainda estudei para aquele diploma e o conquistei, apesar deles, apesar do seu tio, dos seus avós e do resto da sua família. Você vai me dizer agora que eles não estão contentes por eu ter aquele título, mesmo que não admitam? Não! Seu tio não poderia fazer metade do que faz se eu também não trabalhasse.

– Você deve ganhar muito dinheiro – suspirei, deslumbrada. Minha tia riu e disse que nunca recebia o próprio salário. Fiquei horrorizada. – O que acontece com o seu dinheiro? – perguntei. – O dinheiro pelo qual trabalha. O Governo o confisca? – porque eu estava começando a entender nosso governo não era bom.

– Pode-se dizer – minha tia riu, forçando-se a parecer feliz de novo, mas sem sucesso. Ela desistiu, tirou os óculos e de reclinou na cadeira, com o olhar melancólico para além dos arcos da varanda, chegando às montanhas e até mais longe. – A questão – ela suspirou – de ter que optar entre ser verdadeira consigo mesma ou ter segurança. Quando eu estava na Inglaterra, tive alguns relances do que eu poderia ter sido, das coisas que eu poderia ter feito se... se... se as coisas fossem... diferentes... Mas eu tinha Babawa Chido e as crianças e a família. E alguém entende, alguém dá valor, aos sacrifícios que foram feitos? Quanto a mim, ninguém pensa no que tive que deixar para trás – ela se acalmou. – Mas é assim que as coisas são, Sisi Tambu! E quando você tem um bom homem e filhos amados, faz tudo valer a pena.

Pessoalmente, eu achava que era uma pena que Maiguru não tivesse tido a oportunidade de se desenvolver ao máximo, mesmo que ela já tivesse aceitado essa privação. Eu acreditava que todos deveriam ter as mesmas oportunidades.

Não contei a Nyasha sobre essa conversa porque achava que ela já tinha ouvido tudo aquilo muitas vezes e diria “Eu falei”, irritada. Além disso, as coisas que Maiguru tinha dito faziam sentido, não

queria dizer que ela estava sempre reclamando. Me senti mal por Maiguru porque ela não podia usar o dinheiro que ganhava como quisesse e porque ela tinha sido impedida, ao casar-se, de fazer as coisas que queria. Mas não era tão simples, porque ela tinha se casado com Babamukuru, o que significava que a situação dela era boa. Se era necessário apagar a si mesma, como Maiguru fazia tão bem a ponto de parecer que gostava, se era necessário apagar a si mesma para que ele se sentisse seguro em sua identidade e valorizado, então, eu acreditava, Maiguru tinha tomado as decisões certas.

A personalidade de meu tio era difícil de entender. A princípio, quando cheguei na missão, fiquei desapontada. Eu tinha pensado que seria como no passado, nos dias antes da Inglaterra, com Babamukuru nos jogando para cima e nos pegando e nos dando doces, falando metaforicamente, mas eu quase nunca o via, porque ele era muito ocupado. Nós quase nunca ríamos quando Babamukuru estava por perto, porque, Maiguru dizia, ele estava irritado. Ele estava irritado porque era muito ocupado. Pela mesma razão, também não falávamos muito quando ele estava perto.

A natureza exuberante de Nyasha sofria nessas condições frias e até Maiguru observava, às vezes:

– Eu perco muito tempo cozinhando. Sabe, cozinhando coisas que ninguém come.

– Então pare de cozinhar – Nyasha se irritava.

Ou às vezes Maiguru se desculpava, quando estávamos sentados à mesa, por não ter comprado creme para comermos com geleia.

– Tentei conseguir um pouco – ela se justificava –, mas chegamos lá tão tarde que já não tinham mais. Como sempre! – Nyasha não cedia. Ela dizia a Maiguru para aprender a dirigir. – E onde você acha que eu ia arranjar um carro? – a mãe replicava. – Você acha que eu tenho dinheiro para comprar um?

Seis

Outra coisa diferente na missão é que lá havia muitas pessoas brancas. Os Brancos da missão eram um tipo especial de pessoa branca, especial daquele jeito que minha avó tinha explicado, porque eles eram sagrados. Eles não tinham vindo tirar, mas sim, oferecer. Eles faziam o serviço de Deus aqui na África mais escura. Eles tinham deixado para trás o conforto e a segurança de suas próprias casas para vir e iluminar nossa escuridão. Era um grande sacrifício, o que esses missionários faziam. Era um sacrifício que nos fazia gratos por eles, um sacrifício que fazia deles superiores não só a nós, mas também a outros Brancos, aqueles que estavam aqui em busca de aventuras e atrás de nossas esmeraldas. A abnegação e a fraternidade dos missionários não ficavam sem reconhecimento. Nós os tratávamos como semideuses. Com a dignidade presunçosa que era natural aos brancos naquela época, eles aceitavam este disfarce aprimorador.

Hoje há menos brancos na missão. Eles são chamados de expatriados, não missionários, e são vistos vivendo em casas de tijolos não pintados. Mas eles são tão endeusados quanto os missionários, porque são brancos, então a vinda deles ainda é uma honra. Me explicaram que você ser chamado de expatriado ou de missionário depende de como e por quem você foi recrutado. Mesmo que a diferença me tenha sido explicada por uma fonte confiável, não consigo retê-la na mente porque não a observei em primeira mão no meu contato com essas pessoas. Estou sempre me perguntando por que eles vêm, por que abandonam o conforto e a segurança de seus países mais desenvolvidos. O que nos traz de volta à questão da fraternidade, da contribuição e da iluminação de diferentes escuridões.

Na época, porém – e você deve sempre lembrar que eu era

muito jovem, muito jovem e certa do meu desejo de admirar e obedecer a todas as pessoas importantes que eu conhecia na missão –, na época eu gostava dos missionários. Em especial, gostava dos jovens. Eles tinham peles lisinhas, saudáveis e queimadas de sol. Isso espantava bastante ou até toda minha repulsa por pessoas brancas, que tinha começado com a pele molenga da Doris e o marido pálido e cheio de manchas marrons. Eu me sentia muito culpada por pensar desse jeito. Eu me sentia culpada e anormal por não conseguir amar os Brancos como deveria. Então era bom ver os missionários jovens e saudáveis e descobrir que alguns Brancos eram tão bonitos quanto nós. Depois disso, não demorou muito para eu aprender que eles eram, na verdade, mais bonitos, e então consegui amá-los.

Já que havia tantos Brancos na missão, eu tinha bastante contato com eles, mas o comportamento deles não deixava de ser difícil de compreender. O que eu percebi muito cedo é que alguns missionários eram definitivamente estranhos, estranhos do jeito que Nyasha e Chido eram estranhos quando voltaram da Inglaterra. Esses missionários, os estranhos, gostavam de falar shona muito mais do que de falar inglês. E quando você, querendo praticar o inglês, falava com eles em inglês, eles respondiam em shona. Era decepcionante, e também confuso para pessoas que, como eu, eram bilíngues, já que havíamos desenvolvido um tipo de reflexo que nos fazia falar inglês quando conversávamos com peles brancas e reservar nossa própria língua para falar uns com os outros. A maioria dos filhos desses missionários, os filhos das pessoas estranhas, nem sabiam falar inglês até aprender na escola, do mesmo jeito que nós e na mesma sala de aula, porque os pais deles os faziam estudar na missão conosco. Eu sempre me perguntava o que eles iam fazer quando voltassem para casa e tivessem que parar de se comportar como africanos.

Mas nem todos os missionários eram assim. O outro tipo, e eram a maioria, era mais normal. Eles normalmente falavam inglês e mandavam os filhos para a escola do Governo que ficava na cidade,

onde eles estudavam com seus iguais. Esse arranjo devia ser mais fácil para os filhos, mas mais difícil para os pais, já que essas escolas do Governo representavam tudo aquilo contra o qual eles rezavam. Nós costumávamos debater esta questão: qual missionário era melhor – o que mandava os filhos para uma escola do Governo, ou o que mandava os filhos para estudar na missão?

Havia uma filha de missionários daquele tipo estranho na nossa escola avançada. O nome dela era Nyaradzo, que é um nome lindo e, a meu ver, poético: tem um som que me acalma. Nyaradzo tinha minha idade, minha e da Nyasha. Ela e Nyasha eram muito amigas, e se Nyasha não tinha muitas amigas, ela tinha ao menos essa grande amizade. Elas permitiam que eu fizesse da dupla um trio contanto que, suponho, minha normalidade não atrapalhasse o equilíbrio do grupo.

Nyaradzo tinha dois irmãos. Um, que se chamava Brian, era um ano mais velho que Nyaradzo. O outro irmão, chamado Andrew, era três anos mais velho. Eu não via esses meninos com frequência, porque eles estavam na escola avançada, e embora tivessem feito seus estudos primários na missão, os pais os tinham enviado para Salisbury para a escola avançada. Dava para notar, pelo que Nyaradzo dizia, que era uma escola muito especial, essa que os irmãos frequentavam, parecida com nossa escola na missão, onde alunos negros e brancos podiam estudar se quisessem. Mas, por outro lado, era muito diferente, pois havia pouquíssimos alunos negros e muitos brancos. Era estranho imaginar uma escola para brancos na qual alunos negros podiam estudar se quisessem, e era surpreendente, portanto, que houvesse tão poucos alunos negros. Nyaradzo explicou o fato dizendo que as taxas eram muito altas, tão altas que jovens negros que quisessem estudar lá só podiam fazê-lo se os pais tivessem dinheiro para enviá-los, ou mesmo que eles não quisessem, mas os pais tinham que poder pagar. Mesmo que, para ser sincera, eu nunca tivesse conhecido um jovem negro que não quisesse estudar

em uma dessas escolas. Exceto, é claro, Nyasha. Eu e Nyasha costumávamos falar sobre o assunto. Concordávamos que provavelmente havia mais “vida” nessas escolas do que na missão, e “vida”, da maneira adolescente que usávamos a palavra, era uma coisa boa. Por vida queríamos dizer livros e jogos e pessoas e atividades culturais, assim como uma sensação mais abstrata de vitalidade que significava que coisas, coisas emocionantes, interessantes e úteis, estavam prestes a acontecer. Apesar de nossas conversas, sabíamos que nunca frequentaríamos uma escola multirracial, porque Babamukuru já estava tendo dificuldades para manter Chido na escola onde ele estudava, que tinha taxas muito altas. Nyasha dizia que era melhor assim, já que quando chegássemos lá a “vida” de que falávamos nos engoliria e nós teríamos que lidar com as consequências. Ela não falava explicitamente dessas consequências, a não ser para me assegurar que elas aconteceriam, e eu não insistia porque, apesar do aviso, eu ainda teria gostado de estudar em uma escola multirracial, e gostava da sensação de ambição e aspiração que acompanhava esse desejo.

Chido entrou no Fundamental Seis no ano em que Babamukuru voltou da Inglaterra. Isso quer dizer que ele entraria na escola avançada no ano seguinte. Babamukuru pretendia que ele ficasse na missão, para compensar a exposição a hábitos não-africanos pela qual ele tinha passado na Inglaterra, mas o Sr. Baker, como era chamado o pai de Nyaradzo, deu um jeito para Chido fazer o exame de admissão na mesma escola que o filho. Este missionário bem-intencionado estava tão determinado a que meu primo tivesse as melhores oportunidades que deu uma carona para Chido até Salisbury, onde seria a prova. Sem muita surpresa, já que os Brancos eram indulgentes com jovens negros promissores naquela época, contanto que a promessa fosse pacífica, uma promessa cheia de gratidão de aceitar o que lhes era dado sem esperar nada mais, ofereceram a Chido uma vaga na escola, junto com uma bolsa de

estudos. Nyasha tinha certeza que o Sr. Baker tinha alguma coisa a ver com aquela bolsa. Para aliviar a consciência, ela dizia.

– Uma palavrinha com os diretores – ela me disse quando Nyaradzo não estava presente. – Sabe como é, de bwana para bwana: “O menino precisa de dinheiro, meu velho!”; “Ele é um bom menino, qual é. Seria uma pena perdê-lo. Vamos ver o que dá para fazer”. E o Chido recebe uma bolsa e o Sr. Baker se sente melhor por ter decidido enviar os filhos para estudar lá. Sério! As coisas que eles inventam para nos enrolar. Sério!

A análise de Nyasha fazia sentido, porque Babamukuru não gostava de hábitos europeus, saídas fáceis, nem gastos desnecessários. Sem a bolsa é certo que Chido não teria ido para aquela escola e o Sr. Baker precisaria lidar com o peso na consciência de ter proporcionado uma educação superior aos filhos. O resultado é que Chido tinha ido mesmo para este internato e quando eu fui para a missão ele já tinha se adaptado muito bem à vida de escola particular. Ele tinha adquirido os hábitos corteses e autoindulgentes que eram comuns a alunos de escolas particulares, e era muito amigo dos irmãos Baker. Por isso, eu não o via muito, nem os irmãos Baker, a não ser por um ou dois dias no começo ou no fim das férias, porque a escola deles seguia um calendário diferente do que usávamos na missão.

Como Nyasha estava no Avançado Dois naquele ano, meu primeiro ano na missão, ela ia prestar os exames governamentais pela primeira vez. Na verdade, era a segunda vez, porque ela tinha prestado os exames do Fundamental Seis, mas Nyasha, que tinha tido a oportunidade de participar de um programa para crianças superdotadas na Inglaterra, desdenhava daqueles exames do Fundamental Seis. Subestimando a si mesma como sempre, de um jeito que a ela parecer arrogante se você não a conhecesse, ela dizia que qualquer um com um nível mínimo de bom senso passaria nos exames do Fundamental Seis, mesmo que só tivessem ido à aula por

uma semana. Os exames do Avançado Dois eram diferentes, ela dizia. Eles exigiam competência real e determinavam se ela passaria para o Avançado Três ou se seria excluída do sistema escolar.

De qualquer modo, era assim na teoria. Mas Nyasha, como filha do diretor, não precisava se preocupar com ser excluída do sistema. Ela podia não passar, contanto que não fosse muito mal. Mesmo considerando a competição voraz pelo número estrategicamente baixo de vagas para o Avançado Três que o Governo nos concedia, o diretor com certeza teria conseguido encontrar algum lugar para a filha. E se os resultados dela fossem mesmo desastrosos, ele provavelmente conseguiria usar a própria influência para que ela repetisse os exames. As autoridades acreditavam que Babamukuru era um bom africano. E acreditava-se que bons africanos tinham filhos que também seriam bons africanos, que também pensariam em nada mais além de servir suas comunidades. Então Nyasha não tinha mesmo razão para se preocupar.

Nyasha encontrava muitos motivos para achar graça dessa situação. A prática dessas ações de nepotismo para vantagem própria significaria que Babamukuru não poderia mais ser classificado como bom, e embora ele valorizasse, se não os filhos, ao menos a educação deles, ele valorizava ser um homem honrado ainda mais. Maliciosa, Nyasha ameaçava reprovar nos exames só para assistir ao conflito ou, como ela dizia, para ver o que o pai faria. Mas todos sabiam, menos Nyasha, que reprovar era algo que ela não conseguiria. Ela estava estudando com muito mais afinco do que eu jamais tinha visto, acordando muito antes do horário normal; quando o café da manhã ficava pronto, ela já estava estudando cheia de concentração há mais de uma hora. À noite era a mesma coisa: às oito ela já estava na cama com os livros, mas a lâmpada raramente se apagava antes da uma. Todos concordavam que ela estava exagerando. Ela parecia exausta e tinha perdido tanto o apetite que isso já se mostrava no corpo, no jeito como os ossos tinham emergido para a superfície, mas ela não

parecia perceber.

Maiguru pediu para eu conversar com a filha porque Nyasha era teimosa e não lidava bem com as preocupações da mãe. “Aqueles conexões soltas!”, Maiguru sorria com afeto, rolando os olhos e gesticulando tão eficientemente que era fácil ver o que se passava dentro da cabeça de Nyasha.

Quanto mencionei o excesso de trabalho, Nyasha confessou que estava nervosa.

– É como se eu tivesse que aprender todas as coisas, mas eu não tenho como saber tudo. Então tenho que ficar lendo e memorizando, lendo e memorizando o tempo todo. Para ter certeza que vou lembrar de tudo – ela me lançou um de seus olhares. – Eu sei que a situação não é tão desesperadora, mas fico pensando que é. Não consigo evitar. Se paro por um minuto, fico muito preocupada.

Então passei a fazer questão de conversar com ela sempre que ela permitisse, para distraí-la. Eu sei que disse que todos estavam preocupados com os nervos da Nyasha em relação aos exames, mas na verdade não eram todos. Babamukuru estava muito impressionado com a dedicação da filha.

– Ainda há esperança para ela – ele observava, contente. – Quando ela decide levar algo a sério, trabalha muito bem, sim, muito bem mesmo.

Nyasha passou, é claro, na primeira divisão e com a média mais alta da escola, mas não ficamos sabendo disso até o fim do feriado de Natal. Eu estava mais animada com esse feriado em particular do que normalmente ficava. Embora fosse bom ir para casa e passar um tempo com minha mãe e cuidar dela um pouquinho, eu sempre odiava deixar a missão e meus amigos e Nyasha. Mas esse era o feriado de Natal. Babamukuru e a família iriam até a propriedade e Babamukuru tinha generosamente permitido que eu ficasse na missão até que todos fôssemos para o Natal.

Muitas coisas boas resultavam disso. Eu não apenas ficaria mais

tempo na missão e estaria acompanhada dos meus parentes quando fosse para casa, evitando a necessidade de despedidas tristes, como também teria a chance de passar mais tempo com Chido do que tinha até agora. Chido era grande, forte e bonito. Ele sabia como provocar de um jeito delicioso que fazia você soltar risadinhas e sentir comichões e as bochechas ficando vermelhas, e eu amava todo o processo. Eu ansiava por essas provocações e por provocá-lo de volta do jeito paquerador que as outras meninas faziam. Se pelo menos minha língua não se embaralhasse toda!

Nyasha já tinha prestado os exames quando o Sr. Baker trouxe os filhos e Chido para casa. O apetite dela tinha voltado ao normal e ela estava dormindo pesadamente por cinco ou seis horas toda noite, em vez das três ou quatro horas de sono agitado que tinha durante os exames. Também estava rindo da própria cara por ter feito tanto alarde e tentando se justificar dizendo que tinha sido a primeira vez que precisara fazer algo de real importância; a primeira vez que precisou fazer algo que poderia ter sérias consequências. Somando notas imaginadas para cada parte de cada pergunta em cada prova, ela admitia que devia ter passado raspando. Era engraçado como o humor de Nyasha afetava a maneira como o resto de nós se sentia. A casa tinha estado deprimente durante aquele período dos exames, mas todos já estávamos muito mais animados quando Chido chegou.

O fim de semana do retorno de Chido foi o último final de semana do nosso período escolar. Para comemorar, as lideranças estudantis organizaram uma festa de Natal “delirante” no Beit Hall. Nós três fomos, Nyasha, Chido e eu, Nyasha com brilho nos olhos e animadíssima nos dias antes do evento, porque adorava “delirar” e quase nunca tinha a oportunidade. Quando a noite chegou, ela estava meio emburrada porque, depois de terminar de se vestir e se maquiar, tinha ficado do lado de fora da porta dos fundos esperando impacientemente que saíssemos, e Babamukuru não a reconheceu. Ele pensou que ela era alguém procurando uma vaga na escola. Ele

não conseguia entender por que, se era esse o caso, ela insistia em dizer que era sua filha. Quando finalmente se convenceu, ele desaprovou. Queria saber onde a filha achava que ia vestida de maneira tão ímpia e disse a ela que, o que quer que ela pensasse, ela na verdade não iria a lugar nenhum. Então Maiguru apareceu e inocentemente perguntou a Babamukuru se ele não estava orgulhoso da filha tão linda. “Eu comprei esse vestido para ela por ter estudado tanto para os exames”, Maiguru sorriu e deu um jeito de continuar sorrindo enquanto o marido a acusava de comprometer a decência da filha. Chido e eu não achamos que a coisa fosse tão séria, porque Nyasha estava muito bonita, e era disso, dissemos a ela, que Babamukuru não gostava. Nós rimos da situação e a provocamos: “É sua culpa. O que você espera se insiste em se vestir desse jeito?” e “Tome cuidado ao chegar ao Beit Hall, ou os meninos vão engolir você todinha”. Dava para ver que ela estava ponderando se deveria ficar chateada ou levar na brincadeira. No fim, levou na brincadeira e juntou-se às risadas, o que fez Chido ficar sério e dizer que Babamukuru estava certo – seria bom ela tentar esticar ao máximo o pouco de decência que tinha. Pobre Chido! Acredito que ele se sentiu obrigado a seguir a tradição daquela maneira pouco analítica que é comum aos homens, porque quando nos recusamos a ser subjugadas e rimos da cara dele, ele voltou ao seu jeitinho carinhoso de ser.

Toda essa diversão nos acompanhou pela rampa da garagem, pela estrada ladeada por pálidas árvore pata-de-vaca que brilhavam como fantasmas ao luar e que em uma ocasião menos feliz teriam sido assustadoras, até o Beit Hall, onde o barulho de guitarras elétricas e percussão reproduzido no antigo sistema de som com muito pouca fidelidade fez com que nem valesse a pena continuarmos falando. Corremos até as luzes, a música, as pessoas e a dança.

Já disse que eu nem sempre ia a essas festas. Eu preferia os debates e as noites de cinema, onde podia ficar quietinha e me

concentrar no que estava acontecendo; as festas, com o barulho e os movimentos, as interações, as multidões ferventes, eram difíceis. Eu não era como Nyasha, que conseguia esquecer tão completamente de onde estava que fazia o que quisesse e, como resultado, fazia muito bem. Eu estava sempre muito atenta ao que acontecia ao meu redor. Quando o ambiente era novo e estranho, essa atenção doía e fazia eu agir de um jeito esquisito. Nessas horas eu queria tanto desaparecer que, basicamente, deixava de existir. Pessoas que me pegavam numa hora dessas e tinham o azar de ter que conversar comigo não conseguiam tirar de mim nada além de um sorrisinho educado ou um sem-fim de banalidades que não dava nem para considerar como conversa fiada. Esses diálogos eram uma experiência ruim para mim e para meu interlocutor. Não sei por que acabei ficando desse jeito. Não sei se você lembra, mas quando eu morava em casa, antes de ir para a missão, eu me posicionava e dizia às pessoas o que estava pensando. Então acho que apesar do meu sucesso e de ter me adaptado bem, ir para a missão tinha sido uma mudança tão drástica que me deixou assustada. Seja o que for, eu tinha me tornado uma pessoa hesitante. A festa seria uma provação.

Pelos primeiros dez minutos eu tive certeza de que não ia me divertir nem um pouco. O som, quando entramos, atingiu meu corpo todo, desde os cabelos até os dedos dos pés. Devia ter alguma coisa a ver com as frequências dominantes daquela música específica, porque parecia que várias centenas de volts estavam passando por minhas terminações nervosas. Eu estava ciente de Nyaradzo e os irmãos a distância, cabelos balançando e dentes sorrindo em rostos nebulosos, e braços esticados, aproximando-se de nós. Quando consegui me recuperar, estava sozinha. Andy, tendo se apropriado de Nyasha, estava mexendo os ombros e batendo os pés em um contraponto entusiasmado aos movimentos ondulantes que ela fazia. Nyaradzo e Chido balançavam de um jeito rítmico e tranquilo, enquanto Brian, sentindo que eu não participaria, se divertia sozinho

ao lado deles. Vi Jocelyn e Maidei do outro lado do salão e caminhei com dificuldade até elas, costurando o caminho por entre corpos bem conscientes da batida e evitando por pouco perder um olho quando um dançarino mais atlético e animado tentou arrancar o ritmo do ar. Eu estava suando quando as alcancei, porque todo mundo estava úmido e quente por causa do exercício e todo o salão estava abafado e embaçado. Mas fiquei feliz por ter encontrado minhas amigas. Elas ficaram tão surpresas quanto eu por me encontrar ali e me protegeram dos aspectos mais orgíacos e sinistros. Dançando discretamente em uma rodinha, nós rimos e apontamos casais heterossexuais que estavam imprudentemente próximos. Segura dentro de um grupo, pude escutar a música e percebi que era definitivamente contagiante. Meus pés começaram a deslizar e escorregar e bater sozinhos. O resto do meu corpo seguiu o exemplo. Para minha surpresa, descobri que sabia dançar muito bem. Tive que me exhibir. Indo até Nyasha e Andy, demonstrei alguns passos intrincados e depois dancei até Nyaradzo, Chido e Brian.

Depois disso, dancei com centenas de pessoas. Três rapazes se aproximaram e disseram que tinham gostado de mim, mas percebi pelo jeito que falavam que eles gostavam só de si mesmos. Eu estava contente. Meu lado sociável se deu muito bem e eu me diverti a valer, mas às dez eu já estava tão cansada que fiquei muito feliz quando Chido veio chamar. Nyasha, como sempre, queria voltar ao começo e dançar a noite toda. Relutante, ela se obrigou a ir embora, e Andy andou com ela até em casa, ou melhor, dançou até em casa, porque os dois saltitaram e pularam e cantarolaram por todo o caminho. Quando chegamos na rampa da garagem, Andy lembrou que tinha uma nova coreografia que precisava mostrar para Nyasha naquele momento, e Nyasha sentiu que se não aprendesse imediatamente, não conseguiria dormir. Esperamos por um tempo, Chido e eu, até eles pararem de rir e saltitar e errar a sequência e ter que começar de novo. Andy disse que devíamos aprender também,

mas Chido estava ficando impaciente.

– Nah. Vamos, já deu disso.

– Estou quase conseguindo – Nyasha gritou, mas descobriu que tinha feito errado e tinha que começar de novo.

– Vamos entrar sem ela – sugeri, porque meus pés estavam doendo depois de todo aquele exercício.

– Não dá – Chido respondeu. – As luzes da sala estão acesas. Papai ainda está acordado.

– Então vamos subir a rampa devagarzinho – insisti, ansiando por deitar em minha cama.

No topo da rampa ficamos entediados de esperar e resolvemos espiar pelas cortinas da sala de estar para ver se Babamukuru estava lá, bem quando ele abriu um pouquinho as cortinas para ver se estávamos lá fora. É claro que nos agachamos e escapulimos dali, engolindo risadas e nos parabenizando pela nossa própria sorte. É claro que Babamukuru nos viu, abriu a porta dos fundos e disse “O que é que vocês estão fazendo?” em tom retumbante que não dava espaço para desobediência. “Vamos, entrem imediatamente”, ele exigiu. Entramos bem quietinhos, desejando que Nyasha viesse logo atrás, porque Babamukuru ainda não estava bravo, mas nossos corações apertaram quando a ouvimos exclamar do fim da rampa.

– Vocês estavam aprontando – meu tio observou, cordial, começando a fechar a porta. – Fora de casa tão tarde da noite! Pff! Não é assim que crianças decentes se comportam. Onde está Nyasha? – ele perguntou, percebendo a ausência da filha.

– Ela está vindo – Chido respondeu, curto. – Boa noite, pai – disse, com a esperança de poder escapar até o quarto, mas Babamukuru não permitiria isso.

– Er, Chido! Quer dizer que você deixou sua irmã lá fora para fazer o que quiser?

– Não, pai – Chido respondeu, tranquilizador. – Ela está lá embaixo na rampa. Ela está falando com Nyaradzo. Não vai demorar.

Babamukuru saiu da casa sem dizer outra palavra. Nós fugimos para nossos quartos. Do meu, escutei meu tio voltar para a sala de estar e sentar de novo com seu trabalho. Dez minutos depois, Nyasha entrou no quarto, seguida por Babamukuru, que estava tão agitado que nem bateu na porta, o que me fez agradecer por estar debaixo das cobertas e de pijama, e não me despindo. Nyasha enfiou a meia-calça que tinha acabado de tirar entre o colchão e o pé da cama e endireitou o vestido, que era tão curto que quase nem precisava ser endireitado. Eles olharam um para o outro.

– Er, Nyasha – Babamukuru começou –, você pode me dizer por que voltou tão tarde? – ele a examinava como se ela fosse um orçamento apertado que ele precisava controlar, mas não fazia.

– Desculpa, Papai – Nyasha disse. – Eu estava falando com uns amigos.

– Chido e a sua prima não têm amigos com quem conversar? – ele perguntou, cheio de lógica. – Que tipo de amigos são esses, para você passar a noite fora conversando com eles? Bons amigos sabem que está tarde e é hora de ir para casa.

Nyasha estava em silêncio.

– Responda, menina – Babamukuru insistiu. – Não está me ouvindo falar com vocês? Os outros não têm amigos?

– Eles têm amigos – Nyasha respondeu, emburrada.

– Então por que você foi a única que ficou fora até tão tarde? – Babamukuru perguntou, e respondeu ele mesmo, triunfante. – Você está mentindo. Você não estava falando com amigos. Você estava falando com aquele Baker. Eu vi você com ele com meus próprios olhos. Eu vi! O que vocês estavam fazendo?

Nyasha não cedeu por completo, o que foi um erro de sua parte.

– Eu estava só conversando. E dançando – ela explicou. – Ele estava me ensinando uma coreografia nova.

Babamukuru estava em choque.

– O quê! O que é que você está dizendo, essa bobagem que você tem a coragem colocar nos meus ouvidos! Tambudzai. Saia do quarto. Eu quero resolver essa questão com ela.

– Eu não estava fazendo nada de errado! – Nyasha insistiu.

O clima naquele quarto estava ficando hostil, a comunicação, tangencial. Vozes se alteravam e ameaçavam explodir. Saí rápido da cama e sabia que devia fazer alguma coisa, porque dava para ver que os dois estavam querendo o sangue um do outro. Acordei Maiguru e nem precisei explicar muita coisa porque conseguíamos ouvir os dois se acusando e retaliando, condenando amargamente e resistindo obstinadamente, pelo corredor. Maiguru saiu da cama, vestiu o roupão e colocou os chinelos, murmurando o tempo todo sobre seus nervos e que os internos dessa casa seriam seu fim. Corremos até o quarto e encontramos Chido no corredor com uma expressão irritada e incerta.

– Essa menina idiota – ele sussurrou. – Por que ela sempre tem que o confrontar?

– Nenhuma menina decente ficaria na rua sozinha, com um rapaz, a essa hora da noite – Babamukuru insistia, com a voz trêmula. – Mas foi o que você fez. Eu vi. Você acha que eu estou mentindo, que esses meus olhos mentem?

Nyasha, infelizmente, seguia sem se arrepender.

– O que você quer que eu diga? – ela perguntou. – Você quer que eu admita minha culpa, né. Tudo bem então. Eu estava fazendo isso que você está falando, seja o que for. Pronto. Confessei.

– Não fale assim comigo, menina – Babamukuru avisou. – Você tem que me respeitar. Eu sou seu pai. E por isso estou dizendo, es-tou-di-zen-do, que não gosto da sua mania de ficar por aí com esses – er – esses rapazes. Hoje esse, amanhã aquele. Qual é o seu problema, menina? Por que não consegue se comportar como uma moça de boa família? O que as pessoas vão dizer quando virem a filha do Sigauke se comportando desse jeito?

Prefiro pensar que Nyasha realmente acreditou que a discussão tinha enveredado por uma via conciliatória. Ela sorriu ao pensar que o número de rapazes que ela conhecia era a única coisa que acalmaria o pai.

– Você me conhece – ela disse, mas é claro que estava enganada. – Você me ensinou como devo me comportar. Eu não me preocupo com o que as pessoas pensam, então você também não deveria se preocupar – ela também não conhecia o próprio pai, porque qualquer um que o conhecesse já teria recuado àquela altura.

– Não me obrigue a ir longe demais – Babamukuru implorou.

Juntando toda a coragem que tinha, Chido tentou ajudar.

– Eles estavam só conversando por uns minutos, pai – ele disse, e ouviu uma ordem para ficar em silêncio.

– Você, Chido, fique quieto – Babamukuru disse, ríspido. – Você deixou sua irmã se comportar como uma prostituta e não disse nada. Fique quieto.

– Babawa Chido – começou Maiguru, mas foi imediatamente silenciada.

Nyasha ficava atipicamente calma nesse tipo de situação.

– Bom, por que – ela perguntou para ninguém em particular – eu deveria me preocupar com o que as outras pessoas pensam, se meu próprio pai me chama de prostituta? – ela olhou para ele com ódio nos olhos.

– Nyasha, fique quieta – Chido aconselhou.

– Chido, já disse para você ficar fora disso – Babamukuru lembrou, empertigando-se para que todo seu peso estivesse atrás do golpe que desferiu no rosto de Nyasha. – Nunca – ele rosnou –, nunca – repetiu, golpeando a outra bochecha dela com as costas da mão –, fale comigo desse jeito.

Nyasha caiu na cama, a saia minúscula subindo pelas nádegas. Babamukuru olhou-a de cima, distendendo as narinas para deixar o ar entrar.

– Hoje você vai aprender – ele disse. – Como você ousa me desgraçar desse jeito? A mim! Desse jeito! Não, você não vai fazer isso. As pessoas me respeitam nessa missão. Não posso ter uma filha que age como uma prostituta.

Nyasha podia ter apontado que, pela própria definição apresentada por ele, era exatamente isso que ele tinha. Mas não foi o que ela fez.

– Não bate em mim, Papai – ela recuou. – Eu não estava fazendo nada de errado. Não bate em mim.

– Yuwi, yuwi, yuwi! – Maiguru chorou. – Babawa Chido, você quer me matar com seu ódio? Ela é só uma criança, Babawa Chido, uma criança.

– Você precisa aprender a obedecer – Babamukuru disse a Nyasha, e a golpeou novamente.

– Eu falei para você não me bater – disse Nyasha, dando um soco no olho dele.

Babamukuru berrou e bufou, dizendo que se Nyasha queria se comportar como um homem, então, pela mãe dele, que descansava em paz em seu túmulo, ele lutaria com ela como se ela fosse exatamente isso. Eles caíram no chão, Babamukuru alternando entre socar a cabeça de Nyasha e batê-la no chão, gritando, ou tentando gritar, mas só chiando, porque a garganta tinha se fechado em fúria, que ele a mataria com as próprias mãos; Nyasha berrava e se retorcia e o atingia o máximo que conseguia. Maiguru e Chido não podiam mais ficar de fora. Precisavam segurá-lo.

– Não, Babawa Chido, kani – Maiguru implorou. – Se você precisa matar alguém, me mate. Mas minha filha, não, deixe-a em paz. Por favor, eu imploro, deixe-a em paz.

Babamukuru continuava insistindo que mataria Nyasha e depois se enforcaria.

– Ela ousou – ele disse, suor escorrendo, o peito arfando pelo nojo que estava sentindo – levantar as mãos contra mim. Ela ousou

me desafiar. Eu! O pai dela. É o que eu disse – e começou a se remexer de novo –, é hoje que ela vai morrer. Não podemos ter dois homens nessa casa. Nem mesmo Chido, você ouviu, Nyasha? Nem mesmo seu irmão ousa desafiar minha autoridade. Você está ouvindo o que eu digo, está ouvindo? O único jeito de você se salvar é sair da minha casa. Para sempre. Do contrário – ele cuspiu no rosto dela porque, ainda preso, não podia golpeá-la – do contrário eu-vou-matar-você – e cuspiu de novo. Nyasha se levantou do chão e saiu do quarto. – E lá vai ela! Simplesmente vai embora. Ela é prepotente. É esse o problema. Ela é prepotente. Pthu! Sis! Ela não é minha filha.

– Sim, Baba, já ouvimos – Maiguru o tranquilizava. Chido não disse nada, mas continuou segurando o pai.

– Nyasha – eu disse quando ela passou por mim, mas ela não respondeu. Eu a segui até os quartos dos empregados, onde sentamos, ela fumando um cigarro que segurava entre dedos trêmulos, e eu me sentindo mal por ela e pensando em como aquela cena tinha sido horivelmente familiar, Babamukuru condenando Nyasha à prostituição, fazendo dela uma vítima de sua condição de fêmea, assim como eu tinha sido vitimizada em minha casa, nos dias em que Nhamo podia ir para a escola e eu tinha que plantar meu milho. Essa vitimização, percebi, era universal. Não dependia de pobreza, falta de estudo ou tradição. Não dependia de nada do que eu tinha pensado. Os homens a levavam para todos os lugares. Até heróis como Babamukuru a cometiam. E esse era o problema. Era preciso admitir que Nyasha não tinha tato. Era preciso admitir que ela era muito volátil e obstinada. Não era possível ignorar o fato de que ela não tinha respeito por Babamukuru, quando deveria ter muito. Mas o que eu não gostava era a maneira como todos os conflitos voltavam para essa questão da feminilidade. A feminilidade como oposta e inferior à masculinidade.

Se meu pensamento fosse mais independente na época, eu teria pensado na questão até chegar a uma conclusão. Mas naqueles dias

era mais fácil deixar meus pensamentos enrolados e cheios de nós, as pontas dos fios penduradas. Eu não queria explorar os labirintos traiçoeiros a que esses pensamentos levavam. Eu não queria chegar ao final desses labirintos porque lá, eu sabia, eu encontraria a mim mesma, e eu tinha medo de não me reconhecer depois de ter enveredado por tantos caminhos confusos. Eu estava começando a suspeitar que não era a pessoa que todos esperavam, e via este fato como evidência de que tinha feito uma curva errada em algum ponto. Então eu me colocava de novo no caminho certo, e me refugiava na imagem da parente pobre e agradecida. Isso deixava tudo mais fácil. Mapeava com clareza os caminhos que eu podia e não podia seguir, e me mantendo dentro dessas barreiras eu evitava os labirintos de confrontar a mim mesma. Ou pelo menos era assim que eu agia quando fui para a missão. Mas depois de aprender a amar Nyasha – Nyasha, que crescia nas inconsistências e gostava de registrá-las para poder redirecionar sua atenção para o próximo problema, na esperança de encontrar soluções fundamentais –, eu estava encontrando a necessidade de revisar meu raciocínio. Embora nos anos desde que eu voltara a estudar eu tivesse aprendido a me contentar a assistir os eventos passarem por mim contanto que eles não interferissem em os meus planos, a maneira como Nyasha respondia aos desafios me fazia lembrar da intensidade e determinação com que eu tinha vivido meus primeiros anos de vida. Fiquei envergonhada da minha insipidez recentemente adquirida, mas não me permiti ficar agonizando sobre a questão, e também não insisti em chegar logo a alguma conclusão. Eu me sentia segura na missão sob a sombra de Babamukuru e não conseguia entender por que Nyasha achava a situação tão ameaçadora. Confortavelmente envelopada nos cuidados de Maiguru, crescendo na companhia estimulante de Nyasha, eu acreditava que haveria tempo para esperar para ver, para decidir o que precisava ser feito. Eu pensava que era inteligente economizar minha energia, diferente da minha prima, que

estava se esgotando. Eu coloquei a questão para ela: ela não podia esperar para manifestar as opiniões que achava necessárias? Mas ela pensava que se esperasse, esqueceria quais eram essas opiniões.

– Acontece – ela assegurou. – Você fica confortável e se acostuma ao jeito que as coisas são. É só olhar para mim agora. Na Inglaterra eu estava confortável, aqui sou uma prostituta de hábitos sujos.

– Mas, Nyasha... – comecei.

– Eu sei – ela interrompeu. – Não estou mais na Inglaterra e deveria me adaptar. Mas quando você já viu realidades diferentes, quer ter certeza de que está se adaptando à coisa certa. Não dá para passar a vida sendo o que for necessário. É preciso ter convicções, e estou convencida de que não quero ser inferior a ninguém. Isso não é certo para ninguém. Mas depois que você se acostuma, bom, fica parecendo natural e você só segue a vida. E esse é o seu fim. Você está presa. Eles estão no controle de tudo que você faz.

Suspirei e desejei que ela apagasse o cigarro, porque já tinha havido confusão o bastante por uma noite. Era tudo muito desagradável, mas eu não podia fazer nada. Fiquei feliz quando Chido apareceu.

– Entre em casa – ele disse.

Nyasha queria terminar o cigarro, mas Chido estava nervoso e obviamente não gostava nada daquele vício. Ele tomou o cigarro dela e o apagou no chão.

– Nyasha – Maiguru chamou da porta dos fundos. – Chido, Chido, você a encontrou?

– Ela está indo, Mamãe – Chido respondeu, ajudando Nyasha a se levantar. – Não a deixe mais nervosa – ele disse. – Ela não precisa disso.

– E eu? – Nyasha perguntou melancolicamente. – Alguém se importa com o que eu preciso?

Pensamos que ela estava fazendo manha, é claro.

– Você é a filha – Chido informou. – Há coisas que você nunca deve fazer.

O alívio de Maiguru ficou óbvio em seu rosto quando Nyasha entrou em casa. Ela esticou os braços instintivamente na direção da filha, mas ela passou reto, em uma negação inflexível. Os braços de Maiguru caíram.

– Boa noite, Nyasha – ela disse.

Por uma semana Nyasha se refugiou em si mesma e Babamukuru se refugiou fora de casa. Ele não aparecia nem para as refeições, mas não perdeu peso, então eu sabia que Maiguru o convencia a comer quando já estávamos na cama ou em outros momentos em que não estávamos por perto. E como os dois estavam sofrendo. Apesar de ter punido a filha com um sermão de uma hora de duração e quatorze chicotadas, porque ela tinha quatorze anos, na sala de estar sob a observação de Maiguru, Babamukuru ainda estava magoado. Mas eu estava mais preocupada com Nyasha, porque Babamukuru tinha Maiguru para cuidar dele, e o consolo de saber que Nyasha estava errada. No geral, todos sentiam que Nyasha estava emburrada porque as coisas não tinham acontecido como ela queria. Mas eu era mais próxima dela do que os outros e sentia o conflito pelo qual ela estava passando, do eu *versus* a rendição, e sobre o que era o pecado. Mesmo que eu não entendesse essa angústia, porque a distinção entre certo e errado, o que era e o que não era pecado, ainda era muito clara para mim naqueles dias e seguia de perto as diretrizes apresentadas a nós na Escola Dominical, eu me preocupava com o efeito da situação na minha prima. Ela não apenas tinha parado de falar conosco, mas estava cada vez mais se afastando de nós. Ela se retirava para um mundo particular que nenhum de nós alcançava. Às vezes, quando eu falava com ela, para muito além de optar por não responder, ela simplesmente não me escutava. Uma vez passei a mão em frente aos seus olhos e ela também não me viu,

e tive que gritar para que ela me ouvisse.

Maiguru entendia que a situação era séria, mas não sabia o que fazer.

– Você sabia – ela me disse, um dia quando estávamos sentadas à mesa sozinhas na hora do almoço, porque Nyasha tinha parado de comer de novo e Chido normalmente almoçava na casa dos Baker. – Você sabia – ela disse, quase às lágrimas e me deixando muito desconfortável, porque eu não saberia o que fazer se minha tia sucumbisse à própria tristeza – que o seu tio estava esperando vocês chegarem para soltar os cachorros. Você sabe como eles são horríveis. Então ele não os soltou. Eu disse a ele, deixa que o Chido faz isso quando eles voltarem, e ele disse que preferia esperar, para ter certeza de que seria feito. Ele é assim. Ele nunca dorme até vocês voltarem dos eventos e fica inventando uma razão ou outra. Mas eu o conheço. E agora ele está magoado e Nyasha está magoada, e de fato, minha filha, só Deus sabe onde essas coisas vão parar. Para dizer a verdade, me assusta muito, porque não se deve brincar com esses sentimentos tempestuosos, você precisa tratá-los com delicadeza, mas aqueles dois, eles estão sempre em pé de guerra.

Eu contei para Nyasha o que Maiguru tinha dito quando estávamos as duas no quarto aquela noite. Falei sem parar sobre muitas coisas, falando com a escuridão, sem saber se ela estava ouvindo ou não. Falei sobre o fato de ser dois anos mais velha do que todo mundo na minha classe, sobre meu pai e Nhamo e minha plantação de milho. Depois contei o que Maiguru tinha dito.

Ela compreendia.

– Eu sei – ela disse. – É igual em todo lugar. Mas ele não tem o direito de me tratar daquele jeito, como se eu fosse água para ele derramar onde quiser. Eu sei que deveria confiar e obedecer e tudo mais, mas ele não tem o direito, mesmo – ela soluçou muitas bolhas de dor. Eu entendi que ela estava de luto pelo que havia perdido quando bateu no pai, então a deixei por um tempo, depois deitei na

cama dela, onde nos abraçamos e adormecemos.

Maiguru não ficou muito feliz na manhã seguinte quando nos encontrou juntas na cama, mas ela não podia negar que Nyasha estava se sentindo um pouco melhor, então não disse nada. Eu sabia que Nyasha estava melhor por causa do que ela me disse, com uma tentativa de seu sorriso habitual e exagero típico:

– Obrigada, Tambu. Você salvou minha vida.

A menstruação dela veio no dia seguinte, nove dias antes do previsto.

– Eu queria ter feito – ela me disse, balançando o absorvente na minha direção –, mas desse jeito a única coisa que vai me colocar no topo é isso aqui! Sério, mesmo no meu casamento eles só vão ficar satisfeitos se eu prometer não me divertir.

Concordei com ela. Não sabíamos do que estávamos falando, mas ficamos impressionadas por sermos tão avançadas. Rimos histericamente, mas minha alegria não durou muito. Agora que Nyasha estava bem, senti pena do meu tio, que não seria capaz de derramar as lágrimas que lavariam sua dor. Fiquei impressionada com a resiliência de Nyasha. O que eu mais admirava nela era sua capacidade de perdoar a si mesma. Eu tinha certeza de que, se tivesse batido no meu pai, eu teria feito o que Babamukuru ameaçou fazer, e me enforcado.

Sete

Fomos para casa para o Natal no dia 23 de dezembro, meu tio e minha tia e Nyasha e eu. Chido deu um jeito de não ir porque foi convidado para caçar no Vale do Zambeze por um dos colegas da escola cujos pais tinham um rancho lá. O amigo morava em Umtali, o que deixava as coisas mais fáceis, porque ele podia buscar Chido e os irmãos Baker no dia 26, a caminho do Zambeze. Babamukuru ficou desapontado por Chido preferir ir para Chirundu do que até a propriedade. Ele até se ofereceu para levar o filho até a missão depois do Natal. Mas Chido não sabia a hora em que o amigo iria buscá-lo, então isso não seria possível: ele simplesmente não podia ir até a propriedade. Não dava para culpá-lo por não querer ir, porque ele já estava velho demais agora – todos estávamos, e civilizados demais também – para se divertir comendo matamba e nhengeni e indo até o Nyamarira. E Chido não teria companhia na propriedade, o que faria tudo duplamente deprimente. Então eles ficou com os Baker no Natal, e eles, como sempre, ficaram felizes de recebê-lo. Nyaradzo, imagino, ficou tão extasiada quanto os outros, porque ela achava que meu primo era charmoso e confiante e interessante.

Nyasha também não queria passar o Natal na propriedade, e isso me deixou apreensiva, porque era provável que acontecesse outra discussão familiar sangrenta. Maiguru tentou conversar com ela, mas também foi petulante na ocasião.

– Só porque Chido não vai, é por isso que você pensa que pode ficar em casa? – ela perguntou à filha com sarcasmo, e não acreditou em Nyasha, que ficou emburrada e disse que Chido não tinha nada a ver com a questão.

– Mas o que é tão especial sobre nossa família? – ela perguntou.
– Faz anos que Babamunini não vai até a propriedade. Tete também. Então por que temos que seguir colocando lenha nessa fogueira?

– Você está dizendo bobagens – Maiguru lhe disse. A voz dela estava mais dura do que o necessário e, pensando naqueles dias agora que tenho mais capacidade de perceber intenções, acho que é porque ela também não queria ir. – Babamunini visitou no ano em que voltamos, e isso foi só há três anos. Quanto a Tete, pense direito, Nyasha. Como Tete voltaria para a casa do pai, se ela é esposa de alguém?

Eu pensava que Nyasha estava só querendo criar polêmica. Ela tinha estado tão quieta desde aquela noite horrível, imaginei que ela estivesse entediada e precisando de alguma emoção, porque, de verdade, ela não conseguiria viver naquela casa sozinha por duas semanas. No final do primeiro dia ela já estaria completamente apavorada, era o que eu pensava. Mas Nyasha riu e me perguntou se eu já tinha ouvido a expressão “segura como uma casa”. “Especialmente casas de missão”, ela adicionou, sarcástica, o que era estranho, porque esse fato deveria ter lhe agradado. Quando ela falava desse jeito, eu conseguia vê-la se virando bem sozinha, acordando quando quisesse, fazendo as refeições como e quando quisesse, lendo ou tricotando ou cuidando do jardim ou visitando Nyaradzo de acordo com as próprias vontades.

Naturalmente, porém, Babamukuru não queria nem ouvir falar disso.

– Nenhuma filha minha – ele decretou – vai ficar nessa casa sozinha. Esse tipo de coisa simplesmente não se faz.

Nyasha rapidamente apontou que não estaria sozinha, já que Sylvester estaria trabalhando no jardim, exceto no dia do Natal e no dia depois do Natal. Isso irritou muito meu tio e minha tia, e até eu tive que lembrar que Nyasha não tinha tato para não ficar brava com ela.

Estávamos prontos para a batalha, Babamukuru com ameaças e recriminações, Maiguru com insistência e persuasão, e eu com tentativas de mostrar o que ela estaria perdendo se não fosse até a

propriedade, o que era difícil, porque não havia muito que tentasse Nyasha a sair da missão. Mas, para a surpresa de todos, Nyasha não insistiu. Depois de ter deixado claro o que queria, ela cedeu com elegância e, considerando nossos padrões anteriores, éramos um grupinho bem animado a caminho da propriedade naquela tarde de dezembro de 1969.

Baba e Maiguru estavam sentados na frente, Nyasha, Anna e eu atrás, junto com as provisões. O banco de trás do carro e o porta-malas estavam lotados de comida e outras necessidades – uma metade de boi cortada em pedaços para caber, quilos de farinha de milho, dezenas de pães inteiros e pãezinhos, muita margarina, açúcar e chá. Havia pacotes de leite em pó, garrafas de óleo de cozinha e suco de laranja e manteiga de amendoim, potes de geleia, latas de parafina, sabonete e detergente. Na verdade, tínhamos tudo que precisaríamos para a estadia de duas semanas, e até mais, porque Babamukuru supria as necessidades não só da ceia de Natal, mas do Natal em si, para quantas pessoas do clã se reunissem, pelo tempo que se reunissem. Nós não tínhamos Papai Noel, mas tínhamos Babamukuru.

Maiguru estava resmungando que aquela metade de boi era carne demais, e imaginei que ela e Babamukuru tivessem discordado por alguma questão importante, porque não era comum vê-la resmungando. Mas era tão estranho quanto pensar nela discordando de Babamukuru, então decidi que a ignorância masculina de Babamukuru sobre essas tarefas que cabem às mulheres tinha feito ele acabar comprando carne demais mesmo.

– Ma’Chido – ele perguntou, sem nem se preocupar em esconder a irritação. – Se eu, o chefe da família, não fornecer a comida, quem vai fornecer? Você quer que Jeremiah vá até o kraal e mate um boi, sendo que eu o proibi de matar aqueles animais?

– Um boi inteiro seria demais – Maiguru comentou, seguindo a lógica. – Até metade já é demais. Mas o que me incomoda é que

todos esperem que eu passe todo meu tempo cozinhando para eles. Quando você traz tanta comida, eu passo todo o tempo me matando como uma escrava para todos – ela continuou, inflexível, e tentou compensar a inflexibilidade deixando a voz fraca e cansada.

– Você não precisa se preocupar com isso – Babamukuru não deu importância, gentil. – Olha todas essas meninas para ajudar! Você vai dar um jeito. Nyasha! Tambudzai! Estão vendo aquele rio, meninas? Era lá que eu levava o gado tomar água quando trabalhava na fazenda do Mandigumbura. Mandigumbura! Na verdade, o nome dele era Montgomery, mas nós o chamávamos de Mandigumbura. E ele fazia mesmo isso. Ha! Aquele homem eram ruim, mas aprendi muito lá. Ele era um bom fazendeiro. Quando fui para a missão, já sabia trabalhar duro. Eu era um menino responsável por causa do que aprendi com Mandigumbura! Mandigumbura! Hahaha! – Babamukuru riu, lembrando da infância, e começou a cantarolar uma música, um hino religioso, um de seus favoritos. Era um bom sinal, ouvi-lo cantarolar daquele jeito, porque eu não o ouvia cantar desde a briga com Nyasha, nem mesmo à noite no quarto deles, quando ele e Maiguru rezavam juntos antes de dormir se Babamukuru não tivesse chegado em casa a tempo de rezar conosco antes de deitarmos. Inexplicavelmente, excepcionalmente, Babamukuru estava feliz. Livre da tensão e de muito bom humor, ele parecia mais jovem e muito mais afável do que em qualquer momento na missão.

No caminho até a propriedade, eu repeti aquelas comparações que fiz no primeiro dia em que fui para a missão, mas dessa vez no sentido contrário. O que eu enxergava fazia ser difícil entender Babamukuru. Pelo que eu via, o único carinho que alguém podia sentir por aquela área tinha que vir da lealdade. Eu não conseguia imaginar alguém querendo mesmo ir até ali, a não ser que, assim como eu, estivessem indo visitar a própria mãe. Dessa vez a propriedade estava pior do que nunca. E a pior parte é que ela não precisava estar tão ruim. O telhado de palha da cozinha estava caindo

em tantos lugares que devia ser difícil encontrar uma parte seca dentro dela quando chovia. Havia enormes buracos nas paredes de lama da tsapi, e o hozi não era mais do que a lembrança de um abrigo, e me perguntei onde Takesure estava dormindo. Quando fui até a casinha, que uma vez tinha sido boa e construída sob a supervisão de Babamukuru e com o dinheiro dele, longe das cabanas, quase vomitei. No início, o buraco da latrina era nem muito largo, nem muito estreito. No início, quando minha mãe insistia que eu a lavasse sempre que houvesse água para isso, ela nunca cheirava mal e o reboco cor de rosa mantinha a cor agradável. Mas agora fezes e urina contaminavam todas as superfícies, então era impossível encontrar um lugar para colocar os pés e você ficava tentada a nem tentar mirar no buraco. Vermes úmidos e pálidos se enfiavam pelas fezes; as paredes tinham ficado amarelas. Grandes moscas azuis de cabeça laranja se aproximaram do meu ânus quando me agachei.

– Por que você não limpa mais a latrina? – repreendi minha mãe, irritada com ela por sempre me lembrar, com seu jeito completamente abatido e desprovido de autocuidado, que escapar era uma necessidade absoluta.

Ela deu de ombros e ofereceu um conselho:

– Limpe você, se quiser que fique limpa.

E limpei a latrina, com a ajuda de Nyasha. Não que eu tenha pedido para ela ajudar – eu teria vergonha demais –, mas ela concordava comigo que a latrina precisava ser limpa, então foi isso que fizemos. Mas a latrina nunca ficou realmente descontaminada depois daquilo, então eu e Nyasha passamos a usar os arbustos, como fazíamos antes de a latrina ser construída. Pensei um pouco sobre o assunto e decidi que não havia motivo para me sentir mal por boicotar o banheiro, porque no dia depois que chegamos Babamukuru colocou um velho par de calças de sarja e fez meu pai e Takesure o ajudarem a consertar o telhado do hozi, mesmo que ele nem dormisse lá.

A conversa que tive com minha mãe sobre o banheiro aconteceu quatro ou cinco dias depois de chegarmos. No dia em que chegamos, quando nosso carro estacionou sem fazer barulho debaixo da mangueira, fomos recebidos por um silêncio deprimente. Quando alguém veio nos receber, eram Netsai e Rambanai, mais nuas do que vestidas em seus vestidinhos esfarrapados, as pernas e os braços e até o rosto e os cabelos cinzas por causa da shena. Sujas e empoeiradas, elas nos abraçaram, colocando os braços ao redor de Babamukuru primeiro, depois Maiguru, Nyasha, eu e, por último, Anna.

– Você veio, Babamukuru. Você veio, Maiguru. Você veio, Sisi Nyasha – e assim por diante até terminarem o ritual dos abraços.

– Sim, sim. Nós chegamos. Enfim – Babamukuru sorriu e perguntou para minhas irmãs onde estavam os outros. – Onde está o seu pai? Mainini não está aqui?

Ele encontrou a chave do porta-malas no chaveiro. Ficamos com os olhos atentos no porta-malas, prontas para atacar os pacotes e levá-los para casa assim que ele fosse aberto, porque Babamukuru não gostava de perder tempo.

Minha mãe, Netsai nos disse, estava deitada porque não estava se sentindo muito forte ultimamente. Mas Netsai não sabia onde meu pai estava. Ele tinha deixado a propriedade no fim da manhã, junto com Takesure. Talvez eles estivessem nos campos, mas ela achava que provavelmente não, porque eles não tinham pedidos que levassem comida para eles e, em todo caso, o cultivo tinha sido finalizado no dia anterior.

– Então acho que ele saiu com Takesure – ela disse.

Babamukuru estava chocado.

– O que você disse? – ele perguntou, incrédulo. – Ouvi você dizer Takesure! Jeremiah saiu com Takesure! Quando eu mandei Takesure ir embora da minha casa e levar a menina com ele. Quer dizer que Takesure ainda está aqui?

– Sim, ainda estamos aqui, Mwaramu – Lucia respondeu, saindo do hozi sem parecer preocupada. – Takesure e Jeremiah foram até as lojas. Disseram que estavam com sede.

Babamukuru preferia falar com Netsai.

– A casa está aberta? – ele perguntou, e quando ela respondeu que sim, porque minha mãe estava lá descansando, ele pediu que ela assegurasse que todas as portas estivessem bem abertas, porque tínhamos muita coisa para carregar. Toda cheia de si por causa da tarefa que Babamukuru tinha lhe confiado, Netsai correu para casa.

– Mesmo que você me ignore – Lucia continuou –, não quer dizer que não estou aqui. E de qualquer modo, Mwaramu, talvez você possa me explicar: para onde você quer que eu vá? Nós dois sabemos que não posso voltar para casa. Eles me mandarem para cá porque não havia comida e nem trabalho por aquelas bandas, não é? É a verdade, você sabe. Então para onde você quer que eu vá? Quanto a ir com Takesure, hahaha! Eu sei que essas são suas piadinhas, Babamukuru. O que eu faria na casa de Takesure?

Desejei que Lucia ficasse quieta. O caso dela era sério, e não ajudava em nada ela ser rude com Babamukuru. Lucia era irmã da minha mãe, muitos anos mais nova que ela e uma mulher sem rumo apesar – ou talvez por causa – de sua beleza. Ela era bem escura, igual a minha mãe, mas, diferente da minha mãe, ela tinha sempre um brilho sob a pele, então podia se dar ao luxo de zombar dos cremes clareadores que outras meninas usavam.

– Fanta e Coca-Cola! – ela ria. – Aiwa! Eu não. Prefiro que meu corpo todo tenha a mesma cor.

Como resultado, a pele dela não estava se deteriorando e secando; continuava reluzente e saudável.

A família da minha mãe era muito pobre, mais pobre até que a minha. Quando meu pai levou minha mãe, não havia nenhuma cabeça de gado no kraal do meu avô. Por causa disso, algumas pessoas acreditavam ser uma bênção que as duas primeiras crianças

que meus avós maternos tiveram fossem meninas.

– Do contrário – eles argumentavam, otimistas –, se ele tivesse filhos, como esses filhos teriam esposas? Veja, as filhas vão trazer gado, com o gado o velho cai conseguir arar os campos, a família vai prosperar, e quando os filhos estiverem na idade de casar, já terão acumulado seu roora.

As opiniões dos sábios e dos cínicos divergiam.

– Quem sabe? – discordavam. – Se tivessem nascido filhos antes, eles teriam ajudado o velho nos campos. A família estaria melhor do que está agora. Além do que – eles completavam, incisivos –, um homem nunca pode ter certeza sobre as filhas.

Este debate continuou na aldeia da minha mãe, bem no noroeste do país, até meu pai, durante uma visita a um parente distante, avistar minha mãe, engravidá-la e ser obrigado a levá-la para casa consigo. Foi uma pena as coisas acontecerem assim porque, nessas circunstâncias, meu avô não podia cobrar um preço de noiva muito alto pelas filhas, então o casamento da minha mãe não melhorou muito as condições da família. Foi ali que as filhas do meu avô ganharam a reputação de serem mulheres fáceis.

– Ao menos a mais velha foi decente e seguiu com o homem dela – os moradores da aldeia diziam. E depois juntavam as mãos, horrorizados, e balançavam a cabeça. – Mas olha aquela Lucia! Ah! Não tem nada de mulher naquela lá. Ela dorme com todos e qualquer um, mas ainda não teve nem um filho. Ela foi amaldiçoada. Aliás, ela mesma deve ser uma bruxa.

E assim a pobre Lucia foi indiciada por ser estéril e bruxa; e quando, depois de dezenove anos, minha mãe mandou avisar que havia perdido o primeiro filho que sobrevivera e que estava passando por uma gravidez difícil, meus avós ficaram muito felizes de enviar a tia Lucia para cuidar da irmã.

Na mesma época, tio Takesure, um primo distante de Babamukuru, veio de Gandanzara para ajudar nos campos. Não sei

quem se ofereceu primeiro, mas muito pouco tempo depois de Takesure chegar, Lucia já estava grávida dele. Naturalmente, as pessoas disseram que ela tinha feito de propósito, para apanhar um marido. Mas Lucia sabia que Takesure tinha duas esposas em casa de quem ele não gostava, e que era por isso que, apesar da aversão ao trabalho, ele tinha concordado tão prontamente em vir ajudar meu pai quando Babamukuru sugeriu o acordo. Por muito tempo, Babamukuru continuou acreditando, do seu jeito descomplicado, que Takesure tinha vindo ajudar na propriedade porque com o dinheiro que recebia de Babamukuru ele poderia terminar de fazer os pagamentos pela segunda esposa. O problema era só com a segunda, porque a família dela não parava de lembrar Takesure das quantias devidas, enquanto a família da primeira esposa já tinha permitido que o reembolso passasse em branco. Mas Babamukuru estava enganado. A verdade é que Takesure queria escapar. Ele não gostava de ser um marido e Lucia sabia que ele não queria, nem tinha dinheiro, nem podia ser um pela terceira vez. Takesure também não queria trabalhar, mas, corretamente, não acreditava que meu pai fosse obrigá-lo a isso, e então tinha concordado em vir para a propriedade, onde, imagino, ele pensou que o trabalho era relativamente fácil.

Lucia, que tinha se tornado muito pragmática depois de todos os anos lidando com homens, negava que o feto era de Takesure. Ela o atribuía ao meu pai, embora isso não pudesse ser verdade. Meu pai, fazendo o possível para não ofender Babamukuru, não havia se permitido apreciar a voluptuosidade de Lucia até depois de ela ter engravidado. A partir dessa façanha de autocontrole, Lucia deduziu que meu pai tinha um pouco mais de resistência do que Takesure e, por esse motivo, seria um pai melhor. De sua parte, meu pai ficou bastante empolgado com a ideia de ter Lucia como segunda esposa. Embora tivesse crescido na extrema pobreza, ela não tinha, como minha mãe, casado aos quinze anos. Sua essência, desimpedida, havia

experimentado a vida e tirado dela suas próprias conclusões. Consequentemente, Lucia era uma mulher muito mais ousada do que minha mãe, e meu pai, que não se sentia mais ameaçado por mulheres ousadas depois de ter confirmado os próprios poderes deprimindo minha mãe, ficou excitado com a ideia de possuir uma mulher como Lucia, que seria como possuir uma tempestade e fazê-la estalar e trovoar e relampejar de acordo com seus comandos.

Lucia conseguiu, de alguma maneira, manter-se bem encorpada, apesar de suas tribulações. Talvez, alguns diziam, por causa delas, já que seus problemas consistiam majoritariamente de casos com homens que não queriam nada sério com ela, mas que, normalmente, eram muito ricos. E Lucia era forte. Conseguia carpir um hectare inteiro sozinha, sem descansar. No geral, era uma perspectiva muito mais convidativa do que minha mãe, se você não examinasse seu passado muito de perto. E, é claro, minha mãe sempre insistia que os rumores sobre a irmã não passavam disso. De qualquer forma, Lucia estava vivendo a própria vida a centenas de quilômetros de distância e, portanto, sabíamos muito pouco sobre ela na época. Meu pai a achou desejável e argumentou, além disso, que a criança poderia ser um menino, o que seria bom, pois no momento ele só tinha filhas.

Ele ressaltou que minha mãe e Lucia, sendo irmãs, se dariam bem sem problemas, e lembrou a Babamukuru que, como Lucia era uma boa trabalhadora, seria útil tê-la permanentemente em casa.

Nem por todas essas vantagens, porém, Babamukuru consideraria a ideia de ter um bígamo na família. Ele ficou surpreso que meu pai não soubesse que essas coisas eram pecado e lançariam a ira de Deus sobre toda a família.

– Esse tipo de coisa não vai acontecer na minha casa – decretou. – Takesure deve ir embora e levar essa mulher com ele.

Meu pai tinha muito mais medo da ira de Babamukuru, pela qual ele já havia passado, do que da ira de Deus, que ele desconhecia,

então, com relutância, tinha prometido assegurar que Takesure fosse embora e levasse Lucia consigo.

Mas aqui estava Lucia, abraçando Maiguru calorosamente, expressando como estava feliz por vê-la novamente e se perguntando quanto tempo fazia desde a última vez que haviam se visto. “Foi em março ou abril, quando vocês trouxeram Tambudzai para casa”. E continuou bajulando sem parar, falando de como o tempo voava, como minha mãe ficaria contente de ver Maiguru, e repreendendo minha tia por não visitar com mais frequência. Maiguru, com um sorriso largo, mesmo que mecânico, livrou-se do abraço de Lucia com destreza, sem parecer fazê-lo, pois continuava segurando o braço de Lucia e o sacudindo, o tempo todo garantindo a Lucia que ela estava tão satisfeita em vê-las quanto Lucia e minha mãe estavam. Lucia colocou o braço amigavelmente em volta dos ombros de Maiguru.

– Maiguruka – ela começou, guiando minha tia na direção de casa enquanto o resto de nós descarregava o porta-malas, que Babamukuru tinha se acalmado o bastante para conseguir destrancar.

– Maiguru, foi a Providência que trouxe você! Estou ficando louca, de verdade, é só você me olhar! Louca a ponto de tirar as roupas. Se você soubesse o que tenho passado com esses dois. Você sabe que os homens são doidos, né, Maiguru!

– Er... Lucia – entoou Babamukuru em sua voz mais autoritária, que normalmente só era ouvida no Beit Hall durante a assembleia quando ele advertia os meninos para não fumarem nem beberem nem passarem a noite no dormitório das meninas, ou quando ele estava falando com Nyasha. – Er... Lucia – Babamukuru repetiu.

Embora Lucia tivesse decidido que Babamukuru era irrelevante quando começou a conversar com Maiguru, nem ela podia ignorar a autoridade contida naquela voz. Ela parou e virou-se.

– Lucia – Babamukuru entoou pela terceira vez, mas não sem necessidade –, é isso que vocês fazem no lugar de onde você vem,

não cumprimentam as pessoas e se afastam quando tem coisas que precisam ser carregadas para dentro de casa? – Lucia abriu a boca, mas Maiguru foi mais rápida.

– Oh, meu Papaizinho – ela riu. – Quando as mulheres começam a falar! Só íamos lembrar da comida quando fosse hora de cozinhar! – ela se desengatou de Lucia pela segunda vez e moveu-se rápida e aliviada até o carro.

– Não se preocupe com isso, Babamukuru – Lucia disse. – Takesure e Jeremiah podem carregar tudo isso quando voltarem – mas Maiguru piou que queria ter certeza de que todos os mantimentos seriam guardadinhos, e continuou tirando caixas do porta-malas. Lucia sabia que tinha sido recusada e aceitou o fato com elegância.

– Se você diz, Maiguru – ela cedeu, jogando um saco de sete quilos de farinha de milho sobre a cabeça e segurando outro nas mãos. Todas nós exceto Babamukuru e incluindo Rambanai, que carregou um saco de pão, cambaleamos até em casa com o peso dos mantimentos.

– Oof – Rambanai grunhiu, uma mão nos quadris, secando a testa com a outra –, oof. Estou cansada.

Gratos a ela por nos dar uma razão, rimos até espantar todas as inquietações.

– Você está cansada – mexi com ela, colocando-a em meu quadril. – Por que, o que você estava fazendo? Ahn? Para estar tão cansada, ahn? O que você estava fazendo?

– Bem-vindos, bem-vindos – a voz debilitada da minha mãe disse do quarto ao lado, para nos lembrar de que ela estava ali. – Quer dizer que você conseguiu subir as escadas até que enfim – ela comentou secamente quando entrei no quarto escuro e mofado. – Eu estava há muito tempo ouvindo você rir e falar e me perguntando se você lembraria que alguém colocou você no mundo.

Tive que me defender.

– Nós estávamos trazendo os mantimentos – eu disse, colocando Rambanai no chão, o que a fez expressar seu descontentamento, e me ajoelhando ao lado do colchão de koya caindo aos pedaços onde minha mãe estava deitada, para abraçá-la.

– Netsai disse que faz um tempo que você não está bem. Onde você sente dor? – perguntei, tomando o cuidado de seguir todas as formalidades, para não a desapontar mais ainda. Foi surpreendente perceber como era difícil agir corretamente com minha mãe, se era tão fácil e natural com Baba e Maiguru. Minha mente se afastou de minha mãe e seus sofrimentos, que ela dizia que tomavam a forma de dores não-localizadas pelo corpo todo e que ela acreditava que eram um mau presságio para a criança que carregava. Fiquei imaginando: será que se eu ficasse mais acostumada com meu tio, pararia de respeitá-lo, assim como Nyasha, e expulsei esse pensamento da cabeça, porque ele era horrível.

– Vamos, vamos, Mainini – Maiguru chamou da sala de estar. – Podemos entrar? Babamukuru está aqui para saber como você está.

– Entre, entre, Maiguru – minha mãe respondeu, com mais força na voz do que se esperaria de uma inválida. Ela se levantou um pouco para conseguir se encostar na parede, para que as pessoas não a vissem deitada. – Vocês finalmente chegaram – ela deu as boas-vindas a minha tia e meu tio e todos se cumprimentaram. Eles foram formais dessa vez, apenas descansando a mão nos ombros uns dos outros. – Estávamos pensando que este ano o Natal seria solitário – ela completou, sem sinceridade, porque o que ela realmente queria dizer era faminto ou, na melhor das hipóteses, insosso.

– E por que você pensaria uma coisa dessas, Mainini? – Babamukuru a tranquilizou carinhosamente, procurando um lugar para sentar e, finalmente, sentando-se na beirada da cama que comprara para meu pai em junho e, é claro, sem pensar nos caminhos inescrupulosos que a mente da minha mãe fazia. – Não vir para casa no Natal, Mainini! Haha! Isso nunca aconteceria.

– E como poderíamos saber? – minha mãe continuou de forma grosseira, escondendo a amargura da voz por trás de uma risada. – Imaginamos que a missão seja mais interessante do que essa nossa propriedade. Você não acha, Maiguru? – ela disse, virando a insinceridade para minha tia, que tinha sentado no chão, as pernas esticadas para frente e os tornozelos cruzados. – Maiguru! – minha mãe ficou chocada. – Sentada no chão? Quando temos cadeiras? Tambu, vá buscar uma cadeira para Maiguru.

– Não, Mainini, estou bem confortável – Maiguru protestou educadamente, ao que minha mãe insistiu que Maiguru ao menos aceitasse uma esteira, mas eu já tinha voltado com a cadeira. Todos encaramos aquela cadeira na qual Maiguru terminantemente se negava a sentar e nos perguntamos o que fazer com ela. Minha mãe sugeriu que Babamukuru ficaria mais confortável na cadeira, mas ele afirmou que a cama era um assento ideal. Minha mãe estava muito angustiada por nem minha tia nem meu tio, na verdade ninguém, querer se sentar naquela cadeira, aquela cadeira de madeira que ficava na sala de jantar mas era uma cadeira de cozinha e tinha só uma madeirinha faltando no encosto. No final, Nyasha, não sei se querendo ou não ser rude, levantou-se do chão, onde estava sentada ao lado da mãe.

– Bom, é mais confortável para mim, mesmo que para mais ninguém – ela anunciou, se largando na cadeira. Achei que Nyasha estava se comportando muito mal, de um jeito muito menos civilizado do que podia. Minha mãe estava encantada com a falta de educação de Nyasha.

– É isso que você faz? – ela atacou, cheia de malícia. – Você senta nas cadeiras, mas nem me cumprimenta!

– Nyasha, levante-se e cumprimente Mainini – Babamukuru mandou.

– Nyasha, levante-se e cumprimente Mainini – Maiguru mandou, ao mesmo tempo.

Nyasha pulou da cadeira para abraçar minha mãe, que se deliciou com a vitória e a consolidou exclamando que Nyasha tinha crescido e estava grandona.

– Os seios já estão enormes – ela declarou, apertando um deles e fazendo Maiguru se encolher de vergonha. – Quando é que vai chegar nosso mukwambo – minha mãe provocou a sobrinha.

Babamukuru foi valente. Superando a aversão inata a esses detalhes biológicos, ele levou a pergunta da minha mãe a sério.

– Nossa Nyasha – ele suspirou, cheio de angústia – é do tipo que vai nos trazer um genro? Não, ela não é desse tipo. E mesmo que trouxesse, não sei se valeria a pena alimentar o gado, porque logo o homem ia querer os animais de volta.

– Vamos, Babamukuru – minha mãe faiscou –, ela é sua filha, não é? O que vai impedir que ela encontre um bom marido?

Nyasha não gostava de ser discutida na terceira pessoa, e também não gostava do tipo de conversa que estava acontecendo, porque ela sentia que a questão de um marido era pessoal, e ela se preocuparia com isso quando sentisse a necessidade. Ela começou a bater o pé e eu parei de respirar. Eram nessas ocasiões que Nyasha acabava dizendo a primeira coisa que vinha à cabeça, e essas coisas normalmente eram desastrosas.

Lucia também estava entediada com esse discurso sinuoso.

– Nyamashewe, Mwaramu – ela interrompeu, dando início aos cumprimentos formais. Tecnicamente, ela não deveria ter iniciado os cumprimentos. Por ser de um *status* tão baixo, ela deveria ter esperado seus superiores começarem a perguntar sobre a saúde uns dos outros antes de abrir a boca. Mas naqueles dias as pessoas já não eram tão rígidas com esse tipo de coisa, e por ser Lucia e já ter a reputação que tinha, ela seria desculpada por esse comportamento. Os cumprimentos e as perguntas sobre as dores e aflições pelas quais as pessoas estavam passando me lembraram da condição da minha mãe. Prestei bem atenção nela, mas ela não parecia nem um pouco

doente. Na verdade, estava com uma aparência bem mais forte do que da última vez que eu a vira. Eu esperava que ela não estivesse sofrendo de alguma doença debilitante que progredia imperceptivelmente nos estágios iniciais, apenas para devastar rapidamente e definitivamente no final.

– Nyamashewe, Mainini, Nyamashewe, Mainini Lucia – Nyasha entooou desajeitadamente, suas mãos em concha fazendo o som certo quando ela as juntou.

Babamukuru olhou para a filha, ergueu as sobrancelhas e esticou os lábios em agradável surpresa, depois lembrou-se do e retornou as feições aos contornos severos de sempre.

– Sim – minha mãe disse, lisonjeada por esse agradinho oferecido pela sobrinha anglicizada –, nossa filha está mesmo crescendo. Me escute, Babamukuru, pode dizer o que quiser, você vai ter um excelente genro qualquer dia desses.

Tete Gladys e Babamunini Thomas e suas famílias vieram passar o Natal em casa naquele ano, no fim das contas. Não sabíamos que eles haviam mudado de ideia, então sua chegada foi bastante inesperada e causou um sem-fim de problemas nas acomodações. Nyasha, Netsai, Rambanai e eu fomos muito afetadas. Em nossa primeira noite, na noite anterior à chegada do resto da família, fomos autorizadas a dormir na sala de estar da casa, o que foi uma aventura emocionante. Entrando no espírito das coisas, esquecendo que estávamos nos tornando jovens mulheres do mundo, empurramos as cadeiras contra a parede e estendemos nossos cobertores sob a mesa, fazendo uma cabana confortável onde rimos e sussurramos noite adentro. Mas quando o tio Thomas e Tete Gladys chegaram, a sala foi entregue ao tio Thomas e sua esposa. Tete e o marido se mudaram para o hosi de Takesure e Lucia. Eles ficariam mais confortáveis em casa, mas isso não era possível. Por causa de seu *status* patriarcal, minha Tete não podia dormir em lugares públicos como a sala de estar, quando havia cômodos mais privados disponíveis. Meus pais

insistiram, por uma formalidade, que Tete ocupasse o quarto na casa. Igualmente formal, Tete recusou. O Natal seria confortável e bem servido, afinal. Todo podiam se dar ao luxo de ser educados e generosos.

Então Babamunini ficou na sala e todas as mulheres solteiras, incluindo Lucia, dormiram na cozinha. Havia pelo menos oito de nós dormindo lá durante as duas semanas de duração do encontro. Eu até que estava confortável porque tinha dormido na cozinha a vida toda, mas Nyasha não conseguia adormecer até que as últimas pessoas parassem de falar. E, disse, era bom que ela estivesse acostumada a fumar cigarros, caso contrário, a fumaça na cozinha a deixaria desconfortável. Era verdade. A cozinha estava enfumaçada, porque cozinávamos na fogueira no centro do cômodo. A fogueira era um buraco no chão, cercado por um tripé de ferro tripartido no qual equilibrávamos as panelas; um buraco cercado também por pedras grandes e lisas com o mesmo fim do tripé, e que nos permitiam cozinhar em mais de três panelas ao mesmo tempo. Cozinhar nesta fogueira era um negócio complicado, se você não estivesse acostumada, porque era fácil derrubar as panelas se você não as equilibrasse adequadamente; ou, se você se descuidasse, deixar o calor de uma parte da fogueira afetar o cozimento de uma panela do outro lado. Embora o teto de palha alto e cônico tivesse sido projetado para permitir que a fumaça subisse e se infiltrasse através da palha, não havia chaminé. Também não havia uma janela além de um pequeno buraco retangular, talvez de vinte por doze centímetros, no meio da parede e em frente à porta. Me assusta pensar em todo aquele monóxido de carbono pairando e asfixiando as pessoas, e em todos os subprodutos inflamatórios da combustão que respirávamos, que àquela altura já tinham deixado meu pai permanentemente asmático e bronquítico. Embora não pensássemos assim na época, as acomodações dos rapazes solteiros eram melhores. Meu mwaramu, marido de Tete, abriu uma pequena transportadora naquele ano e foi

até nossa casa em sua caminhonete. Os meninos dormiram atrás dela na noite limpa de dezembro.

Durante aquelas férias, percebi que algumas coisas não eram como deveriam ser em nossa família, e estou chamando-as de férias quando na verdade não foram nada disso. Havia quatro famílias em casa, cinco, se você contar Takesure e Lucia, o que quer dizer que havia dez adultos. Tete trouxe quatro de seus filhos mais novos – duas crianças pequenas e uma menina e um menino de sete e nove anos –, além de uma menina para ajudar nas tarefas domésticas. Babamunini Thomas tinha dois meninos com cerca de cinco e sete anos, uma filha com oito, além de uma prima de sua esposa, que tinha cerca de dezesseis anos e morava na casa de meu tio para ajudar nas tarefas domésticas. Contando Nyasha, Anna, Netsai, Rambanai e eu, havia vinte e quatro pessoas na propriedade, ou seja, vinte e quatro estômagos para encher três vezes ao dia. Vinte e quatro corpos para os quais era necessário buscar água diariamente no Nyamarira. As roupas de vinte e quatro pessoas para lavar o mais rápido possível, e o caçula de Tete ainda usava fraldas de pano. Veja, esse tipo de trabalho era para as mulheres, e das treze mulheres presentes, minha mãe e Lucia estavam incapacitadas, até certo ponto, pela gravidez. Pelo *status* patriarcal de Tete, não se esperava que ela fizesse muito, e quatro de nós tinham apenas dez anos ou menos. Então Maiguru, Nyasha, as três meninas ajudantes e eu ficávamos de pé o dia todo.

As manhãs começavam cedinho, esquentando a água para os adultos se lavarem. Não tínhamos bacias esmaltadas o bastante – precisávamos de dez e tínhamos apenas duas, ou seja, apenas duas pessoas podiam se lavar de cada vez, portanto a coisa toda levava literalmente horas. Não se podia servir o café da manhã até que todas as pessoas tivessem lavado o sono do corpo, e quando finalmente as fogueiras estavam acesas, a água esquentada e os adultos limpos, normalmente já passava das dez horas. Então começávamos o café da

manhã – pedaços de pão cortado em fatias grossas, com margarina, e acompanhados de chá servido de uma enorme chaleira esmaltada, amarela com verde ao redor da borda, na qual o leite e a água eram fervidos juntos. Pão e margarina! Eu teria preferido ovo e bacon! Preparávamos o chá na cozinha porque, assim que Maiguru acendia o fogão a lenha, que ela fazia depois de acordar e se lavar, Anna e as meninas das minhas tias começavam a cortar a carne e fervê-la para a refeição da tarde.

Enquanto os adultos tomavam o café da manhã, reuníamos as crianças para alimentá-las. Às vezes, conseguíamos comer algo enquanto as crianças comiam. Mas, mais frequentemente, para garantir que ninguém passasse fome em casa, nosso café da manhã tinha que esperar até que todos os outros terminassem e tivéssemos posto Netsai e os priminhos para lavar a louça nas bacias esmaltadas ao lado do dara. Depois varriamos o quintal, limpávamos o banheiro das mulheres e a casa. Depois disso, era hora de ir ao Nyamarira, porque não se podia esperar que a caixa d'água de Babamukuru, que ele desbloqueava quando visitava a casa, fosse suprir 24 pessoas.

Nós revezávamos as idas até o Nyamarira, íamos ou Nyasha, Anna e eu, ou as outras duas meninas, e isso não era uma tarefa tão difícil, porque a parte de ir até lá com os barris vazios era bem agradável. Havia várias propriedades no caminho, todas bem abastecidas com árvores frutíferas de um tipo ou de outro, e tínhamos relações de amizade, ou éramos parentes mais ou menos distantes, de todas as famílias que moravam nas vizinhanças. Então, embora tivéssemos mangas – aquelas laranjas e curvadas que são super doces e suculentas – e hute em casa, nós apreciávamos os pêssegos, as goiabas e amoras que nos ofereciam a caminho do rio. Embora as tarefas em si fossem cansativas, lavar as roupas, extrair a água e carregá-la de volta, não sentíamos tanto seu peso, porque podíamos nos banhar e tomar sol nas pedras enquanto esperávamos que as roupas secassem. E quando estávamos nos sentindo atrevidas,

soltávamos alarmes falsos apenas pela diversão sensual da coisa, gritando que um homem obsceno estava nos olhando de cima da colina, e corríamos gritando até nossas roupas para nos cobrirmos.

Às vezes, voltávamos a tempo para a refeição da tarde, que era servida entre as duas e três, e, às vezes, não. Mas, não importa quando voltássemos, era sempre hora de cozinhar a próxima refeição ou lavar a louça da refeição anterior. Maiguru trabalhava mais do que qualquer outra pessoa, porque, como esposa sênior, dona dos melhores aparatos de cozinha e fornecedora dos alimentos para cozinhar, esperava-se que ela supervisionasse todas as operações culinárias. Era um trabalho incessante e seria imprudente delegá-lo, porque ela precisava garantir que a comida durasse até o final das férias. Com treze pessoas a mais para alimentar – e nós devorávamos sete pães e meio quilo de margarina todas as manhãs, para não falar do açúcar, porque (com a notável exceção de Nyasha, que acreditava que ângulos eram mais atraentes do que curvas) gostávamos de nosso chá bem melado –, com tanto apetite para satisfazer, Maiguru tinha que ser rigorosa quanto à distribuição dos alimentos, e isso irritava muito minha mãe. Maiguru, ela disse, relatando o assunto a Tete, queria reservar a comida para a própria família. O leite não era um problema, porque duas vacas estavam dando leite e os meninos levavam muito a sério a responsabilidade de ordenhá-las, então sempre tínhamos uma lata cheia do líquido, quente, espumoso e não pasteurizado, para colocar no chá. Também não faltava carne, por causa daquela metade que Babamukuru tinha comprado, mas preservá-la era um pesadelo. Babamukuru tinha comprado uma geladeira de parafina para a esposa, mas não era grande o suficiente para conter toda aquela carne, e com temperaturas variando entre vinte e cinco e trinta graus à sombra, a carne não refrigerada logo começou a cheirar mal, bem fraquinho nos dois primeiros dias e depois cada vez pior. Isso trouxe as moscas e fez eu e minha tia sofrermos todo tipo de angústia: nós as imaginávamos zunindo na

direção do aroma pútrido, da latrina diretamente para a cozinha, para se envolver nas festividades infestadas de bactérias.

A carne ficou verde, mas não podíamos desperdiçá-la. Quando era cozida naquele estado, o cheiro era tão pungente que arrancava todo o apetite de você, o que era até bom, porque estava com um gosto tão terrível àquela altura que seria pior esperar ansiosamente por comê-la e depois não conseguir. Imploramos a Maiguru que começasse a usar a carne refrigerada, mas ela foi muito firme em sua recusa: não nos deixou tocá-la. Ela estava tomando muito cuidado com aquela carne, a carne refrigerada, porque no terceiro ou quarto dia depois de chegarmos, Tete cuspiu delicadamente um bocado de carne esverdeada na mão, embrulhou-a em um guardanapo e, ficando ela mesma verde, sugeriu que Maiguru deveria ser mais responsável no futuro.

– Fico surpresa – disse Tete – que Mukoma consiga engolir essa comida.

Isso abalou minha tia, que era uma boa mulher e uma boa esposa e se orgulhava dessa identidade, e ela entrou em pânico. Ela começou a cozinhar, duas vezes por dia, uma panela especial com carne refrigerada para o patriarcado comer enquanto planejava e construía o futuro da família.

Uma questão que exigia preocupação imediata era o caso de Takesure e Lucia. Uma noite, logo depois da virada do ano novo para 1970, Babamukuru convocou um tipo de dare familiar formado pelo patriarcado – os três irmãos, que eram Babamukuru, meu pai, Babamunini Thomas e a irmã –, e pelo homem acusado.

– Não desejo reexaminar os fatos do caso – começou Babamukuru, a voz pesada, quando o dare estava reunido na casa, o patriarcado sentado ao redor da mesa de jantar, os olhares rígidos examinando Takesure, que se encolhia em um canto do sofá, petrificando-o com a ameaça de justiça iminente ao se virarem em suas cadeiras de encosto reto, paralisando-o com todo o impacto de

sua autoridade. – Não quero fazer isso – continuou Babamukuru –, reexaminar os fatos, porque só vai tomar nosso tempo, mas sem representar nenhum avanço, porque já ouvimos a história toda e concordamos sobre o que aconteceu. O que aconteceu foi o seguinte: Lucia foi convidada para vir para cá por sua irmã, nossa Mainini, que, como sabemos, está grávida, para ajudá-la enquanto ela passa por essa condição e está adoentada. Ao mesmo tempo, Jeremiah veio falar comigo, pedindo que eu arranjasse alguém para ajudá-lo nos campos, pois desde... desde... o falecimento do menino, todos sabemos da dor a que me refiro... desde aquela época tem havido trabalho demais para Jeremiah fazer sozinho, desde aquela época falta mão de obra. Devo dizer que fiquei contente quando Jeremiah veio me pedir isso, porque me mostrou que ele estava se responsabilizando por desenvolver a propriedade. Então fui, com todo o prazer, falar com nosso tio Benjamin, que me disse que nosso primo Takesure estava procurando trabalho para terminar de pagar o roora da segunda esposa. Isso era muito boa sorte para todos nós, e foi por isso que todos viram Takesure vir para cá e trabalhar com Jeremiah. Não houve problemas. Conversamos sobre a questão amigavelmente, resolvemos algumas coisas, e foi assim que Takesure veio, quando tudo estava feliz e em paz aqui em nossa casa. De minha parte, eu assegurei Sekuru Benjamin de que ficaria de olho no... er... er, no Takesure – nesse momento, Babamukuru abandonou seu estilo de narrativa e se dirigiu a Takesure diretamente. – Takesure, você sabe que em todas as questões referentes ao Jeremiah e a nossa casa, você devia vir falar comigo, o chefe da família, mas não foi o que você fez. Na primeira vez que você fez o que fez com Lucia, você não contou para ninguém. Depois, quando descobrimos o que tinha se passado, você foi avisado, eu mesmo o avisei depois de você ignorar o Jeremiah, que eu tinha mandado falar com você, eu mesmo avisei que era para você voltar, voltar para a sua casa, mas não foi o que você fez. Por que você me desobedeceu?

– Eu teria ido, Mukoma – Takesure falou baixinho –, mas a Lucia se recusou. Ela se recusou a deixar a irmã.

– E por que você não me informou da teimosia de Lucia? – Babamukuru demandou. Takesure baixou a cabeça.

Nós, as mulheres e crianças, estávamos na cozinha quando o dare começou. Todas sabíamos o que estava acontecendo, e minha mãe e minhas maininis estavam ameaçando ficar bastante violentas em oposição ao sistema.

– Você já viu uma coisa dessas acontecer? – perguntou minha mãe, cuja saúde tinha melhorado radicalmente com a chegada de Tete e Babamunini Thomas e sua esposa. – Você já viu uma coisa dessas acontecer – ela seguiu ferozmente, e eloquentemente –, um julgamento ser conduzido sem a presença da acusada? Eles não estão lá dizendo que minha irmãzinha se engravidou de propósito? Não é isso que Takesure vai dizer, e eles não vão acreditar? Aaah! Eles estão acusando Lucia. Ela deveria estar lá para se defender.

– É verdade! – concordou Mainini Patience, que, por estar casada há só oito anos, ainda tinha um pouco de personalidade sobrando e não sentia que estava sendo desleal a Babamunini Thomas por concordar com minha mãe. – Todas sabemos que julgamentos não são assuntos privados – ela continuou. – Mas essa família na qual entramos! Eu não sei o que tanto os assusta na ideia de serem abertos, mas tudo que eles fazem é silenciado e abafado. Escondido. Até de nós, como se fôssemos crianças. Eles pensam que vamos amaldiçoá-los? Amaldiçoar os Sigaukes? Nossos filhos não são Sigauke? – os murmúrios e descontentamentos continuaram, minha mãe e minhas tias colocando lenha no mau humor umas das outras, até Lucia, que gostava de brigar e de ser intensa, estar fervendo de raiva.

– Não faz diferença para vocês – ela transbordou. – Eles não estão contando mentiras sobre vocês. Não é o nome de vocês que

eles estão sujando. É de mim que eles estão falando. Sou eu que estou lá sendo julgada. Não é isso, Maiguru? – ela perguntou, para puxar Maiguru para a sororidade intensa e solidária que elas haviam estabelecido na cozinha. – O que você acha, Maiguru? Não é isso, eles não querem sujar meu nome? Então o que fazemos, Maiguru? Queremos que você trace um plano de ação.

Era embaraçoso o modo como Lucia não desistia de Maiguru. Maiguru, que acreditava que Lucia deveria sofrer as consequências de seus apetites fecundos, talvez também sentisse pena dela, mas preferia não se envolver em assuntos da carne ou da terra, embora não gostasse que essa preferência ficasse muito óbvia, pois significaria que ela estaria se colocando acima de nós. Agora, com Lucia insistindo para que Maiguru tomasse partido, se posicionasse, estávamos em uma situação muito delicada.

O que precisávamos naquela cozinha era de uma combinação do desapego de Maiguru e da objetividade de Lucia. Todas precisavam ampliar um pouco a visão, parar e considerar as alternativas, mas o assunto era íntimo demais. Fazia arder de um jeito muito salgado, agudo e angustiante as imagens sensíveis que as mulheres tinham de si mesmas, imagens que na verdade não passavam de reflexos. Mas as mulheres tinham sido ensinadas a enxergar esses reflexos como quem eram de verdade, e era assustador agora considerar que os fatos que as separavam em grupos, como mulheres, como um certo tipo de pessoa, eram apenas mitos; assustador reconhecer que gerações de ameaças, violências e negligências haviam transformado esses mitos na realidade extrema e dividida que enfrentavam, as Maigurus ou as Lucias. Então, em vez de uma ampliação de ambas as posições, em vez de uma expansão e crescimento abrangentes, o medo tornou necessário que elas se fechassem. Cada uma recuou com mais determinação para dentro de seus papéis, fingindo que, na verdade, estavam avançando, que tinham de fato dado início a uma ofensiva, quando em realidade,

para cada uma delas, era uma última defesa solitária e sem esperança da segurança de suas ilusões.

Maiguru ficou muito distante.

– Essa questão não diz respeito a mim – ela deu de ombros, virando, sem querer, os cantos da boca para baixo. – Eu sou da estatura deles? Não sou. Fui levada. Deixe que eles resolvam os próprios problemas, e quanto àquelas que querem se envolver, bom, é problema delas. Eu não quero me intrometer nas questões da família do meu marido. Vou só ficar quieta e ir dormir.

As palavras de Maiguru causaram uma série de ruídos e murmúrios ofendidos de minha mãe e minhas tias, mas, como ela continuou, os protestos diminuíram e se tornaram descrença atordoada. Quando ela terminou de falar, a cozinha estava paralisada. Então minha mãe soltou uma risada longa e amarga.

– Hahaha – ela gargalhou, juntando as mãos. – Aiwa! Meninas, vocês acreditam que essa aqui é uma muroora que nem nós? Ela fala como se tivesse nascido na família dos nossos maridos, ela é tão cheia de si quanto eles. Vocês a ouviram, meninas, não ouviram? Não faz vocês se perguntarem por que ela veio hoje à noite? Diga, Maiguru, o que você achou que ficaria fazendo na cozinha essa noite, se sabe das questões que estão sendo discutidas?

– Mas, Mainini – Maiguru respondeu, justa –, por que você está perguntando? Você sabe muito bem que me chamou para ficar aqui. Estou aguardando você me dizer o porquê. Quanto à questão em discussão, vocês todas sabem, eu mesma já falei muitas vezes, que não nasci na família do meu marido, por isso a questão não me diz respeito. Takesure não é meu parente. O que ele faz com Lucia não me diz respeito, ela também não é minha parente. Se eles arranjam problemas, bom, vão ter que esperar e ver o que pode ser feito. Mas o que eles fizerem não me diz respeito.

Lucia deve ter ficado de coração partido pela rejeição de Maiguru, mas não demonstrou.

– E você está certinha, Maiguru – ela concordou cheia de devoção –, certinha mesmo. Se aqueles lá em cima também entendessem que não sou parente deles, eles não diriam meu nome do jeito que fazem, e não mentiriam sobre mim, além disso.

– Bom – Maiguru disse, preparando-se para sair, evitando ser trazida mais para dentro da discussão –, como eu disse, vou deitar. Boa noite, Mainini Ma’Shingayi, Mainini Patience, Mainini Lucia. Nos vemos pela manhã.

– Boa noite, Maiguru, nos vemos pela manhã – Lucia disse, mas foi a única que respondeu.

– Ela é prepotente – minha mãe denunciou depois de Maiguru ir embora. E se virou para mim. – Veja que mulher prepotente a sua Maiguru é – e sorriu com desprezo. – Prepotente e insensível. Você acha que ela se importa com você? Nunca! Você não é parente dela. É meu sangue que está em você. Não o dela.

– Mas, mãe – protestei de leve, querendo finalizar a conversa, porque Nyasha estava conosco. – Mas, mãe, Maiguru estava falando claramente, nos dizendo o que pensa.

– E por que ela pensa diferente do resto de nós? Ela acha que é diferente. Ela acha que é perfeita e pode fazer o que quiser. Primeiro ela matou meu filho...

– Mãe! – exclamei e olhei para Nyasha antes que pudesse evitar, e desejei não ter feito isso, porque não queria que Nyasha visse a vergonha em meus olhos. Também não queria ver a dor e a confusão no olhar dela.

– Sisi! – repreendeu Lucia. – Contenha-se! Por que você quer se machucar dizendo esse tipo de coisa? Especialmente quando você sabe que elas não são verdade.

Mas minha mãe estava em mau estado e não havia como pará-la. As coisas que ela estava dizendo já vinham germinando e se enraizando em sua mente há muito tempo.

– Há! Você! – minha mãe zombou, esbravejando contra a irmã.

– Você acha que pode me dizer para me conter, você! Hahaha! Isso sim faz uma mulher rir! Quando, Lucia, me diga quando você se conteve? Você sabe o que isso significa, você que foi para os cobertores com meu marido na hora que chegou? E com Takesure. Vocês deviam estar lá, os três juntos, Jeremiah aproveitando a vez dele, se divertindo, e depois Takesure, e assim continuou. Então não diga para eu me conter. Você não sabe nada sobre isso – pensamos que ela tinha terminado, mas ela estava só pausando para respirar. – E de qualquer modo – ela continuou –, quando é que não me contenho? Só estou dizendo o que penso, como ela fez. Ela nos disse, não disse, ela disse o que pensa, e alguém falou alguma coisa?! Não. Por que não? Porque Maiguru é estudada. Foi por isso que todas vocês ficaram quietas. Porque ela é rica e vem aqui e fica ostentando o dinheiro, então vocês a escutam mesmo querendo comer as palavras que saem da boca dela. Mas eu, eu não estudei, estudei? Sou só pobre e ignorante, então vocês querem que eu fique quieta, me dizem para não falar. Ha! Sou pobre e ignorante, sou mesmo, mas tenho uma boca e vou continuar falando, não vou ficar quieta. Hoje eu já disse e vou dizer de novo: ela é uma bruxa, uma bruxa. Vocês me ouviram bem? Ela-é-uma-bruxa. Ela rouba os filhos de outras mulheres porque só conseguiu ter dois, e não dá para dizer que os dois são gente. Eles são uma desgraça para qualquer pai ou mãe decente, mas Maiguru nem é decente, porque primeiro matou meu filho e agora levou Tambudzai para longe de mim. Ah, sim, Tambudzai. Você acha que eu não vejo o jeito como você a segue por aí – ela cuspiu na minha direção –, fazendo todos os trabalhinhos dela, tudo que ela manda? Você acha que sua mãe é tão burra que não vê que Maiguru virou você contra mim com o dinheiro e as manias de branco? Você acha que sou suja agora, eu, sua mãe. Esses dias mesmo você me disse que meu banheiro era sujo. “Fiquei enojada”, foi o que você disse. Se é carne que você quer, não tenho como oferecer isso a você, se você é tão gananciosa que trairia a própria

mãe por carne, então vá com sua Maiguru. Ela tem carne para dar. Vou sobreviver comendo vegetais, como fazíamos. E sobrevivemos, então o que mais você quer? Você é dona da sua vida. Vá com sua Maiguru e coma linguiça – e sentou com os braços cruzados bem firmes na frente do peito, a boca estirada em um beijo desafiador, nos desafiando a mudar a opinião dela.

– Aiwa-wo, Sisi – Lucia a acalmou, nem dando bola para essa teimosia toda. – Como você tem coragem de dizer essas bobagens? Assim que essa criança nascer e você estiver mais tranquila, vai rir de si mesma. Mas agora se acalme. Ou você vai acabar se machucando. Você já acabou, não acabou?

– Hm! – minha mãe grunhiu. – Acabou! Quando eu vir Nhamo na minha frente, daí tudo estará acabado.

– Sabe, Mainini Lucia – refletiu Mainini Patience. – Acho que tem um pouco de verdade no que Maiguru Ma’Shingayi disse.

– E como é que você ia saber disso? – Lucia falou rispidamente, a paciência limitada reservada apenas para a irmã. – Qual dos seus filhos morreu? – Mainini Patience foi efetivamente silenciada. – Venha, Sisi – Lucia persuadiu, virando-se novamente para minha mãe. – Não estamos diminuindo sua dor, mas deixe que a raiva se vá. Vamos, vamos ouvir o que eles estão falando de nós dentro da casa.

Mas minha mãe continuava resoluta.

– Não – ela disse. – Não estou mais interessada.

– Mas você vai ficar interessada – Lucia persistiu –, quando contarmos sobre a história. Você vai desejar ter ouvido em primeira mão.

– Lucia, Lucia – minha mãe suspirou. – Você acha que sou uma criança? Depois de todos esses anos e tudo que aconteceu, você acha que ainda sou uma criança, que se distrai pelos absurdos que acontecem nessa casa? Absurdos com os quais vivo e que vejo todos os dias há dezenove anos? Não, você não vai me distrair, mas a questão é séria e diz respeito a você. Então vamos até a casa.

Ela se levantou pesadamente, e equilibrando-se de quatro antes de se esforçar para ficar ereta. As duas irmãs saíram da cozinha, minha mãe se apoiando no batente da porta porque, com a gravidez, o centro de gravidade tinha passado imprevisivelmente para posições precárias. Mainini Patience as seguiu porque não havia mais o que fazer.

Eu queria ir também, ouvir o que se passava, mas temi que minha vontade parecesse deslealdade para Nyasha. Eu tinha certeza de que ela recomendaria um boicote, mas quando me virei para apresentar a proposta para ela, ela não estava lá. Quando ela tinha ido embora? Quanto ela tinha ouvido? Na última vez que eu olhara para ela, o rosto dela estava impassível à luz do lampião, e pude ver que ela não compreendia e estava muito magoada pelas coisas que minha mãe estava dizendo. Mas foi um alívio saber que ela tinha escapado; eu não teria que tentar justificar minha própria mãe para manter a companhia da minha prima. E isso foi outro engano, outro erro de julgamento, porque quando falamos sobre o assunto, como normalmente falávamos de tudo, Nyasha fechou a cara e disse que não importava; que minha mãe tinha exposto o próprio sofrimento, assim como Maiguru estava sempre expondo o dela. Quando a questioneei sobre isso, agressivamente exigindo que ela me dissesse como Maiguru podia estar sofrendo se vivia nas melhores circunstâncias possíveis, no melhor de todos os mundos, Nyasha foi lacônica. Algumas coisas não podem ser explicadas, ela murmurou. Essas coisas só podiam ser vistas. Mas isso aconteceu depois, muito depois, quando já estávamos de volta à missão. Naquela ocasião em particular, naquela noite em particular, fiquei preocupada que minha mãe fosse sucumbir à própria miséria antes que eu pudesse fazer algo sobre o assunto. Então fui até a casa para tirar a cabeça da questão e para saber o que estava acontecendo.

Maiguru chegou à casa quando Takesure estava explicando que

Lucia se recusava a deixar a irmã.

– Sim – ele estava dizendo –, é culpa da Lucia. Ha! Foi isso que ela fez, essa Lucia. Ela se recusou, absolutamente se recusou, a ir embora. Ela sabia que tinha arranjado essa gravidez, mas se recusou a ir embora.

– Posso passar? – Maiguru perguntou, parada na porta, fazendo uma mesura e juntando as mãos em sinal de respeito.

– Ma’Chido – Babamukuru a repreendeu severamente –, estamos escutando um caso muito importante aqui. Sente-se e ouça conosco.

– É tão importante assim? – Maiguru perguntou com recato, passando pela sala com as costas curvadas respeitosamente. – Não sabíamos nada sobre isso.

– Ma’Chido – Babamukuru insistiu, a voz falhando quase imperceptivelmente. – Eu convidei você para sentar e ouvir o caso.

– Tudo bem, então, Baba – Maiguru cedeu, descendo até o chão e cruzando os pés debaixo de si.

– Certamente isso não é necessário – julgou Tete, a patriarca mulher. – Maiguru trabalha duro o dia todo. Talvez fosse melhor ela ir dormir.

– Se ela está cansada, por que não diz? – Babamukuru perguntou a Tete, irritado, e a Maiguru ele graciosamente deu permissão para ir embora. Maiguru aceitou a permissão e foi até o quarto. Os homens a acompanharam com os olhos.

– É uma pena – Babamunini Thomas compadeceu-se. – Ela está tão cansada, cansada demais até para sentar e ouvir. Mas é verdade. Maiguru trabalha duro. Ya, ela trabalha muito duro para que as coisas aqui fiquem confortáveis – e Babamukuru ficou contente o bastante para deixar a questão de lado.

O resto de nós estava sussurrando do lado de fora, ouvindo essas coisas e espiando pela janela quando as conversas ficavam intensas e pensávamos que ninguém perceberia.

– Termine o que estava dizendo, Takesure – Babamukuru ordenou.

– Sim – continuou Takesure, lançando olhares suplicantes para meu pai, que permanecia patriarcalmente impenetrável e sério. – Sim – Takesure estremeceu –, o que eu estava dizendo é o seguinte. Ela se recusou a ir comigo. Eu disse para ela, Mukoma disse que tínhamos que ir, e ela riu! Ela só riu e disse que iria com Mukoma se Mukoma pedisse porque ele era o mwaramu, mas que não iria comigo. Ha! Foi isso que ela disse, Mukoma, juro pela minha avó, que morreu em 1959! Foi isso que ela disse.

– Entendo – Babamukuru disse, magnânimo, enquanto Lucia, à luz da lua, tentava engolir risadas sem muito sucesso. – O que você disse não me surpreende – Babamukuru continuou. – É compreensível, porque é sabido que ela não é uma mulher modesta. Mas por que você não reportou a situação?

– Eu tive medo, Mukoma, muito medo – Takesure estremeceu. – Sabe o que eu contei sobre ela, que ela sai andando à noite? – essa alegação foi o fim de Takesure. Babamukuru pigarreo e fixou no primo um olhar inflexível. Takesure tinha perdido a vantagem, mas seguiu falando. – Ela fez ameaças terríveis. E sabemos como ela é. Ela as cumpriria. Ha! Ela as cumpriria. É provavelmente ela que amaldiçoa os filhos do Mukoma Jeremiah, para que ele case com ela. Ela quer Jeremiah, não eu!

Não adiantaria nada dizer para Lucia não entrar na casa, então nem tentamos. Só a assistimos invadir o cômodo, o olho direito refletindo a chama do lampião, cintilando ameaçador na direção de Takesure, que sabiamente se encolheu até quase entrar no canto do sofá.

– Idiota! – Lucia zombou, parada em frente a ele, as mãos nos quadris. – Idiota! – e se virou para encarar Babamukuru, e agora o olho esquerdo reluzia. – Olhe para ele, Babamukuru! Olhe para ele tentando se esconder agora que estou aqui – Takesure parecia mais

corajoso agora que só precisava encarar as costas de Lucia, mas o alívio foi breve. – Se você tem algum problema comigo – Lucia avisou –, levante-se e vamos resolver isso nós dois – em duas passadas ela estava ao lado dele, e segurando uma orelha entre o indicador e o dedão, ergueu-o até ele estar ereto.

– Me larga, me larga – ele choramingava. Eu sempre afirmo que vi sorrisos passarem pelos rostos do patriarcado, mas pode ter sido minha imaginação porque eu mesma estava rindo. Estávamos todas rindo lá fora. A próxima coisa que me lembro foi meu pai levantando da cadeira e Lucia avisando-o para permanecer sentado se ele preferisse que Takesure tivesse orelhas. Então Babamukuru, que era sábio, disse a meu pai para se sentar e deixar Lucia falar.

E Lucia falou.

– Me diga, Babamukuru – perguntou casualmente, as mãos na altura da cintura, fazendo Takesure se dobrar. – Me diga, Babamukuru, você diria que isso é um homem? Pode ser um homem, dizendo tantas bobagens? Um homem devia fazer sentido, não é mesmo? Então o que é isso aqui? – e puxou as orelhas dele para ver que barulho ele faria. – Pode crer, Babamukuru – ela continuou, cheia de honestidade. – A Maiguru, dormindo naquele quarto, é a única aqui com uma cabeça sensata. Ela sabe que é melhor não se meter em assuntos que não dizem respeito a ela.

– Er, Lucia – Babamukuru ordenou, usando a voz autoritária que tinha funcionado tão bem no início das férias. – Er, Lucia, contenha-se. Não faça nada de que vá se envergonhar depois.

– E pelo que eu deveria me envergonhar? – ela replicou. – Eu só quero que esse Takesure – e sacudiu a cabeça dele para marcar o posicionamento –, só quero que esse Takesure pare de falar bobagens sobre mim. Takesure, você já me viu montada em uma hiena? Você já me viu, ahn? Me responda! – e puxou a orelha com maldade, se divertindo.

– Não – Takesure gemeu. – Nunca vi.

– Então que bobagem é essa que você estava dizendo? Ha! Vocês me enjoam, todos vocês – e jogou Takesure de volta no sofá, onde ele permaneceu sentado, esfregando as orelhas. – Eu vou deixar essa sua casa, Babamukuru, e levarei minha irmã comigo – ela informou meu tio. – Mas antes disso, Babamukuru, quero explicar por que me recusei a ir. Foi porque esse homem, esse Jeremiah, sim, você mesmo, Jeremiah, que casou com minha irmã, ele tem olhos errantes e mãos preguiçosas. O que ele vê, ele tem que ter; mas ele não quer trabalhar para isso, não é mesmo, Jeremiah? E por que estou contando isso para vocês? Vocês sabem, todos vocês; vocês sabem. Então era para eu ir embora e deixar minha irmã sozinha com esse homem que foi fonte só de tristeza desde que ela tinha quinze anos? É claro que não. Não seria possível. Quanto a Takesure, não sei o que ele acha que tem para me oferecer. O que quer que ele possa fazer, eu consigo fazer melhor. Então, Babamukuru, não se preocupe. Vou embora. Agora mesmo. Não tem nada para me segurar aqui. Mas levo minha irmã comigo.

Eles queriam conversar. Eles queriam que ela sentasse e se acalmasse e discutisse a questão racionalmente, mas Lucia já tinha visto o bastante, saiu do cômodo e se juntou a nós. O patriarcado juntou as cabeças e conversou em vozes veladas, porque agora sabiam que estávamos ouvindo. Imaginei todo tipo de consequência terrível.

– Lucia – sussurrei – se você levar minha mãe, terei que deixar a missão. Terei que voltar para cuidar de Baba e das crianças.

Lucia riu.

– Não se preocupe – ela me tranquilizou. – Isso é uma tempestade. Vai passar.

Dentro da casa, Babamukuru estava perplexo e irritado com meu pai por causar toda essa confusão.

– Jeremiah – ele admoestou –, veja só os problemas que sua irresponsabilidade causou. E agora, o que vamos fazer? Você está nos

dando uma dor de cabeça para resolver os problemas que você criou. E esse aqui é sério. Precisamos de uma boa solução.

– Ehe! – Takesure concordou, ainda com dor, pela expressão que tinha no rosto. – Precisamos de uma boa estratégia para passar a perna naquela mulher. Ela é cruel e desnaturada. Ela é incontrolável.

– Tete, qual é sua opinião? Você sabe mais sobre lidar com mulheres. O que fazemos numa situação dessas? – Babamunini Thomas perguntou respeitoso, mas Tete recusou a honraria.

– Aiwa, Thomas – disse Tete. – Há um número limitado de soluções, e isso aqui está além da minha alçada. Talvez a gravidez seja de Takesure dessa vez, mas Jeremiah nunca deveria ter feito nada com ela que não pudesse fazer às claras. A solução é Jeremiah se comportar de forma sensata, mas ele nunca foi bom nisso.

– Talvez algum remédio – sugeriu Takesure –, para dar um jeito no Mukoma Jeremiah. Ehe! Para consertá-lo. Para ele não ser mais influenciado por aquela mulher.

Meu pai concordou completamente e tinha as próprias sugestões.

– Ele está certo mesmo. Sim, ele está certo. Mas precisa ser mais do que um remédio só para mim. Os problemas estão na família toda. Mukoma está sempre dizendo que Nyasha anda impossível, e às vezes Maiguru também. E você também disse que a questão do dinheiro não tem ido muito bem, não disse, Mukoma? Quando foi? Anteontem mesmo você estava dizendo que queria ter dinheiro para comprar um trator. Mas antes de tudo isso começar, havia dinheiro para essas coisas. Não me entenda mal, Mukoma, não estou dizendo que você é pão duro. Só estou dizendo que temos enfrentado problemas. Ehe! Temos problemas. Mesmo Tete, com duas filhas grávidas e sem marido, e o filho mais velho batendo tanto na esposa, ela foi parar no hospital da última vez, não foi, Tete? E o Thomas está preocupado com o mais novo, que é meio retardado. Iiih. É muita má sorte. Nunca vem sozinha. Está vindo de algum lugar. É óbvio. Está

sendo enviada. E deve ser enviada de volta para o lugar de onde veio, rapidinho! É só questão de encontrar um bom médium. Um bom médium para realizar a cerimônia completinha, com tudo, cerveja, um boi para sacrificar, tudo. Temos que contatar o clã e nos livrar desse mal...

– Jeremiah – Babamukuru interrompeu, a voz incrédula –, estou ouvindo corretamente? Estou ouvindo você dizer que quer trazer álcool e... er... curandeiros para cá, para minha casa! Hoje, Jeremiah – ele disse, triste – você está me desapontando. Toda vez que você fala, coisas sem sentido saem da sua boca. Tenho certeza, meu irmãozinho, que você sabe que o que está dizendo é impossível. Não permito que esse tipo de coisa aconteça aqui.

– Mas, Mukoma... – Tete começou.

– Basta – Babamukuru interrompeu. – O que Jeremiah está sugerindo não pode ser feito. Não está em discussão. Mas eu tenho uma coisa para dizer – todos se acomodaram, atentos. – Você acham que eu não venho considerando essas coisas – Babamukuru disse. – Vocês acham que eu não enxergo as coisas que Jeremiah descreveu. Ah, sim, eu as enxergo. Faz muito tempo que toda essa má sorte está na minha cabeça. Não temos como negar que estamos carregando esses problemas. Mas em vez de dizer que isso é resultado de algum espírito maligno que alguém jogou sobre nós, tenho pensado que é resultado de alguma coisa que estamos fazendo e não deveríamos estar fazendo, ou o resultado de algo que não estamos fazendo e deveríamos estar fazendo. É assim que somos julgados e abençoados. Então faz muito tempo que venho pensando nessas coisas. E depois de muito pensar, lembrei-me que nossa mãe, nossa mãe sempre insistia que Jeremiah precisava se casar na igreja. Sim, Jeremiah, mesmo agora, tantos anos depois da morte da nossa mãe, você ainda está em uma relação pecaminosa. Você não se casou na igreja, diante de Deus. Isso é uma questão muito séria, então tenho guardado um dinheiro, bem pouco dinheiro, para você se casar com Mainini.

Quero que vocês saibam que é nisso que tenho pensado, mas vamos discutir os detalhes em algum outro momento, porque agora está muito tarde.

Assim que tive a chance, que foi na manhã seguinte, enquanto preparávamos o café da manhã, contei a Nyasha em detalhes, todos que incluí aqui, sobre o que havia acontecido na casa – as discussões, os debates, as conclusões. Ela ficou satisfeita com Lucia, o que me surpreendeu, porque quando Lucia estava perto Nyasha se fechava, falava pouco. Ela se divertiu com as soluções de meu pai e a ideia de um casamento. Ela também ficou curiosa sobre as cerimônias de limpeza propostas, confessou que sua ignorância sobre essas coisas a envergonhava e me perguntou sobre todo tipo de detalhe, detalhes sobre os quais eu não tinha muita certeza, já que não realizávamos mais os rituais. E fiquei bastante orgulhosa desse fato, porque quanto mais eu via o mundo para além da propriedade, mais me convencia de que quanto mais deixássemos os velhos caminhos para trás, mais próximos estaríamos do progresso. Fiquei surpresa que Nyasha se interessasse tanto pelas práticas de nossos avós e bisavós. Debatemos muito o assunto, mas eu tinha certeza de que estava certa, porque o próprio Babamukuru havia optado por um casamento, e não pelas cerimônias de limpeza. Quando confrontei Nyasha com essa evidência, ela ficou bastante irritada e proferiu uma palestra sobre os perigos de presumir que os caminhos cristãos eram os do progresso.

– Já é ruim – ela disse, séria – quando um país é colonizado, mas quando as pessoas são colonizadas também! Esse é o fim, é o fim mesmo.

Também era o fim do debate. Nyasha disse que já tinha vivido mais coisas do que eu e que por isso tinha motivos para pensar nessas questões, mas agora que eu estava sendo exposta a elas, deveria pensar por mim mesma. Sem entender muito bem sobre o que eu tinha que pensar, prometi obedientemente fazê-lo, e levamos

o café da manhã para a casa, onde Tete estava sentado na sala enquanto Maiguru colocava a mesa.

– Ah, Maiguru – Tete estava dizendo. – É o que eu digo, aquela mulher não me matou por muito pouco. Eu quase morri de rir. Aquela Lucia! Aiwa! Aquela Lucia é doida. E a cara do Mukoma! Sério, até parecia que Lucia tinha entrado pelada na sala! – Tete limpou a felicidade dos olhos. – Ma’Chido! Se vocês estivesse lá, teria rido muito!

– Foi o que ouvi, Tete, foi o que ouvi – Maiguru riu. – Mas eles pediram por isso. Eles não deveriam se meter com uma mulher que nem Lucia! – elas franziram os rostos e se dissolveram em mais risadas.

– E agora, vamos ter um ritual de limpeza ou um casamento? – Tete perguntou, a cara gorda tremendo e balançando a cabeça. – Diga, Maiguru, o que é melhor para curar a depravação de Jeremiah? Esses homens, aiwa! Esses homens!

Oito

Não achei que os planos do meu tio para meus pais fossem engraçados. Para mim, a questão desse casamento era séria, tão séria que até meu corpo reagiu de uma maneira muito alarmante. Sempre que eu pensava sobre o assunto, sempre que as imagens de minha mãe imaculada em cetim branco virginal ou (horror dos horrores) de mim mesma como a daminha doce e sorridente invadiam minha mente, eu sentia alguma coisa rastejando horivelmente sobre minha pele, meu peito se contraía em tensão e até meus intestinos ameaçavam expressar sua opinião. Isso também começou a acontecer sempre que eu pensava em Babamukuru, o que me colocava em uma posição difícil. Naturalmente, estava zangada com ele por ter inventado essa história que transformava meus pais, minha casa e a mim em piadas. E, naturalmente, não podia ficar zangada com ele, pois era certamente pecado ficar zangada com Babamukuru. Babamukuru, que era meu benfeitor, meu pai para todos os fins e que também era bom, merecedor de todo amor, respeito e obediência. Então espantei a raiva. Não permitia que pensamentos sobre o casamento permanecessem em minha mente, pois tinham consequências graves e pecaminosas. Para me distrair, concentrei-me em outras coisas: em viagens ao Nyamarira nos dias em que não chovia; em devaneios sobre voltar à escola, pelo que eu não precisaria esperar muito; em me juntar a Nyasha em sua última moda, fazer potes de barro. Costumávamos fazer potes de barro nos dias antes de Babamukuru ir para a Inglaterra, quando éramos jovens e não muito boas nisso, então os potes eram sempre tortos e cheias de calombos. Mas hoje em dia nossa cerâmica era menor e mais delicada, e finalizávamos com desenhos fininhos, que arranhávamos no barro molhado com um galho, mergulhando o galho na água a cada movimento para garantir que os traços ficassem suaves.

Deixávamos os potes secar e depois os assávamos no fogão a lenha de Maiguru. Eles sempre quebravam quando éramos pequenas, mas éramos muito mais profissionais agora e a maioria deles permanecia inteira, o que agradou Nyasha, pois ela levava o *hobby* a sério. Ela disse que pintaria os potes e os finalizaria quando retornasse à missão, e os usaria para colocar botões, joias e canetas.

Na minha opinião, as pessoas só faziam potes de barro quando eram bem novinhas e estavam brincando de ser gente grande, ou quando eram adultas e precisavam de potes para colocar água e mahewu e esse tipo de coisa. Mas nós usávamos galões de dois e cinco litros para a água hoje em dia, e eu nunca tinha visto alguém fazer um hari bom mesmo, ainda que tivéssemos vários em casa. Então aqueles potes eram mesmo mania da Nyasha, não minha, e embora ela estivesse muito preocupada em garantir que eles não quebrassem e fosse meticulosa ao arranhar seus desenhinhos, eles não importavam muito para mim, servindo apenas para passar o tempo.

Eu esperava que esse passatempo mantivesse distante a raiva, a raiva cheia de culpa, mas não era tão simples. O problema era que eu não estava moldando potes de barro, indo ao Nyamarira ou pensando na volta às aulas o tempo todo. Às vezes, eu ficava sozinha e não tinha muito o que fazer, exceto impedir que o sadza queimasse, ou ficar quentinha, sonolenta e confortável, pouco antes de adormecer. Nesses momentos, eu esquecia que havia coisas em que eu não deveria estar pensando, e os pensamentos surgiam em disfarces tão obscuros que não me assustavam a tempo de empurrá-los para longe, e permaneciam e enfraqueciam minhas defesas, me deixando ansiosa e insone sem entender exatamente o porquê.

Gradualmente, fui obrigada a admitir para mim mesma que não gostava da ideia de meus pais se casando. Mas eu não conseguia entender por que me opus tão fortemente à ideia de um casamento, à ideia de meus pais não mais viverem em pecado. Quando eu pensava

objetivamente, eu sabia que definitivamente havia algo errado comigo, porque tinham me ensinado muito categoricamente que o pecado era algo a ser evitado. O pecado se tornou um conceito poderoso para mim durante o meu ano na missão, onde íamos à Escola Dominical e à igreja todos os domingos sem perder um, e nos ensinavam toda vez que o pecado absolutamente tinha que ser evitado.

Tinha que ser evitado porque era mortal. Eu entendia. Era definitivamente preto, fomos ensinados. Tinha contornos bem definidos e era quadrado, e não redondo, para que você soubesse onde terminava. Funcionava como um vácuo predatório, atraindo os incautos para si e nunca os deixando sair. E agora Babamukuru estava dizendo que era ali que meus pais estavam, o que significava eu e minhas irmãs também. Eu não conseguia associar a mim nem a minha família ao pecado, então afoguei minhas apreensões em interpretações literais das coisas que aprendi na Escola Dominical. Eu me convenci de que o pecado era o que as pessoas que viveram há muito tempo, nos anos AC e logo depois do AD, fizeram uns aos outros. No entanto, Babamukuru tinha tanta certeza de que meus pais estavam pecando que queria providenciar um casamento para eles, um casamento que custaria muito dinheiro. Era um problema complexo, complexo demais para eu pensar em um jeito de sair dele, então o empurrei mais uma vez para o fundo da minha mente. Eu esperava que ele desaparecesse e me deixasse aproveitar o restante das férias com Nyasha. E não restavam muitos dias.

Tete foi a primeira a ir embora. Isso causou outro rearranjo nas acomodações, com os meninos sendo colocados no hozi. Babamunini foi no dia seguinte a Tete, e Babamukuru no dia seguinte. Nyasha também foi naquele dia, deixando-me deprimida e infeliz, porque eu não a veria novamente até que as aulas voltassem em três semanas, e esse era um tempo terrivelmente longo para pensar em passar sem

ela. Nyasha era algo especial e necessário para mim. Eu não gostava de passar muito tempo sem falar com ela sobre as coisas que me preocupavam, porque, eu sabia, ela arrancaria a raiz do problema com sua mente multidirecional e me explicaria tudo de maneiras que faziam sentido, mas não apenas isso, de uma maneira que implicava também que os problemas existiam não para nos preocuparmos com eles, mas para nos colocar em busca de soluções. E muitas coisas me preocupavam naqueles dias. Bem fundo, nas áreas inacessíveis da minha mente, mesmo que se perguntada abertamente eu fosse negar veementemente, eu tinha vergonha do que considerava uma ambiguidade penetrante e irritante. Conscientemente, eu considerava que meu caminho estava claro: eu estava estudando. Depois de estudar, eu conseguiria um emprego e ficaria contente com ele, continuando assim pelo tempo disponível antes de me casar e me mudar para uma nova casa, o grande plano de Babamukuru para desenvolver a família. As questões eram bem definidas para mim na época: esses eram os objetivos e era assim que seriam alcançados. Babamukuru era meu ponto de referência, ele me mostrava que isso era possível. Então eu deveria estar satisfeita, indo para a escola e tirando boas notas. Eu deveria estar satisfeita, me preparando para essa vida que descrevi. Mas a energia de Nyasha, às vezes tempestuosa e turbulenta, às vezes autoconfiante e serena, mas sempre estendendo-se, estendendo-se um pouco mais do que eu pensava que era possível, estava começando a me mostrar que havia outras direções possíveis, outros esforços com os quais me envolver que iam além de emancipar a mim e a minha família. Nyasha me passava a ideia de movimento, sempre se movendo e se esforçando para atingir um estado que ela já tinha visto e aceitado há muito tempo. Por mais apreensiva que eu ficasse, por mais ambíguos que fossem meus sentimentos sobre essa direção, eu queria ir com ela. Eu não queria ficar para trás. E por ser tão jovem, o tempo medido em horas e meias-horas era importante, então eu não queria ficar três

semanas inteiras longe da minha prima.

Sabendo que eu ficaria perdida sem ela, fiquei tentada a pedir a Babamukuru se podia voltar com eles para a missão, mas no fim decidi não fazer nada disso, pois sabia que ele recusaria, e estaria certo em fazê-lo. Havia muito trabalho a ser feito nos campos, na horta, na casa. E, é claro, eu não podia deixar minha mãe, que não estava bem.

Nos reunimos todos no quintal, minha mãe, meu pai, Takesure, Lucia, minhas irmãzinhas e eu, para nos despedirmos, todos rindo e conversando e dizendo que meu tio precisava voltar logo, e trazer Maiguru, Nyasha e Chido com ele. E então meus parentes estavam no carro, e fora do quintal e indo para longe. Um suspiro escapou de nossas bocas, pois nos sentíamos estranhamente aliviados.

– Oof! Foi bom receber Mukoma, foi bom – meu pai observou –, mas é um peso nas costas, um grande peso nas costas!

– É verdade – Takesure concordou, lançando um olhar lascivo para Lucia. – Dhiya! Não há nada mais a temer. Você vem dormir no hozi hoje à noite?

– Talvez se você cortasse minhas mãos – Lucia respondeu. – Daí talvez fosse útil.

– Mas você tem as mãos e continua aqui. Então você está esperando, não está? Só esperando para voltar para o hozi.

Lucia teve o cuidado de não se deixar irritar.

– Sabe pelo que estou esperando? Pela minha irmã, não é isso? Assim que minha irmã decidir o que quer, você não vai mais me ver por aqui.

Meu pai e Takesure acharam graça nisso. Os dois riram muito da cara da Lucia.

– O que é isso que acabei de ouvir – gargalhou Takesure. – A mulher acha que pode ir embora. Assim, fácil. Escuta, Lucia, para onde você disse que vai? Você não está me esperando para levar você para casa?

Aqueles homens! Eles nunca entenderam que Lucia era uma pessoa séria. Suas risadas, assim como seu temperamento, eram fortes e rápidas, mas nunca superficiais. E ela pensava muito, a Lucia; mesmo que ela risse de si mesma e achasse que para ela era um processo longo e doloroso, porque a mente não tinha sido treinada na escola para pensar rápido. Nos dias depois do dare ela ponderou muito se deveria ir embora, mas ela sabia que suas ações teriam consequências e não tinha medo disso. Então ela esperou minha mãe decidir se iria embora também ou não. Já que pela maior parte da vida as decisões de minha mãe não tinham sido dela, pertencendo primeiro ao pai e depois ao marido, ela estava achando difícil saber o que fazer.

– Lucia – ela suspirava –, por que você fica me perturbando com essas perguntas? Quem se importa com o que eu quero? Desde quando o que eu quero importa? Então por que seria importante agora? Você acha que eu queria ficar grávida daquele velhaco? Você acha que eu queria atravessar todo o país dos nossos ancestrais para viver na miséria e na imundície? Você realmente acha que eu queria que a criança pela qual fiz essa jornada morresse só cinco anos depois de sair do meu útero? Ou que meu filho fosse tirado de mim? Então que diferença faz eu casar ou ir embora? Dá tudo na mesma. O que eu já aguentei por dezenove anos, posso aguentar por mais dezenove, e mais dezenove depois, se necessário. Agora me deixe! Me deixe descansar.

Então Lucia ficou para cuidar da irmã, e porque o corpo dela tinha apetites dos quais ela não se envergonhava, ela voltou a dormir com Takesure. Ela não tentava se justificar.

– Uma mulher precisa viver com alguma coisa – ela deu de ombros, pragmática. – Mesmo que seja só uma barata. E baratas são melhores. É fácil espantá-las, não é?

Mas eu fiquei desapontada com ela, desapontada, repreensora e também com medo que ela voltasse a dormir com meu pai e

aumentasse tanto a nossa porção de pecado que fosse necessário muito mais do que um casamento para exorcizá-lo. Eu a encorajei a fazer alguma coisa, alguma coisa construtiva, pois acreditava que ela era capaz. Eu tinha certeza que Lucia conseguiria lidar com coisas que outras mulheres não conseguiam, mas ela não permitiu que eu a atormentasse.

– Não se preocupe com coisas que não tem nada a ver com você – ela aconselhou, gentil. – Quando chegar um momento em que seja mais conveniente para mim ir do que ficar, eu vou, não é isso? Com minha Sisi ou sem ela, o que for melhor. Não me pergunte quando ou para onde. No momento, eu não sei.

E assim a vida na propriedade retornou a sua rotina exaustiva – para o rio, para os campos, para a cama, infinitamente, monotonamente, terrivelmente, exceto quando chovia, que tornava tudo pior. Quando chovia nós nos amontoávamos na cozinha e rezávamos a cada trovoada, pedindo que o próximo raio nos poupasse. Em um dia de raios e trovões, Takesure voltou de magrosa com os cabelos bem do meio da cabeça todos chamuscados. Lucia divertiu-se enormemente com o espetáculo.

– Se ao menos tivesse arrancado logo sua cabeça – ela riu –, talvez outra crescesse no lugar, e é impossível que fosse pior do que essa que você tem!

Eu pedi a Takesure para me ajudar a consertar a cobertura do telhado da cozinha e ele se recusou, então Lucia me ajudou mesmo que dormisse no hosi com Takesure e mesmo que a gravidez a deixasse menos ágil do que gostava.

Quando Babamukuru veio me buscar, ele percebeu que as condições do telhado estavam muito melhores.

– Você fez um bom trabalho ali, Jeremiah – ele observou. – Quando passarem as chuvas, você pode pedir a Takesure que o conserte de novo. É para isso que ele está aqui.

– Ha! Ya, Mukoma – meu pai concordou. – Deu um trabalhão!

Você tinha que nos ver! Lá em cima com tiras de casca de árvore e sacos de fertilizante, e tapando os buracos com plástico. Ha! Deu um trabalhão, um trabalhão mesmo

Lucia e eu não conseguimos esconder nossos sorrisos.

– Viu, Jeremiah – Babamukuru elogiou, satisfeito por ver meu pai trabalhando –, até sua filha fica contente quando você faz um bom trabalho!

O retorno à missão foi tranquilo. A vida continuou como se não tivesse sido interrompida. Maiguru me paparicando, Anna reservada. Até Nyasha voltou ao seu eu incontrolável, o que foi um alívio para mim, mas afetou pesadamente os nervos de Babamukuru. Ele preferia paz e sossego, mas quando tentava fazer Nyasha ficar pacífica e sossegada, eles sempre terminavam em uma discussão agressiva e barulhenta. Nyasha não se importava com essas discussões porque, segundo ela, colocavam tudo em pratos limpos e permitiam que ela e o pai se entendessem melhor, já que sem os confrontos e sem jogar mágoas profundas um na cara do outro, eles nunca se comunicariam. A evidência do efeito curativo dessas discussões, ela acreditava, era que Babamukuru não tinha mais batido nela. Mas pude ver que meu tio estava ficando cada vez mais decepcionado com a filha. De fato, tornou-se muito embaraçoso para mim, porque eu havia ficado muito mais quieta e apagada do que o normal, mesmo para mim. Em comparação a Nyasha, eu era um modelo de decoro feminino, principalmente porque quase nunca falava a menos que alguém falasse antes, e apenas para responder com o maior respeito a qualquer pergunta que tivesse sido feita. Acima de tudo, não questionava as coisas. Não me importava por que as coisas tinham que ser feitas de um jeito e não de outro. Eu simplesmente aceitava que era assim. Eu não achava que ler fosse mais importante do que lavar a louça e entendia que as calcinhas não deveriam ser penduradas para secar no banheiro, onde todos podiam

ver. Não entrava em discussões sobre as condições de trabalho de Anna com Maiguru. Não me importava que as pessoas que lutavam por liberdade fossem chamadas de terroristas, não exigia provas da existência de Deus, nem achava que os missionários, juntamente com todos os outros brancos da Rodésia, deveriam ter ficado em casa. Como resultado de tudo isso que eu não pensava nem fazia, Babamukuru achava que eu era o tipo de jovem que uma filha deveria ser e não perdia a oportunidade de apresentar esse ponto de vista a Nyasha. Longe de ficar chateada com essas comparações, ela concordava que, apesar de ser um pouco covarde (que ela achava que podia ser corrigido), sim, eu era uma jovem exemplar. Talvez ela tivesse reagido de maneira diferente se conhecesse melhor o pai. Ela não percebia quão profundamente ele sentia a decepção de ter uma filha como Nyasha. Por não se considerar uma decepção, ela não tinha como saber como o pai estava desapontado. Ela levou a sério as razões que Maiguru deu para o mau humor de Babamukuru – ele estava ocupado, ele tinha muitas responsabilidades – e, com base nisso, fez certas concessões para não o julgar tão severamente, e seguiu sendo quem era, apesar dos desejos do pai.

E então, no início de março, minha mãe teve o bebê. Ela veio ao hospital da missão e deu à luz um menino saudável de três quilos, sem complicações. Lucia queria ficar com a irmã durante o período de resguardo, porque minha mãe não tinha passado bem durante a maior parte da gravidez e Lucia não tinha certeza de que o parto seria fácil. Mas Maiguru, preferindo não ter Lucia por perto, prometeu cuidar de minha mãe. Pode ter sido coincidência que o bebê tenha nascido às nove e quinze da manhã de sábado e que Lucia tenha descido do ônibus do meio-dia e chegado à casa de Babamukuru acenando com uma folha de palmeira e cantando “Makorokoto, makorokoto”. Pode ter sido coincidência – eu não sei. Sei que, mesmo que Babamukuru tivesse telefonado para os prédios do Conselho assim que o bebê nascesse, a mensagem não teria

chegado em casa e Lucia não teria como estar no ponto de ônibus a tempo de pegar o ônibus do meio-dia.

Mas enfim, Lucia veio e foi apenas a primeira de toda a aldeia. À noite, a casa de Babamukuru estava cheia de tias e primas e primas de tias e avós que, tendo visitado o hospital, passavam pela casa de Babamukuru para parabenizá-lo também. Babamukuru escapou para o escritório, mas as parentes continuaram cantando todo o repertório de congratulações pós-parto; dançando, bebendo chá, feito por Maiguru em galões, e lamentando o fato de não haver nenhum ônibus para as levar para onde elas queriam ir. Ou, se houvesse algum ônibus, as tarifas, suspiravam, elas não tinham. Elas achavam que teriam que aguentar na missão até a manhã seguinte, mas quando Babamukuru voltou, pouco antes do jantar, ele as levou para casa em várias viagens. Só Lucia ficou, para fazer companhia a minha mãe durante os últimos dias de resguardo. Lucia, muito maior agora do que em dezembro, usou muito bem esse tempo. Tendo recebido pouca solidariedade da minha tia durante as férias de Natal, ela concentrou seus esforços no meu tio.

– Sabe, Babamukuru? – ela começou, desanimada, chamando-o pelo jeito mais respeitoso, Babamukuru. – Você sabe, Babamukuru, que Takesure não é um homem bom?

Babamukuru, que gostava de resolver os problemas assim que eles aconteciam, não conseguia acreditar que Takesure continuava sendo um incômodo mesmo depois da conferência em janeiro. Ele pediu a Lucia que lhe dissesse o que Takesure estava fazendo, mas Lucia apenas suspirou desconsolada e deixou que Babamukuru adivinhasse.

– Tem umas coisas nos preocupando em casa, Babamukuru, mas não sei dizer o quê. Talvez seja a maneira como estamos vivendo. Do jeito como vivemos na propriedade, fica difícil fazer coisas úteis – e não dizia mais nada.

No dia seguinte, na hora do almoço, ela começou de novo.

Ignorando o silêncio de Babamukuru e não dando a Maiguru a chance de ocupar seu tempo precioso com perguntas sobre o bebê, Lucia continuou seu apelo.

– Não vim até sua casa para trazer tristezas, Babamukuru – ela disse, séria. – Eu já disse, Babamukuru, por que vim: para cuidar da minha irmã, não é? Mas já vi que, em vez disso, trouxe problemas. Se voltar para a casa do meu pai fosse possível, eu voltaria, mas o que eu comeria quando chegasse lá? E de qualquer maneira, minha irmã precisa de mim. Quando dizem que parentes são mãos, Babamukuru, isso não é mentira, e minha irmã precisa de mãos nesses tempos difíceis. Mas eu percebo que minha estadia na casa de Babamukuru não a ajudou como eu esperava – ela pausou e se concentrou na comida por um tempo. – Sabe o que eu tenho pensado, Babamukuru? – ela continuou, o olhos no prato, para manter a calma. – Eu tenho pensado que se conseguisse arranjar um trabalho, qualquer bico por aqui, se eu conseguisse um trabalho aqui no kraal do Mutasa, não teríamos mais esses problemas. O problema de eu morar naquela casa estaria resolvido, e minha irmã ainda teria as mãos de que precisa.

Babamukuru não disse nada, só mastigou e mastigou o último naco de carne, e quando um pedaço ficou preso entre os dentes, pediu a Nyasha que trouxesse um palito de dentes. Ele passou um longo tempo removendo a partícula ofensiva.

– Bom, Lucia – ele disse enfim, quando o rosto de Lucia, que olhava para o prato, já mostrava que ela tinha perdido a esperança. – Bom, Lucia, são ótimas palavras essas que você disse, mas que tipo de trabalho você sabe fazer?

– Ah, Babamukuru! – Lucia sorriu, destemida. – Você está brincando, né? Você não vê como meu corpo é forte? Não posso fazer nada que exija estudo, mas qualquer outra coisa! Qualquer outra coisa eu posso fazer.

Babamukuru não tinha mais nada a dizer. Para preencher o

silêncio, Maiguru perguntou sobre minha mãe e o bebê. Lucia assegurou que os dois estavam saudáveis e felizes. Ela acreditava que minha mãe receberia alta no dia seguinte, e as duas voltariam para casa assim que possível.

No dia seguinte, Babamukuru buscou minha mãe no hospital. Embora Lucia estivesse impaciente para voltar para casa e Maiguru não tenha insistido para elas ficarem, Babamukuru tinha outros planos. Lucia queria pegar um ônibus no início da tarde, mas Babamukuru disse que ia arranjar um tempo para levá-las até em casa.

– Você não vê dois carros na minha garagem? – ele perguntou.
– Por que vocês iriam de ônibus?

Ele foi para o escritório e Maiguru foi dar aula. Quando Maiguru voltou às quatro horas, minha mãe e Lucia ainda estavam sentadas na sala de estar. Maiguru pediu que Anna cozinhasse mais carne para o jantar. A hora da refeição chegou, mas Babamukuru, não.

– Maiguru – minha mãe perguntou, amamentando meu irmãozinho –, você acha que iremos para casa hoje à noite?

– Como é que eu vou saber o que você e seu Babamakuru combinaram? – Maiguru riu. – Vamos ver quando ele voltar.

Babamukuru não voltou até estarmos todas deitadas. Ele não levou minha mãe para casa naquele dia, nem no dia seguinte, nem no seguinte.

– Mainini tem perguntado quando elas vão para casa – Maiguru comentou no quarto dia.

– Ah é! Eu disse que as levaria – meu tio lembrou.

No dia seguinte, na hora do almoço, ele veio para casa parecendo estar muito satisfeito com si mesmo. Devia ser alguma coisa muito maravilhosa mesmo para nós conseguirmos ver, porque o rosto de Babamukuru normalmente não mostrava seu humor. Então esperamos e desejamos que ele compartilhasse o

acontecimento conosco.

– Suas malas estão prontas, Mainini? – ele perguntou para minha mãe no meio da refeição. – Acho que posso levar você para casa hoje de tarde.

– Mas e as compras? – Maiguru objetou. – Vamos ter tempo para fazer as duas coisas?

– Depois nós vemos – Babamukuru desconsiderou minha tia, e disse para minha mãe se aprontar, porque ele queria sair logo depois do almoço. Mas quando Lucia também se levantou, Babamukuru a parou. – Lucia – ele disse, indiferente –, er... se você vai ajudar a Mainini, tudo bem. Mas você não vai voltar para a propriedade. Achei algo para você fazer. Nada de mais. Um bico. No dormitório das meninas. Você vai ajudar a fazer a comida lá no dormitório. Vou levá-la até lá hoje mesmo.

– Purururu! – Lucia ululou alta e longamente, embora eu não entenda como ela conseguiu, sorrindo tanto como estava. – Purururu! – ela continuou, a mão ao redor da boca. – Você ouviu, Sisi, você ouviu, Sisi? – ela exclamou para minha mãe, com um pulinho para enfatizar cada palavra. – Babamukuru me arranhou um trabalho. Ele me arranhou um trabalho! – ela se ajoelhou em frente a Babamukuru, juntando as mãos vigorosamente. – Obrigada, Samusha, obrigada, Chihwa. Você fez uma maravilha. Mesmo, não sobreviveríamos sem você. Aqueles lugares estrangeiros, aqueles lugares para onde você foi, não fizeram você nos esquecer. Não! Eles possibilitaram que você voltasse e fizesse milagres!

Minha mãe veio correndo, ululando estridentemente.

– É por isso que dizem que educação é vida – ela exclamou. – Não estamos todos sendo beneficiados pela educação do Babamukuru? – e se ajoelhou, adorando-o ao lado de Lucia. E depois foi a vez da Maiguru se ajoelhar no chão.

– Obrigada, Baba, obrigada por encontrar um trabalho para Mainini Lucia.

Foi uma ocasião contagiante. Meu primeiro instinto foi me juntar às mulheres que o adoravam – minha boca já estava pronta para ulular alto e claro.

– Não ouse fazer isso – Nyasha sibilou, me chutando por baixo da mesa. Desfiz minha expressão, mas o desejo de exaltar a magnanimidade de Babamukuru era implacável.

– Obrigada, Babamukuru – eu disse, do jeito mais calmo que consegui, para não desapontar Nyasha – por encontrar um trabalho para Lucia.

Fiquei fascinada com o passe de mágica que havia tirado Lucia de sua miséria, e ainda mais sedutor era o poder que esse passe de mágica representava. Com os crescentes de louvor, Babamukuru tornou-se modesto e igualitário.

– Levantem-se, levantem-se. Não me agradeçam. É Lucia que vai fazer o trabalho! – ele exclamou.

Então, Lucia nunca voltou para a propriedade, embora tenha ido com minha mãe naquela tarde pegar seu vestido extra e suas poucas outras posses. Na emoção, minha mãe deixou para trás na missão um gorro verde-limão e uma botinha rosa-choque que havia recebido no nascimento de meu irmão.

Fiquei tão impressionada com Babamukuru que não conseguia parar de admirá-lo. Naquela noite, enquanto nos preparávamos para dormir, eu simplesmente tive que dizer a Nyasha pela milésima vez como Babamukuru era maravilhoso; como era bom e gentil da parte dele estar tão preocupado com Lucia e como, por tudo isso, ele merecia todo o nosso amor, lealdade e respeito. Mas ela me disse que eu não tinha entendido a situação direito. Era obrigação de todas as pessoas decentes em posições como a de Babamukuru fazer esse tipo de coisa.

Nyasha tinha um jeito de olhar para as coisas que fazia ser difícil para ela se impressionar com Babamukuru. O olhar dela se

baseava na história. Tudo me parecia muito louco na época, e era difícil para mim dar os longos saltos que a mente de Nyasha dava para conectar Babamukuru e Lucia e eventos passados, presentes e futuros. Mesmo assim, eu tentava muito entender, porque Nyasha era muito persuasiva e também porque eu gostava de pensar. Gostava de exercitar minha mente. As coisas que Nyasha dizia sempre me faziam pensar muito. Foi assim que comecei, com muita hesitação, a considerar as consequências do nosso passado, mas não conseguia ir tão longe quanto Nyasha. Simplesmente não estava pronta para aceitar que Babamukuru era um artefato histórico; ou que as vantagens e as desvantagens eram predeterminadas, de modo que Lucia não podia esperar alcançar muito como resultado da generosidade de Babamukuru; e que o benefício só seria realmente a longo prazo se pessoas como Babamukuru continuassem cumprindo sua obrigação social; e se pessoas como Lucia se unissem.

Tudo parecia meio exagerado, e não parecia ter nada a ver com o fato de Lucia agora ter um emprego, enquanto antes não tinha, e que tudo isso se devia à bondade de Babamukuru. Não gostando de ver a excelência moral de Babamukuru diminuída dessa maneira pela perspicácia de Nyasha, bati o pé.

– Sabemos que ele está cumprindo um dever – disse, obstinada –, mas ainda assim temos que agradecer.

– Agradecer, sim – Nyasha concordou, paciente –, mas não o tratar como um herói. E a coitada da Lucia! Ela está se humilhando desde que chegou para convencer Papai a ajudá-la. Isso não deveria ser preciso. Sério, não deveria.

Eventualmente levamos o debate até Lucia, que parecia cada dia mais tranquila agora que estava em uma situação mais confortável.

– Mas você, Nyasha, você é doida! – ela exclamou. – Babamukuru queria que eu pedisse, então pedi. E agora nós dois temos o que queríamos, não é?

Contente, cruzando os braços sobre a barriga de seis meses, ela nos disse que estava frequentando as aulas do Fundamental Um à noite. Ela estava tão orgulhosa. Nunca tinha estudado antes. Nos mostrou os livros, declarou que já podia sentir sua mente começando a pensar com mais eficiência. E é isso, Lucia mexia as panelonas de sadza no albergue das meninas e ia às aulas do Fundamental Um à noite, enquanto minha mãe na propriedade esperava sem entusiasmo pelo casamento.

O casamento estava marcado para a última semana de setembro. Babamukuru queria que fosse mais cedo. Ele estava ansioso para que o irmão fosse purificado do pecado o mais rápido possível, mas havia muito a ser feito. As cabanas em ruínas tiveram que ser restauradas e a casa, ampliada para acomodar os convidados do casamento. As latrinas antigas foram fechadas e outras, mais higiênicas e pintadas de branco, foram colocadas em seu lugar.

Enquanto esses preparativos aconteciam em casa, as roupas do casamento eram costuradas na cidade. Eu seria madrinha e Lucia também. Nyasha recusou o convite educadamente, alegando que estaria ocupada organizando a festa. Portanto, éramos apenas nós duas como madrinhas, Lucia e eu, e minhas irmãs pequenas como daminhas e terrivelmente empolgadas com a perspectiva. A atitude de Nyasha foi decepcionante: eu precisava que ela me desse apoio moral, pois minhas dúvidas sobre o casamento não haviam se resolvido. Mas eu não disse nada e os preparativos foram adiante.

Em uma manhã de sábado, no início de agosto, Babamukuru buscou minha mãe e minhas irmãs em casa, parando no caminho de volta para buscar Lucia, que àquela altura já havia adquirido o *status* de mãe. Eles foram até a casa de Babamukuru e todas nos apertamos no Rover para ir até a lojinha de uma costureira no município de Sakubva. A loja era muito pequena, não muito mais que uma cabine, tão escura e suja que você se perguntava como a costureira conseguia

enxergar para costurar e como era possível que mantivesse as roupas limpas, os moldes certinhos. Tinha poeira em todos os cantos e camadas de sujeira oleosa em todas as superfícies, exceto a mesa que ela usava para cortar. Pedacos de tecido e moldes de papel estavam espalhados por toda parte, e transbordavam de uma grande caixa de madeira que aparentemente continha os retalhos. Havia apenas um livro de moldes, mas a costureira nos garantiu que tínhamos apenas que descrever o que queríamos e ela produziria uma réplica exata. Nyasha era a favor de sentar com lápis e papel para desenhar umas roupas elegantes, mas Babamukuru, sentindo-se deslocado nesse lugar tão feminino, não tinha tempo e encorajou que escolhêssemos algum modelo do livro. Nós folheamos a seção marcada “Noivas e Noite”, comparando – ou seja, Lucia, Nyasha e eu comparamos, porque minha mãe não estava interessada – a beleza de vestidos retos ou rodados, mangas três quartos ou bufantes, vestidos curtos ou longos para as madrinhas. Quando decidimos, Babamukuru ficou desconfortável ao saber que o tecido era por nossa conta, que eram necessários muitos metros e tipos diferentes e que os gastos com material e produção seriam pesados. Maiguru foi chamada para ajudar. Babamukuru queria que minha tia emprestasse seu vestido de noiva para minha mãe; mas isso não podia ser feito porque, como Maiguru apontou, minha mãe, apesar de magra, era muito maior do que ela. Então Babamukuru pediu a Maiguru que alterasse seu vestido para que coubesse em minha mãe, e Maiguru ficou sem falar conosco por uma semana. No final, os dois lados cederam. Maiguru emprestaria o véu à minha mãe e supervisionaria a compra e a costura das roupas. Maiguru até que consentiu prontamente, mas dava para ver que ela não estava contente.

– Ele não fez metade desse estardalhaço quando nos casamos – ela confidenciou à filha. – Eu tive uma madrinha e chá. Nada de jantar. É claro que não me importei, não importava na época. Mas espere para ver no seu casamento. Ele também não vai se importar

do mesmo jeito.

Felizmente, Nyasha nem estava pensando em casar, então a ameaça não a deixou preocupada.

– Não se preocupe, Mamãe – ela tranquilizou. – Eu ajudo com as compras.

No final, Nyasha não ajudou Maiguru com as compras. Ela praticamente fez tudo sozinha. Babamukuru, preocupado com o fato de o tempo estar passando sem as roupas ficarem prontas, fez Maiguru prometer várias vezes que compraria os tecidos, mas ela sempre se esquecia. Finalmente, em desespero, ele levou Maiguru à cidade especificamente com o objetivo de cumprir essa tarefa, mas antes que pudessem ir às lojas, Maiguru lembrou-se de várias contas importantes que precisavam ser pagas, e isso levou a tarde inteira. E, claro, tinham que comprar comida. Maiguru voltou bem abastecida para a semana, mas sem os tecidos. Com o pretexto de escolher o tecido do próprio vestido, Nyasha pegou a mim e a Maiguru pela mão. Os tecidos foram comprados em uma única tarde – crepe cor de pêssego para as madrinhas e âmbar para as daminhas, além de metros e metros de cetim branco e renda para a noiva. Compramos muito tecido e levamos para a costureira, onde Nyasha decidiu que os moldes que tínhamos escolhido antes não eram adequados para o tecido que compramos e se divertiu um bocado instruindo a costureira de maneira muito artística sobre que mangas colocar em que corpete que iria junto com qual saia para criar a peça desejada. Pegamos os vestidos uma semana antes do casamento e eles estavam lindos. Resolvi provar um. O caimento era perfeito. Nyasha me disse que eu estava linda. “Liiiiiinda!”, ela disse, para eu entender bem o que ela estava dizendo. Nyasha estava encantada com os vestidos, com o efeito que criei ao provar o meu, com toda a ideia do casamento. Ela achava que era exótico.

– Você vai ficar tão fofa – ela mexeu comigo –, toda florida e esvoaçante para o casamento da sua mãe. Sério! – ela riu. – Eu mal

posso esperar! Vai levar um tempão até eu ver outra coisa tão fofa.

Fofa. Fofa o bastante para causar uma risadinha e um sorrisinho. Era isso que Nyasha pensava do casamento dos meus pais, e isso me machucou. Machucou mesmo sabendo que ela estava sendo gentil em dizer que era fofa quando a verdade era muito pior do que isso, quando na verdade a coisa toda era ridícula. O negócio rebaixou meus pais a estrelas de um espetáculo de comédia, animadores de palco. Eu não queria vê-los assim tão baixo, e com certeza não queria fazer parte disso. Então, não conseguia aceitar a ideia do casamento. Reconheci isso com metade da minha mente, mas na outra metade o quadrado preto do pecado reapareceu e cresceu até um tamanho alarmante. Não pude ignorá-lo. Com os preparativos em pleno andamento e as pessoas conversando sobre nada além do casamento, não havia como fingir que isso não iria acontecer. Eu tinha que pensar nisso, sobre o fato de não querer ir ao casamento. Um casamento que ridicularizava as pessoas a quem eu pertencia e colocava em xeque a legitimidade da minha existência neste mundo. Eu sabia que tinha que tomar uma decisão, fazer alguma coisa, mas não era como Nyasha: não podia simplesmente ir até Babamukuru e dizer a ele o que pensava. Então, fingi para mim mesma que o casamento era um plano maravilhoso, exatamente o que meus pais precisavam. Eu disse a mim mesma que meus pais haviam sido privados de toda a pompa e cerimônia de um casamento em sua juventude e que agora a generosidade de Babamukuru estava compensando essa falta. Era necessário exagerar bastante para tentar me convencer. Eu até insisti, de forma muito rígida, que meus pais estavam ansiosos pela ocasião, mas não adiantou. Eu simplesmente não acreditava nessas mentiras. Meu pai sempre aproveitava qualquer chance para atuar, para fazer um show, então para ele tudo estaria bem. Ele se divertiria muito fazendo o papel do noivo e se daria bem, mas o caso da minha mãe era totalmente diferente. Ela me disse, cansada, que não fazia diferença se acontecesse ou não, e até

Lucia estava atipicamente desinteressada no assunto.

– Vai acontecer – ela disse –, então tem que ser bom. Do contrário as pessoas vão rir. Elas não vão perder tempo. Então vamos fazer um bom trabalho, não é isso?

A atitude de Lucia era sensata, e tentei adotá-la. Mas as vantagens e desvantagens da renda branca, dos votos e dos véus, nesta fase tardia, digladiavam-se tão furiosamente na minha cabeça que não consegui dormir por noites a fio. No entanto, não disse nada, nem mesmo para Nyasha, que teria me dito para tomar uma decisão e seguir meus princípios, e teria me chamado de covarde quando eu confessasse que não podia. Não havia saída. Os vestidos estavam feitos, os sapatos e as meias-calças, meias-calças de verdade, para fazer nossos sapatos de salto e vestidos cor de pêssego ficarem ainda mais elegantes, todas essas coisas estavam prontas e à espera. Meu papel na comédia já tinha sido confirmado e ensaiado, mas eu seguia sem querer participar. Não fazia diferença para os outros, eu resmungava para mim mesma; eles não eram a filha dos meus pais. Eu observava Nyasha, que continuava se divertindo, e Maiguru, que voltara a ser solícita, andando de um lado para o outro para cumprir sua parte dos preparativos para que o casamento fosse um sucesso e, ela dizia, para o Papaizinho dela não ficar desapontado. Eu assisti o dia se aproximar e segui sem dizer nada.

– Er, Tambudzai – Babamukuru me disse enquanto jantávamos na quinta-feira antes do casamento –, vou levar você para casa amanhã de tarde, junto com Lucia, para você ajudar com os preparativos.

“Não me leve nunca. Eu não quero participar desse casamento idiota”, eu queria gritar. Em vez disso, respondi, calma e educadamente:

– Tudo bem, Babamukuru. Isso vai deixar as coisas mais fáceis para todo mundo.

Definitivamente, havia algo errado comigo, caso contrário, eu

teria expressado minha opinião. Eu sabia que não tinha me posicionado sobre muita coisa desde que chegara à missão, mas o tempo todo eu tinha pensado que era porque não tinha havido nenhum motivo e que, quando chegasse a hora, eu seria capaz de fazê-lo.

Vir para a missão, continuar meus estudos e ir muito bem, essas eram as coisas que importavam. E como essas coisas estavam progredindo de acordo com o planejado há quase dois anos, pensei que as ambiguidades não existiam mais. Pensei que as questões continuariam claramente delimitadas, com Babamukuru, que era tão divino quanto qualquer ser humano poderia ser, impondo os limites. Através dele, por causa dele, o preto permaneceria definitivamente escuro e o branco permanentemente claro, apesar de Nyasha, cujo estranho temperamento sugeria tons e texturas dentro da mesma cor. Minhas impressões ambíguas e minha reverência por meu tio, pelo que ele era, pelo que ele havia alcançado, pelo que ele representava e, portanto, pelo que ele queria, tinham atrofiado o desenvolvimento do meu pensamento crítico, consumiam a energia que na infância eu usara para me posicionar. Aconteceu insidiosamente, as muitas e elogiosas comparações com Nyasha causando muito dano. Era um buraco de confusão. Eu não estaria aqui com Babamukuru se não tivesse sido capaz de enfrentar meu próprio pai, mas agora não conseguia dizer ao meu tio que o casamento dele era uma farsa. E ainda assim eu não conseguia aceitar a responsabilidade pela minha fraqueza, e queria disfarçá-la com sofrimento. Eu deixei a culpa, que tinha tantas bordas afiadas, me cortar. Minha mãe estava certa: eu era desnaturada; eu não ouvia meus próprios pais, mas ouvia Babamukuru mesmo quando ele me dizia para rir de meus pais. Havia algo de desnaturado em mim.

Quando a aula terminou na tarde de sexta-feira, a tarde em que eu deveria ir para casa para ajudar nos preparativos do casamento, eu fugi. Fui para o dormitório com minhas amigas e fiquei lá o resto do

dia e a maior parte da noite. Jocelyn e Maidei ficaram contentes por ter minha companhia por tanto tempo. Maidei estava particularmente feliz com isso. Ela nem tentava esconder que achava que passar tanto tempo com Nyasha estava me transformando em uma esnobe. No final, porém, eu tive que ir para casa. O jantar já tinha terminado quando voltei para a casa do meu tio. A porta estava trancada, mas felizmente os cães não estavam soltos, o que foi bom porque eles não me machucariam e também porque isso significava que meu tio ainda estava no escritório. Nyasha já estava no sétimo sono. Eu tive que dar a volta na casa e bater na janela do nosso quarto para fazê-la abrir a porta para mim. Todo o processo foi tão barulhento, comigo tropeçando em troncos de árvore e tendo que bater na janela por uns bons cinco minutos até acordar Nyasha, que Maiguru saiu do quarto para ver o que estava acontecendo.

– Tambudzai! – ela me repreendeu, ansiosa, nos interceptando no corredor. – Onde você estava? Seu tio está muito bravo com você.

Eu senti que estava encolhendo. Parecia que eu era só um pontinho muito pequeno no chão quando, finalmente, encontrei voz suficiente para responder.

– Eu tinha dever de casa, Maiguru. Um exercício que não terminei durante a aula – menti, não muito bem.

– Mas você deveria ter avisado – minha tia se exasperou. – Agora veja o que aconteceu. Babamukuru está irritado.

O humor de Nyasha estava sensível, então ela ficou quieta. Ela não disse uma palavra até eu me despir, apagar a luz e deitar na cama, e então tudo o que ela disse foi boa noite. Eu me senti um pouco melhor. Não queria ter que explicar.

Na manhã seguinte, na manhã do casamento, descobri que não conseguia sair da cama. Eu tentei várias vezes, mas meus músculos simplesmente se recusaram a obedecer aos comandos tímidos que eu lhes enviava. Nyasha ficou preocupada. Ela pensou que eu estava doente, mas eu sabia que não era isso. Eu sabia que não podia sair da

cama porque não queria. Mas, é claro, eu não poderia contar isso a ela. Era mais fácil ficar deitada, aparentemente paralisada e olhando para o teto.

Nyasha falou comigo. Ela tentou me convencer a sair da cama, mas eu estava me afastando cada vez mais dela, até que no final parecia ter escapado do meu corpo e estava em algum lugar perto do pé da cama, observando seus esforços para me convencer a me levantar e eu a ignorando. Eu observei com interesse e me perguntei o que aconteceria depois. Era bem interessante. Maiguru entrou e mencionou Babamukuru. Foi um choque e eu quase me levantei, mas no final decidi ficar ao pé da cama e continuar assistindo esse drama extraordinário. A próxima coisa que aconteceu foi que Babamukuru entrou no quarto, sem bater e parecendo perigosamente irritado. O corpo na cama nem se mexeu. Enquanto isso, o meu eu móvel e alerta, aquele ao pé da cama, sorriu presunçosamente, pensando que eu tinha ido a algum lugar onde ele não podia me alcançar, e me parabenizei por ser tão inteligente.

– Ela está doente? – Babamukuru perguntou.

– Acho que sim – Maiguru fez uma cara preocupada, colocando uma mão na minha testa e me examinando de perto. Nyasha estava sentada ao lado da minha cabeça, me chamando baixinho. Babamukuru, porém, não tinha tempo para sutilezas.

– Mai – ele ordenou Maiguru –, faça essa menina levantar e se lavar. Imediatamente – ele disse que eu era ingrata e não o respeitava. – Ela está se tornando uma criança malcriada. Estou a mimando demais aqui. Ela sabe que está na minha casa não por seu próprio mérito, mas porque eu sou bondoso e generoso. Ela tem que se levantar. Imediatamente.

Babamukuru era sempre muito categórico quando fazia esse tipo de declaração. Nyasha já havia sofrido muito mais com isso do que eu, mas era o que eu precisava. Era algo concreto, que eu conseguia identificar e reagir. A cena ficou muito mais desfocada. Eu

os ouvi conversando a uma grande distância que diminuiu rapidamente quando voltei ao meu corpo. Descobri que podia falar de novo, e então falei, embora meu coração estivesse disparado e minha voz alta e estridente.

– Perdão, Babamukuru – eu disse –, mas eu não quero ir ao casamento.

Obviamente, essa era a pior coisa que eu poderia ter feito, calculada, aparentemente, para provocar o temperamento vulcânico do meu tio. Tentei explicar por que não podia ir, mas foi inútil.

– Sua vida tem estado boa demais – meu tio se enfureceu, sua voz subindo em cada sílaba e falhando na última nota. – Eu faço tudo que posso por você, e você me desobedece. Você não é uma menina decente. Levante-se e vista-se, esteja pronta em meia hora. Ma’Chido, venha. Vamos tomar nosso café da manhã.

Ele deu meia volta. Maiguru saiu do caminho para deixá-lo passar, ficou parada um momento, como se fosse dizer algo, depois pensou melhor e seguiu o marido para fora do cômodo.

Babamukuru não conseguia me deixar quieta.

– Tambudzai – ele voltou para me avisar –, ouça o que eu digo! Se você não quer ir ao casamento, você está dizendo que não quer mais morar aqui. Eu sou o chefe nessa casa. Qualquer um que desafie minha autoridade é um mal nessa casa, determinado a destruir tudo que conquistei.

Ele fez todo tipo de ameaça, parar de me comprar roupas, parar de pagar a escola, me mandar para casa, mas isso não importava mais. Babamukuru não sabia o quanto eu havia sofrido com a questão daquele casamento. Ele não sabia como minha mente tinha corrido e rodopiado e acabado por se dividir em duas entidades desconectadas que tinham longas e assustadoras discussões uma com a outra, falando muito alto, bem na minha cabeça, sobre o que deveria ser feito, metade insistindo maniacamente em ir, a outra metade igualmente se recusando a considerar o assunto. Eu sabia que não era

má por ter passado por todo esse terror até ter certeza da minha decisão, então, quando Nyasha perguntou se eu iria, fui capaz de lhe dizer calmamente: “Não”. Mas aceitei que estava abandonando meu direito à caridade de Babamukuru. Tirando minha mala do topo do armário, comecei a arrumar minhas coisas. Então me lembrei de que elas não eram minhas coisas e as coloquei de volta em seus lugares. Depois disso, não havia mais nada a fazer, então eu fiquei parada no meio do quarto.

Nyasha estava me observando.

– Você devia ter nos dito antes, se era tão importante assim – ela disse. – Sério, Tambu, era o que você devia ter feito. Será que devo ir como madrinha? Vai ser melhor se você só tiver que assistir?

Eu não respondi. Para mim, ela pertencia a Babamukuru e suas crenças, e eu, não. Sim, Nyasha, pensei amargamente, podemos trocar os vestidos porque é tudo uma piada. E agora a piada chegou ao fim. Você me disse que isso tudo ia passar.

– Ele não vai mandar você de volta para casa – Nyasha me tranquilizou. – Meu Deus, é claro que não. Imagina o que as pessoas iam dizer.

Era muito difícil. Quando ela falava assim, eu sentia um ímpeto de sair em defesa de Babamukuru. Maiguru a chamou. Ela saiu do quarto e alguns minutos depois eu ouvi a partida do carro.

Eles me contaram que o casamento foi um enorme sucesso. A aldeia inteira foi ver o irmão de Babamukuru se casar. Esperavam entretenimento à altura, e não ficaram desapontados. Todo mundo ficou impressionado com a elegância da ocasião. Segundo todos os relatos, a noiva, com seu véu branco e sapatos de salto alto, estava mais feliz do que nunca, com todas as vontades satisfeitas, pela primeira na vida, por uma empregada robusta vestindo cor de pêssego, e unida no altar ao meu pai que a esperava, uma figura elegante em seu terno e sapatos novinhos em folha. Meu pai, uma figura elegante! Essa sim era uma imagem que me fazia sorrir. E

Babamukuru tinha matado um boi, sem nem falar dos bodes e carneiros, então havia muita carne para todos. Além disso, Lucia revelou que, com tantas pessoas por todos os lados, era impossível impedir que alguns copos de cerveja descessem por algumas gargantas, o que levava a alegria a proporções descontroladas. E a cereja no bolo, Babamukuru encantou a todos, exceto Maiguru e provavelmente Nyasha, anunciando durante a cerimônia dos presentes que estava dando a casa a seu irmão como presente de casamento e que, para que minha mãe não fosse incomodada em seu novo lar quando ele viesse visitar com Maiguru, ele construiria uma casa maior e melhor para a esposa. Quando vi as fotografias, tive certeza de que deveria ter ido. Mas eu não tinha como vê-las antes de tomar minha decisão, e a decisão, pelo menos, foi minha.

No dia depois do casamento, no domingo à noite, Babamukuru me chamou para a sala de estar. Ele sentou-se com Maiguru, ele na poltrona virada para a lareira, ela no sofá. Sentei-me no assento que ocupei na primeira vez em que estive em conferência com Babamukuru, no dia em que cheguei à missão. Mas desta vez meus sentimentos eram totalmente diferentes. Eu estava com medo do que viria a seguir.

Babamukuru conversou comigo calmamente, com autoridade e por muito tempo, me disse como ele estava decepcionado por eu ter me tornado tão rebelde quando ele estava fazendo tanto por mim, quando ele me colocava há quase dois anos como um exemplo de virtude filial para a filha rebelde seguir. Babamukuru disse que eu tinha que ser punida por minha desobediência e que, embora ele não gostasse de me bater, porque eu já estava em uma idade na qual podia ser tratada com maturidade, meu comportamento havia mostrado que eu ainda não era madura e que uma surra poderia acelerar o processo. Levei quinze chicotadas, já que tinha feito quinze anos em abril. Por causa da gravidade do meu crime, Anna

recebeu duas semanas de licença e eu assumi seus deveres.

Realizei essas tarefas sombriamente, com um profundo e grato prazer masoquista; para mim esse castigo era o preço a pagar pela minha personalidade recém-adquirida. Nyasha não ficou impressionada quando confessei esse segredo.

– E o que aconteceria – ela perguntou – se ninguém punisse você? Aposto que você puniria a si mesma. Sério, Tambu, aposto que era isso que você faria.

Ela estava furiosa com a severidade do meu castigo e queria perguntar a Babamukuru se ele pretendia me educar ou me matar. Ela insistia em me ajudar, apesar de isso ser proibido, e teria me ajudado mesmo. Ela teria acordado às quatro horas para me ajudar a limpar a sala e preparar o café da manhã. Ou então ela teria cozinhado a refeição da tarde enquanto eu fazia a limpeza, de modo que tudo o que tínhamos a fazer na hora do almoço era preparar o sadza, além de aquecer o resto. Ela teria me ajudado a encarar a louça quando voltássemos da escola à tarde, cozinhar a refeição da noite e limpar os quartos além disso. Ela teria feito tudo isso por mim se eu tivesse deixado, mas agora eu estava com tanto medo de Babamukuru e da minha ousadia por tê-lo desafiado uma vez que implorei que ela não fizesse, e quando ela viu como eu estava transtornada, ela concordou em não ajudar. No fim, eu não fiquei tão sobrecarregada de tarefas. No segundo dia do meu castigo, depois de a desordem do dia anterior deixar claro que a vida seria desconfortável sob esse novo sistema, acordei com Sylvester limpando a sala de estar. Ele também colocou a mesa para mim e, quando voltei da escola, a louça do café da manhã estava limpa, a refeição pronta, a mesa recém-arrumada. Eu não sabia o que estava acontecendo. Eu estava apavorada que Babamukuru descobrisse e fizesse Sylvester parar. Então pensei que talvez Maiguru tivesse contado para ele e que tudo estava às claras. Mas não ousei abrir a boca, pois não queria dizer a coisa errada. Sylvester também manteve

seus pensamentos para si mesmo, então eu nunca descobri o que estava acontecendo. É claro que Babamukuru percebeu, ou talvez fosse ele que tivesse planejado. Seja o que for, ele não comentou e fiquei aliviada por ter alguma ajuda.

No primeiro sábado da primeira semana do meu castigo, Nyasha decidiu que, se Sylvester podia me ajudar no dia a dia, ela podia pelo menos ajudar com coisas grandes, como a roupa. Anna lavava a roupa às terças, quintas e sábados. Como eu ia para a escola, eu só tinha um tempo no sábado, então a roupa acumulou durante a semana e havia muito o que fazer no sábado. Apesar da quantidade, expliquei a Nyasha que o castigo era meu e que ela também seria castigada caso se responsabilizasse por ele.

– Desculpa privar você deste prazer – ela respondeu –, mas vou, sim, lavar a roupa.

Enquanto estávamos lá, ainda tendo dificuldade com os brancos, que consistiam principalmente nas camisas e roupas íntimas do meu tio e que tinham que ficar perfeitos, Lucia veio fazer uma visita, trazendo consigo o pequeno Farai, que tinha oito semanas de idade, mas parecia muito mais velho porque era bem grande.

– E de quem são essas camisas, hein? – ela provocou. – Não são do mwaramu. Essas a Anna lava. Então são dos namorados. Me digam os nomes.

– Sem namorados – Nyasha respondeu, em tom lúgubre. – Estamos sendo castigadas – e colocou um olhar tão triste no rosto que a punição ficou engraçada e caímos na gargalhada.

– E olha que é bem feito – Lucia disse, aprovando. – Com as coisas que vocês fazem. Olha só as duas. Rindo! Eu conheço vocês. Vocês são impossíveis! – depois ficou séria e queria saber por que estávamos sendo punidas, e expliquei que, na verdade, o castigo era meu e Nyasha estava apenas ajudando. Contei a ela também o que havia acontecido, achando engraçado agora que o problema havia se resolvido, mas Lucia não gostou do que eu contei.

– Babawanguwe! – ela exclamou quando terminei. – Mas tem mesmo gente doida nesse mundo, né?

Esse tipo de conversa me deixava desconfortável porque Babamukuru tinha assumido proporções gigantescas no meu subconsciente. Por um momento, pensei que ele ia aparecer repentinamente e fazer algo terrível, como tirar o trabalho de Lucia se a ouvisse falar assim.

Nyasha não tinha esses receios.

– Exatamente – ela bufou. – Como se os filhos tivessem que estar no casamento dos pais! – olhando desse jeito, era impossível ficar com medo. Rimos até cansar, mas Lucia franziu os lábios e foi para a sala de estar. Ela foi ríspida com Maiguru quando Maiguru foi cumprimentá-la.

– Babamukuru está aqui, Maiguru? – ela perguntou depois de nada mais do que um aperto de mão rápido e uma ou duas perguntas sobre a saúde de Maiguru. Maiguru reconheceu os sinais e seguiu cautelosamente.

– O que há de errado, Mainini? Vejo que você está chateada.

– Não se preocupe, Maiguru. A questão diz respeito a Babamukuru.

– Tem certeza, Mainini?

– Tenho, Maiguru.

– Não pode falar com ninguém além de Babawa Chido?

– Tem que ser Babamukuru.

A atitude de Lucia ofendeu Maiguru, que normalmente não deixaria uma visita sozinha, mas dessa vez se retirou até Babamukuru voltar. Quando, eventualmente, Babamukuru chegou, Lucia foi franca com ele. Ela lhe disse abertamente que eu não deveria ser punida tão severamente.

– Você perguntou a ela o que estava pensando? – ela demandou. – Você perguntou à minha irmã se ela queria que a filha estivesse presente? O casamento mesmo. Você perguntou à minha

irmã se ela queria aquele casamento? Não acho que a criança tenha cometido um erro tão grave por não ter querido ir.

Alguma coisa tinha acontecido, não sei se com Lucia ou com Babamukuru, que o permitiu ser paciente com ela.

– Entendi, Lucia – ele explicou –, você acha que Tambudzai está sendo punida porque ela me fez mal. Não é isso, Lucia, mas crianças devem ser obedientes. Se não são, devem aprender. Para que elas desenvolvam bons hábitos. Você sabe que isso é muito importante, principalmente no caso das meninas. Minha esposa não teria me desobedecido da maneira que Tambudzai fez.

– Bom, Babamukuru – Lucia disse, preparando-se para sair –, talvez quando você se case com uma mulher, ela seja obrigada a obedecer a você. Mas algumas de nós não são casadas, então não sabemos ser assim. Por isso pude dizer francamente o que está em meu coração. É melhor assim, para que amanhã eu não vá pelas suas costas e diga a primeira coisa que me vem à cabeça.

Babamukuru aplaudiu Lucia depois de ela ir embora.

– Aquela lá – ele riu para Maiguru –, ela é como um homem.

– Eu acho que ela está certa – Maiguru se aventurou. – Talvez Tambudzai não precise mais ser punida.

Babamukuru riu de novo.

– Ma’Chido! Não me diga que você prestou atenção em Lucia. Você sabe que ela diz a primeira coisa que vem à cabeça. Quanto a Tambudzai, vamos a estragar se a deixarmos seguir desse jeito. Ela deve ser disciplinada. Ela deve terminar o castigo.

– Você esquece, Baba – Maiguru persistiu –, que o irmão dela morreu nesta casa? O que os pais dela vão pensar quando ela contar como foi punida. Na verdade, esse castigo é demais para a criança.

– Poxa, qual é o problema, Mai? Não há necessidade de falar disso. Tambudzai é filha do meu irmão, eu sou pai dela. Eu tenho o direito de discipliná-la. É meu dever.

E então Maiguru disse muitas coisas.

– Sim, ela é filha do seu irmão – disse. – Mas quando se trata de pegar meu dinheiro para alimentar ela e o pai dela e toda a sua família e gastá-lo em casamentos ridículos, é aí que eles também se tornam meus parentes. Deixe-me dizer, Babawa Chido, que estou cansada de minha casa servir de hotel para sua família. Estou cansada de servir de empregada doméstica para eles. Estou cansada de não ser nada em uma casa que me mato de trabalhar para sustentar. E agora mesmo aquela Lucia pode entrar aqui e me dizer que as coisas que ela discute com você, aqui em minha casa, não são da minha conta. Estou farta disso, Babawa Chido. Fique sabendo, para mim já chega!

Nós conseguíamos ouvi-los brigando. Nyasha, que tinha pegado um balde cheio de roupas para levar para o varal, parou para ouvir, esqueceu o , deixou as roupas limpas caírem de volta na água suja e teve que fingir que precisavam de outro enxágue. Ela ficou abalada. Eu também. Nunca tínhamos ouvido Babamukuru e Maiguru brigarem antes.

– Ma’Chido – Babamukuru disse, pacificador –, essas não são boas palavras.

– Não, não são – Maiguru retrucou, afobada –, mas se não são boas coisas a serem ditas, também não são bons acontecimentos. Mas estão acontecendo aqui em minha casa.

– Não, Ma’Chido – meu tio a confortou. – Não é como você está dizendo.

– É como eu estou dizendo – ela insistiu. – E quando me calo, você acha que estou gostando de tudo. Então hoje resolvi dizer que não estou feliz. Não estou mais feliz nesta casa.

Babamukuru sentiu que já tinha ouvido o bastante.

– Então vá para onde vai ser feliz – disse rispidamente, e foi para o escritório.

– Não acho que ela vai embora – disse Nyasha, quando estávamos deitadas em nossas camas no escuro. – Mas nunca se sabe.

Ela nunca foi tão longe antes – havia uma admiração em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes quando ela falava da mãe.

– Mas você não quer que ela vá – sussurrei. – O que você faria sem ela?

– Não sei – a filha admitiu –, mas seria bom para ela se ela fosse.

Fiquei quieta. Nyasha não sabia nada sobre ir embora. Ela só tinha sido levada para lugares – para a missão, para a Inglaterra, de volta à missão. Ela não sabia que partes essenciais de você ficavam para trás, não importa quão violentamente você tentasse desalojá-las e levá-las com você.

– Você cresce – Nyasha disse, como se tivesse ouvido o que eu estava pensando. – Você cresce e aprende a compensar. É preciso. Não há outro jeito. É o que todos estamos tentando fazer, sabe. Todos nós. Mas é difícil quando tudo é planejado para você. É difícil quando tudo está resolvido. Até o jeito que você pensa.

Para nossa surpresa, Maiguru foi sim embora, de ônibus cedo na manhã seguinte. Ela não escapuliu no escuro, mas abertamente fez as malas, vestiu as roupas de viagem, tomou o café da manhã e saiu. Babamukuru ainda estava se sentindo ferido, por isso, pensei, ele a deixou ir, mas Nyasha tinha uma teoria diferente. Ela achava que Babamukuru simplesmente não acreditava que Maiguru faria aquilo. Faria, conseguiria fazer. Não faz diferença, ela disse. O ponto era que ele não acreditava.

Babamukuru, ela disse, esperava que a esposa amarelasse antes de chegar ao ponto de ônibus ou, o mais tardar, antes que o ônibus partisse. Teria sido útil, Nyasha disse, se as coisas tivessem acontecido dessa maneira, porque Babamukuru poderia sempre lembrar à esposa de que ela havia tentado ir embora e havia falhado. Infelizmente, ela me disse, Babamukuru tinha que esperar até Maiguru embarcar no ônibus para descobrir se ele estava certo ou não, e àquela altura já seria tarde demais para fazer algo a respeito.

Fosse esse o caso ou não, lembro-me de que havia algo grande e determinado em Maiguru, no modo como ela se decidiu e, sem fazer estardalhaço, executou seu plano. Até Nyasha ficou impressionada. Ela foi dar um abraço de despedida na mãe, mas Maiguru, querendo apenas ir, manteve-se fria. Nyasha ficou magoada, mas tinha o coração grande o bastante para não sentir ciúmes da mãe. “Acho que é algo que ela tem que fazer sozinha”, ela disse com tristeza.

Pessoalmente, pensei que Nyasha era um pouco desequilibrada para não ficar atordoada ao ser abandonada tão abruptamente. Nyasha, no entanto, não sabia do que eu estava falando. Ela não achava que sua mãe a abandonara. Ela achava que havia uma diferença entre as pessoas que abandonavam as filhas e as que se salvavam. Maiguru estava se salvando e estaria disponível para a filha quando fosse necessário.

– Nós vamos sobreviver – ela me garantiu. – Nós vamos conseguir de alguma forma.

Eu não tinha tanta certeza. Lidar com Babamukuru não era nada fácil. A partida de Maiguru só evidenciou isso. Mas Nyasha, que ainda não tinha testado o gesso da alma de Babamukuru, achava que Babamukuru era, como ela, flexível e, a longo prazo, se ajustaria de forma saudável. Assim, ela pensava apenas em termos da emancipação da mãe e isso a confortava.

– Vou dizer por que, Tambu – ela explicou. – Às vezes sinto que aquele homem me aprisiona, assim como a ela. Mas agora que ela fez isso, agora que ela se libertou, eu sei que é possível, então eu posso esperar – e suspirou. – Mas não é tão simples, sabe, sério, não é. Na verdade, o problema não é ele, sabe. Tipo, não é exatamente a pessoa. Está em tudo, em todo lugar. Então, para onde você corre? Você é apenas uma pessoa e isso está em todo lugar. Então, para onde você corre? Não sei, Tambu, sério, não sei. Então, o que você faz? Eu não sei.

Era verdade. Era uma triste verdade, trágica, no caso de

Maiguru, porque mesmo que houvesse algum lugar para ir, ela não teria conseguido, pois tudo que ela já tinha realizado, na forma de marido e dois filhos, estava na missão. Tentamos não desanimar ao pensar nisso, mas pesava muito em nossas mentes. Precisávamos nos tranquilizar, o que fazíamos inventando opções cada vez mais fantásticas para Maiguru.

– Ela vai voltar para a Inglaterra. Conseguir outro diploma – eu disse.

– Ela vai dar aula na Universidade – Nyasha replicou.

– Ela vai ser doutora.

– Ela vai abrir o próprio negócio – Nyasha sugeriu, e suspirou de novo. – Talvez ela pudesse ter feito isso. Mas agora é tarde demais – pobre Nyasha. Ela não conseguia contornar a desesperança.

Se Babamukuru estava triste com o desaparecimento de Maiguru, ele escondeu muito bem. Ele continuou a vida normal: acordar antes de tomarmos o café da manhã, voltar para o almoço e para o jantar, depois voltar para o escritório, até já estarmos na cama. Não sei o que teria acontecido se Chido não tivesse telefonado à noite, na quinta-feira após a partida de minha tia. Nyasha atendeu. Maiguru estava bem, Chido nos disse. Ela foi vê-lo. Ela estava passando algum tempo com o irmão e a família dele. Ela não sabia quanto tempo. Ela voltaria quando se sentisse forte o suficiente para isso.

Nyasha ficou chateada por Maiguru ter ido ficar com o irmão.

– Um homem! Ela sempre corre para os homens – ela disse, desesperada. – Não há esperança, Tambu. Sério, não há.

Ela também não queria que a mãe voltasse tão cedo. Era difícil dizer se ela queria que ela voltasse em qualquer momento. Ela achava que Maiguru não tinha tido tempo suficiente, que Babamukuru a apreciaria mais se ele sentisse a falta dela por mais um tempo. Por esses motivos, ela não sabia se deveria passar a mensagem de Chido

ou não, mas é claro que ela não tinha escolha, então esperou o pai até que ele voltasse para casa à uma da manhã, um pouco mais tarde do que o normal, para contar o que Chido havia dito.

– Obrigado – o homem grunhiu quando a filha repassou a mensagem, e foi para o quarto.

Nyasha veio para a cama, mas antes de adormecermos, o sedã verde roncou na entrada, as luzes inundando nosso quarto por um instante antes de se retirar para a noite. Babamukuru voltou às oito horas da manhã seguinte, trazendo a esposa com ele.

Maiguru esteve ausente por apenas cinco dias, mas os novos ares lhe fizeram bem. Ela sorria com mais frequência e menos mecanicamente, se preocupava menos conosco e estava mais disposta ou capaz de falar sobre coisas sensatas. Embora ela ainda chamasse Babamukuru de Papaizinho, ela quase não falava mais daquele jeito infantil.

– Que desperdício – Nyasha lamentou, notando a diferença. – Imagina o que ela poderia ter sido se tivesse sido expostas às coisas certas! – e depois confessou que estava tendo uma de suas raras pontinhas de culpa, porque no fundo estava feliz por ter a mãe de volta em casa.

Nove

Um dia, lembro-me que estávamos no final do terceiro trimestre, porque foi pouco antes dos nossos exames do Fundamental Sete, as freiras vieram à missão. Estávamos muito concentrados nos estudos. As aulas já tinham terminado porque, segundo nosso professor, ele havia nos passado toda a ementa, então agora cabia a nós reter bem o que ele havia nos ensinado em nossas mentes. Assim, em vez de aulas, tínhamos períodos de revisão. O Sr. Sanyati nos dividia em grupos e nos mandava lá para fora com o ciclo de vida do mosquito Anopheles, as datas da Guerra dos Bôeres, o comum, o comparativo e o superlativo de adjetivos irregulares, e esperava que pudéssemos recitá-los de cor quando voltássemos para a sala de aula. Com tudo isso na cabeça, talvez não tivéssemos prestado muita atenção nas freiras quando elas chegaram na escola em sua Kombi novinha. Mas a nossa missão era Protestante. Não tínhamos contato com freiras, só sabíamos que eram seres espirituais e castos que dedicavam suas vidas pias e devotas ao serviço de Deus. Era por isso, sabíamos, que a Igreja Católica Romana era superior à nossa: ela conduzia a toda essa virtude. Assim, quando as freiras chegaram à missão e vimos que, em vez de murmurar bênçãos e deslizar como serafins sobre a grama vestindo hábitos esvoaçantes, elas usavam blusas e saias elegantes e andavam, riam e conversavam em vozes fanhas, como os nossos missionários americanos, ficamos muito decepcionados.

Vê-las assim de perto, descobrir como eram comuns, acabou com grande parte dos mitos sobre elas, ou pelo menos as partes que importavam, já que a questão do sexo não era uma obsessão para nós, e de qualquer maneira não tínhamos como julgar sua castidade. Mas nem tudo foi decepcionante. Algumas partes estavam à altura do que esperávamos, como seus sorrisos beatíficos ao observarem

enquanto o Sr. Sanyati exibia nossos talentos. Claro que fui escolhida primeiro para recitar um poema. “Hamelintown’s in Brunswick by famous Hanover City”, comecei, arrancando um suspiro de admiração da classe, que sabia que eu era inteligente, mas não tão inteligente assim, não tão inteligente a ponto de decorar um poema tão longo, um de que eles nunca tinham ouvido falar, e declamá-lo tão bem. Balbuciei todos os versos em uma velocidade delirante, porque quanto mais rápido você recitasse esse tipo de coisa, mais fluente você evidenciava ser. Depois dançamos para as freiras, em um círculo, cantando e batendo palmas. Depois disso, fizemos que elas assistissem a uma peça. Elas adoraram a coisa toda.

Elas nos passaram um teste, o que nós achamos muito injusto, pois não fomos avisados e não tivemos tempo de nos preparar. O Sr. Sanyati disse que não era para nos preocuparmos pois era um teste de conhecimentos e habilidades gerais, mas isso só nos deixou mais confusos. Conhecimentos gerais tudo bem, mas nunca havíamos estudado habilidades gerais. Parecia estrangeiro e sofisticado e terrivelmente difícil. O Sr. Sanyati nos disse que as freiras tinham vindo lá da missão delas para que fizéssemos este teste e juntou todas as meninas do Fundamental Sete A em uma sala de aula para responder perguntas sobre Louisa M. Alcott e *Mulherzinhas*, para multiplicar sete nozes por vinte e três nozes por quarenta e oito nozes por zero nozes, e selecionar o item que não fazia parte de um grupo de botas, galochas, sapatos de neve e chinelos.

Depois do exame, as freiras queriam falar conosco. Uma por uma, fomos conduzidas para vê-las. Ficamos bastante impressionadas com elas depois disso. Achamos que elas eram muito gentis e definitivamente sagradas por mostrarem interesse em nós, pois estavam mesmo interessadas, nos fazendo todo tipo de perguntas sobre nossos pais e amigos e o que gostávamos de fazer em nosso tempo livre. Fiquei encantada que pessoas, pessoas brancas, aliás,

achassem meu passado interessante. Também pensei em contar-lhes sobre Babamukuru, para mostrar que minha família tinha um ramo desenvolvido, mas elas estavam mais interessadas em meu próprio pai e em minha vida na propriedade.

No fim, as freiras tinham vindo nos recrutar. Tivemos muitas conversas emocionadas quando descobrimos que havíamos passado por exames de admissão. Uma ou duas meninas conheciam alguns católicos e nos contaram, sussurrando, sobre as práticas nefastas das freiras. Aparentemente, o que elas faziam era o seguinte: elas levavam você para a escola e, depois do Avançado Dois, tentavam convencer as alunas a ingressar na ordem. Seus métodos não eram particularmente sutis. Mais bolsas eram oferecidas e ficava claro que as recusar indicaria uma falta de elegância abominável. Nessas circunstâncias, muitas das meninas achavam mais prático adotar o hábito de noviça, mas a maioria acabava descobrindo que não tinha vocação. Os votos eram ainda mais comprometedores e era comum meninas engravidarem para escapar deles. Essas foram as acusações feitas contra as freiras, que não fizeram muito para dissipar o glamour que, muito atraente, pairava ao redor da perspectiva de estudar em um convento. E não apenas qualquer convento, mas um convento multirracial. Uma prestigiada escola particular que fabricava moças garantidas. Nesse convento, que ficava fora da cidade, mas para o outro lado, ao sul, você usava saias plissadas de poliéster para ir à aula todos os dias e, aos domingos, um terninho de linho de duas peças feito sob medida com luvas, sim, até com luvas! Todas nós queríamos ir. Era natural. Mas apenas duas vagas estavam em disponíveis, duas vagas para todas as meninas africanas do Fundamental Sete do país. O efeito foi drástico e perigoso. Paramos de gostar umas das outras como antes, para caso a outra fosse selecionada e tivéssemos que sofrer pontadas de ciúmes enquanto ela se elevava em *status* e estima. Achávamos que não era justo, o que era verdade; mas nada nesse teste foi justo. Ninguém havia se

preparado para o teste, enquanto eu estava me preparando desde que chegara à missão. Com a biblioteca variada e exótica de Nyasha para digerir, e tendo que lidar com sua personalidade experimental, sua insistência na busca por alternativas, sua paixão por transmutar o presente no possível; tendo que lidar com tudo isso, o que eu fiz em um nível puramente intelectual, não por achar que fazia sentido, mas porque era divertido e eu amava minha prima e a admirava, depois de lidar com esses desafios intelectuais por quase dois anos, eu estava muito à frente das minhas colegas em conhecimentos e habilidades gerais. Portanto, não é de surpreender que eu tenha ido muito bem naquele teste, ganhando o privilégio de me associar à elite da época, o privilégio de ser admitida a sua cultura de forma honorária.

É claro que eu não entendi a gravidade da minha situação na época, já que minha única experiência com aquelas pessoas tinha sido através da caridade de Doris e com os enfáticos missionários da missão. Mas Nyasha as conhecia e ficou preocupada. Ela não conseguiu esconder, nem sequer tentou esconder, seu desapontamento quando lhe contei como estava animada, sobre a experiência que teria, sobre como era uma grande oportunidade, e como eu pretendia aproveitá-la ao máximo. Ela acreditava que essa oportunidade traria mais males do que vantagens. Seria uma ótima oportunidade, ela disse sarcasticamente, para esquecer. Para esquecer quem você era, o que você era e por que você era isso. O processo, ela explicou, se chamava assimilação, e era isso que se destinava aos poucos que já cedo demonstravam que poderiam se tornar um incômodo se permanecessem independentes, e quanto aos outros – bem, na verdade, quem se importava com os outros? Então eles criavam um espacinho no qual você era assimilada, um espaço honorário no qual você podia se juntar a eles e eles podiam garantir que você se comportasse. Essa posição seria confortável para mim, ela comentou maldosamente, era só ver como eu agia com

Babamukuru. Mas, ela insistiu, não se devia ocupar esses espaços. Sério, era preciso se recusar. No meu caso, isso significava não ir à missão das freiras. “Você vai ser seduzida pelos truques delas”, disse, apontando que eu seria educada de modo muito mais útil na missão.

Se ela não tivesse dito isso, a última parte sobre a educação na missão, eu talvez tivesse acreditado nela, mas todo mundo sabia que as escolas europeias eram melhor equipadas, tinham professores melhores, móveis melhores, refeições melhores, tudo melhor. A ideia de que qualquer coisa em nossa missão poderia ser melhor do que a deles era claramente ridícula. Além disso, uma vez que você recebia um lugar em uma dessas escolas, podia seguir estudando até concluir os níveis avançados. Você não precisava se preocupar com exames eliminatórios a cada etapa do processo. Era assim que era. Era assim que seria. Se você fosse esperto, tiraria proveito de qualquer brecha que encontrasse. Eu, pelo menos, aproveitaria toda oportunidade que surgisse no meu caminho. Eu tinha certeza disso; estava muito determinada. A mais nova oportunidade era essa de ir para o convento. Eu iria. Eu tinha certeza absoluta. Eu não era cética como Nyasha. Como eu poderia esquecer meu irmão e as espigas, minha mãe, a latrina e o casamento? Isso tudo evidenciava os fardos aos quais minha mãe sucumbira. Ir para o convento era uma chance de aliviar esses fardos, entrar em um mundo onde os fardos eram leves. Eu arriscaria. Eu aliviaria meus fardos. Eu iria. Se Babamukuru me deixasse.

Ainda assim, Nyasha não se impressionava.

– Sério, Tambudzai – ela disse muito séria depois de eu terminar de glorificar meus interesses –, sempre vão existir irmãos e espigas e mães cansadas demais para limpar latrinas. Você indo para o convento ou não. Existem coisas mais importantes do que isso.

Isso era típico de Nyasha, esse idealismo obstinado. Mas ela podia ser assim, pois era filha do meu tio bem-sucedido. Enquanto eu, eu precisava aproveitar todas as chances que me apareciam.

Babamukuru era da opinião de que eu já tinha aproveitado chances demais, e, além disso, ele concordava com Nyasha, que a experiência não seria boa para mim. Da poltrona que ficava de frente para a lareira ele me explicou por que eu não podia ir para o convento.

– Não é uma questão de dinheiro – ele me garantiu. – Embora ainda fosse haver muitas despesas da minha parte, você tem sua bolsa de estudos, portanto a maior parte dos gastos seria eliminada. Mas sinto que mesmo esse pouco dinheiro poderia ser usado de melhor forma. Por um lado, agora há o garotinho em casa. Todo mês eu guardo um pouquinho, bem pouquinho, um pouquinho todo mês, para que quando ele estiver em idade escolar tudo esteja acertado. Como você sabe, ele é o único menino da sua família, portanto os estudos dele devem ser garantidos. Quanto a você, achamos que estamos oferecendo mais do que o suficiente. Quando você terminar o Avançado Quatro, poderá seguir seu caminho, seja ele qual for. Com o tempo você vai começar a ganhar dinheiro. Você estará em posição de se casar com um homem decente e estabelecer um lar decente. Com tudo o que estamos fazendo, estamos preparando você para esta sua vida futura, e observei pelo comportamento de minha própria filha que não é bom para uma moça se relacionar demais com essas pessoas brancas, ter liberdade demais. Vi que as meninas que fazem isso não se tornam mulheres decentes.

Casamento. Eu não tinha nada contra, em princípio. De uma maneira abstrata, pensava que era uma ideia muito boa. Mas era irritante a maneira como sempre aparecia de uma forma ou de outra, esticando seus tentáculos para me prender antes mesmo de eu começar a pensar seriamente no assunto, ameaçando atrapalhar minha vida antes que eu pudesse a chamar de minha. Babamukuru me perdeu com sua conversa sobre casamento. Fiquei procurando fiapos no meu roupão, esperando a sessão terminar.

– O que vou dizer ao seu pai – meu tio continuou – é o

seguinte: se ele quiser enviar você para aquela escola, ele terá que encontrar dinheiro para tal. Eu não consideraria um dinheiro bem gasto. Mai – ele concluiu, virando-se para minha tia –, você tem algo a dizer sobre o assunto?

– Sim, Baba – Maiguru respondeu brandamente, sentada no sofá. A procura por fiapos terminou abruptamente. Escutei, incrédula.

– Tem! – Babamukuru exclamou e, recuperando-se, pediu que ela continuasse. – Seja franca, Mai. Diga o que está pensando.

Houve uma pausa na qual Maiguru cruzou os braços e se recostou no sofá.

– Eu não acho – ela começou cuidadosamente, com sua voz calma e tranquila – que Tambudzai seria corrompida se frequentasse essa escola. Você não lembra de quando fomos para a África do Sul, de como todos diziam que nós, as mulheres, éramos fáceis – Babamukuru se encolheu com a linguagem explícita. Maiguru continuou. – Naquela época o problema não era se relacionar com essa ou aquela raça. As pessoas tinham preconceito contra mulheres estudadas. Preconceito. É por isso que eles diziam que não éramos decentes. Isso foi nos anos cinquenta. Agora estamos na década de setenta. Fico desapontada que as pessoas sigam acreditando nas mesmas coisas. Depois de todo esse tempo, e sem nenhuma prova de que seja verdade. Não sei o que as pessoas querem dizer com mulher fácil: às vezes é alguém que trabalha na rua, às vezes é uma mulher estudada, às vezes é a filha de um homem importante ou é apenas bonita. Fácil ou decente, eu não sei. Tudo que sei é que se nossa filha Tambudzai não é uma pessoa decente agora, ela nunca vai ser, não importa onde estude. E se ela é decente, essa escola no convento não vai mudá-la. Quanto ao dinheiro, você mesmo disse que ela tem uma bolsa de estudos integral. Pode ser que você tenha outras razões para não querer que ela vá para essa escola, Babawa Chido, mas essas, a questão da decência e do dinheiro, são as que ouvi, então foram elas

que comentei.

Houve outra pausa durante a qual Maiguru descruzou os braços e descansou as mãos sobre as pernas.

Babamukuru pigarreou.

– Er, Tambudzai – ele disse, receoso. – Você tem algo a dizer?

No dia seguinte, Babamukuru me levou para casa para as férias de Natal. Minhas irmãs ficaram felizes de me ver pois eu as estava surpreendendo com minhas façanhas escolares. “Mauya wekuchirungu”, elas me cumprimentaram e eu, modestamente, recusei o título, não porque não o queria, mas porque Babamukuru não o tinha concedido.

Meu tio não ia ficar muito naquele dia. Não havia tempo para discutir a questão dos meus estudos. Meu pai, que ficava sempre muito entusiasmado na presença de Babamukuru, parabenizou Babamukuru por ter moldado tão bem a minha mente que mesmo pessoas brancas estavam impressionadas, mas Babamukuru recusou-se a seguir o assunto.

– Ainda não decidimos o que faremos com Tambudzai. Vamos discutir a questão quando eu vier passar uns dias no Natal.

Isso me deu esperança de que o discurso de Maiguru teria surtido algum efeito. Esperei impacientemente até o Natal, mas quando ele chegou, não trouxe consigo nenhum parente. Maiguru se recusou terminantemente a passar outro Natal servindo uma família de duas dúzias de pessoas. Então, por dez dias durante a época do Natal, Babamukuru ia e voltava entre a propriedade e a missão, às vezes trazendo Maiguru e Nyasha consigo, mas, mais frequentemente, vinha sozinho. Chido nós quase nunca víamos, porque ele sempre tinha outros compromissos. Minha mãe estava secretamente satisfeita por Maiguru não querer ficar na propriedade, embora naturalmente tivesse que emitir protestos educados, convidando-os para passar a noite ali toda vez que chegava a hora de

meu tio e minha tia irem embora para a missão. Ela estava muito orgulhosa de sua casa e de seu fogão a lenha, e não conseguia nem pensar neles sendo usados pela proprietária original. Tecnicamente, a situação era que Maiguru não tinha mais uma cozinha na propriedade, e a casa prometida ainda não tinha sido construída, e esse era provavelmente o motivo de ela ter se recusado a passar o Natal na propriedade. Outra consequência da falta de cozinha de Maiguru era que a ceia não seria tão abundante nem tão apetitosa quanto era quando ela a cozinhava. Teria faltado muita coisa se Tete e Babamunini Thomas tivessem vindo visitar naquele ano, mas mais ou menos uma semana antes do início das festividades os dois mandaram dizer que não poderiam comparecer. As fundações da casa de Maiguru começaram a ser construídas em meados de janeiro.

Foi na véspera de Ano Novo que meu tio e meu pai discutiram meu futuro. A discussão aconteceu dentro de casa. Fui obrigada a ficar escutando.

– Pode acabar estragando o caráter dela.... Aqueles Brancos, você entende... nunca se sabe – Babamukuru ponderou.

– Não – meu pai concordou. – Como vamos saber com aqueles lá? Nunca se sabe. Com os Brancos! Não. Nunca se sabe.

– Por outro lado – meu tio continuou –, ela receberia uma educação de primeira classe.

– Ah, sim, Mukoma, primeira classe. Primeira classe! – meu pai se entusiasmou.

– Eu não queria que ela fosse para essa escola... – disse Babamukuru.

– E para que, Mukoma? Por que ela iria? Sua missão é de primeira classe.

– ... por causa das razões que já expus – meu tio continuou. – Mas, considerando que essa é uma ótima oportunidade para a menina receber a melhor educação disponível na Rodésia, acho que não devemos lhe negar essa oportunidade. Decidi deixá-la ir.

Meu pai caiu sobre um joelho. Bo-bo-bo.

– Nós agradecemos, Chirandu, agradecemos, Muera bonga, Chihwa – entoou. –É verdade, não sobreviveríamos sem você. Nossos filhos não sobreviveriam sem você. Chefe da família, príncipe, nós somos gratos.

E assim tudo foi decidido. Eu daria outro passo em frente, na direção da minha liberdade. Outro passo para longe das moscas, dos odores, dos campos e dos trapos; dos estômagos raramente cheios, da sujeira e da doença, da adoração abjeta de meu pai por Babamukuru e da letargia crônica de minha mãe. E também para longe do Nyamarira que eu tanto amava.

A perspectiva dessa liberdade e seus possíveis preços me deixou tonta. Tive que me sentar, lá nos degraus em frente à casa. Depois, me senti anestesiada; depois, me senti melhor. O custo seria o equilíbrio. Eu levaria comigo aquilo de que precisava, o resto seria descartado. Valeria a pena, para poder vestir minhas irmãs com roupas bonitas, alimentar minha mãe até ela ficar encorpada e cheia de energia de novo, impedir que meu pai se humilhasse toda vez que estava na presença de Babamukuru. Dinheiro me possibilitaria tudo isso. E com a passagem que eu adquiriria estudando no convento, eu ganharia muito dinheiro.

– Não – Babamukuru estava dizendo, o rosto cintilando e competindo com a chama do lampião –, não me agradeça. Foi Tambudzai que estudou muito para conseguir essa bolsa.

Não escutei mais, mas me deixei levar pela minha imaginação. Eu me vi elegante e limpa em uma blusa branca e uma saia plissada de poliéster vermelho escuro, com blazer e luvas e um chapéu. Era uma imagem bonita, tão encantadora que precisei descrevê-la para minha mãe imediatamente. Ela estava na cozinha porque, apesar do fogão, preferia a velha fogueira. Ela dizia que se sentia mais confortável ao lado dela. Então ficava sentada lá, muitas vezes, como a encontrei desta vez, sozinha em sua esteira, amamentando

Dambudzo, que agora tinha nove meses, segurando-o no colo com uma mão e beliscando com a outra o sadza e o leite fermentado da ceia, desinteressada.

– Pensei que você não ia querer comer – ela se desculpou por começar sem mim. – Você demorou tanto para levar a comida até a casa.

Lavei as mãos, sentei-me ao lado dela e engoli uns bocados de sadza sem nem sentir o gosto, moldando-os com os dedos por muito mais tempo do que era necessário: meu apetite tinha sumido com as novidades que escutara. Sem nem conseguir acreditar em minha sorte, contei a minha mãe sobre a decisão de Babamukuru.

– Oof – ela suspirou longa e amargamente quando terminei. – Me diga, Tambudzai, aquele homem quer me matar, me matar com suas boas intenções, engordando meus filhos para levá-los embora, como o gado engorda para ir para o abate? Me diga, minha filha, o que eu, sua mãe, vou dizer quando você vier para casa cheia de manias e ideias brancas? Vai ser inglês, inglês o tempo todo. Oof, *Mummy* isso, ehe, *Mummy* aquilo. Que nem aquela sua prima. Já vi acontecer, nós vimos acontecer, aqui em nossa casa. Aquele homem está mesmo jogando uma maldição de azar na minha cabeça. Você sobreviveu à missão, então ele precisa mandar você para ainda mais longe. Para mim já chega, é o que eu digo, já chega daquele homem me separando dos meus filhos. Me separando dos meus filhos e controlando minha vida. Ele diz isso e temos que pular. Usar um véu, na minha idade, um véu! Imagina, usar um véu. Se eu fosse bruxa, eu enfraqueceria a mente dele, é verdade, é o que eu faria, e aí veríamos se a educação e o dinheiro o ajudariam.

Minha mãe piorou tão rápido depois disso que foi como se ela sim tivesse sido amaldiçoada. Ela comia menos e menos e fazia menos e menos, até que, dentro de dias, já não podia comer nem fazer nada, nem trocar o vestido que usava. Ela não ia até o Nyamarira para se lavar, ou até a horta. Nos poucos dias em que saía

da cama, ela levantava tarde e não fazia nada além de sentar no sol, alimentando Dambudzo quando ele chorava mas, para além disso, reagindo a nada. Dambudzo ficou com diarreia, fezes aguadas terríveis que não paravam de escorrer. Minha mãe disse que ele ia morrer, que bebês morriam quando tinham diarreia. Meu pai ficou apavorado de verdade e gastou os poucos centavos que guardava para a cerveja na passagem de ônibus até a missão. Quando voltou, disse que as enfermeiras achavam que minha mãe estava alimentando o bebê com mamadeira, e que a diarreia tinha sido causada por um bico mal lavado. Ele achava que a melhor coisa a fazer era levar minha mãe para um médium. Ele conhecia um bom na aldeia ao lado, mas eu fui contra. Eu não podia contar para meu pai sobre as desgraças que minha mãe tinha desejado para Babamukuru. Essas coisas não eram ditas em vão, e eu estava com muito medo de ela planejar alguma maldade terrível se tivesse a oportunidade de contratar os serviços de um médium. Além disso, eu sabia o que estava preocupando minha mãe. Um médium não poderia ajudá-la, mas eu poderia, não indo para o Sacred Heart. Mas isso era exigir demais de mim, então lembrei meu pai que Babamukuru não aceitava médiuns nem nada parecido. Meu pai não estava preocupado, dizendo que Babamukuru não ficaria sabendo, então ameacei contar para meu tio, e meu pai desistiu da ideia e mandou chamar Lucia, que veio imediatamente.

Takesure ficou muito satisfeito com isso, mas Lucia nem olhou para ele. Ela entrou direto em um regime que só posso chamar de tratamento de choque. Primeiro, Lucia fez minha mãe andar até o Nyamarira, simplesmente prendendo Dambudzo nas costas, pegando minha mãe pela cintura e andando com ela até lá. Depois, ela fez a irmã se lavar e lavar o bebê.

– Sisi – ela ameaçou, andando por onde a água alcançava a metade de suas panturrilhas e colocando Dambudzo em uma pedra –, olhe o que estou fazendo. Vou colocá-lo nessa pedra e deixá-lo ali,

bem no meio, no meio do rio. Se ele cair na água porque você não está fazendo nada para salvá-lo, é aí que você vai enlouquecer mesmo, porque dessa vez vai ser sua culpa.

Dambudzo, porque a pedra era quentinha e lisa e porque a água brilhava lindamente ao redor, achou que era uma brincadeira divertidíssima. Ele riu para Lucia e se arrastou até a borda para tocar na água. Bebês são espertos e não se arrastam para além das bordas, mas mães são ansiosas.

– Lucia – minha mãe disse –, Lucia, por que você está fazendo isso? Por quê? Por que você me atormenta? Por que não me deixa morrer? – e, tirando o vestindo, entrou na água e foi até a pedra para lavar a si e ao filho. Enquanto minha mãe se lavava, Lucia lavou o vestido dela, então quando minha mãe e Dambudzo estavam limpos, elas foram obrigadas a sentar no sol e esperar que a roupa secasse. Agora, diferente de uma enfermidade física, sobre a qual todos ficam sabendo, uma doença desse tipo é mantida em segredo, então quando outras mulheres vieram lavar roupa ou pegar água, elas viram minha mãe e Lucia e Dambudzo esperando relaxadamente que as roupas secassem, o que era algo normal na beira do Nyamarira. Além disso, todas ficaram muito contentes em ver Lucia e, por isso, foram muito animadas e alegres cumprimentar minha mãe e Lucia, repreendendo Lucia por ter estado longe por tanto tempo, rindo sobre como Dambudzo havia crescido, e que bonito rapazinho ele estava se tornando, e como todas as mulheres do bairro logo se apaixonariam por ele. Tudo isso era um ótimo remédio.

Quando elas voltaram, Lucia cozinhou o jantar, um ensopado espesso com um pouco de carne que tinha trazido consigo.

– Tambudzai – ela instruiu, quando meu pai estava por perto –, cuide para que ninguém encoste nessa carne. Ninguém além da sua mãe, que está doente e precisa recuperar as forças.

Naquela noite minha mãe e Lucia dormiram juntas na cozinha, o que irritou Takesure, que tinha chamado Lucia para dormir no

hozi. Elas conversaram quase a noite toda. Minha mãe adormeceu de madrugada e acordou às dez da manhã, descobrindo que Lucia havia feito mingau com leite, que o deixava muito mais grosso e com muito mais sustento. Lucia ficou mais dois dias, para se assegurar que minha mãe estava no caminho certo da recuperação antes de voltar para a missão. Ela não podia ficar mais, como ela, e todos nós, queríamos, porque apesar de estarmos em férias, ela estava oficialmente trabalhando, e também porque as provas do Fundamental Um aconteceriam no fim do mês e ela estava estudando muito. Uma semana depois de Lucia ir embora, minha mãe se sentiu forte o bastante para voltar a ir até a horta. A vida voltou à rotina normal de capinar e regar e visitar o Nyamarira com nossos barris de água e roupa para lavar.

No início da terceira semana de janeiro, Babamukuru mandou dizer que estava muito ocupado com as matrículas e não poderia me buscar como normalmente fazia. Eu devia voltar para a missão sozinha ainda naquela semana e me preparar para minha ida para o convento. Resmungando por causa dos gastos, meu pai me deu trinta centavos para a passagem de ônibus. Minha mãe estava triste, mas eu vi que ela estava se recuperando, então pude ansiar por esta nova vida para a qual estava avançando sem me sentir culpada. Me senti tão importante naquela viagem, tão adulta e importante comprando minha passagem e escolhendo meu assento. Sentei ao lado de uma mulher mais ou menos da idade da minha mãe, para que nenhum rapaz me incomodasse. Sem conseguir me conter, informei orgulhosamente que estava a caminho da casa do meu tio, que era o diretor da missão, e que ia me levar para o Sacred Heart.

Eu só passaria uma noite na missão antes de me dirigir para o Colégio para Moças do Sacred Heart. Uma noite não era longa e havia muito a ser dito. Eu mal podia esperar para ver minha prima, que quase não tinha aparecido na propriedade durante essas férias. Estava ansiosa para discutir com ela novamente e em detalhes a

abundância de pessoas e do eu que encontraria no convento.

Foi um baque descobrir, ao chegar, que ela ainda não tinha voltado da aula, e fiquei impaciente mesmo que não faltasse muito tempo para o fim das aulas naquele dia. As aulas da escola avançada terminavam às quatro da tarde, ou seja, quarenta minutos de espera e talvez mais vinte para dar a Nyasha tempo de guardar os livros, conversar com os colegas e andar até em casa. Mas as quatro e meia passaram sem trazer Nyasha para casa, e depois cinco e cinco e meia. Maiguru apareceu, mas não sabia onde a filha estava.

– Talvez jogando *netball* – ela sugeriu, então andei até a quadra, onde encontrei um grupo de meninas jogando bola para passar o tempo entre o fim das aulas e o jantar.

A distância, reconheci Jocelyn e Maidei, mas não vi nenhum sinal de Nyasha. Foi decepcionante, mas ainda era bom ver minhas amigas, especialmente Maidei, que eu não achava que veria de novo. Era praticamente certo que Jocelyn retornaria para fazer o Avançado Um, porque ela tinha ido bem no Fundamental Sete, sempre entre os doze melhores, mas Maidei quase nunca conseguia alcançar mais do que cinquenta por cento nas provas. Então foi uma surpresa, uma surpresa agradável, vê-la jogando a bola pelo arco. Foi especialmente bom vê-las agora, depois de seis semanas de férias, porque isso era muito tempo para passar sem ver os amigos, ou aqueles lugares habituais, ou os amigos nos lugares habituais. Quase tão ruim, foram seis semanas sem *netball*, seis semanas sem a camaradagem e a intimidade dessa competição amigável da qual ninguém sai perdedor. Ansiosa para colocar as mãos naquela bola, corri até o campo. Todas elas me viram chegando. Até hoje, posso jurar que Maidei me viu primeiro. Eu a vi parar com a bola nas mãos e apontar para as outras, mas enquanto corri até o campo elas ficaram frias e silenciosas. Elas me ignoraram. Doeu que minhas amigas se comportassem com tanta crueldade e eu era ingênua o suficiente para não entender por que isso estava acontecendo, então entrei no jogo de qualquer maneira,

entrando em campo e pegando a bola enquanto caía e marcando um gol. Por sorte – eu não era uma artilheira particularmente boa – a bola nem roçou as bordas. Isso quebrou o gelo.

– Ela tem praticado – Jocelyn zombou quando peguei a bola de novo, já que ninguém mais parecia interessada. Segurando-a a firme em minhas mãos, mirei cuidadosamente. Isso irritou tanto Maidei que ela arrancou a bola das minhas mãos.

– Não perca nosso tempo – ela disse, ríspida. – Estamos praticando para o time. Elas não jogam *netball* lá onde você vai, né? Então o que você está fazendo aqui? Basquete – ela cantarolou, quicando a bola de um jeito bem profissional – e hóquei e tênis e natação. É isso que você vai fazer. Com as Brancas. Conhecendo você, a próxima notícia que vamos ter é que você está indo para as Olimpíadas – e soltou uma risada alta no silêncio constrangedor que seguiu suas palavras, depois, sem lógica, se ofendeu com a própria voz. – Qual o problema de vocês? – ela estourou com as outras meninas. – Já cansaram de *netball* por hoje? É hora do jantar. Quem vem? – perguntou, e foi embora sem esperar resposta. Jocelyn ficou para trás para se despedir.

– Nos escreva quando chegar – ela disse. – Nós respondemos suas cartas.

– Sim – as outras concordaram, também indo embora –, vê se não vai nos esquecer.

Tristemente, pensativa, eu as assisti se afastarem. Não esquecer, não esquecer, não esquecer. Nyasha, minha mãe, minhas amigas. Sempre a mesma mensagem. Mas por quê? Se eu as esquecesse, minha prima, minha mãe, minhas amigas, seria o mesmo que esquecer de mim. E isso, é claro, não aconteceria. Então, por que todo mundo fazia tanta questão de me pedir para lembrar? Essas perguntas ficaram zunindo em minha cabeça enquanto caminhei até a sala de aula do Avançado Quatro A para procurar minha prima; perguntas, perguntas, perguntas, sem uma única resposta.

Nyasha estava em sua mesa estudando, tão concentrada no trabalho que nem percebeu minha presença até eu ficar ao lado dela e dizer oi. Ela respondeu meu cumprimento de forma abrupta, praticamente sem tirar os olhos dos livros e nem se incomodando em perguntar sobre minha família. Foi uma recepção triste a que Nyasha me ofereceu naquele dia, me fazendo pensar na menina fechada que tinha voltado da Inglaterra vestindo um vestido rosa-choque minúsculo, não na prima e amiga em que ela havia se transformado nos anos seguintes. Ela não me queria ali, aparentemente, mas eu não a via há três semanas, tinha ansiado tanto por vê-la durante essas semanas, e não tinha muito tempo antes de partir para o Sacred Heart. Eu não podia ir embora. Sentei e esperei, mexendo em meu cabelo, limpando minhas unhas e encontrando um pontinho no joelho para ficar apertando para passar o tempo. Quando parei de mexer no joelho, levantei a cabeça e encontrei Nyasha me observando tristemente. Ela desviou o olhar, confusa, e voltou a prestar atenção nos livros. Ela não parou de escrever, mas começou a falar.

– Vou sentir sua falta, Tambu – ela disse, parecendo se esforçar para manter a concentração nas anotações e assim evitar dizer mais que o necessário. No fim ela desistiu e olhou para mim. – Tem sido bom ter você por perto – ela disse –, e... – havia muito mais a ser dito, podíamos sentir as palavras pairando no ar, um fio que nos ligava e que nós duas queríamos agarrar, mas éramos desajeitadas demais. –... e vou sentir sua falta – foi tudo que ela conseguiu dizer.

– Também vou sentir sua falta – eu disse.

– Está na hora do jantar. É melhor irmos – ela disse, guardando os livros na mesa. Andamos até em casa em silêncio. A tristeza da partida pesava tanto sobre nós que mesmo a ideia de ir para o Sacred Heart, a novidade, a emoção, o glamour que eu esperava encontrar lá, nem sobre isso parecia valer a pena falar.

Baba e Maiguru já estavam sentados à mesa quando chegamos

em casa. Babamukuru não estava de bom humor.

– Er, Nyasha – ele perguntou, interrompendo o cumprimento dela e sem nem me ver –, você pode me dizer por que só está chegando a essa hora, às quinze para as sete?

– Eu estava trabalhando – ela respondeu, se sentando –, na sala de aula.

– Até essa hora? Eu já disse para você estar em casa às seis. Esse é um horário decente para uma menina decente estar em casa.

– Não tinha nenhum rapaz lá, se é com isso que você está preocupado – Nyasha ofereceu, imprudentemente.

– Nyasha, tente ficar quieta – Maiguru aconselhou.

– O que você disse? – Babamukuru perguntou à filha, a voz se erguendo de raiva.

– Nada – Nyasha disse. – Vocês me dão licença para sair da mesa?

– Você não vai a lugar nenhum – o pai respondeu. – Onde você acha que vai?

– Não estou com fome – Nyasha explicou.

– Você vai comer essa comida – o homem ordenou. – Eu e sua mãe não nos matamos de tanto trabalhar para você perder seu tempo com rapazes e depois vir para casa e desprezar o que oferecemos. Sente e termine seu jantar. Pode me ouvir. Coma!

Nyasha engoliu alguns bocados.

– Ela já comeu que chega, Baba – Maiguru disse, mas Babamukuru estava decidido. Ele estava muito irritado.

– Ela tem que terminar o jantar, todo. Ela está sempre fazendo isso, me desafiando. Eu sou pai dela. Se ela não quer me obedecer, vou parar de sustentá-la, a mensalidade da escola, comida, roupas, tudo.

– Nyasha, termine seu jantar – Maiguru advertiu.

– Jesus! – Nyasha suspirou e, dando de ombros, pegou o garfo e começou a comer, devagar no início, depois engolindo tudo sem

parar para respirar. O clima ficava menos pesado a cada garfada que ela engolia.

– Agora você pode ir – o pai falou quando o prato estava vazio.

Ela foi direto para o banheiro, passou um longo tempo lá. Pediu licença, saiu da mesa e esperei no quarto. Ouvi ela vomitar e se engasgar.

– Você está doente? – perguntei quando ela apareceu.

Ela sentou na cama pesadamente e balançou a cabeça.

– Não – respondeu depois de um tempo. – Fiz de propósito. Com minha escova de dentes. Não me pergunte o porquê. Eu não sei.

Ela ficou quieta por um tempo, sem olhar para mim, e quando me olhou de novo, seus olhos estavam atordoados.

– Sabe, Tambu – ela recomeçou, angustiada –, acho que ele está certo, certo por não gostar de mim. Não é culpa dele, é minha. Mas não consigo evitar. Sério, não consigo. Ele me irrita tanto. Não consigo ficar quieta quando ele resolve fingir que é Deus. Não é meu jeito. Por que não? Por que não consigo aguentar, como todo mundo? Eu deveria aguentar, mas, sério, não consigo.

Não havia nada que eu pudesse dizer que fosse verdade e que fosse ajudar, então não disse nada, só sentei ao lado dela e coloquei um braço ao redor de seus ombros.

– Era melhor – ela continuou – quando você estava aqui porque podíamos rir sobre isso, e parecia bobo e engraçado e eu conseguia seguir em frente. Mas agora que você vai embora, não vou ter ninguém para rir comigo. Não vai mais ser engraçado. Vamos levar as coisas muito a sério. Mas elas são bobas, sabe, sério, elas são. Imagina, todo aquele estardalhaço por um prato de comida. Mas é mais do que isso, na verdade, mais do que só comida. Isso é o que vem para fora, mas na verdade é todo o negócio com meninos e homens e ser decente ou indecente e boa ou má. Ele não para com as acusações e ameaças, e eu não estou conseguindo lidar muito bem. Às vezes tento olhar as coisas do ponto de vista dele, sabe, tradições

e expectativas e autoridade, esse tipo de coisa, e consigo entender o que ele quer dizer, e tento ser atenciosa e paciente e obediente, sério, eu tento. Mas daí começo a pensar que ele também precisa olhar as coisas do meu ponto de vista e ser atencioso e paciente comigo, e começo a revidar e lá vamos nós de novo. Acho que no fim não é um problema tão grande – ela disse, tentando sorrir. – Só vou ter que me esforçar mais para melhorar, só isso. Me desculpa por ter sido desagradável quando você foi me ver. É que... é que... bom, é como eu disse... vou sentir sua falta.

Depois falamos de outras coisas, basicamente sobre o Sacred Heart e o que eu faria lá, até estar na hora de dormir.

Dez

Animação. Antecipação. Exaltação e exultação. Era tudo igual ao primeiro dia em que fui para a missão, o dia em que comecei minha nova vida. Sim, tudo havia começado tão completamente naquela tarde de janeiro, há dois anos, quando fui para a missão, e continuava. Tudo estava se ajeitando. Todas as coisas que eu queria estavam se empacotando em uma caixinha bonita que se apresentou para mim com um floreio. Era para eu ter ouvido trompetes, sério, era mesmo. Pois, eu – eu, Tambudzai, recentemente da missão e, antes, da propriedade – eu, Tambudzai, há tão pouco tempo uma caipira, não estava entrando, como havia me prometido que entraria, em um mundo onde os fardos ficavam mais leves a cada passo, até desaparecerem? Eu quase acreditava que isso aconteceria quando eu passasse pelos portões da escola, aqueles portões que me proclamariam uma moça, membro do Colégio para Moças do Sacred Heart. Eu estava impaciente para chegar àqueles portões. O caminho até lá era muito longo. O carro precisava ir mais rápido para chegarmos a tempo.

Estávamos todos no carro, nós quatro, Babamukuru, Maiguru, Nyasha e eu. Babamukuru não estava feliz com este arranjo, não achava que Nyasha devia faltar à aula para me levar, mas ela tinha períodos livres durante a tarde e o monitor tinha permitido que ela faltasse as horas de estudo que normalmente ocupavam esse tempo. Maiguru deve ter conversado com Babamukuru também, porque embora ele parecesse irritado quando Nyasha entrou comigo no carro, ele não a mandou sair.

Maiguru, que há muito tempo não me paparicava, não pôde resistir nessa ocasião. Um prato com frango maravilhoso foi preparado para um almoço em minha homenagem, além de bolo de chocolate para a sobremesa, tão deliciosamente denso e molhadinho

da cobertura que até Nyasha esqueceu da dieta por tempo o bastante para engolir duas fatias. Sem explicação, a questão da merenda tinha escapado à atenção maternal de Maiguru, e embora eu tenha insistido que não precisava de biscoitos de chocolate e batatinhas e suco de laranja, ela insistiu que sim, eu precisava, então paramos na cidade para comprar essas coisas, adicionando vinte intermináveis minutos ao tempo de jornada que eu havia calculado. Maiguru comprou comida o bastante para alimentar um pequeno vilarejo por alguns meses. Nyasha me avisou que se eu comesse tudo aquilo, mesmo que espaçando durante todo o trimestre, eu acabaria incapaz de enxergar meus delicados sapatinhos por baixo da minha barriga. Nós rimos muito desse comentário, mesmo que nem fosse engraçado. Mas precisávamos rir para esquecer que esse era o fim da nossa proximidade e, por isso, de nossa amizade. Então, rimos estupidamente enquanto empilhávamos os pacotes, garrafas e latas no carro. Havia geleia, molho de tomate, todo tipo de coisa além dos biscoitos, sucos e batatinhas. Então, no momento em que Babamukuru deu partida no motor, Maiguru lembrou que eu precisaria de um copo para beber meu suco de laranja e voltou para comprá-lo. Eventualmente, chegamos ao Sacred Heart.

Nenhum de nós tinha estado lá antes, exceto Babamukuru. Ele fora várias vezes para falar sobre minha admissão com a irmã Emmanuel, que era madre superiora e diretora, e para pagar a ela uma única despesa, com meu uniforme, que, ele me disse duramente, cobriria os custos de mensalidade e alojamento na missão por um ano inteiro. Porque eu não tinha visto o lugar antes, fiquei encantada quando entramos pelos portões da escola. Os jardins eram majestosamente espaçosos. Eu nunca descobri quantos hectares de terra aquelas freiras possuíam, mas só de olhar pareciam centenas. Seguimos, devagar, porque havia quebra-molas, depois os campos de hóquei, quatro deles, dispostos lado a lado, além das quadras de tênis e de *netball*, sim, quadras de *netball*, e um bosque de coníferas que

pareciam declarar que dentro deste reino, nós deixávamos a província do físico e entrávamos no domínio da atividade mental, porque depois das árvores havia uma rotatória, saindo da qual ficavam os prédios da escola. Os dormitórios, claros e refletindo o branco no sol de verão, aproximavam-se de nós em um lado da rotatória, e as salas de aula ficavam do outro lado. Entre eles havia um arco, sustentado por pilares de gesso adornado de acordo, segundo me disseram, com o estilo grego, não o romano, e para além desse arco estavam a sala de jantar e a capela. A rotatória era placidamente verde, com um gramado extravagante e permanentemente úmido, interrompido em alguns pontos cuidadosamente selecionados, para que o verde não ficasse muito monótono, por arbustos floridos. Delicadas dormideiras soltavam tufo de amarelo e branco-prateado, poinsettias robustas salpicavam pitadas de carmesim e cor de pêssego no verde. Dois cisnes cruzavam elegantemente o lago que ficava no meio do gramado, e depois encontrei lá cardumes de peixinhos dourados, peixinhos dourados que não eram imitações baratas, mas, definitivamente, dourados. Seu brilho rico e avermelhado volteava para dentro e para fora das plantas aquáticas, na companhia de espécies mais exóticas que lançavam lampejos de vermelho, azul e prata junto ao ouro. Fiquei encantada, tão obviamente que Nyasha achou por bem me lembrar que eu estava ali para estudar, não passar férias. Relutantemente, voltei à realidade.

O nosso carro não era o único na rampa larga e marcada como uma estrada. Dezenas de carros estavam vindo de um lado da rotatória, parando pelo tempo necessário para deixar a filha bem acomodada, e descendo pelo outro lado. Havia mais carros no estacionamento na saída da rotatória do que eu já tinha visto em um só lugar na vida. Imaginei que todas as meninas, cada uma das trezentas alunas do Sacred Heart, haviam provavelmente trazido o próprio carro. E que carros eram aqueles, longos, esguios e

reluzentes. Fiz uma oração em agradecimento por Babamukuru ter decidido vir com o Ford verde, mas percebi que depois desse primeiro dia ele vinha sempre com o Rover. Nyasha percebeu, corretamente, que toda essa riqueza estava me deslumbrando. Ela pigarreou delicadamente.

– Com licença – ela murmurou, com uma voz pomposa –, mas você tem certeza que estamos no lugar certo?

– Como assim? – meu tio rosnou. – É claro que estamos!

O pé dele pressionou, certamente sem querer, o acelerador, nos fazendo passar direto por um quebra-molas, deixando nossos estômagos para trás e fazendo com que Maiguru e eu segurássemos a respiração e Nyasha soltasse um gritinho. Talvez Babamukuru estivesse preocupado com o custo do meu uniforme. Talvez por isso ele estivesse tão irritadiço naquela tarde, tornando o dia ruim para ele e para a filha.

– Nyasha – ele disse rispidamente –, pare com isso. Qual é o seu problema? Por que você não pode ficar quieta que nem a Tambudzai?

Encontramos uma vaga no estacionamento, o que não foi fácil, desembarcamos e andamos, indo na mesma direção do fluxo de pais e alunos que iam à frente, passando por uma calçada pavimentada de um jeito doido, com pedras cortadas em formas geométricas, e por um corredor de rosas branquinhas, até a porta que parecia ser a entrada principal. Antecipação. Decepção. Olhei e olhei e procurei com atenção, mas não via nem ao menos um outro rosto negro além dos nossos, exceto, é claro, os dos carregadores. Eles levavam as malas, mas nenhum deles se ofereceu para levar a minha.

Na porta, uma freira, sorrindo beatificamente, nos recebeu apertando nossas mãos e perguntando “E quem é essa?” antes de nos levar escada acima e por passagens até chegarmos em um quarto que ficava no fim de um longo corredor.

– Todos os alunos do primeiro ano moram neste corredor – ela

explicou no caminho. – E as africanas moram aqui – ela anunciou, triunfante, escancarando a porta para minha nova vida. O quarto estava vazio. Eu era, de fato, a primeira aluna negra do primeiro ano a chegar. Não era um quarto pequeno, mas também não era grande. Certamente não era grande o bastante para as seis camas que estavam ali, três em uma parede e mais três na outra, todas tão perto umas das outras que quase nem havia espaço para caminhar entre elas.

– Este é seu quarto – a freira disse, sorrindo primeiro para Nyasha e depois para mim, e confessando a própria confusão. – Sr. See-ga-ookey – ela sorriu –, era para você trazer só uma. Qual das duas é? – ela já tinha esquecido, mesmo que tivéssemos sido apresentadas na porta de entrada. Desejei estar de uniforme como as outras alunas que tinha visto. Desse jeito, ela saberia quem eu era. Mas meu uniforme era de segunda-mão. As freiras iam me entregar depois.

– Estava pensando, Irmã – Babamukuru começou, educadamente. – Eu pensei que as meninas dormiam em quartos com quatro alunas, mas estou vendo seis camas.

– Ah, sim – a Irmã sorriu, muito orgulhosa. – Temos mais africanas este ano do que normalmente, tivemos que colocar todas aqui.

– Mas só tem quatro armários – meu tio contestou.

– Inconveniente, não é mesmo? – a Irmã concordou. – As mais novas vão ter que dividir. Temos uma do sexto ano e uma do quarto ano neste dormitório também. Elas precisam de armários próprios.

Babamukuru olhou para mim.

– Venha, Tambudzai, vamos ajeitar suas coisas.

Baba e Maiguru arrumaram minha cama para mim, Nyasha, que queria ajudar, mas não tinha nada para fazer, só endireitou o lençol uma ou duas vezes. Enquanto eles faziam a cama, eu desfiz a mala. Como meu uniforme ainda seria entregue, trouxe comigo, além das

roupas de cama, só produtos de higiene, roupas de baixo e os dois vestidos casuais estipulados na lista de uniformes, então logo terminei. Quando tudo estava pronto, nos despedimos. Meu tio de um jeito sério e ansioso, Maiguru alegremente abrupta, e uma despedida inegavelmente feliz com Nyasha. Andamos até o carro. No pátio, Nyasha me abraçou.

– Divirta-se, sua africana – ela sorriu.

Nos separamos rindo e pedindo e prometendo cartas e respostas e visitas.

O trimestre iniciou e progrediu e Nyasha não veio visitar. Eu quase não notei a omissão. Você dirá novamente que sou insensível, mas não sou, estava apenas atordoada. Era tudo tão inebriante e opulento e novo que eu tinha certeza que estava no caminho do sucesso. Eu não queria ficar para trás, então mergulhei em tudo: línguas exóticas, como latim e francês e português, com estruturas de frase desconhecidas que falavam de bravos legionários os inimigos assolando e alunos que para as tias escreviam com canetas de pena. Fiquei pensando um pouco nessas construções tão estranhas, e depois lembrei que não estava mais escrevendo em inglês, e descobri, prestando mais atenção, que as estruturas eram bastante semelhantes às nossas. Ainda assim, eu ponderava, aquelas pessoas estrangeiras tinham coisas estranhas na cabeça: não parecia provável que se pudesse manter conversas normais nessas línguas. Também havia novos esportes para jogar, basquete, tênis e hóquei, com regras interessantes e sistemas de pontuação complexos a serem aprendidos. Havia freiras a serem observadas e classificadas de acordo com o fato de serem humanas ou não, professoras leigas cujas idiossincrasias precisavam ser identificadas para você não acabar sendo vítima delas. As alunas brancas precisavam ser observadas cuidadosamente para eu decidir se elas eram diferentes ou semelhantes a mim, se eram legais ou não e quais eram seus hábitos.

E o mais importante, mais maravilhoso, havia a biblioteca, grande, iluminada, com paredes de vidro de um lado e mobiliada com pequenos cubículos particulares onde você podia fazer sua lição de casa, ou simplesmente se perder em qualquer uma das centenas de livros tentadores cujas capas brilhantes nunca pareciam ficar sujas ou rasgar. O grande número de livros naquela biblioteca me deixou profundamente envergonhada por minha ignorância. Resolvi ler cada um daqueles volumes informativos da primeira à última página.

Com todos esses livros novos, a leitura ocupava tanto tempo que não havia mais tempo para sentir falta de Nyasha, ou de meu tio e tia; e se eu algum dia sentira falta de minha casa, há muito que já não sentia mais, depois da estadia com Babamukuru. Além disso, embora Nyasha não tenha visitado, ela escrevia com frequência. Ela escrevia cartas longas, expansivas e divertidas, cheias de detalhes lúcidos e irreverentes: o mais novo método de meu pai para extorquir dinheiro de Babamukuru; as fofocas mais recentes recolhidas no dormitório das meninas (Josie e Maidei não se falavam mais); o progresso de Maiguru em relação à sua emancipação e a maneira como Babamukuru estava lidando com uma esposa mais inflexível; que Lucia havia ido tão bem nas provas do Fundamental Um que tinha sido passada direto para o Fundamental Três; notícias sobre minha mãe – ela estava bem. Esta era a maior parte das novidades. Ela não escrevia muito sobre si, até que um dia recebi uma carta muito séria dela.

“Estou sentindo muito sua falta”, ela escreveu, “como eu sabia que sentiria, e até disse, mas eu não queria que você se preocupasse com isso porque sei como você se sente culpada, e eu não queria que a culpa fizesse você deixar de aproveitar sua sorte. Mas é um fato, estou sentindo sua falta, e sentindo muito. De muitos jeitos você é essencial para mim, para preencher algumas coisas que faltam em minha vida, e agora que você está longe, eu sinto esses espaços novamente. Acho cada vez mais difícil conversar com as meninas na

escola. Eu tento, Tambu, mas não temos muitos assuntos. Elas se ressentem por eu não ler aqueles romances e, se não os leio, é claro que não posso falar sobre eles. Se ao menos elas soubessem que quando eu tinha dez anos minha mãe me repreendia severamente por pegá-los sorrateiramente na estante de livros. Mas eu tinha dez anos há seis anos, é um longo tempo e perdi esse hábito. Eu deveria, acredito, ter adquirido outros hábitos mais úteis. Eu deveria ter aprendido a ser jovial e feliz, mas é difícil, sabe. Além disso, tenho certeza que elas têm outras razões para não gostar de mim. Elas não gostam do jeito que eu falo, do meu inglês, porque é autêntico, e do meu shona, porque não é! Elas acham que sou esnobe, que me acho superior a elas por não sentir que sou inferior aos homens (se dá para chamar os meninos da minha classe de homens). E tudo porque vou melhor que os meninos em matemática! Eu sei que não deveria reclamar, só que gostaria muito de sentir que pertença, Tambu, mas sinto que não é o caso. Passo muito tempo estudando e lendo agora que você não está aqui para distrairmos uma a outra, mas admito que anseio por essas distrações – não é por esmero que estudo tanto! Porém, acredito que seu tio esteja feliz com um ambiente mais quieto, e eu descobri que é mais sossegado mantê-lo contente, então ultimamente tenho feito de tudo para não o irritar. Imagine como isso é difícil. Impossível, aparentemente. Não consigo deixar de pensar que o que o irrita é que eu sou eu – nem de perto, admito, a filha ideal de um diretor sagrado, um patriarca venerado. Já pedi a ele muitas vezes para irmos visitar você (através de minha mãe, é claro – é sempre melhor ficar quieta quando ele está por perto), mas ele acredita que isso deixaria você mimada.

Essa carta me causou uma pontada de culpa. Pensei que estava sendo irresponsável. Colocando as páginas dobradas sobre minha mesa, onde as veria com frequência e me lembraria de escrever, resolvi responder assim que tivesse um tempo livre. Mas a pontada de culpa não passava de uma pontada que se dissolveu rapidamente

no fluxo de novidades e descobertas em que eu estava mergulhada. Nenhum momento livre apareceu no meu caminho, e também não criei um antes de receber a próxima carta da minha prima. Esta carta era do tipo usual. Animada e vivaz, Nyasha me atualizou sobre as fofocas da missão e anunciou que havia embarcado em uma dieta “para disciplinar meu corpo e ocupar minha mente. Quando você voltar, encontrará uma versão esbelta e sensual de mim.”

Essa foi uma das últimas cartas que recebi dela. Durante a segunda metade do trimestre as cartas se tornaram mais esparsas e eventualmente pararam por completo. De novo, confesso que não percebi. As treze semanas do trimestre galoparam tão rápido que enquanto eu ainda estava me perguntando quando ela escreveria novamente, Babamukuru veio me buscar. Preocupado e tenso, ele veio sozinho, explicando que Nyasha tinha preferido ficar com os livros. Não houve conversa no caminho até em casa, nenhuma pergunta do meu tio sobre as aulas, os dormitórios, as amigas ou a comida, e quando perguntei sobre Maiguru e a missão, ele resmungou tão distraído que desisti de tentar. Fiquei desapontada, porque as cartas de Nyasha tinham me feito acreditar que o temperamento dele tinha melhorado, mas não fiquei pensando em minha decepção. Se não fosse Babamukuru, havia Nyasha para emprestar um ouvido atento à torrente de novidades sobre tudo que acontecia em Sacred Heart e que eu estava explodindo para contar.

Nyasha estava mesmo esbelta quando veio correndo me recepcionar, jogando os braços ao meu redor antes até de eu sair do carro. Na verdade, esbelta demais. Na minha opinião ela tinha ficado definitivamente magra, mas eu sabia que ela preferia ossos à voluptuosidade, então não disse nada.

Não fiquei muito tempo na missão durante aquelas férias. Babamukuru me levou para casa no dia seguinte. Também não passei pela missão no meu caminho de volta ao Sacred Heart no início do segundo trimestre, então não pude ver minha prima de novo até as

férias de agosto. Três meses haviam se passado. Nesses três meses, ela tinha ficado esquelética. Era até patético de ver, mas quando ela me abraçou, fiquei surpresa com a força em seus braços, tão frágeis que parecia que iam estalar se ela levantasse uma caneta. Ela me abraçou brevemente, dizendo que esperava que o segundo trimestre tivesse sido tão interessante quanto o primeiro, e desapareceu na casa com uma mala enquanto eu descarregava o resto da minha bagagem e a seguia para o nosso quarto. Lá eu a encontrei absorvida em um texto de História. Ela não falou quando entrei – um breve sorriso me informou que estava ocupada. Ela trabalhou até a hora do jantar. Quando Anna chamou, ela guardou os livros e foi para a mesa. Ela se sentou em silêncio e isso foi o começo de um drama horivelmente estranho e sinistro. Babamukuru serviu uma grande porção de comida para a filha e colocou diante dela, observando-a disfarçadamente enquanto ele mordiscava casualmente a própria refeição para nos convencer de que estava calmo. Nyasha encarou o prato com raiva, lançando olhares angustiados para o pai, bebeu dois copos de água, depois pegou o garfo e enfiou a comida na boca, engolindo sem mastigar e sem parar, a não ser para tomar mais uns goles de um terceiro copo de água entre garfadas. Maiguru concentrou-se em comer e preocupou-se, colocando outro pedaço de carne, outra colher de legumes no meu prato e conversando alegremente sobre minhas aulas, minhas amigas e a comida no Sacred Heart. Quando o prato de Nyasha estava vazio, os dois relaxaram e a atmosfera voltou quase ao normal. Nyasha pediu licença imediatamente. Eu pensei que ela tinha ido para o quarto para ler, mas quando a segui até lá, o cômodo estava vazio. Eu conseguia ouvi-la vomitando e se engasgando no banheiro.

Ela voltou silenciosamente para os livros, desta vez um exercício de matemática, e ainda estava trabalhando quando me virei para dormir às onze horas. Nas primeiras horas da manhã, algo me cutucou até me acordar. Era Nyasha.

– Você pode me ajudar? – ela perguntou timidamente. – Não consigo chegar na resposta certa. Deveria conseguir, mas fico errando – não era um problema difícil. Ela tinha feito um erro por falta de atenção. – Que tonta – ela disse, quando encontrei o erro. – Não estou me concentrando o bastante.

Babamukuru queria me levar para casa no dia seguinte, no dia seguinte à minha chegada. Ele disse a Maiguru que me dissesse no café da manhã para estar pronta na hora do almoço. Eu não queria ir, senti que não podia. Eu não podia deixar minha prima naquele estado. Sabe como é quando a pedra angular da sua segurança começa a desmoronar. Você começa a se preocupar consigo mesma. Por esse motivo, mesmo que houvesse outros menos egoístas, eu sabia que não podia ir embora. Então, meu tio tinha que ser informado. Eu precisava dizer a ele que não iria, mas como fazer isso? Eu podia estar me tornando uma moça e sendo educada no convento, mas de que servia ser uma moça estudada na propriedade? Ou na missão? Eu era e continuaria sendo Tambudzai, a filha. Babamukuru ainda era e sempre seria o mais próximo que um ser humano poderia chegar a Deus. Então, embora soubesse que tinha que falar com ele, não fazia ideia de como isso poderia ser feito.

Pensei em ligar para ele no escritório, cheguei ao ponto de discar o número e esperar que ele atendesse, mas ele não estava lá. O telefone tocou e tocou. Fiquei mais aliviada a cada chamada: afinal, não precisaria falar com ele. Em vez disso, pensei em escrever uma carta, depois pensei novamente e decidi que, já que ele retornaria na hora do almoço, seguraria minha coragem com as duas mãos, fecharia meus ouvidos e minha consciência de filha e o confrontaria. E enquanto eu fazia esses planos, sabia o tempo todo que isso não podia ser feito.

Então, não fiquei surpresa quando quase recuei. Babamukuru ficou irritado na hora do almoço porque Nyasha se recusou a sair do quarto. Ele queria entrar lá e arrastá-la para a mesa, mas Maiguru

conseguiu dissuadi-lo. A filha dele estava tão frágil, ela disse, o choque poderia causar-lhe sérios danos.

– E ficar sem comer – ele exclamou –, você quer dizer que ficar sem comer não faz mal a ela? – eventualmente, ele se acalmou. – Talvez você esteja certa – ele concedeu a Maiguru. – Ela janta quando tenho tempo para supervisioná-la adequadamente. Sim, acho que você está certa, Mai. Isso não é tão sério. O que ela precisa é descansar.

No entanto, era sério. Nyasha estava perdendo peso de forma constante, contínua e rápida. Ele caía de seu corpo quase de hora em hora, e o que restava dela estava grotescamente débil devido aos líquidos vitais que ela mandava pelo vaso sanitário. Ele não sabia? Ele não via? Eu não podia fazer essas perguntas. O máximo que pude fazer foi pedir, em voz baixa e tímida, para ficar, com Nyasha, especifiquei, por mais alguns dias. Ninguém ficou mais surpreso com a minha audácia do que eu. Babamukuru não respondeu, mas não fui levada para casa. Não encarei isso como uma vitória. Encarei como prova de que Babamukuru era bom.

Nyasha ficava mais fraca a cada dia. Ela cambaleava quando caminhava e todas as noites eram iguais. Apesar de estarmos de férias, ela estudava quatorze horas por dia para garantir que passaria nos exames avançados. Ela trabalhava até altas horas da noite e me acordava regularmente e pontualmente às três horas com alguma questão – uma equação química para equilibrar, o número de amperes em um circuito a ser calculado ou um verbo irregular do latim a ser conjugado, embora eu estivesse apenas no Avançado Um e muitas vezes não pudesse ajudá-la. “Eu tenho que acertar”, ela sussurrava com um sorriso pesaroso. Era assustador, mas ninguém comentava, ninguém agia; todos nós estávamos com muito medo. Uma noite, no jantar, ela desmaiou dentro do prato. Não durou muito, apenas um minuto ou dois, mas foi o suficiente para sobrecarregar a paciência precária do pai. Babamukuru, que achava

que ela estava fazendo uma cena, mandou-a para o quarto, onde ela ficou de olhos abertos e quieta a noite toda. Às três horas ela me acordou.

– Posso deitar com você, Tambu? – ela sussurrou, mas quando me virei para que ela tivesse espaço, ela só balançou a cabeça e sorriu. – Tudo bem – ela disse. – Eu só queria ver se você deixaria – e sentou na própria cama e me olhou com seus olhos fundos, os joelhos ossudos juntinhos, a camisola caindo pelo espaço onde as coxas estavam antes, agitada e nervosa e repuxando a própria pele. – Eu não quero fazer, Tambu, sério, eu não quero, mas está chegando, eu sinto que está chegando – ela arregalou os olhos. – Foram eles que fizeram isso comigo – ela acusou, ainda sussurrando. – Sério, foram eles – então ficou muito séria. – Não é culpa deles. Eles fizeram com eles mesmos também. Você sabe que fizeram – ela sussurrou. – Com os dois, mas especialmente com ele. Eles o fizeram passar por tudo. Mas não é culpa dele, ele é bom – a voz dela ficou com um sotaque forte da Rodésia. – Ele é um bom menino, um bom preto. Um kaffir bom pra burro – ela informou, em tom de desdém e sarcasmo. E começou a sussurrar de novo. – Por que eles fazem isso, Tambu – ela sibilou amargamente, o rosto contorcido de raiva –, comigo e com você e com ele? Você vê o que eles fizeram? Eles nos levaram embora. Lucia. Takesure. Todos nós. Eles tiraram você de você, ele dele mesmo, nós uma da outra. Somos humilhados. Lucia por um trabalho, Jeremiah por dinheiro. Papai se humilha para eles. Nós nos humilhamos para ele – ela começou a se balançar, o corpo tremendo, tenso. – Eu não vou me humilhar. Ah, não, eu não vou. Eu não sou uma boa menina. Eu sou má. Eu não sou uma boa menina – eu toquei nela para confortá-la, e esse foi o gatilho. – Eu não vou me humilhar, eu não vou morrer – ela se enfureceu e se agachou como um gato prestes a atacar.

Babamukuru e Maiguru vieram correndo por causa do barulho. Eles não podiam fazer nada, só assistir. Nyasha estava fora de si,

enfurecida. Ela estava descontrolada, destruindo o livro de História com os dentes (“A História deles. Mentirosos de merda. As mentiras deles.”), quebrando os espelhos, os potes de barro, tudo que ela conseguia alcançar, e enfiando os fragmentos na própria carne, arrancando os lençóis, tirando as roupas dos armários e as pisoteando.

– Eles nos aprisionaram. Eles nos aprisionaram. Mas eu não vou ficar presa. Eu não sou uma boa menina. Eu não vou ficar presa – e de repente, tão rápido quanto veio, a raiva passou. – Eu não odeio você, Papai – ela disse baixinho. – Eles querem que eu odeie, mas eu não vou – ela deitou na cama. – Estou muito cansada – ela disse, em uma voz que parecia com a dela. – Mas não consigo dormir. Mamãe, me abraça? – ela se enrolou no colo de Maiguru e não parecia ter mais do que cinco anos. – Olha o que eles fizeram com a gente – ela disse baixinho. – Eu não sou um deles, mas não sou um de vocês – e adormeceu.

Na manhã seguinte ela estava calma, mas me garantiu que era uma ilusão, o olho do furacão.

– Tem muito mais – ela disse. – Já tentei sufocar, mas é muito forte. Tem que ser. Tem quase um século disso – ela acrescentou, com uma sombra de seu sorriso irônico. – Mas eu tenho medo – ela me disse, como se pedisse desculpas. – Deixa as pessoas chateadas. Então preciso ir para algum lugar onde fique segura. Sabe? Algum lugar onde as pessoas não se importem.

O comportamento kamikaze de Nyasha colocou meu tio e tia em ação. Enquanto ela conversava comigo no quarto, Babamukuru estava ao telefone com o irmão de Maiguru em Salisbury. Às dez horas, estávamos a caminho da cidade, chegando lá antes do meio-dia, porque Babamukuru dirigiu como um vento de agosto. Maiguru e eu conversamos com Nyasha o tempo todo, para mantê-la conosco, para impedir que sua mente fosse para muito longe. Na cidade, o

irmão de Maiguru imediatamente marcou uma consulta com um psiquiatra. Nos sentimos melhor – a ajuda estava logo ali. Mas o psiquiatra disse que Nyasha não podia estar doente, que africanos não sofriam do jeito que havíamos descrito. Ela estava inventando. Devíamos levá-la para casa e ser firmes com ela. Isso não era uma coisa sensata a dizer na frente do meu tio, que achou essas palavras muito tranquilizadoras e pensou em voltar para Umtali imediatamente, fingindo não ouvir Nyasha quando ela implorou por um psiquiatra africano. O tio de Nyasha, no entanto, com a autoridade de sete anos aprendendo a reconhecer o sofrimento quando o via, conseguiu convencer meu tio a esperar.

Não havia psiquiatras negros, mas a persuadimos a ver um branco. Este homem era mais humano. Ela precisava descansar, ele disse. Então Nyasha foi colocada em uma clínica, onde ficou por várias semanas. Lentamente, com a ajuda de doses de Clorpromazina e o cuidado pragmático das tias que moravam na cidade, a condição de minha prima melhorou, mas não fiquei para ver sua melhora. Babamukuru, como tinha uma escola para manter, estava ansioso por voltar a Umtali e, dentro de três semanas, eu teria de retornar à escola, então tive que voltar com ele. Fiquei chateada. Sentia que Nyasha precisava de mim, mas era verdade: eu tinha que voltar para a escola.

Não conversamos no caminho de volta para Umtali, Babamukuru e eu, e era assim que as coisas deveriam ser. A idade de Babamukuru já merecia o respeito do silêncio. E por ser tão estudado, ele era quase um ancião. Você simplesmente não podia falar. Não teria importado se este tivesse sido meu primeiro passeio de carro por aquela estrada, mas é fácil adquirir sofisticação. Os vastos campos ondulantes de milho e tabaco entre Rusapi e Marandellas não me impressionaram mais, nem o Gomore Mhanda, cuja calvície pedregosa havia sido tão intrigante na jornada de ida. Não havia nada para me distrair. Embora tivéssemos saído às nove da

manhã, eu me forcei a dormir; não havia nada para me manter acordada, exceto pensar em Nyasha, e esses eram pensamentos que eu preferia ignorar. Se Nyasha, que tinha tudo, não conseguia vencer, o que eu podia esperar? Eu não queria pensar nisso, porque na época não tínhamos certeza se ela sobreviveria. Tudo que eu sabia era que o médico não confirmava nada. O progresso de Nyasha ainda estava em jogo e, como resultado, o meu também.

Com esse pensamento perturbando minha mente, não fiquei triste quando Babamukuru me levou direto para a propriedade. Eu não queria ficar na missão, onde havia muita coisa que me lembrava de Nyasha e de onde ela estava. Era difícil aceitar que isso tinha acontecido, particularmente difícil porque eu não tinha explicação. Se você tivesse me perguntado antes de tudo começar, eu teria dito que era impossível. Eu diria que era impossível que pessoas que tinham tudo sofressem tão profundamente.

Eu podia não ter explicações, mas minha mãe tinha. Ela foi definitiva.

– São as Manias Inglesas – ela disse. – Vão matá-los se eles não tomarem cuidado – e riu. – É só olhar para eles. Aquele menino, Chido, não fala praticamente nenhuma palavra da própria língua, e você vai ver, os filhos vão ser pior. De um lado para o outro com aquela branca, não é, a filha do missionário? Os filhos dele vão nos desgraçar. Você vai ver. E ele, olhando ele parece bem, mas não tem como sabermos o preço que ele paga – ela não falava muito de Nyasha. – Daquela lá, nem falamos. Já está tudo alto e claro. Os dois, são as manias inglesas. É incrível que não tenha afetado os pais também.

Ela continuou assim por um bom tempo, falando sobre como não dava para esperar que os ancestrais aguentassem tanta mania inglesa. Ela não mencionou Nhamo, mas eu estava começando a entender sua linha de pensamento. Eu sabia que ela estava pensando nele e eu podia ver que ela também me considerava uma vítima: “O

problema são essas manias inglesas, então tenha cuidado!”.

Era um aviso, uma ameaça que podia ter efeitos desastrosos, se eu permitisse. Quando você tem medo de algo, não é bom que pessoas que sabem mais do que você digam que você está certo. Minha mãe sabia muitas coisas, e eu respeitava sua sabedoria. Tenha cuidado, ela disse, e pensei em Nyasha e Chido e Nhamo, que tinham todos sucumbido, e em minha própria sensação de desgraça iminente. Será que eu estava sendo cuidadosa o bastante? Porque eu estava começando a suspeitar, não mais do que uma sementinha de suspeita, que eu tinha sido apressada ao sair da propriedade e adotar as “manias inglesas” da missão; e depois disso, as manias ainda mais inglesas do Sacred Heart. A suspeita ficou comigo por alguns dias, durante os quais ela se transformou em culpa, e depois em pesadelos sobre Nhamo e Chido e Nyasha por duas noites seguidas. Isso deve deixar claro o quanto as palavras de minha mãe me perturbaram: eu não tinha tido um pesadelo desde a minha primeira noite na missão. Mas a volta às aulas se aproximava, e a ideia de retornar ao Sacred Heart me enchia de prazer. Os livros, os jogos, os filmes, os debates – eram essas as coisas que eu queria. Eu disse a mim mesma que era uma pessoa muito mais sensata do que Nyasha, porque eu sabia o que podia e o que não podia fazer. Assim, eu expulsei a suspeita, enterrei-a nos fundos do meu subconsciente, voltei feliz para o Sacred Heart.

Eu era jovem na época, e capaz de expulsar esses pensamentos, mas sementes crescem. Apesar de não ter noção disso ainda, eu não podia mais enxergar o Sacred Heart e o que ele representava como o sol do meu horizonte. Silenciosamente, discretamente e intermitentemente, algo em minha mente começou a se afirmar, a questionar as coisas e a se recusar a ser manipulado, levando-me a este momento, em que pude escrever minha história. Foi um processo longo e doloroso para mim, esse processo de expansão. Foi um processo cujos eventos se estenderam por muitos anos e

preencheriam outro livro, mas a história que contei aqui é minha história, a história de quatro mulheres que eu amava, e de nossos homens, essa história é como tudo começou.

Entrevista com Tsitsi Dangarembga*

Entrevistador: Sobre o *Condições nervosas*, o que Tambu e Nyasha representam, respectivamente, no livro? Por que você escolheu Tambu para contar a história?

Tsitsi Dangarembga: Tambu e Nyasha representam diferentes tipos de infância e mocidade vivenciadas por meninas. Porém, independentemente das diferenças culturais ou de classe que existam entre as duas, elas ainda precisam lutar para se tornar uma pessoa, devido às limitações de serem mulheres. Tambu conta a história por dois motivos: primeiro, é mais fácil para ela contar a história honestamente, pois sua condição psicológica não é tão perturbada quanto a de Nyasha. Em segundo lugar, eu queria que mais mulheres do Zimbábue e da África pudessem se identificar com a narradora do que seria o caso se Nyasha, que é muito anglicizada, estivesse narrando. Além disso, embora Tambu não fosse psicologicamente perturbada quando tinha quatorze anos, ela definitivamente o é agora. É com isso que estou lidando com o trabalho que estou fazendo atualmente – estou demorando muito tempo para ficar satisfeita com a continuação que estou escrevendo.

ENT: Apesar do período em que seu romance ocorre, nos anos 60, você fala muito pouco sobre a sociedade segregada. Por que você evitou uma crítica direta ao tipo de *apartheid* presente na Rodésia?

TD: Acho difícil escrever sobre raça. Talvez por ser um assunto tão importante para mim, por eu ter passado por tanto como resultado disso. Uso o pretérito, mas as práticas de supremacia racial ainda são extremamente comuns no Zimbábue, e são praticadas não apenas por pessoas brancas. Tudo o que tentei escrever sobre isso até agora

parece fantástico, absurdo e irreal. Eu acho que esse é o problema do racismo – visto de forma objetiva, parece absurdo demais para ser verdade.

Além disso, a sociedade do Zimbábue não é tão aberta quanto a dos Estados Unidos. Nossos debates sobre raça não atingem níveis significativos, e nós utilizamos essas discussões para ajustar contas e manter o *status quo* de formas frequentemente violentas, e normalmente cheias de rancor. Então hoje em dia qualquer comentário minimamente crítico sobre a população branca do Zimbábue é vista como antidemocrático, preconceituoso e radical. Ou seja, não serve para unificar a nação de nenhuma forma, só para polarizar ainda mais um país que já é perigosamente polarizado. A população branca na minha parte do mundo conseguiu, astutamente, se transformar na vítima, e o fez com total apoio do sistema político internacional.

Dito isso, o livro no qual estou trabalhando agora lida com essa questão em particular, e estou achando difícil resolver esses problemas que mencionei de forma lúcida e, ainda assim, com emoção e compaixão.

ENT: Você é uma autora generosa, pois todos os personagens de *Condições nervosas* têm a chance de se explicar ou de serem explicados. Parece que não há monstros em seu livro, somente humanos, e nenhum fundamento moral explícito. Por que você utilizou essa estratégia?

TD: Utilizei essa estratégia para que diversas categorias de pessoas possam se identificar com alguma coisa no livro – e também porque a situação dos personagens é muito complexa. Pode-se responsabilizar uma pessoa por reagir a uma situação de um certo jeito, mas a situação que pressionou a pessoa a agir dessa maneira também deve ser abordada.

ENT: Um mito comum no Ocidente é o de que africanos são naturalmente promíscuos, mas seu livro apresenta uma sociedade africana que é rígida, tradicional e conservadora. Este é um tema do seu livro? Como se relaciona com a questão de gênero presente na obra?

TD: Definitivamente, a África de Babamukuru é rígida, tradicional e conservadora. Muito disso tem a ver com a moral imposta aos povos de África pelas normas cristãs. A promiscuidade em si não era encorajada pelos africanos antes do advento do cristianismo. Havia, simplesmente, diferentes normas de comportamento. Na minha parte da África, esperava-se que as mulheres engravidassem antes de casar, para provar que eram férteis. No entanto, elas deviam dormir apenas com o noivo, não ser promíscuas. A natureza prazerosa do sexo era valorizada, como se pode ver pelos rituais de iniciação que ensinavam rapazes e moças a agir e reagir fisicamente, além de outras práticas que efetivamente aumentavam os lábios vaginais das mulheres, para aumentar as possibilidades de diversão e prazer. Nem preciso dizer que os cristãos deram fim a tudo isso.

ENT: Você não rejeita totalmente costumes aparentemente opressores, e também não aceita completamente a modernidade. Considerando isso, que direção as mulheres africanas devem seguir? Tambu – a narradora, que se vê em meio a essa enorme transformação social – está indo na direção certa?

TD: As pessoas fazem escolhas individuais. Acho que mapear o território nos ajuda a tomar essas decisões. Esses mapas, escritos de forma cativante, são parte do que eu considero ser minha responsabilidade como escritora de ficção.

ENT: Faz mais de dez anos que seu livro superou enormes obstáculos e alcançou o palco da vida pública, em África e internacionalmente. O sucesso do livro melhorou as oportunidades para escritoras

africanas?

TD: Gosto de pensar que o sucesso do livro encorajou outras jovens mulheres africanas a se colocarem no mundo e fazerem o que amam, seja o que for. Espero não estar apenas me lisonjeando com isso, porque a escassez de representatividade é uma questão crítica para as jovens negras da minha parte do mundo. Essa falta de representatividade faz parecer que alcançar ambições é muito difícil, e as meninas desistem, ou se conformam com a terceira ou quarta opção. Nos piores casos, elas nem têm ambição. Então espero que meu sucesso tenha mostrado para as moças daqui que, com perseverança, muito é possível.

ENT: Muitos leitores, especialmente aqueles que esperam ansiosamente pelo seu próximo livro, gostariam de saber por que este é seu único livro publicado até hoje. Você acha que outros formatos artísticos são veículos mais apropriados para discutir as questões que são importantes para você?

TD: Há duas razões principais para eu não ter escrito nenhum livro desde o *Condições nervosas*. Primeiro, quando o livro foi publicado eu já havia passado a trabalhar com cinema. Em segundo lugar, Virginia Woolf foi muito sagaz quando observou que uma mulher precisa de quinhentas libras e um teto todo seu para poder escrever, e estava totalmente correta. Coincidentemente, estou me mudando, e espero, pela primeira vez desde o *Condições nervosas*, ter um teto todo meu. Vou tentar ignorar a questão das quinhentas libras.

ENT: Depois de morar na Europa por algum tempo, você decidiu, recentemente, retornar para o Zimbábue. Quais são algumas das suas razões para ir para “casa”?

TD: Sempre pretendi levar meus dois filhos, que nasceram na Alemanha, para morar no Zimbábue. Acho que eles precisam conhecer o que me tira do sério, e entrar em contato com essa parte

da identidade deles. Pessoalmente, o Zimbábue é muito mais agradável para mim como escritora e cineasta do que a Alemanha. Também já estava cansada de ser tratada como uma cidadã de segunda ou terceira classe na Alemanha. A vida está difícil no Zimbábue no momento, mas minha alma respira mais livre aqui.

* Entrevista conduzida por Seal Press, EUA, 2004. In: Dangarembga, Tsitsi. *Nervous conditions*. UK: Ayebia Clarke Publishing, 2004. [Tradução de Carolina Kuhn Facchin]

TSITSI DANGAREMBGA



Nasceu na Rodésia, hoje Zimbábue. É escritora, cineasta, dramaturga, poeta, professora e mentora. Atualmente vive em Harare, capital do Zimbábue, com seu marido e dois filhos.

Fez seus anos escolares iniciais no Zimbábue, e seus estudos universitários na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, e na Universidade do Zimbábue. Tem mestrado, com honras, em Cinematografia pela Academia Alemã da Cinema e Televisão de Berlim (1996).

Tsitsi é feminista e ativista. É idealizadora e diretora de diversos projetos e programas que dão suporte financeiro e técnico para mulheres que atuam como artistas e cineastas no Zimbábue e na África como um todo. Entre eles estão o *Institute of Creative Arts for Progress in Africa* que, sob o lema “Quando mudamos a África, mudamos o mundo”, financia peças de arte transformadoras, com especial ênfase na abertura de portas e caminhos para jovens que trabalham com cinema, especialmente mulheres.

Outro projeto é *African Women Filmmakers’ Hub* (AWFH), um programa pan-africano de treinamento, mentoria e desenvolvimento de capacidades para cineastas

africanas, presente em onze países da África. Esse projeto continua o trabalho que ela começou como Presidente do *Women Filmmakers of Zimbabwe*, posição que ocupou de 2000 a 2005.

Além de atuar na área do cinema, sua obra inclui livros de literatura e peças para teatro.

Tsitsi Dangarembga foi a primeira mulher negra do Zimbábue a publicar um livro em inglês, *Nervous conditions* (1988). É o primeiro volume da trilogia Tambudzai, da qual fazem parte *Nervous conditions* (1988), *The book of Not* (2006) e *This mournable body* (2018).

Atualmente, ela está trabalhando em seu quarto livro, *Sai-sai and the great ancestor of fire*, uma obra young adult de ficção de distopia especulativa.

Em teatro, um dos destaques é o livro *She no longer weeps*, de 1984, atualmente adotado nas escolas secundárias do Zimbábue.

OBRA SELECIONADA:

Literatura e Teatro

1983 – *The lost of the soil*. Harare: Universidade do Zimbábue.

1987 – *She no longer weeps* (peça). Zimbábue: College Press Publishers.

1985 – “*The letter*” (conto), em *Whispering Land: An Anthology of Stories by African Women*. Estocolmo: Tsitsi Dangaremba e Swedish International Development Agency.

1988 – *Nervous conditions*. Reino Unido: The Women’s Press Ltd.

2004 – *Nervous conditions*. Reino Unido: Ayebia Clarke Publishing Ltd.

2006 – *The book of Not*. Reino Unido: Ayebia Clarke Publishing Ltd.

2018 – *This mournable body*. Estados Unidos: Graywolf Press.

Cinema

1993 – *Neria* (autoria).

1996 – *Everyone's child* (coautoria e direção).

2000 – *Hard earth: land rights in Zimbabwe*. Nyerai Films.

2004 – *Mother's day* (curta-metragem). Melhor Curta Africano, Cinema Africano, Milão, em 2005; Melhor Curta no Festival Internacional de Cinema do Zanzibar, 2005; Melhor Curta no Festival de Cinema do Zimbábue, 2004).

2010 – *I want a wedding dress* (longa-metragem).

2011 – *Nyami Nyami and the evil eggs* (curta-metragem musical).

2012 – *Kuyambuka* (Going Over): cross boarder traders. (documentário; produção).

PRÊMIOS e DESTAQUES

2007 – *National Arts Merits Awards Arts Personality of the Year*.

2008 – *National Arts Merit Award for Service to the Arts*.

2008 – *Zimbabwe Institute of Management Award for National Contribution*.

1989 – *Nervous conditions*: vencedor do *The Commonwealth Writer's prize Africa*.

2012 – *Zimbabwe International Film Festival Trust Safirio Madzikatire for Distinguished Contribution to Film*.

2018 – *Nervous conditions: Um dos 100 livros que moldaram o mundo* (BBC).